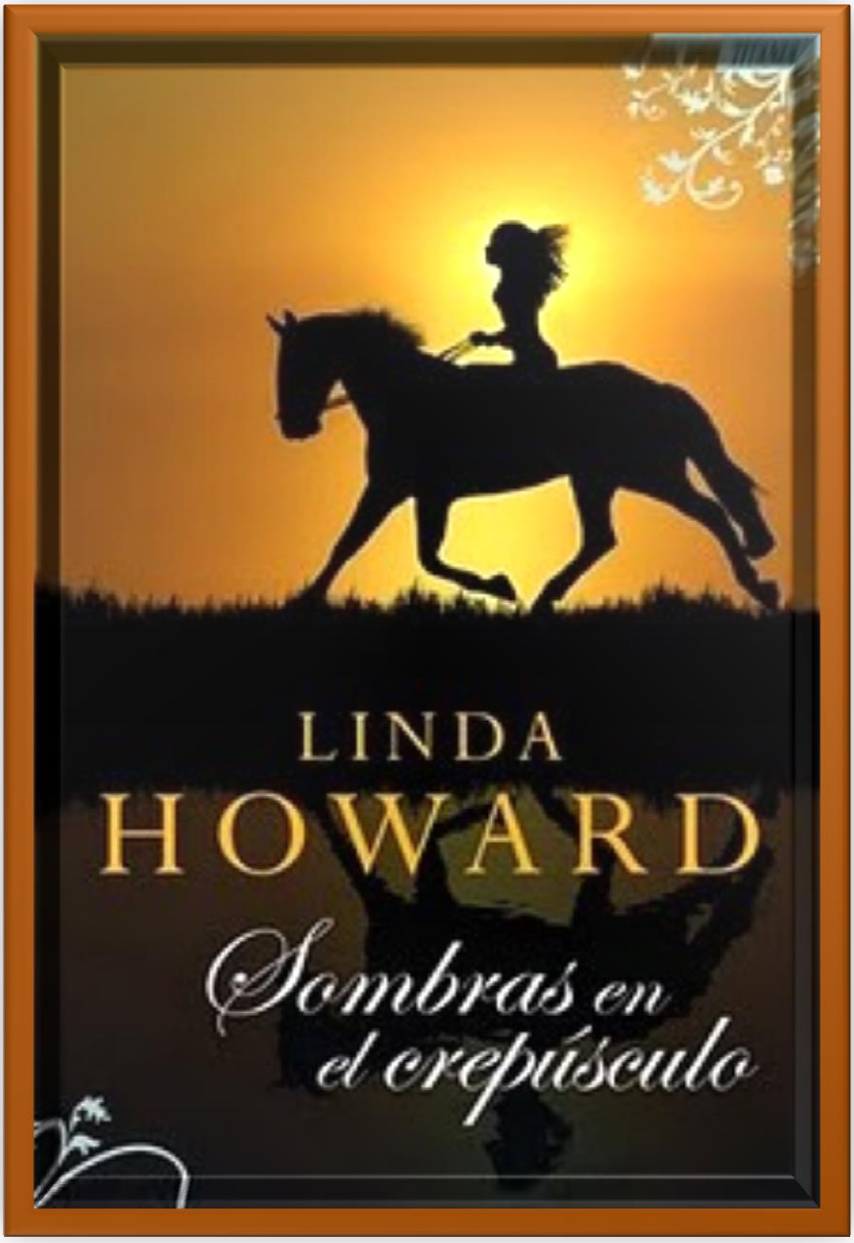
# *SOMBRAS DO CREPÚSCULO*

## *Linda Howard*




**Título em inglês:** Shades Of Twiligh




**Tradução: Lizzy**

**Revisão inicial: Lizzy**

**Revisão Final: Lilipis**

**Leitura Final e Formatação: Evanice**

## Resumo:

Apesar de vir de uma das mais prósperas famílias do Alabama, a vida não tem sido fácil para Roanna Davenport. Órfã muito nova e sempre oprimida por sua própria família, apenas os cavalos e seu primo Webb - por quem sente um amor secreto - vão apoiá-la em um ambiente que ela não quer aceitar.

Após a estranha morte de Jessie, a esposa de Webb, sob circunstâncias suspeitas, suposições cruéis e infundadas acusações, juntamente com a partida repentina de seu protetor, a impulsionam a se esconder por trás de um manto de gelo, para banir para sempre a garota sensível que um dia foi.

Mas, dez anos depois, a máscara sólida esculpida por anos e tragédias cai ante a visão de Webb, que retorna para casa pronto para recuperar o que era seu e para protegê-la de um criminoso que já semeou tristeza uma vez e só espera uma nova oportunidade para concluir seu trabalho.

***Comentários da revisora Lizzy:***

Terminei esse livro fascinada pela autora e tenha certeza que vou demorar a esquecer essa saga familiar que remete aos atos mais sujos do ser humano: vingança, traição, assassinato e incesto compõe a trama, tudo articulado e interligado, mas o amor está lá, sempre presente, comandando as ações e omissões dos protagonista, Webb e Roanna.

O ponto de partida é o poderoso seio familiar Davenport. Uma rica linhagem do sul dos EUA, marcada pela tradição e pelo domínio econômico. Lucinda Davenport, é a matriarca, o baluarte da sua linhagem, e escolhe Webb Tallant como o herdeiro, "o príncipe" de um reino que está prestes a ruir.

Webb, Jessie e Roanna, primos entre si, formam o triângulo amoroso que comanda a história. O forte e ambicioso Webb se casa com a linda, mimada e infiel Jessie, a "princesa" da família. Roanna é a mais jovem dos primos, e com a morte dos pais, foi acolhida pela avó Lucinda, mas nunca recebeu o amor e o apoio de sua família.

Com as grandes perdas em sua vida, Roanna encontrou em Webb o apoio para suas inquietações, ele era o seu porto seguro, seu paladino, o herói infância e o homem que ela amaria acima de qualquer coisa.

O livro é dividido em três partes, e na segunda, o brutal assassinato de Jessie define o destino dos protagonistas. Webb é o principal suspeito, mas mesmo sem ter sido oficialmente acusado, ele foi condenado prematuramente pela família e pela sociedade, o que o levar a abandonar Davenport por dez anos. E Roanna? O que aconteceu com a frágil e apaixonada Roanna sem o seu herói de infância, seu amor?

São muitos acontecimentos envolvidos, um jogo de vida e de morte, que encontra seu ápice com o retorno de Webb, e a descoberta do assassino de Jessie.

A relação entre Roanna e Webb é muito marcante, sensual e apaixonada. Linda Howard criou um herói masculino intenso e sedutor, e uma heroína aparentemente frágil e servil, mas que cresce com as adversidades. Ele é FORÇA, ela é RESISTÊNCIA. Roanna nos proporciona muitas lições de vida com sua conduta e me fez lembrar mais de uma vez em uma frase primorosa que costumo copilar em minhas anotações: O MAIOR DESAFIO DA VIDA É RESISTIR. Amei.

## Prólogo

Ela se ouvia gemer de forma contida, mas o prazer que explodia por todo seu corpo fazia com que todo o resto parecesse irreal, alheio em certa forma à ardente magia que ele estava lhe proporcionando. O sol do meio-dia se filtrava através das folhas que farfalhavam por cima de sua cabeça, cegando-a e deslumbrando-a enquanto se arqueava contra ele.

Ele não era tenro com ela. Não a tratava como a uma flor de estufa, como os outros rapazes. Até que o conheceu, não soube quão entediante era ser tratada sempre como uma princesa. Para os demais, o sobrenome Davenport a tinha convertido em um prêmio a aspirar, mas isso não o contaminou. Para ele, ela era simplesmente uma mulher.

Com ele, era uma mulher. Apesar dos seus dezenove anos, sua família a tratava como se ainda fosse uma menina. Esse protecionismo nunca a tinha incomodado, até duas semanas atrás, quando o tinha encontrado pela primeira vez.

Ela podia ser ingênua e inocente, mas não era estúpida. Quando ele se apresentou, sabia que sua família era pouco mais que lixo e que a família dela se sentiria horrorizada pelo simples fato de que tivesse falado com ele. Mas, a forma como seu musculoso torso esticava o tecido de sua camiseta muito apertada deixava sua boca seca, e a arrogância masculina de seu andar tinha provocado uma estranha tensão no fundo do seu ventre. Quando ele falou com ela, sua voz tinha enrouquecido sedutoramente e seus olhos azuis arderam de promessas. Soube, então, que ele não se limitaria a tomar a sua mão ou a beijá-la. Sabia o que queria dela. Mas a resposta selvagem de seu corpo ia além de sua experiência e de seu controle, e quando lhe pediu que se encontrasse com ele, ela aceitou.

Não podia ausentar-se à noite sem que todos soubessem aonde ia, mas era fácil sair sozinha a passeio durante o dia e combinar um lugar de encontro. Ele a seduziu na primeira vez, despindo-a completamente embaixo deste mesmo carvalho? Não, não podia fingir que tinha sido uma sedução. Tinha ido até ali sabendo o que ocorreria e desejando-o. Apesar da dor da primeira vez, ele a tinha

mostrado também um desenfreado prazer que ela não sabia que existia. E cada dia voltava por mais.

Às vezes ele era grosseiro, mas isso a excitava. Ele havia se sentido orgulhoso de saber que tinha sido ele quem "a desflorou", segundo suas próprias palavras. Às vezes fazia algum comentário, com tom zombador, sobre *um Neeley fodendo uma Davenport*. Sua família se sentiria horrorizada se soubesse. Mas ela seguia sonhando, sonhando sobre que aspecto ele teria com um terno elegante e com o cabelo bem cortado e penteado, enquanto ambos permaneciam juntos em pé diante de sua família, informando que iriam se casar. Sonhava com ele indo trabalhar em uma das empresas familiares e mostrando a todos quão inteligente era, que podia posicionar-se acima do resto de sua família. Ele seria um cavalheiro em público, mas em privado a jogaria sobre a cama e seguiria lhe fazendo todas estas coisas sujas e deliciosas. Não queria que essa parte mudasse absolutamente.

Ele terminou, grunhindo ao chegar ao orgasmo, e quase imediatamente se separou de cima dela. Desejou que a tivesse abraçado um momento antes de se afastar, mas ele não gostava de fazê-lo quando estava tanto calor. Ele se deitou de costas, a luz do sol iluminou seu corpo nu, e quase imediatamente começou a dormir. Isso não a incomodou. Com duas semanas de experiência, sabia que despertaria preparado para fazer amor outra vez. Enquanto isso, sentia-se feliz tão somente olhando-o.

Ele era tão excitante que a deixava sem fôlego. Levantou-se sobre um cotovelo, a seu lado, inclinando-se sobre ele, e com um dedo explorador brandamente riscou a covinha de seu queixo. As comissuras de sua boca se moveram em um tic, mas não despertou.

A sua família sofreria um ataque coletivo de ira se soubessem dele. A sua família! Suspirou. Ser uma Davenport tinha regido sua vida desde o dia em que nasceu. Nem tudo tinha sido ruim. Adorava as roupas e as joias, o luxo de Davencourt, as escolas prestigiosas e o total esnobismo de tudo isso. Mas as normas de comportamento a irritavam; às vezes desejava fazer algo selvagem, simplesmente por fazê-lo. Queria dirigir rápido, pular muros muito altos, queria… Isso. O acidentado, o perigoso, o proibido. Enlouquecia com a forma que ele rasgava sua cara e delicada roupa íntima de seda em seu afã por tocá-la. Isso simbolizava perfeitamente tudo o que desejava nessa vida, tanto o luxo como o perigo.

Entretanto, não era isso o que a família queria para ela. Esperava-se que ela se casasse com o "Herdeiro", como o chamava para si, o que assumiria seu papel na sociedade de Colbert County, comparecendo a almoços no clube de Yates, a intermináveis jantares de negócios e de política, e cumprindo com seu dever de produzir dois pequenos herdeiros.

Ela não queria se casar com o "Herdeiro". O que ela queria era isso, esta ardente e temerária excitação, a emoção de saber que flertava com o proibido.

Ela baixou a mão por seu corpo, deslizando seus dedos pelo arbusto de pelo púbico que rodeava seu pênis. Tal e como esperava, ele se moveu, despertando, assim como seu sexo. Ele soltou uma áspera e sonora gargalhada enquanto se levantava, esmagando-a sobre a manta e acomodando-se em cima dela.

"Você é a vadia mais insaciável que eu já fodi," ele disse e a penetrou com rudeza.

Ela se estremeceu, mais pela deliberada crueldade de suas palavras do que pela força de sua investida. Ainda estava molhada da última vez, assim seu corpo o aceitou facilmente. Mas parecia que gostava de dizer coisas que sabia que a feriam, olhando-a com olhos entreabertos enquanto observava sua reação. Sabia por que o fazia, pensou, e o perdoava. Sabia que não se sentia cômodo sendo seu amante, era muito consciente do abismo social que existia entre ambos e essa era sua maneira de arrastá-la a seu nível. Mas não havia problema em fazê-la descer, pensou, ela o faria ascender.

Ela rodeou suas coxas ao redor de seus quadris, diminuindo suas investidas para poder contar-lhe antes que o crescente ardor em suas entranhas a fizesse esquecer o que queria dizer.

-Casaremos semana que vem. Não me importa que não seja uma grande cerimônia, poderemos fugir se…

Ele parou, baixando seus cintilantes olhos azuis para ela.

–Casar-nos?-, perguntou-lhe e se pôs a rir. -De onde tirou essa ideia tão estúpida? Eu já estou casado.

Voltou a investi-la. Ela permaneceu deitada debaixo dele, intumescida pelo choque. Uma ligeira brisa movia as folhas por cima de sua cabeça e a luz do sol penetrava através delas, cegando-a.

Casado? Admitia-o, não sabia muito sobre ele nem sobre sua família, somente que não eram respeitáveis, mas uma esposa?

A dor e a ira a invadiram e ela o esbofeteou, cruzando a mão em seu rosto. Ele devolveu a bofetada e a segurou pelos pulsos, sujeitando-a contra o chão a ambos os lados da cabeça.

- Maldição, o que se passa contigo? -, explodiu, com a fúria ardendo em seus olhos.

Ela lutava contra ele, tratando de tirá-lo de cima, mas ele era muito pesado. As lágrimas ardiam nos olhos e começaram a deslizar de suas têmporas para o cabelo. Sua presença dentro dela se tornou repentinamente insuportável e cada investida parecia raspá-la como uma lima oxidada. No paroxismo de sua dor, pensou que morreria se ele continuasse.

-Mentiroso! -, gritou, tentando liberar suas mãos. -Trapaceiro! Saia de cima de mim! Vá embora… Vá foder a sua esposa!

-Não me deixa -, ele ofegou, investindo-a repetidamente com uma expressão de cruel prazer ante sua resistência para escapar. – Ela acaba de ter um pirralho.

Ela gritou raivosa e conseguiu liberar uma mão, arranhando o rosto dele antes que pudesse voltar a segurá-la. Amaldiçoando, ele esbofeteou-a de novo, depois, saiu dela e rapidamente a deitou sobre sua barriga. Esteve em cima dela antes que pudesse escapar, e gritou outra vez quando notou como se afundava muito dentro dela. Estava indefesa, esmagada por seu peso, incapaz de alcançá-lo para lhe bater ou chutá-lo. Utilizou-a, machucando-a com sua rudeza. Nem parecia que há minutos isso a tinha excitado, mas agora queria vomitar e teve que apertar os dentes para conter a ardente náusea que a envolveu.

Ela apertou o rosto contra a manta, desejando poder se asfixiar, poder fazer algo que não fosse simplesmente aguentar. Mas pior que a dor pela traição, ao dar-se conta que somente tinha sido um entretenimento para ele, era o amargo conhecimento de saber que isto era apenas culpa dela. Ela se colocou nisto sozinha, tinha-o procurado ansiosamente e não só lhe tinha permitido tratá-la como merda, mas também tinha desfrutado! Que idiota tinha sido! Tecendo contos de fadas sobre amor e matrimônio para justificar o que não tinha sido nada mais que uma escapada selvagem.

Ele terminou, grunhindo ao gozar, e saiu dela deixando cair pesadamente a seu lado. Ela permaneceu deitada tal e como estava, tratando desesperadamente de recompor os pedacinhos de si mesma em algo com aparência humana. Raivosa, pensou em vingar-se. Com as roupas rasgadas e a marca de sua mão no rosto, poderia voltar correndo para casa em um verdadeiro estado de histeria e acusá-lo de estupro. Poderia consegui-lo; depois de tudo, era uma Davenport.

Mas seria mentira. A culpa, a debilidade tinha sido dela. Ela lhe tinha dado boas vidas com seu corpo. Estes últimos minutos, depois de que tivesse mudado de opinião, eram um castigo muito pequeno por sua monumental estupidez. Era uma lição que nunca esqueceria: a humilhação e a sensação de não valer nada seriam um aviso gravado a fogo em sua mente de que não se esqueceria durante o resto de sua vida.

A culpa a atormentava. Ela tinha caminhado pelo lado selvagem de boa vontade, mas já tinha tido o suficiente. Casar-se-ia com o Herdeiro, como todos esperavam dela, e passaria o resto de sua vida sendo uma dócil Davenport.

Em silêncio, se sentou e começou a se vestir. Ele a contemplou com sonolenta malícia em seus olhos muito azuis.

-O que foi?-, ele zombou. - Acreditava que era especial para mim? Deixa que te diga algo, neném: trepar é trepar, e seu precioso nome não faz de você algo especial. O que consegui de você, posso tê-lo de qualquer outra vadia.

Ela calçou os sapatos e se levantou. Suas palavras a feriram, mas ela não se permitiria reagir a elas. Em troca simplesmente respondeu:

- Não voltarei.

-Com certeza que sim -, disse ele preguiçosamente, esticando-se e esfregando o peito. -Porque o que recebeu de mim não pode conseguir em nenhuma outra parte.

Ela não olhou para trás enquanto caminhava para onde seu cavalo estava preso e, dolorida, se levantou sobre a cadeira de montar, sem sua destreza habitual. A ideia de que voltasse a utilizar-se dela como a uma puta fez que a náusea ascendesse outra vez ardente e amarga por sua garganta e ansiou chutá-lo por sua

maliciosa e enorme autoconfiança. Esqueceria o acalorado e destrutivo prazer que lhe tinha dado e se contentaria com a vida que tinham planejado para ela. Não podia pensar em nada pior que voltar se arrastando ante ele e vir brilhar o triunfo em seus olhos enquanto a tomava.

Não, pensou enquanto se afastava cavalgando, *não voltarei. Prefiro morrer antes de ser de novo a puta de Harper Neeley.*

## PRIMEIRO LIVRO

***Um final e um princípio.***

### Capítulo 1

-O que vamos fazer com ela?

-Deus saberá. Nós, sem dúvida, não podemos acolhê-la.

As vozes estavam amortecidas, mas Roanna as ouvia de todas as formas e sabia que estavam falando dela. Curvou seu magro corpinho ainda mais forte, abraçando os joelhos contra o peito enquanto olhava impassível através da janela a imaculada grama de Davencourt, a mansão de sua vovó. Outras pessoas tinham pátio, mas a vovó tinha grama. Uma grama de um profundo e rico tom verde e sempre a tinha encantado sentir como seus pés descalços se afundavam na grossa erva, como se estivesse andando sobre um tapete vivo. Agora, entretanto, não tinha vontade de sair e brincar. Só queria permanecer aqui sentada, no canto da janela, a que sempre tinha pensado que era sua "janela para sonhar", e fingir que nada tinha mudado, que sua mamãe e papai não tinham morrido e que já não os veria mais.

-É diferente com Jessamine-, continuou a primeira voz. -Ela é uma jovem, não uma criança como Roanna. Somos muitos velhos para cuidar de alguém tão jovem.

Queriam a sua prima Jessie, mas não a queriam. Roanna piscou repetidamente para conter as lágrimas enquanto escutava a suas tias e tios discutirem o problema do que "fazer" com ela e enumerar as razões pelas quais cada um deles estaria encantado de acolher Jessie em sua casa, mas fazer o mesmo por Roanna simplesmente seria muito aborrecimento.

- Ficarei bem!- queria gritar, mas ocultou as palavras em seu interior assim como as lágrimas. O que tinha feito que fosse tão

terrível para que ninguém a quisesse? Tratava de se comportar bem, dizia "senhora" e "senhor" quando falavam com eles. Era porque tinha fugido para cavalgar com Thunderbolt? Ninguém jamais saberia se não tivesse caído e rasgado e sujado seu vestido novo, ainda mais no Domingo de Páscoa. Mamãe teve que levá-la de volta para casa para que ela trocasse de roupa e teve que colocar um vestido velho para ir à missa. Bom, não era exatamente velho, era apenas mais um dos vestidos que habitualmente usava para ir igreja, mas não era seu lindo vestido novo de Páscoa. Uma das garotas na igreja perguntou por que ela não tinha colocado um vestido de Páscoa e Jessie riu, respondendo que ela tinha caído em cima de um montão de esterco de cavalo. Só que Jessie não havia dito esterco, mas sim um palavrão, o que alguns meninos tinham escutado, e rapidamente se estendeu por toda a igreja que Roanna Davenport havia dito que tinha caído em um montão de merda de cavalo.

A cara da vovó tinha essa expressão de desaprovação e a tia Gloria franziu a boca como se tivesse mordido um limão. Tia Janet a tinha tocado e meneado a cabeça. Mas papai riu e lhe apertando o ombro disse que um pouco de merda de cavalo nunca tinha feito mal a ninguém. Além disso, sua pequena necessitava de um pouco de fertilizante para crescer.

Papai. O nó em seu peito cresceu até que mal pôde respirar. Papai e mamãe haviam ido para sempre, assim como tia Janet. Roanna sempre gostou de tia Janet, embora sempre parecesse que estava muito triste e não gostasse muito de dar abraços. Ainda assim, era muito mais amável que tia Gloria.

Tia Janet era a mãe de Jessie. Roanna se perguntava se o peito de Jessie doía tanto como o dela, se tinha chorado tanto que sentia como se tivesse terra no interior das pálpebras. Talvez. Era difícil saber o que Jessie pensava. Não acreditava que valesse a pena prestar atenção a uma menina como Roanna; Roanna a tinha ouvido dizer.

Enquanto Roanna olhava sem pestanejar pela janela, viu Jessie aparecer com seu primo Webb, como se os tivesse materializado com sua mente. Atravessavam lentamente o jardim até o enorme e velho carvalho, onde se pendurava, de um maciço galho inferior, o balanço. Jessie estava linda, pensou Roanna, com a imperturbável admiração de uma menina de sete anos. Era tão magra e graciosa como Cinderela em um baile, com seu cabelo negro recolhido em um coque

na parte posterior de sua cabeça e seu pescoço esbelto como o de um cisne se sobressaindo por cima de seu vestido azul escuro. O intervalo entre os sete e os treze anos era enorme e, para a Roanna, Jessie era superior, um membro desse misterioso e autoritário grupo que podia dar ordens. Isso só tinha passado a partir do ano anterior, mais ou menos, e, embora Jessie sempre tivesse sido qualificada antes como "a menina mais velha" e Roanna como "a menina mais nova", Jessie tinha continuado brincando com bonecas ocasionalmente escondido. No entanto, não o fazia mais. Agora Jessie desdenhava de todas as brincadeiras, exceto Monopoly, e passava muito tempo se preocupando com seu cabelo e pedindo a Tia Janet que a deixasse usar cosméticos.

Webb também tinha mudado. Sempre tinha sido o primo favorito de Roanna, sempre disposto a jogá-la ao chão e brigar com ela, ou a ajudá-la a aprender a segurar o taco de beisebol para poder golpear a bola. Webb amava aos cavalos tanto quanto ela e ocasionalmente podia convencê-lo de que a acompanhasse a cavalgar. Mas se impacientava ao fazê-lo, já que ela só tinha permissão para montar seu lento pônei. De todas as formas, ultimamente, Webb não queria passar muito tempo com ela; estava muito ocupado com outras coisas, dizia, mas parecia ter muito tempo para passá-lo com Jessie. Por isso tentou cavalgar com Thunderbolt aquela manhã de páscoa; para demonstrar a papai que era o suficientemente grande para ter um cavalo de verdade.

Roanna observou como Webb e Jessie se sentavam no balanço, com os dedos entrelaçados. Webb tinha crescido muito este último ano; Jessie parecia muito pequena sentada a seu lado. Ele jogava futebol e seus ombros eram o dobro de largura dos de Jessie. Tinha ouvido dizer a uma de suas tias que a vovó sentia adoração pelo rapaz. Webb e sua mãe, a tia Yvonne, viviam aqui em Davencourt com a vovó, porque o pai de Webb também estava morto.

Webb era um Tallant, do ramo da família da vovó; ela era sua tia-avó. Roanna só tinha sete anos, mas conhecia as relações de parentesco, as havia absorvido virtualmente pela pele durante as horas que passava escutando aos mais velhos falar sobre a família. A vovó tinha sido uma Tallant até que se casou com o avô e se converteu em uma Davenport. O avô de Webb, que também se chamava Webb, era o irmão preferido da vovó. Tinha-o amado muitíssimo, assim como a seu filho, que tinha sido o pai de Webb. Agora ficava somente Webb, e também o amava muitíssimo.

Webb só era o primo em segundo grau de Roanna, enquanto que Jessie era sua prima irmã, o que era um parentesco muito mais próximo. Roanna tinha desejado que fosse o inverso, já que preferiria estar mais aparentada com Webb a Jessie. Primos de segundo grau não eram mais que primos longínquos, isso era o que havia dito a tia Gloria uma vez. O conceito tinha intrigado Roanna e, na última reunião familiar, observou atentamente a todos os seus familiares, para ver quem se aproximava de quem e saber quem não era, em verdade, família. Imaginou que as pessoas às quais via só uma vez ao ano, na reunião familiar, eram as que mais beijos de saudação se davam. Isso fazia que se sentisse melhor. Observava Webb todo tempo e ele não a beijou, assim eram mais família que primos longínquos.

-Não seja ridícula -, disse a vovó, sua voz cortou de vez a disputa sobre quem cuidaria de Roanna, e trouxe bruscamente de volta a atenção de Roanna a sua furtiva escuta. –Tanto Jessie como Roanna são Davenport. Viverão aqui, é obvio.

Viver em Davencourt! O terror e o alívio, a partes iguais, desalojaram a tristeza do peito de Roanna. Alivio de saber que alguém a queria, e não teria que ir ao orfanato como lhe havia dito Jessie. O terror provinha da perspectiva de ter que estar para sempre sob a autoridade da vovó. Roanna amava a sua vovó, mas também lhe tinha um pouco de medo, e sabia que jamais poderia ser tão perfeita como a vovó esperava que fosse. Sempre se sujava, ou estragava a sua roupa, ou caía de algo e se machucava. A comida sempre escapava de seu garfo e caia no colo, e às vezes não prestava a devida atenção quando ia segurar o leite e deixava o copo cair. Jessie dizia que ela era desengonçada.

Roanna suspirou. Sob o atento olhar da vovó sempre se sentia desengonçada. As únicas vezes que não se sentia assim era quando estava sobre seu cavalo. Bom, exceto Thunderbolt, mas é que estava acostumada ao seu pônei e Thunderbolt era tão longo que não foi capaz de segurar-se bem com as pernas. Mas, normalmente, se mantinha pega à cadeira como um marisco, isso era o que sempre dizia Loyal, e ele era quem cuidava de todos os cavalos da vovó, assim deveria sabê-lo. Roanna amava montar a cavalo tanto como tinha amado sua mãe e seu pai. Parecia como se da cintura para acima estivesse voando, mas com suas pernas podia sentir a força e os músculos do cavalo, como se ela fosse igualmente poderosa. Essa era uma das melhores coisas de ir viver com a vovó: poderia cavalgar

todos os dias e Loyal poderia ensiná-la a manter-se sobre os cavalos grandes.

Mas o melhor de tudo era que Webb e sua mãe também viviam aqui e o veria todos os dias.

Repentinamente, saltou do assento da janela e correu atravessando a casa, esquecendo que usava os sapatos de domingo de sola fina de couro em vez das sapatilhas de esporte até que deslizou sobre o chão de madeira e escorregou até quase se chocar com uma mesa. A severa repreensão da tia Gloria soava a suas costas, mas Roanna a ignorou enquanto lutava com a pesada porta de entrada, usando toda a força de seu pequeno corpo até abri-la o bastante para poder passar através dela. Depois, cruzou a grama correndo para onde estavam Webb e Jessie, seus joelhos elevando a saia de seu vestido com cada pernada.

Mas, na metade de caminho, o nó de tristeza que oprimia seu peito se desatou e começou a soluçar. Webb a viu vir e sua expressão mudou. Soltou a mão de Jessie e abriu os braços para Roanna. Ela se jogou sobre seu colo, fazendo que o balanço se sacudisse. Jessie disse com aspereza:

- Roanna, está horrível. Vá limpar o nariz.

Mas Webb disse:

- Pega o meu lenço-, e ele mesmo limpou o rosto de Roanna. Depois disso se limitou a segurá-la, com seu rosto enterrado em seu ombro, enquanto ela soluçava tão violentamente que todo seu corpo se estremecia.

-Oh, Deus -, disse Jessie com repugnância.

-Cale-se -, respondeu Webb, abraçando Roanna com força. – Ela perdeu seus pais.

-Bom, eu também perdi a minha mãe -, replicou Jessie. -E não me vê mugindo em cima de todo mundo.

-Ela só tem sete anos -, disse Webb enquanto alisava os despenteados cabelos de Roanna. A maioria do tempo ela era um problema, sempre atrás dos seus primos mais velhos, mas era apenas uma criança, e pensou que Jessie poderia ser mais simpática. O sol do entardecer se deslizava através da grama e das árvores,

refletindo-se no cabelo de Roanna, realçando sua lustrosa cor castanha e fazendo que as mechas cintilassem com matizes dourados e avermelhados. À primeira hora da tarde tinham enterrado três membros de sua família: os pais de Roanna e a mãe de Jessie. Pensou que quem mais tinha sofrido tinha sido tia Lucinda, já que tinha perdido dois de seus filhos de uma vez: David, o pai de Roanna e Janet, a mãe de Jessie. A imensa carga da dor a tinha abatido estes três últimos dias, mas não a tinha quebrado. Seguia sendo o pilar da família, brindando suas forças a outros.

Roanna estava se acalmando, seu choro foi diminuindo até se converter em ocasionais soluços. Sua cabeça ricocheteava contra sua clavícula, quando, sem levantar a vista, esfregava o rosto com seu lenço. Sentia-a frágil contra seus fortes braços adolescentes, seus ossos não mais pesados que palitos e suas costas mal mediam vinte e cinco centímetros de largura. Roanna era magricela, somente braços e pernas, e baixa para sua idade. Seguiu reconfortando-a enquanto Jessie mantinha uma sofrida expressão e, de vez em quando, um enviesado olho choroso aparecia da segurança de seu ombro.

-A Vovó disse que Jessie e eu também viveremos aqui -, disse ela.

-Bem, é obvio -, respondeu Jessie, como se fazê-lo em qualquer outro lugar fosse inaceitável. -Onde mais iríamos viver? Mas se eu fosse eles, mandar-te-ia ao orfanato.

As lágrimas brotaram de novo desse único olho visível e Roanna rapidamente voltou a enterrar seu rosto no ombro de Webb. Ele olhou Jessie enfurecido e ela, ruborizando-se, olhou para outro lado. Jessie era uma consentida. Ultimamente, ao menos a metade do tempo pensava que necessitava uns bons açoites. A outra metade se sentia enfeitiçado por essas novas curvas que tinham aparecido em seu corpo. Ela o sábia, claro. Uma vez este verão, quando estavam nadando, tinha deixado que a alça do seu traje de banho se deslizasse pelo braço, mostrando a parte superior de seu seio, quase até o mamilo. O corpo de Webb tinha reagido imediatamente com toda a intensidade de sua emergente adolescência, sem poder desviar o olhar. Simplesmente ficou ali parado, dando graças a Deus de que a água lhe cobrisse mais acima da cintura, mas o resto dele que a água não cobria, tingiu-se de um vermelho intenso em uma combinação de vergonha, excitação e frustração.

Mas ela era linda. Deus, Jessie era linda. Parecia uma princesa, com sua negra e lisa cabeleira e seus olhos azuis escuros. Suas feições eram perfeitas e sua pele impecável. E agora ia viver aqui, em Davencourt com Tia Lucinda… E com ele.

Voltou sua atenção a Roanna, empurrando-a.

- Não liga para a Jessie -, disse-lhe. – Está somente desvairando sem saber do que fala. Jamais terá que ir a nenhuma outra parte. Nem sequer acredito que já existam orfanatos.

Ela voltou a mostrar o rosto. Seus olhos eram de cor marrom, quase castanho, como a cor de seu cabelo, mas sem os matizes de vermelho. Era a única pessoa tanto dos Davenport como dos Tallant que tinha os olhos castanhos; todos os outros os tinham ou azuis ou verdes ou uma mescla de ambos. Uma vez Jessie lhe tinha tirado sarro, lhe dizendo que em realidade não era uma Davenport porque seus olhos eram da cor equivocada e que tinha sido adotada. Roanna chorou até que Webb pôs fim àquilo lhe dizendo que tinha os olhos de sua mãe e que sabia que era uma Davenport, porque recordava que ao nascer tinha ido vê-la ao hospital.

- Jessie está brincando? -, perguntou ela.

-Isso -, respondeu-lhe ele, docemente. -Só estava zombando.

Roanna não girou a cabeça para olhar Jessie, mas um pequeno punho saiu disparado e golpeou Jessie no ombro para, depois, rapidamente, cobrir-se de novo na segurança de seu abraço.

Webb teve que tragar uma gargalhada, mas Jessie se enfureceu.

–Bateu-me!- gritou, levantando a mão para esbofetear Roanna.

Webb agarrou com sua mão o pulso de Jessie.

-Não, não o fará -, disse-lhe. –Mereceu pelo que disse.

Ela tentou escapar dele, mas Webb seguiu sujeitando-a, apertando com força e seus olhos escuros alertaram Jessie de que falava a sério. Ela ficou quieta, olhando-o enfurecida, mas ele impôs sem piedade sua vontade e seu poder e, passados alguns segundos, ela desistiu zangada. Ele lhe soltou o pulso e ela o esfregou como se lhe tivesse feito mal. Mas a conhecia bem e não sentiu a culpa que ela tratava de lhe fazer sentir. Jessie era muito boa manipulando as

pessoas, mas Webb tinha percebido há muito tempo. E saber a bruxa que podia ser só o fez sentir maior satisfação por havê-la forçado a retroceder.

Seu rosto se ruborizou ao notar que se excitava, e afastou um pouco Roanna de si mesmo. Seu coração se acelerou com a excitação e o triunfo. Era algo insignificante, mas, de repente, teve a certeza de que poderia dominar Jessie. Nesses poucos segundos toda sua relação mudou, a informal relação de primos da infância tinha ficado no passado e uma relação mais complicada, de volátil paixão entre um homem e uma mulher tinha ocupado seu lugar. O processo foi se desenvolvendo durante todo o verão, mas agora estava completo. Deu uma olhada ao rosto zangado de Jessie, seu lábio inferior se sobressaía formando um bico, e desejou beijá-la até que se esquecesse da razão de fazê-lo. Possivelmente ela não o entendesse ainda, mas ele sim.

Jessie seria dele. Era malcriada e arisca e suas emoções tinham uma intensidade vulcânica. Seria necessária muita habilidade e jogo para impor-se a ela, mas algum dia o conseguiria, tanto física como mentalmente. Tinha duas cartas na manga que Jessie ainda desconhecia: o poder do sexo e a atração de Davencourt. Na noite do acidente, tia Lucinda tinha falado longamente com ele. Somente eles ficaram acordados, Tia Lucinda balançando-se e chorando silenciosamente enquanto se sobrepunha à perda de seus dois filhos e, finalmente, Webb tinha reunido coragem suficiente para se aproximar dela e rodeá-la com os braços. E então ela se derrubou, soluçando como se lhe tivesse quebrado o coração – foi a única vez que se abandonou completamente a sua dor.

Mas quando se acalmou, permaneceram sentados a sós até primeira hora da manhã, falando em sussurros. Tia Lucinda tinha uma grande reserva de força interior e se tinha imposto a tarefa de assegurar a segurança de Davencourt. Seu querido David, herdeiro de Davencourt, estava morto. Janet, sua única filha, era igualmente amada, mas não era adequada, nem por caráter nem por inclinação para dirigir a imensa responsabilidade que suportava essa herança. Janet tinha sido calada e retraída, com seus olhos sempre velados por um sofrimento íntimo que nunca a abandonava. Webb suspeitava que fosse por causa do pai de Jessie - quem quer que fosse. Jessie era ilegítima, e Janet nunca tinha confessado o nome do referido. Sua mãe havia dito que foi um grande escândalo, mas os Davenport fecharam filas ao redor dela e a alta sociedade de Tuscumbia se viu

forçada a aceitar tanto à filha como à mãe se não desejavam enfrentar às represálias dos Davenport. E já que os Davenport eram a família mais rica do noroeste de Alabama, podiam as fazer efetivas.

Mas agora, com ambos os filhos falecidos, Tia Lucinda tinha que assegurar as propriedades familiares. Não se tratava somente de Davencourt, a joia central; tratava-se também de ações e de bônus, de bens imóveis, fábricas, explorações madeireiras e minerais, bancos, e inclusive restaurantes. A totalidade das empresas dos Davenport requeria de uma mente acordada para entendê-las de um modo global e, também, certo toque de crueldade para fiscalizá-lo.

Webb só tinha quatorze anos, mas à manhã seguinte da longa conversa mantida a meia-noite com sua Tia Lucinda, ela tinha feito passar ao escritório ao advogado da família, fechado a porta, e designado Webb como manifesto herdeiro. Era um Tallant, não um Davenport, mas era o neto de seu adorado irmão, e ela mesma tinha sido uma Tallant, assim de seu ponto de vista isso não era um grande impedimento. Talvez porque Jessie tenha levado um enorme golpe tão jovem, Tia Lucinda tinha mostrado uma clara preferência por ela frente à Roanna, mas o amor de Tia Lucinda não era cego. Ainda quando tivesse desejado que fosse de outra forma, sabia que Jessie era muito volátil para tomar as rédeas de uma empresa tão imensa; se lhe desse o controle, Jessie arruinaria a família cinco anos depois de chegar a sua maioridade.

Roanna, a outra descendente direta, nem sequer foi considerada. Por um lado, só tinha sete anos, e por outro era totalmente indisciplinada. Não é que fosse exatamente desobediente, mas tinha um evidente talento para criar desastres. Se houvesse um atoleiro de barro no raio de um quilômetro, de algum jeito Roanna daria um jeito de cair nele - mas somente se estivesse com seu melhor vestido. Se calçasse suas caras sapatilhas novas, acidentalmente pisaria em um esterco de cavalo. Constantemente caía, ou derrubava algo, ou derramava algo que estivesse em suas mãos ou perto dela. Aparentemente, o único talento que tinha era a afinidade com os cavalos. Aos olhos de Tia Lucinda, era um enorme ponto em seu favor, já que ela também amava aos animais. Mas, infelizmente, isso não fazia que Roanna fosse mais aceitável para o papel de herdeira universal.

Davencourt seria dele, Davencourt e todas suas vastas propriedades. Webb levantou a vista para a imensa mansão branca,

assentada como uma coroa no meio do exuberante veludo verde da grama. Profundas e amplas galerias rodeavam totalmente a casa, em ambos os pisos, as grades decoradas com um forjado de ferro. Seis enormes colunas brancas emolduravam o pórtico dianteiro, onde o alpendre se alargava para formar a entrada. A casa tinha um ar de elegância e conforto, transmitidos pela fresca sombra prometida pelas galerias e pela ventilada amplitude indicada pela enorme extensão de janelas. Janelas duplas francesas adornavam cada quarto do piso superior e uma janela de estilo Palladio se curvava majestosamente sobre a entrada principal.

Davencourt tinha uma antiguidade de cento e vinte anos, construído na década anterior a guerra civil. Essa era a razão da existência na parte esquerda de uma escada curva, para proporcionar uma discreta forma de acesso à casa aos jovens embriagados, quando antigamente os solteiros da família dormiam em uma ala separada. Em Davencourt, essa ala tinha sido à esquerda. Várias reformas efetuadas durante o século passado tinham acabado com os quartos separados, mas a entrada exterior ao segundo piso tinha permanecido. Ultimamente, uma ou duas vezes, o próprio Webb tinha utilizado a escada.

E tudo isso seria dele.

Não sentia culpado por ter sido o eleito para herdar. Até com quatorze anos, Webb era consciente do impulso e a força da ambição que levava em seu interior. Desejava a pressão e o poder de tudo o que suportava Davencourt. Seria como montar ao mais selvagem dos garanhões, mas domando-o com a força de sua vontade.

Não era como se Jessie e Roanna tivessem sido deserdadas, nem muito menos. Ambas seguiriam sendo mulheres ricas por direito próprio quando atingissem a maioridade. Mas a maioria das ações, a maioria do poder - e toda a responsabilidade - seriam dele. Mais que sentir-se intimidado pelos anos de duro trabalho que ficavam por diante, Webb sentia uma feroz alegria ante a perspectiva. Não só possuiria Davencourt, mas também Jessie vinha com o pacote. Tia Lucinda, tinha-o insinuado mais ou menos, mas não tinha sido até a um instante quando se deu conta do que significava.

Queria que se casasse com Jessie.

Ele quase explodiu em exultantes gargalhadas. Oh, conhecia bem a sua Jessie, e Tia Lucinda também. Quando soubesse que ia

herdar Davencourt, Jessie decidiria imediatamente que ela, e nenhuma outra, casar-se-ia com ele. Não lhe importava; sabia como dirigi-la e não tinha ilusões com respeito a ela. Grande parte do mau caráter de Jessie radicava no grande peso que levava sobre seus ombros: a carga de sua ilegitimidade. Ressentia-se profundamente da certeza da legitimidade de Roanna e era má com ela por causa disso. Isso, não obstante, mudaria, quando se casassem. Ele se encarregaria disso, porque agora Jessie tinha encontrado nele a fôrma de seu sapato.

Lucinda Davenport ignorou o bate-papo que se desenvolvia às suas costas, enquanto permanecia em pé ante a janela e observava aos três jovens no balanço. Eles lhe pertenciam; seu sangue corria por todos. Eles eram o futuro, a esperança de Davencourt, a única coisa que ficava.

Quando lhe informaram do acidente, durante umas desgraçadas horas, a tristeza tinha sido tão enorme que se havia sentido esmagada por ela, incapaz de funcionar, de sentir. Até se sentia como se lhe tivessem arrancado uma parte dela, deixando tão somente em seu lugar uma profunda ferida sangrando. Seus nomes ressonavam em seu coração de mãe. David. Janet. As lembranças disparavam flechas em sua mente, vendo-os como bebê pegos a seu seio, como crianças fortes e ativas, como difíceis adolescentes e como maravilhosos adultos. Tinha sessenta e três anos e tinha perdido a muitos entes queridos, mas este último golpe foi quase mortal. Uma mãe nunca deveria sobreviver a seus filhos.

Mas no momento mais sombrio, Webb estivera ali, lhe oferecendo seu silencioso consolo. Só tinha quatorze anos, mas já se estava forjando o homem no corpo do menino. Recordava-lhe muitíssimo a seu irmão, o primeiro Webb; possuía o mesmo núcleo de aço, uma energia quase temerária, e uma maturidade interior que o fazia parecer muito mais velho do que sua idade. Sua tristeza não lhe tinha acovardado, mas sim a compartilhou com ela, lhe fazendo saber que apesar de sua enorme perda, não estava sozinha. Foi nessa hora mais sombria quando vislumbrou um raio de esperança, sabendo o que devia fazer. Quando o abordou pela primeira vez para

que estudasse a ideia de se responsabilizar pelas empresas Davenport, de possuir finalmente Davencourt, não se havia sentido intimidado por isso. Em troca, seus verdes olhos tinham brilhado ante a perspectiva, ante o desafio.

Fazia uma boa escolha. Alguns gritariam alto; Glória e seu grupo ficariam fora de si ao saber que Webb foi escolhido por cima de qualquer dos Ames, quando apesar de tudo, ambos os ramos tinham o mesmo grau de parentesco com Lucinda. Jessie, sim, teria uma boa razão para estar zangada, já que ela era uma Davenport e família direta, mas, embora amasse muito à moça, Lucinda sabia que, com ela, Davencourt não estaria em boas mãos. Webb era a melhor escolha e, além disso, cuidaria de Jessie.

Via como o assento do balanço se balançava em silêncio e soube que Webb tinha ganhado essa batalha. O menino já tinha os instintos de um homem e de um homem dominante. Jessie estava zangada, mas ele não cedeu. Seguiu consolando Roanna, que, como era habitual, tinha causado algum tipo de problema.

Roanna. Lucinda suspirou. Não se via capaz de assumir o cuidado de uma pequena de sete anos, mas a menina era a filha de David e simplesmente não podia consentir que fosse enviada a outro lugar. Embora o tivesse tentado, por equidade, não podia amar Roanna tanto como amava Jessie, ou a Webb, que nem sequer era seu neto, a não ser seu sobrinho-neto.

Apesar de seu feroz apoio a sua filha quando Janet ficou grávida sem a vantagem de um marido, Lucinda, ao menos, tinha esperado tolerar ao bebê quando chegasse. Tinha medo de que lhe desagradasse, pela vergonha que representava. Entretanto tinha acariciado o pequeno rosto em formato de flor de sua neta e se apaixonou. Oh, Jessie era um fogoso molho de travessuras, mas o amor de Lucinda nunca fraquejou. Jessie necessitava amor, muito amor, absorvendo até a última gota de afeto e elogios que lhe chegava. Não é que sofresse carência de nenhum deles; desde seu nascimento, tinha sido abraçada e beijada e mimada, mas por alguma razão nunca era suficiente. As crianças notavam desde muito jovem quando algo em sua vida estava errado, e Jessie era especialmente brilhante; tinha uns dois anos quando começou a perguntar por que ela não tinha um papai.

E depois veio Roanna. Lucinda voltou a suspirar. Foi tão difícil

amar Roanna quanto foi fácil amar Jessie. As duas primas eram totalmente opostas. Roanna nunca estivera quieta o tempo suficiente para poder abraçá-la. Levantava-a para lhe dar um abraço, e se retorcia para que a soltasse. Tampouco era bonita da forma em que Jessie era. A estranha mistura de traços não encaixava em seu pequeno rosto. Seu nariz era muito grande, sua boca muito larga, seus olhos estreitos e rasgados. Seu cabelo, com sua carência da cor mogno dos Davenport, sempre estava despenteado. Não importava o que lhe pusessem para vestir, aos cinco minutos o objeto estaria manchado e rasgado. É obvio, era a preferida da família de sua mãe, mas definitivamente era uma erva daninha no jardim de Davenport. Lucinda a tinha examinado atentamente, mas não via na garota nada de David, e agora qualquer semelhança seria duplamente entesourada se existisse.

Mas cumpriria seu dever com Roanna e trataria de modelá-la com um verniz de civilização, para convertê-la em alguém que fizesse honra ao sobrenome Davenport.

Ainda assim, sua esperança, e o futuro, recaíam em Jessie e Webb.

## Capítulo 2

Lucinda enxugou as lágrimas enquanto sentada no quarto de Janet dobrava e guardava lentamente as roupas de sua filha. Tanto Yvonne como Sandra se ofereceram em fazê-lo por ela, mas tinha insistido em fazê-lo sozinha. Não queria que ninguém visse suas lágrimas e sua dor; somente ela saberia que coisas desejaria conservar pelas lembranças e quais podiam descartar. Já tinha levado a cabo esta tarefa na casa de David, guardando com carinho as camisas que ainda conservavam um débil rastro de sua colônia. Também tinha chorado por sua nora; Karen tinha sido muito amada, uma moça alegre e carinhosa que fez David muito feliz. Suas coisas tinham sido guardadas em baús em Davencourt para que Roanna as tivesse quando fosse mais velha.

Já tinha passado um mês do acidente. As formalidades legais tinham sido levadas a cabo rapidamente, Jessie e Roanna ficaram instaladas em Davencourt com Lucinda como sua tutora legal. Jessie, é obvio, acomodou-se imediatamente, escolhendo para ela o quarto mais bonito e persuadindo Lucinda para que o redecorasse segundo suas especificações. Lucinda admitiu que não fosse necessária muita persuasão, já que entendia a feroz necessidade de Jessie de recuperar o controle de sua vida e impor de novo a ordem a seu redor. O quarto era só um símbolo. Tinha mimado Jessie desavergonhadamente, lhe fazendo saber que embora sua mãe tivesse morrido, ainda tinha uma família que a apoiava e a amava, que a segurança não se esfumou de seu mundo.

Roanna, entretanto, não tinha se adaptado absolutamente. Lucinda suspirou, levando uma das blusas de Janet à face, enquanto refletia sobre a filha de David. Simplesmente não sabia como se aproximar da moça. Roanna se tinha mostrado indiferente a todos seus intentos de que escolhesse um quarto e, finalmente Lucinda tinha cedido e escolhido por ela. Por equidade parecia necessário que Roanna tivesse um quarto pelo menos tão grande como o de Jessie, e o era, mas à menina se via perdida e afligida nele. A primeira noite dormiu ali. A segunda noite tinha dormido em um dos outros quartos, arrastando sua manta atrás dela e se encolhendo sobre o colchão. A terceira noite, de novo, tinha escapado a outro quarto vazio, a outro colchão. Tinha dormido sobre uma cadeira no escritório, em cima do tapete da biblioteca, inclusive se encolheu sobre o chão de um dos

banheiros. Estava inquieta, um pequeno e desolado espírito, que vagava pela mansão, tratando de encontrar um lugar para fazê-lo dela. Lucinda julgou que a menina tinha dormido já em todos e cada um dos quartos da casa exceto nos quartos ocupados por outras pessoas.

Quando Webb se levantava a cada manhã, o primeiro que fazia era ir à busca de Roanna, lhe seguindo o rastro até o canto ou curva que tivesse escolhido para passar a noite, persuadindo-a de sair de seu esconderijo. Era áspera e retraída, exceto com Webb, e não mostrava interesse por nada exceto pelos cavalos. Frustrada e sem saber que mais fazer, Lucinda lhe tinha dado acesso ilimitado aos cavalos, pelo menos durante o verão. Loyal cuidaria da garota, e, além disso, Roanna tinha boa mão com estes animais.

Lucinda dobrou a última blusa, e a guardou. Somente ficavam os objetos da mesinha de noite e duvidou antes de abrir as gavetas. Quando tivesse acabado com isso, tudo estaria finalizado; a casa da cidade se esvaziaria, seria fechada e vendida. E todo rastro de Janet desapareceria.

Exceto Jessie. Janet tinha deixado atrás de si um precioso pedaço dela. Depois de ficar grávida, a maioria de suas risadas se apagaram, e sempre havia tristeza em seus olhos. Embora nunca tenha dito quem a tinha engravidado de Jessie, Lucinda suspeitava do mais velho dos Leath, Dwight. Ele e Janet tinham saído juntos, mas ele teve uma briga com seu pai e se alistou e de alguma forma terminou no Vietnã no começo da guerra. Ao cabo de duas semanas de ter pisado nesse pequeno país, tinham-lhe matado. Durante os anos passados, Lucinda tinha muitas vezes prestado atenção no rosto de Jessie, procurando algo parecido com os Leath, mas só tinha visto a imaculada beleza dos Davenport. Se Dwight tinha sido o amante de Janet, então ela tinha chorado sua morte até o dia em que morreu, já que jamais tinha saído com ninguém após o nascimento de Jessie. E não foi porque não tivesse tido oportunidades; apesar da ilegitimidade de Jessie, Janet seguia sendo uma Davenport e havia muitos homens que a tinham cortejado. A falta de interesse radicava só em Janet.

Lucinda desejou algo melhor para sua filha. Ela tinha conhecido um profundo amor com Marshall Davenport e tinha desejado o mesmo para seus filhos. David o tinha encontrado com Karen; Janet só tinha conhecido tristeza e decepção. Lucinda não gostava de

admiti-lo, mas sempre tinha notado certa contenção em sua atitude com Jessie, como se estivesse envergonhada. Assim era como Lucinda pensou que ela mesma ia se sentir, mas não foi assim. Desejou que Janet tivesse superado a tristeza, mas nunca o fez.

Bom, adiar a desagradável tarefa não ia fazê-la menos ingrata, pensou Lucinda, endireitando inconscientemente as costas. Podia ficar todo o dia aqui sentada meditando sobre as complicações da vida ou podia seguir adiante. Lucinda Tallant Davenport não era das que ficavam sentadas sem fazer nada; para o bem ou para mal, resolvia seus problemas.

Abriu a primeira gaveta da mesinha de cabeceira, e de novo as lágrimas chegaram aos olhos ao ver o esmero do conteúdo. Assim era Janet, ordenada até a medula. Aí estava o livro que estava lendo, uma pequena lanterna, uma caixa de lenços, uma caixinha de seus caramelos de hortelã favoritos, e um diário de couro com o lápis preso entre as páginas. Curiosa, Lucinda limpou as lágrimas e segurou o diário. Não sabia que Janet tivesse um.

Acariciou com a mão o diário, sabendo bem o tipo de informação que poderiam conter as páginas. Só podiam ser notas privadas sobre o dia a dia, mas cabia a possibilidade de que Janet divulgasse nele o segredo que levou ao túmulo. A estas alturas, de verdade, importaria muito quem pudesse ser o pai de Jessie?

A verdade é que não, pensou Lucinda. Amaria Jessie igualmente, sem lhe importar que sangue corresse por suas veias.

Ainda assim, depois de tantos anos perguntando-lhe e sem saber, era impossível não ceder à tentação. Abriu o diário pela primeira página e começou a ler.

Meia hora depois, secou seus olhos com um lenço e lentamente fechou o diário; a seguir o pôs em cima da roupa empilhada na última caixa. Não havia muito que ler: algumas páginas angustiosas, escritas há quatorze anos, e depois disso pouco mais. Janet fazia algumas notas, destacando o primeiro aniversário de Jessie, seus primeiros passos, o primeiro dia de colégio, mas a maior parte das folhas estava vazia. Dava a impressão de que Janet tinha deixado de viver fazia quatorze anos e não apenas um mês. Pobre Janet ter esperado tanto e ter que conformar-se com tão pouco.

Lucinda acariciou com a mão a capa de couro do diário. Bom,

agora já sabia, e tinha tido razão: não tinha nenhuma importância.

Segurou o barbante e rapidamente fechou a caixa.

**SEGUNDO LIVRO**

***Devastação.***

## Capítulo 3

Roanna saltou da cama à alvorada, escovou os dentes apressadamente e passou as mãos pelo cabelo, depois vestiu as calças jeans e uma camiseta. Segurou suas botas e meias três quartos ao sair pela porta e desceu correndo descalça pelas escadas. Webb iria embora de Nashville e queria vê-lo antes que se fosse. Não por nenhuma razão em particular, somente aproveitava uma oportunidade de passar uns minutos em privado com ele, ocasião em que por uns preciosos segundos sua atenção e seu sorriso eram somente para ela.

Inclusive às cinco da manhã, a vovó estaria tomando seu café da manhã na sala de jantar, mas Roanna nem sequer se deteve ali em direção à cozinha. Webb sentia-se cômodo com a riqueza que tinha ao seu dispor e não se importava com as aparências. Estaria sozinho pela cozinha, preparando seu próprio café da manhã, já que Tansy não começava a trabalhar antes das seis, para depois comer na mesa da cozinha.

Ela entrou como um relâmpago pela porta, e como bem sabia, Webb estava ali. Ele não tinha se incomodado em usar a mesa e estava apoiado contra ao balcão enquanto mastigava uma torrada com geleia. Uma xícara de café fumegava ao lado de sua mão. Assim que a viu, girou e introduziu no torrador outra fatia de pão.

-Não tenho fome -, disse ela, colocando a cabeça dentro da enorme geladeira de duas portas para procurar o suco de laranja.

-Nunca tem -, respondeu-lhe equânime. -De todas as formas, come. - Sua falta de apetite era a causa pela qual aos dezessete anos seguia sendo magricela e pouco desenvolvida. Isso e o fato de que

Roanna não se limitasse a caminhar a nenhum lugar. Era uma máquina em perpétuo movimento: saltava, saltava e, inclusive ocasionalmente, dava cambalhotas. Pelo menos, com o passar dos anos, acalmou-se o suficiente para dormir todas as noites na mesma cama e já não tinha que ir procurá-la a cada manhã.

Como Webb lhe tinha feito a torrada, a comeu, embora sem geleia. Ele lhe serviu uma xícara de café e ela se situou junto a ele, mastigando a torrada seca e tomando alternativamente pequenos sorvos de suco de laranja e café e sentindo uma ardente sorte dentro dela. Isto era tudo o que pedia à vida; estar a sós com Webb. E, é óbvio, trabalhar com os cavalos.

Inspirou brandamente, impregnando do delicioso aroma de sua colônia e da limpa e ligeira fragrância do almíscar de sua pele, tudo misturado com o aroma do café. Sua consciência dele era tão intensa, que quase doía, mas ela vivia para estes momentos.

Olhou-o por cima do bordo de sua xícara, seus olhos castanhos, dourados como o uísque, brilhavam peraltas.

-A data dessa viagem a Nashville é muito suspeita -, brincou. - Acredito que o que quer é estar longe de casa.

Ele sorriu amplamente e o seu coração deu um tombo. Raramente via esse alegre sorriso; estava tão ocupado que não tinha tempo que não fosse para o trabalho, tal como se queixava sistemática e implacavelmente Jessie. Seus frios olhos verdes se voltavam quentes quando sorria e o preguiçoso encanto de seu sorriso poderia parar o tráfico. Embora a preguiça fosse enganosa; Webb trabalhava tantas horas que teria extenuado a maioria dos homens.

-Não planejei -, protestou ele, para depois admitir, - mas aproveitei a oportunidade. Suponho que você passará todo o dia nos estábulos.

Ela assentiu. A irmã da vovó e seu marido, Tia Glória e Tio Harlan, iriam se instalar hoje e Roanna queria estar o mais longe possível da casa. Tia Glória era, de todas suas tias, a que menos gostava, e tampouco apreciava muito o seu tio Harlan.

- Ele é um sabichão -, resmungou ela. - E ela é como uma dor no r…

-Rô -, advertiu-lhe ele, usando essa única sílaba. Somente ele a chamava por sua abreviatura. Era outro dos pequenos vínculos entre eles que ela saboreava, já que pensava em si mesma como Rô. Roanna era a garota magricela e pouco atraente, desengonçada e inoportuna. Rô era a parte dela que cavalgava como o vento, seu magro corpo fundindo-se com o do cavalo e convertendo-se em parte de seu ritmo; a garota que, enquanto estava nos estábulos, nunca dava um passo em falso. Se pudesse fugir, viveria para sempre nos estábulos.

-*Pescoço* -, concluiu ela, com um olhar de inocência que o fez sorrir. - Quando Davencourt for sua, vai expulsá-los?

-Certamente que não, pequena pagã. São da família.

-Bom, não é como se não tivessem onde viver. Porque não ficam em sua própria casa?

-Desde que o tio Harlan se aposentou, tiveram problemas para chegar ao fim de mês. Há suficiente espaço aqui, assim, mudar-se foi a solução mais lógica, embora você não goste -, ele respondeu lhe alvoroçando seu desordenado cabelo.

Ela suspirou. Era certo que em Davencourt havia dez quartos e desde que Jessie e Webb se casaram e só usavam um quarto, e desde que Tia Ivonne decidiu se mudar no ano anterior e desfrutar de seu próprio lar, isso significava que sete desses quartos estavam vazios. Ainda assim, não gostava.

-Bom, e quando você e Jessie tiverem filhos? Então necessitarão dos outros quartos.

-Não acredito que necessitemos dos sete -, disse ele asperamente, e um olhar sombrio apareceu em seus olhos. -De todas as formas, pode ser que não tenhamos filhos.

Seu coração deu um tombo. Desde que ele e Jessie se casaram por volta de dois anos estivera deprimida, mas caramba, pensar em Jessie tendo a seus filhos dava pavor. Esse teria sido o golpe definitivo para um coração que não tinha muitas esperanças; sabia que nunca teve a mínima oportunidade com Webb, mas ainda assim conservava uma ínfima ilusão. Desde que ele e Jessie não tivessem filhos, é como se ele, em realidade, não fosse totalmente dela. Para Webb, pensou, os filhos seriam um laço indestrutível. Enquanto não houvesse crianças, ainda podia conservar a esperança, embora fosse

em vão.

Não era nenhum segredo na casa que seu matrimônio não era nenhum mar de rosas. Jessie nunca mantinha em segredo o quando se sentia infeliz, já que se esforçava em se assegurar de que todos os outros se sentissem tão miseráveis como ela.

Conhecendo Jessie, e Roanna a conhecia muito bem, provavelmente tinha planejado utilizar o sexo, depois de estar casados, para controlar Webb. Roanna se haveria sentido muito surpreendida se Jessie tivesse permitido a Webb fazerem amor antes de estarem casados. Bom, pode ser que uma vez, para mantê-lo interessado. Roanna nunca tinha subestimado o quanto profundamente calculista Jessie podia chegar a ser. A questão era, que Webb tampouco, e o pequeno plano de Jessie não funcionou. Sem se importar com os truques que tentava, Webb raramente mudava de ideia, e quando o fazia era por razões próprias. Não, Jessie não era feliz.

Roanna o adorava. Não podia entender sua relação, mas Jessie não tinha nem ideia do tipo de homem que era Webb. Podia apelar a ele com lógica, mas a manipulação o deixava inalterado. Isso proporcionou a Roanna durante anos um montão de momentos de secreto regozijo ao observar Jessie tratando de pôr em prática suas artimanhas femininas com Webb e enfurecer-se depois quando não funcionavam. Jessie não podia entendê-lo; depois de tudo, funcionavam com todos os outros.

Webb olhou seu relógio.

-Tenho que ir. - tomou de um gole o resto do café, e a seguir se abaixou e a beijou na testa. -Não se meta em confusões hoje.

-Tentarei -, prometeu ela, e depois acrescentou abatida, -Sempre tento. - E por alguma razão inexplicável raramente o conseguia. Apesar de seus melhores esforços, sempre fazia algo que desgostava a sua Vovó.

Webb lhe dirigiu um sorriso pesaroso enquanto se dirigia para a porta, e seus olhos se encontraram por um instante de uma forma que a fez se sentir como se fossem conspiradores. Então partiu, fechando a porta detrás de si, e com um suspiro ela se deixou cair em uma das cadeiras para calçar as meias três quartos e as botas. O amanhecer se escureceu com sua partida.

Em certa forma, pensou, realmente eram cúmplices. Com Webb se sentia relaxada e despreocupada de uma forma que nunca era com o resto da família e jamais via desaprovação em seus olhos quando a olhava. Webb a aceitava tal como era e não tentava convertê-la em algo que não era.

Mas havia outro lugar onde encontrasse aceitação e seu coração se aliviou enquanto corria para os estábulos.

Quando a caminhonete chegou às oito e meia, Roanna mal percebeu. Ela e Loyal estavam trabalhando com um fogoso potro de um ano, tratando, pacientemente, de acostumá-lo ao manejo humano. Não tinha medo, mas desejava brincar mais que aprender algo novo e a amável lição requeria muita paciência.

-Está me esgotando -, ofegou ela, acariciando carinhosamente o lustroso pescoço do animal. O potro respondeu empurrando-a com a cabeça e fazendo-a retroceder tropeçando passos. -Deve haver uma maneira mais fácil-, ela disse a Loyal, que estava sentado em cima da cerca, lhe dando instruções, e sorrindo enquanto o potro pulava como um descomunal cachorro.

-Como o que?- perguntou-lhe. Sempre estava disposto a escutar as ideias de Roanna.

-Por que não começamos a treiná-los assim que nascem? Seriam muitos pequenos para me empurrar por todo o curral-, queixou-se ela. -E cresceriam acostumados às pessoas e ao que ensinamos.

-Ora -, Loyal acariciou o queixo enquanto pensava nisso. Era um enxuto e áspero cinquentão e uns trinta desses anos os tinham passado trabalhando em Davencourt, as longas horas ao ar livre tinham convertido seu bronzeado rosto em um mapa de finas rugas. Comia, vivia, e respirava cavalos e não podia imaginar outro trabalho mais de acordo com ele do que o que tinha. Só porque era acostumado esperar a que os potros fizessem um ano antes de começar seu treinamento não significava que tivesse que ser assim. Possivelmente Roanna tivesse razão. Os cavalos tinham que se acostumar com as pessoas ao seu redor, e possivelmente seria mais fácil, para ambos - cavalos e humanos - se o processo começasse quando eram recém-nascidos, do que depois de um ano correndo selvagens. Aplacaria bastante sua agitação e faria mais fácil o trabalho do ferreiro e do veterinário.

-Digo o que faremos -, disse ele. -Não teremos outro potro até que Lightness venha a parir em março. Começaremos com esse e veremos como vai.

O rosto de Roanna se iluminou, seus olhos castanhos se tornaram dourados de prazer, e por um momento Loyal emudeceu de quão bonita era. Estava assombrado, porque em realidade Roanna era uma pequena menina pouco atraente, suas feições muito grandes e masculinas para seu magro rosto, mas por um breve instante tinha vislumbrado como seria quando a maturidade tivesse obrado toda sua magia sobre ela. Nunca seria uma beleza como a senhorita Jessie, pensou com realismo, mas quando ficasse mais velha, surpreenderia as pessoas. A ideia o fez feliz, porque Roanna era sua favorita. A senhorita Jessie era uma amazona competente, mas não amava a seus bebês da forma em que Roanna o fazia e, portanto, não era tão cuidadosa com o bem-estar de suas montarias como deveria sê-lo. Aos olhos de Loyal, esse era um pecado imperdoável.

Às onze e meia, Roanna retornou a contra gosto a casa para almoçar. Não se importava em pular a refeição, mas a Vovó mandaria alguém procurá-la se não se apresentasse, assim pensou que poderia economizar a todos o aborrecimento. Embora, como sempre, tivesse demorado muito, não teve tempo para nada mais que uma rápida ducha e uma mudança de roupa. Passou um pente pelo cabelo molhado, e depois desceu correndo as escadas, parando antes de abrir a porta da sala de jantar e entrar com um passo mais decoroso.

Todos os outros estavam já sentados. Tia Glória se fixou na entrada de Roanna, e sua boca se contraiu em uma habitual linha de desaprovação. A Vovó olhou o cabelo molhado de Roanna e suspirou, mas não fez nenhum comentário. Tio Harlan a obsequiou com um falso sorriso de vendedor de carros usados, mas ao fim nunca a repreendia, assim Roanna o desculpou por ter a profundidade de uma caçarola. Entretanto, Jessie, atacou diretamente.

-Ao menos podia ter se incomodado em secar o cabelo -, disse, arrastando as palavras. -Embora suponha que devemos estar agradecidos de que tenha aparecido e não se sente a mesa cheirando a cavalo.

Roanna deslizou em sua cadeira e cravou o olhar em seu prato. Não se incomodou em responder à malícia de Jessie, fazê-lo só provocaria mais rancor e Tia Gloria aproveitaria a oportunidade para

acrescentar seu grão de areia. Roanna estava acostumada aos comentários de Jessie, mas não gostava nada que tia Gloria e tio Harlan se mudassem para Davencourt e sabia que algo que Tia Gloria dissesse lhe incomodaria o dobro.

Tansy serviu o primeiro prato, sopa fria de pepino. Roanna odiava a sopa de pepino assim se limitou a brincar com a colher, tratando de afundar os pedaços verdes de erva que flutuavam por cima. Mordiscou um dos pãezinhos de sementes que Tansy tinha assado e cuidadosamente apartou a tigela de sopa quando chegou o segundo prato, tomates cheios de atum. Gostava dos tomates cheios de atum. Nos primeiros minutos, se dedicou a separar os pedaços de aipo e cebola da mistura com o atum, empurrando-os em um montinho na borda do prato.

-Suas maneiras são deploráveis -, declarou Tia Gloria enquanto cravava com delicadeza um pouco de atum. -Por Deus, Roanna, já tem dezessete anos, é bastante adulta para deixar de brincar com sua comida como uma criança de dois.

O escasso apetite de Roanna desapareceu, a familiar tensão e náusea ataram seu estômago e lançou à Tia Gloria um olhar ressentido.

-Oh, sempre o faz -, disse Jessie com raiva. -É como um porco escavando para encontrar as melhores partes de sujeira.

Só para lhes demonstrar que não se importava, Roanna se obrigou a comer dois bocados de atum, bebendo quase todo seu copo de chá para se assegurar que não ficasse a metade no caminho.

Duvidava de que fosse uma amostra de tato por parte de Tio Harlan, mas de todas as formas ficou muito agradecida quando ele começou a falar sobre a reparação que necessitava seu carro e a sopesar as vantagens de comprar um novo. Se pudessem comprar um novo, pensou Roanna, evidentemente poderiam haver-se permitido ficar em sua casa e assim não teria que suportar todos os dias à Tia Gloria. Jessie mencionou que também queria um carro novo, estava cansada desse Mercedes quadrado de quatro portas que Webb tinha insistido em comprar, quando lhe havia dito umas mil vezes que queria um carro esportivo, algo com estilo.

Roanna não tinha carro. Jessie teve seu primeiro carro aos dezesseis anos, mas Roanna era uma condutora horrível, perdida

sempre em seus sonhos, e a Vovó tinha decidido que, pelo bem dos cidadãos de Colbert County, era mais seguro não deixar Roanna pisar em uma estrada a sós. Não se importou, preferiria cavalgar que dirigir, mas agora a fantasia de diabo que habitava nela despertou.

-Eu também gostaria de ter um carro esportivo -, disse, as primeiras palavras que tinha pronunciado desde que entrou na sala de jantar. Abriu os olhos desmesuradamente, com inocência. –Dei uma olhada em um desses Pontiac Grand Pricks.1[1]

Os olhos de Tia Gloria se aumentaram com horror e seu garfo caiu sobre seu prato com estrépito. Tio Harlan se engasgou com o atum, para depois começar a rir sem parar.

-Garota!- A mão da Vovó golpeou a mesa, fazendo dar um salto a Roanna de culpabilidade. Alguns acreditaram que sua errônea pronúncia de Grande Prix foi consequência da ignorância, mas a Vovó não. -Suas maneiras não têm desculpa-, disse a Vovó glacialmente, seus olhos azuis cintilaram. –Levante-se da mesa. Depois falarei contigo.

Roanna deslizou da cadeira com as faces vermelhas de vergonha.

-Sinto muito-, murmurou e saiu correndo da sala de jantar, embora não o suficientemente rápido para não escutar a ocorrente e maliciosa pergunta de Jessie:

- Acreditam que algum dia será o suficientemente civilizada para poder comer com outras pessoas?

-Prefiro estar com os cavalos -, murmurou Roanna enquanto saía disparada pela porta de entrada. Sabia que deveria ter subido primeiro e ter calçado outra vez as botas, mas sentia uma desesperada urgência de voltar para os estábulos, onde jamais se sentia deslocada.

Loyal estava comendo seu almoço em seu escritório, enquanto lia uma das trinta publicações sobre os cuidados dos cavalos que recebia cada mês. Avistou-a através da janela enquanto entrava no estábulo e meneou a cabeça com resignação. Das duas uma, ou não tinha comido nada, coisa que não lhe surpreenderia, ou outra vez se colocou em problemas, o que tampouco lhe surpreenderia.

[1] Trocadilho com uma marca de carro: Pontiac Grand Prix. Entretanto, Pricks significa “pênis” (nota da tradução original).

Provavelmente seriam ambas as coisas. Pobre Roanna, era como um quadrado que resistia tercamente a que lhe limassem as quinas para poder encaixar em um espaço redondo, sem importar que a maioria das pessoas se deixasse fazer exatamente isso. Curvada constantemente pela desaprovação, limitava-se a se encolher e resistir até que a frustração fosse muito grande para reprimi-la; então atacava, mas de uma forma tal que atraía sobre ela mais desaprovação quase sempre. Se possuísse tão somente uma décima parte do egoísmo da senhorita Jessie, poderia enfrentar a todos e obrigá-los a aceitá-la em seus próprios termos. Mas Roanna não tinha nenhum pingo de mesquinharia em seu corpo e certamente era por isso que os animais a amavam tanto. Transbordava de criancices e isso só ocasionava mais problemas.

Observou-a enquanto ia de um compartimento a outro, deslizando seus dedos sobre a suave madeira. Só havia um cavalo no estábulo, a montaria favorita da senhora Davenport, um castrado cinza que tinha a pata dianteira ferida. Loyal o estava mantendo hoje imóvel, com compressas frias sobre a pata para aliviar o inchaço. Escutou a voz aduladora de Roanna enquanto acariciava o focinho do cavalo e sorria quando os olhos do cavalo se fecharam em êxtase. Se sua família a aceitasse somente a metade que o cavalo, pensou, deixaria de lutar contra eles a cada instante e se adaptaria ao estilo de vida no que tinha nascido.

Depois do almoço, Jessie se dirigiu aos estábulos e ordenou a uma dos moços que lhe selasse um cavalo. Roanna revirou os olhos pelos ares que Jessie de 'senhora da casa'; ela sempre selava seu próprio cavalo e a Jessie não faria mal fazer o mesmo. Para ser sincera, ela jamais tinha problemas para tratar com nenhum cavalo, mas Jessie não tinha essa facilidade. Isso só demonstrava quão inteligentes eram os cavalos, pensou Roanna.

Jessie viu sua expressão pela extremidade do olho e cravou um frio e malicioso olhar sobre sua prima.

-A vovó está furiosa contigo. Era muito importante para ela que Tia Gloria se sentisse bem-vinda e em vez disso teve que fazer seu número -. Calou-se e seu olhar vagou sobre Roanna. -Se é que foi uma atuação.

Lançando esse dardo, tão sutilmente mordaz que se deslizou

entre as costelas de Roanna com apenas uma pontada, sorriu ligeiramente e se foi, deixando detrás de si um leve rastro de seu caro perfume.

-Bruxa odiosa -, murmurou Roanna, agitando a mão para dispersar a forte fragrância enquanto olhava ressentidamente as magras e elegantes costas de sua prima. Não era justo que Jessie fosse tão bonita, que soubesse se arrumar tão bem em público, que fosse a favorita da Vovó e que, além disso, tivesse Webb. Simplesmente não era justo.

Roanna não era a única que se sentia ressentida. Jessie bulia da mesma emoção enquanto se afastava cavalgando de Davencourt. Maldito Webb! Desejou não haver se casado nunca com ele, embora fosse proposto desde que era criança, o que todos tinham dado por certo. E Webb tinha assumido que ocorreria mais que ninguém, mas claro, sempre estivera tão seguro de si mesmo que às vezes morria de vontade de esbofeteá-lo. Que nunca o tivesse feito se devia a duas coisas: uma, que não queria fazer nada que arruinasse sua oportunidade de governar totalmente em Davencourt quando finalmente morresse a sua avó; e dois, tinha a inquietante suspeita que Webb não se comportaria como um cavalheiro. Não, era mais que uma suspeita. Ele podia ter posto uma atadura sobre os olhos dos outros, mas ela sabia que podia ser um bastardo desumano.

Tinha sido uma idiota ao casar-se com ele. Certamente podia ter conseguido que a Vovó mudasse seu testamento e deixasse Davencourt para ela em vez de Webb. Depois de tudo, ela era uma Davenport, e Webb não. Devia ter sido dela por direito. Em troca teve que se casar com esse maldito tirano e tinha cometido um grave engano ao fazê-lo. Aborrecida, teve que admitir que tivesse superestimado seus encantos e sua habilidade para influenciá-lo. Pensou que tinha sido tão inteligente, negando-se a se deitar com ele antes do matrimônio; tinha-lhe entusiasmado a ideia de mantê-lo frustrado, gostava da imagem dele ofegando atrás dela como um cão detrás de uma cadela no cio. Nunca tinha sido assim, mas de todas as formas tinha entesourado essa imagem. Em troca, enfureceu-se ao saber que, mais que sofrer porque não podia tê-la, o bastardo simplesmente se deitou com outras mulheres, enquanto insistia em que ela se mantivesse fiel a ele!

Sim, pois ela lhe ensinou. Foi ainda mais tolo que ela se de verdade acreditou que ela se manteve "pura" para ele durante todos esses anos enquanto ele fodia todas as vadias que conhecia na universidade e no trabalho. Sabia muito bem como lhe devolver a bola, assim sempre que podia escapar um dia ou durante um fim de semana, em seguida encontrava algum tipo com sorte para se desafogar, por assim dizê-lo. Atrair aos homens era asquerosamente fácil, com um simples assobio vinham correndo. A primeira vez que o fez foi aos dezesseis anos e tinha encontrado uma deliciosa fonte de poder sobre os homens. Oh, teve que fingir um pouco quando finalmente se casou com Webb, choramingando e inclusive obrigando-se a soltar uma lágrima ou duas para que ele acreditasse que seu enorme e malvado pau[2] estava machucando sua pobre e virginal buceta[3], mas por dentro estava desfrutando de como havia sido fácil enganá-lo.

Desfrutou porque, agora, por fim ia ter o poder em sua relação. Depois de anos de se ver obrigada a se dobrar ante ele, pensou que o tinha onde queria. Era humilhante recordá-lo, ter acreditado que uma vez casados poderia conduzi-lo com facilidade quando o tivesse em sua cama cada noite. Deus sabia que a maioria dos homens pensava com o pau. Todas as suas discretas aventuras, durante todos esses anos, tinham-lhe demonstrado que os esgotava, que não podiam estar a sua altura, mas todos o admitiam. Jessie estava orgulhosa de sua habilidade para foder a um homem até o esgotamento total. Tinha tudo planejado: pelas noites foderia Webb até deixá-lo exausto e durante o dia ele seria como manteiga em suas mãos.

Mas não tinha saído assim, absolutamente. Suas faces ardiam de humilhação enquanto conduzia o cavalo através de um riacho, tomando cuidado de que a água não salpicasse suas brilhantes botas. Por um lado, era a ela que ele deixava normalmente esgotada. Webb podia estar fazendo-o durante horas, com olhos frios e observadores sem importar o muito que ela ofegasse e levantasse os quadris e o trabalhasse, como se soubesse que ela considerasse isso como uma competição e que lhe condenassem se ele ia deixá-la ganhar. Não demorou muito em aprender que ele podia aguentar mais, e que seria ela a que ficaria ali, esgotada e estirada sobre os lençóis retorcidos, com suas partes intimas palpitando dolorosamente pelo duro uso. E não importava quão ardente fosse o sexo, não importava

[2] *Ficou grosseiro, mas a autora colocou uma palavra com essa correspondência.*
[3] *Essa foi a palavra que também correspondeu à tradução.*

se o chupasse ou acariciasse ou fizesse qualquer outra coisa, uma vez que tinham acabado, Webb abandonava a cama, e voltava para seus assuntos, e a ela só restava pôr uma boa expressão. Bem, maldito fosse, se o fizesse!

Sua melhor arma, o sexo, tinha resultado ineficaz contra ele, e queria gritar pela injustiça disso. Tratava-a como se fosse uma menina desobediente e não como uma adulta; sua mulher. Era mais atento com essa pirralha, Roanna, que com ela. Por Deus, estava farta de que a deixasse abandonada sozinha em casa enquanto que ele percorria todo o país. Dizia que eram negócios, mas estava segura que a metade de suas "urgentes" viagens surgia no último momento só para evitar que ela se divertisse. Precisamente o mês passado teve que voar à Chicago justo a manhã anterior que partiriam de férias às Bahamas. E depois, a semana passada, foi essa viagem à Nova Iorque.

Ele partiu durante três dias. Tinha-lhe pedido que a levasse com ele, morrendo de vontade, pensando nas lojas e teatros e restaurantes, mas ele lhe respondeu que não teria tempo para ela e se foi deixando-a ali. Simples assim. Bastardo arrogante; certamente estaria fodendo alguma idiota e subalterna secretária e não queria sua mulher ao redor para estragar os seus planos.

Mas ela se vingou. Um sorriso apareceu em seu rosto enquanto puxava as rédeas do cavalo e reconhecia ao homem que já estava convexo sobre a manta debaixo da grande árvore, quase escondido no pequeno e solitário claro. Era a vingança mais deliciosa que podia imaginar, resultando até mais doce por sua própria e incontrolável resposta. Às vezes, a assustava desejá-lo tão grosseiramente. Ele era um animal, totalmente imoral, tão rude em suas maneiras como Webb, mas sem a fria e cortante inteligência.

Recordou a primeira vez que o viu. Tinha sido pouco depois do funeral da sua mãe, depois que se mudou a Davencourt e se enrolou à Vovó para que a deixasse redecorar o quarto que tinha escolhido. Ela e a Vovó estavam na cidade escolhendo tecidos, mas a Vovó se encontrou na loja com uma de suas amigas e Jessie em seguida se aborreceu. Já tinha escolhido o tecido que gostava, assim não havia nenhuma razão para permanecer ali, escutando a duas velhas fofocar. Disse à Vovó que ia ao restaurante do lado para comprar uma Coca Cola e fugiu.

E o tinha feito; tinha aprendido depois que podia conseguir muito mais, se fazia o que realmente queria fazer depois de ter feito o que havia dito que ia fazer. Dessa maneira, não podia ser acusada de mentir. E as pessoas sabiam quão impulsivos eram os adolescentes. Assim, com a Coca gelada na mão, Jessie tinha se encaminhado para a banca de jornal onde se vendiam as revistas pornôs.

Em realidade não era um quiosque, a não ser uma pequena e lúgubre loja que vendia revistas de passatempos, um pouco de maquiagem e artigos de asseio, alguns artigos "higiênicos" como camisinhas, assim como jornais, bolsas de papel, e uma grande variedade de revistas. "Newsweeks" e "Good Housekeeping" estavam visivelmente expostas na parte dianteira com todas as demais revista aceitáveis, mas as que estavam proibidas eram mantidas em uma prateleira no fundo, atrás do mostrador, onde as crianças supostamente não deveriam entrar. Mas o velho encarregado, McElroy, tinha artrite e passava a maior parte do tempo sentado em uma cadeira detrás do caixa. Em realidade, não podia ver quem estava na área de traz se não se levantasse, e não o fazia quase nunca.

Jessie lançou ao velho McElroy um doce sorriso e caminhou à seção de cosméticos, onde tranquilamente inspecionou uns quantos batons e escolheu um brilho rosa transparente; se a pegassem, essa seria sua desculpa para estar nessa zona. Quando um cliente monopolizava sua atenção, ela escapulia fora de sua vista e se deslizava à parte de traz.

Mulheres nuas pulavam em várias estantes, mas Jessie só lhes dispensava um breve e desdenhoso olhar. Se quisesse ver uma mulher nua, o que tinha que fazer era tirar a roupa. O que gostava eram as revistas onde podia ver homens nus. Na maioria das vezes, seus pênis eram pequenos e flácidos, o que não lhe interessava para nada, mas às vezes havia uma foto de um homem com um bonito, longo, grosso e duro pau. Os nudistas diziam que não havia nada sexy em brincar de correr por aí nu, mas Jessie pensava que mentiam. Do contrário, por que esses homens ficavam duros como o garanhão da Vovó quando estava a ponto de montar a uma égua? Sempre que podia, escondia-se nos estábulos para olhar, embora todos se sentissem horrorizados, efetivamente se horrorizariam se soubessem.

Jessie sorriu com satisfação. Não sabiam, e nunca o farão. Era muito esperta para eles. Eram duas pessoas distintas, e nem sequer suspeitavam. Havia a Jessie pública, a princesa dos Davenports, a garota mais popular do colégio que enfeitiçava a todos com sua alegria e que rechaçava experimentar com álcool e cigarros, tal como faziam outras garotas. E depois havia a verdadeira Jessie, a que mantinha oculta, a que escondia as revistas pornôs debaixo da roupa e sorria amavelmente ao senhor McElroy quando saía da loja. A verdadeira Jessie roubava dinheiro do moedeiro de sua vovó, não porque houvesse algo que não pudesse ter apenas pedido, mas sim porque gostava da emoção.

A verdadeira Jessie adorava atormentar a essa pequena pirralha, Roanna, adorava beliscá-la quando ninguém a via, gostava de fazê-la chorar. Roanna era um porto seguro, porque ninguém gostava dela e sempre acreditariam antes em Jessie do que nela. Ultimamente, Jessie tinha começado a odiar de verdade à pirralha, era mais que uma simples antipatia. Webb sempre a estava defendendo por algo e isso a enfurecia. Como se atrevia a ficar a favor de Roanna em vez dela?

Um sorriso secreto curvou sua boca. Já lhe ensinaria quem mandava. Ultimamente tinha descoberto uma nova arma, já que seu corpo tinha amadurecido e mudado. Havia se sentido fascinada pelo sexo durante anos, mas agora fisicamente começava a igualar-se a sua maturidade mental. A única coisa que tinha que fazer era arquear as costas e respirar profundamente, empurrando seus seios para fora, e Webb os olhava tão fixamente que lhe custava muitíssimo aguentar a risada. Também a beijava e quando esfregava sua dianteira contra a dele, começava a respirar com força e sua vara ficava muito dura. Pensou em lhe deixar fazer amor com ela, mas uma inata astúcia a tinha detido. Ela e Webb viviam na mesma casa; corria muito risco de que outros o descobrissem, e isso poderia mudar a opinião que tinham dela.

Acabava de pegar uma das revistas pornôs quando um homem falou detrás dela, com voz baixa e rouca.

-O que faz uma bonita jovem como você aqui atrás?

Alarmada, Jessie retirou a mão e deu a volta, enfrentando-o. Sempre tinha tomado cuidado de que ninguém a visse nesta seção, mas não lhe tinha ouvido se aproximar. Elevou a cabeça olhando-o

com olhos assustados, piscando intensamente e se preparando para se meter na pele de uma ingênua adolescente que estava perambulado ali por acidente. O que viu nos ardorosos e incríveis olhos azuis que a estavam olhando a fez vacilar. Não parecia que este homem fosse acreditar em qualquer explicação que lhe desse.

-É a garota de Janet Davenport, verdade? - ele perguntou, mantendo a voz baixa.

Lentamente, Jessie assentiu. Agora que o tinha olhado bem, uma estranha emoção lhe percorreu o corpo. Provavelmente estaria na casa dos trinta, muito velho, mas era muito musculoso e a expressão nesses ardentes olhos azuis a fazia pensar que sabia coisas verdadeiramente sujas.

Ele resmungou.

-Já imaginava. Sinto pela sua mãe-. Embora ele tivesse dito as palavras adequadas, Jessie tinha a sensação que na realidade não se importava. Ele a olhava de cima abaixo, de uma forma que a fazia se sentir estranha, como se ela lhe pertencesse.

"Quem é você?" murmurou ela, dando um cauteloso olhar à parte dianteira da loja.

Um cruel sorriso revelou seus dentes brancos.

-O meu nome é Harper Neeley, querida. Já ouviu falar?

Ela conteve a respiração, porque conhecia o nome. Tinha bisbilhotado entre as coisas de sua mãe frequentemente.

–Sim -, disse ela, tão excitada que mal podia se manter quieta. -Você é meu pai.

Ele pareceu surpreso de que soubesse quem era, pensou agora, contemplando-o enquanto caminhava sob a árvore esperando-a. Mas apesar de quão excitada ela esteve ao conhecê-lo, ele pouco se importou que fosse a sua filha. Harper Neeley tinha um montão de filhos, e ao menos meia dúzia deles bastardos. Um a mais, embora este fosse um Davenport, não significava nada para ele. Tinha-a abordado só por gosto, não porque na verdade lhe importasse.

De alguma forma, isso a tinha excitado. Era como conhecer a Jessie oculta, indo por aí no corpo de seu pai.

Ele a fascinava. Durante esses últimos anos se empenhou em se encontrar com ele ocasionalmente. Era rude e egoísta, e às vezes tinha a sensação de que ria dela. Punha-a furiosa, mas cada vez que lhe via, ainda sentia essa mesma exaltação. Ele era tão desagradável, tão totalmente inaceitável em seu círculo social... E era seu.

Jessie não recordava bem o momento em que a excitação se converteu em sexual. É possível que sempre tivesse sido assim, mas não estava preparada para aceitar. Estivera tão concentrada em dobrar Webb, em se manter tão cuidadosa de dar uma satisfação somente quando estava segura, longe da área de sua casa, que simplesmente não lhe tinha ocorrido.

Mas um dia, por volta mais ou menos de um ano, quando o viu, a excitação habitual aumentou repentinamente, voltando-se quase brutal em sua intensidade. Estava furiosa com Webb, o que não era nada novo e Harper estava justo ali, seu musculoso corpo tentando-a, seus ardorosos olhos azuis vagando por seu corpo de uma maneira em que nenhum pai deveria olhar a sua filha.

Ela o tinha abraçado, apertando-se contra ele, lhe chamando "papai" docemente, e todo o tempo esteve esfregando seus seios contra ele, ondulando seus quadris contra seu sexo. Somente bastou isso. Ele sorriu, depois a agarrou grosseiramente pela virilha e a tombou no chão, onde caíram um sobre outro como animais.

Não podia se afastar dele. Ela tentou, sabendo que ele era perigoso, sabendo que não tinha poder para controlá-lo, mas ele a atraía como um ímã. Com ele, não adiantavam seus joguinhos, porque ele sabia perfeitamente o que ela era. Não havia nada que pudesse lhe dar e nada que ela quisesse dele, exceto o fogoso e doentio sexo. Ninguém jamais a havia fodido da forma que fazia seu papai. Não tinha que medir cada uma de suas reações ou tentar manipular sua resposta; a única coisa que devia fazer era deixar se levar pela luxúria. Estava disposta para o que ele quisesse fazer com ela. Ele era lixo, e isso ela adorava, porque era a melhor vingança que poderia ter escolhido. Quando pelas noites Webb se deitava a seu lado na cama, tinha bem merecido que estivesse dormindo com uma mulher que, só algumas horas antes, tinha estado pegajosa das secreções de Harper Neeley.

## Capítulo 4

Roanna seguiu fixamente Jessie com o olhar, enquanto esta se afastava cavalgando de Davencourt, seguindo para a parte montanhosa das terras dos Davenport. Normalmente Jessie preferia uma cavalgada menos exaustiva, por campos ou pastos planos. Porque se desviava de seu costume? Pensando bem, algumas vezes ela já tinha escolhido esse caminho para cavalgar. Roanna tinha notado, mas não tinha prestado atenção. Por alguma razão, desta vez estranhou.

Poderia ser que ela ainda estivesse ressentida pela última provocação de Jessie, embora, Deus sabia que não tinha sido o pior dos habituais ataques a sua frágil autoestima. Talvez fosse porque ela, diferentemente dos outros, não esperasse nada bom de Jessie. Talvez fosse por causa desse maldito perfume. Ela não tinha usado no almoço, pensou Roanna. Um aroma tão forte seria notado. Então porque se perfumou antes de sair sozinha para montar a cavalo?

A resposta lhe chegou com uma claridade deslumbrante.

-Tem um amante!- sussurrou para si mesma, quase embargada pelo choque. Jessie estava vendo alguém nas costas de Webb! Roanna, em nome de Webb, quase se sufoca de indignação. Como podia qualquer mulher, inclusive Jessie, ser tão estúpida para comprometer seu matrimônio?

Rapidamente, selou Buckley, atualmente sua favorita, e partiu na mesma direção que tinha visto sua prima seguir. A enorme égua tinha um passo longo, um pouco desigual que derrubaria qualquer outro cavaleiro com menos experiência, mas cobria as distâncias com um rápido galope. Roanna estava acostumada ao seu passo e se acomodou a seu ritmo, movendo-se ao compasso com fluidez enquanto posava seus olhos no chão, seguindo os rastros frescos do cavalo de Jessie.

Uma parte dela não queria acreditar que Jessie tivesse um amante - era muito bom para ser verdade e, além disso, Jessie era muito esperta para jogar tudo fora - mas não podia resistir à

tentadora possibilidade de ter razão. Alegremente riscava vagos planos de vingança contra Jessie por todos os anos de dor e desprezo, embora não soubesse exatamente como poderia fazê-lo. A verdadeira vingança não formava parte do caráter de Roanna. Antes acabaria dando um murro no nariz de Jessie, do que tramar e levar a cabo um plano em longo prazo e, certamente, desfrutaria de muito mais. Mas, simplesmente, não podia deixar passar a oportunidade de flagrar Jessie fazendo algo que não devia; normalmente era ela que fazia alguma besteira e Jessie sempre a colocava em evidência.

Não queria alcançar Jessie muito rápido, assim reduziu o passo de Buckley. O sol de Julho brilhava tão forte e sem piedade que deveria ter camuflado as cores das árvores, mas não o fazia. Sua cabeça queimava com o calor. Normalmente usava um boné de beisebol, mas ainda usava as calças de brim e a blusa de seda do almoço,o boné de beisebol, assim com suas botas, estavam em seu quarto.

Com esse calor, era fácil se atrasar. Parou e deixou que Buckley bebesse de um pequeno riacho e depois reatou sua pausada marcha. Uma leve brisa lhe acariciava o rosto e foi por isso que Buckley pôde sentir o aroma da montaria de Jessie e relinchou brandamente, avisando-a. Imediatamente retrocedeu, não queria que o outro cavalo alertasse Jessie de sua presença.

Depois de prender Buckley a um pequeno pinheiro, caminhou escondida através das árvores e subiu uma pequena colina. Suas sandálias de sola fina escorregaram sobre as folhas de pinheiro e, com impaciência, as tirou, depois subiu descalça o resto do caminho até o topo.

A montaria de Jessie estava aproximadamente a uns trinta metros abaixo, à esquerda, mordiscando pacientemente a erva. Uma enorme rocha salpicada de musgo sobressaía do topo da colina, e Roanna se deslizou por ela para se ajoelhar atrás do cume. Com cuidado, olhou pela lateral, tratando de localizar Jessie. Acreditava ouvir vozes, mas os sons eram estranhos, na realidade não eram palavras.

E então os viu, quase debaixo dela, e isso a fez se apoiar debilmente contra a quente superfície da rocha, o choque sacudindo seu corpo. Tinha pensado que flagraria Jessie encontrando-se com algum de seus amigos do clube de campo, talvez se beijando, mas

não *isso*. Sua própria experiência sexual era tão limitada que não poderia ter formado essas imagens em sua cabeça.

Um arbusto os ocultava parcialmente, mas ainda assim podia ver a manta, o pálido e magro corpo de Jessie e a forma morena, mais musculosa do homem em cima dela. Ambos estavam completamente nus, ele estava se movendo, ela se aferrava a ele e ambos emitiam uns sons que faziam Roanna se envergonhar. Não sabia quem era ele, só via a sua parte de cima e atrás da sua cabeça morena. Mas então ele saiu de cima de Jessie, ficando de joelhos, e Roanna tragou com força enquanto ficava olhando, com olhos esbugalhados. Nunca antes tinha visto um homem nu, e a impressão a chocou. Puxou Jessie até pô-la sobre suas mãos e joelhos e lhe açoitou o traseiro, rindo asperamente ante o apaixonado e gutural som que ela emitiu, e em seguida já estava introduzindo-se de novo dentro dela, tal como Roanna tinha visto fazer aos cavalos; e a melindrosa e requintada Jessie se agarrava à manta, arqueando as costas e empurrando seu traseiro contra ele.

Uma ardente onda de bílis subiu pela garganta de Roanna e ela se agachou detrás da rocha, apertando sua face contra a áspera pedra. Fechou os olhos com força, tentando controlar sua vontade de vomitar. Sentia-se intumescida e doente de desespero. Por Deus, o que faria Webb?

Tinha seguido Jessie por causa de um sujo e perverso desejo de causar problemas a sua odiosa prima, mas tinha esperado algo sem importância; beijos provocadores, se tivesse havido algum homem envolvido ou possivelmente que se encontrasse com alguns de seus amigos e escapasse para ir a algum bar ou algo do estilo. Fazia anos, depois que ambos foram viver em Davencourt, que Webb tinha posto fim severamente ao rancor de Jessie, ameaçando açoitá-la se ela não deixasse de atormentar Roanna; ameaça que Roanna tinha achado tão encantadora que tinha ficado durante dias tratando de provocar Jessie, somente para poder ver como a sua odiosa prima esquentava o traseiro. Webb, divertido, finalmente a levou a um canto e lhe advertiu que o castigo também poderia recair sobre ela, se não se comportasse. Esse mesmo impulso malicioso a tinha provocado hoje, mas o que encontrou era muito mais sério do que tinha esperado.

O peito de Roanna queimava com uma impotente raiva, e tragou convulsivamente. Mesmo quando se aborrecia e sentia rancor

pela sua prima, nunca pensou que Jessie fosse tão estúpida para ser infiel a Webb.

De novo sentiu náuseas, e rapidamente deu a volta para rodear-se com os braços e as pernas dobradas e assim poder apoiar a cabeça sobre elas. Seus movimentos fizeram rodar um pouco os cascalhos, mas estava o bastante longe, para que eles pudessem escutar algum som que fizesse e neste momento se encontrava muito enojada para que se importasse. De todas as formas, não estavam prestando nenhuma atenção ao que acontecia ao seu redor. Estavam muitos absortos em colocar e colocar. Deus, quão ridículos pareciam… E que vulgar, tudo de uma vez. Roanna se alegrou de não estar mais perto, encantada de que o arbusto, ao menos, a cobrisse parcialmente.

Poderia matar Jessie por fazer isto a Webb

Se Webb soubesse, possivelmente a mataria ele mesmo, pensou Roanna, e um calafrio a percorreu. Embora normalmente se controlasse, todo mundo que conhecia bem Webb era consciente de seu temperamento e se precaviam muito de não provocá-lo. Jessie era uma imbecil, uma estúpida e maliciosa imbecil.

Mas possivelmente acreditasse que estava a salvo de ser descoberta, já que Webb não retornaria de Nashville até esta noite. E depois, pensou Roanna enojada, Jessie estaria banhada e perfumada, esperando-o e usando um bonito vestido e sorrindo enquanto que em seu interior riria dele porque somente umas horas antes estava fodendo no bosque com outro.

Webb merecia algo melhor. Mas ela não podia dizer, pensou Roanna. Jamais poderia contar a alguém. Se fizesse isso, certamente o que ocorreria é que Jessie mentiria até escapar da confusão, dizendo que Roanna só estava ciumenta e que tentava lhe causar problemas e todo mundo acreditaria. Roanna tinha ciúmes e todos sabiam. E então Webb e a Vovó se zangariam com ela em vez de Jessie. A Vovó já estava exasperada com ela a maior parte do tempo por uma coisa ou outra, mas não poderia suportar que Webb se zangasse com ela.

A outra possibilidade seria que Webb acreditasse. Mataria realmente Jessie, e então estaria em uma boa confusão. Não poderia suportar que lhe acontecesse algo. Poderia ser que ele averiguasse de outra forma, mas ela não podia evitar isso. A única coisa que

podia fazer era calar e rezar, para que se ele descobrisse, não fizesse nada para que pudesse ser preso.

Roanna saiu de seu esconderijo depois da rocha e rapidamente se encaminhou de volta pela colina e através dos pinheiros onde tinha deixado Buckley pastando. Ele soprou dando boas vindas e a empurrou com o nariz. Obedientemente ela lhe acariciou a grande cabeça, coçando atrás das orelhas, mas sua mente não estava no que fazia. Montou e sem fazer ruído se afastou da cena do adultério de Jessie, voltando para os estábulos. A aflição pesava enormemente sobre seus magros ombros.

Não podia entender o que tinha visto. Como podia qualquer mulher, inclusive Jessie, não estar satisfeita com Webb? Durante os dez anos que levava vivendo em Davencourt, intensificou-se a adoração de Roanna por seu herói de infância. Aos dezessete, deu-se dolorosamente conta da resposta de outras mulheres por ele, portanto sabia que não apenas ela pensava assim. As mulheres olhavam Webb inconsciente ou não tão inconscientemente, com desejo nos olhos. Roanna tratava de não lhe olhar dessa maneira, mas sabia que nem sempre tinha êxito, já que Jessie às vezes dizia algo mordaz sobre ela estar babando na presença de Webb e sendo um incômodo. Ela não podia evitar. Cada vez que o via, era como se seu coração desse um grande tombo antes de começar a pulsar tão forte que às vezes não podia nem respirar, e ela toda se sentia invadida por uma grande onda de calor e formigamento. Possivelmente era pela falta de oxigênio. Não acreditava que o amor causasse formigamento.

Porque o amava, muito, de uma maneira que Jessie jamais faria ou poderia.

Webb. Com seu cabelo escuro, seus frios olhos verdes e o preguiçoso sorriso que a deixava tonta de prazer. Seu corpo alto e musculoso a fazia sentir ao mesmo tempo frio e calor, como se tivesse febre; essa reação tão estranha a preocupava há alguns anos e piorava cada vez que o via nadar, levando tão somente uma pequena e justa roupa de banho. Sua grave e preguiçosa voz e a forma com que franzia o cenho a todos até que tomasse seu café da manhã. Só tinha vinte e quatro anos e já comandava Davencourt, ainda que a vovó desse a sua opinião. Quando estava zangado, seus olhos verdes ficavam tão frios que pareciam uma geleira e a preguiça em seu tom desaparecia abruptamente, convertendo suas palavras

em cortantes e mordazes.

Ela conhecia bem suas mudanças de humor, quando estava cansado, como gostava que lavassem a sua roupa. Conhecia sua comida favorita, suas cores favoritas, a equipe esportiva que seguia, o que o fazia rir e o que o fazia zangar-se. Sabia o que lia e em quem votava. Durante dez anos tinha absorvido cada ínfimo detalhe sobre sua pessoa, voltando-se para ele como uma tímida violeta fazia à luz do sol. Desde que morreram seus pais, Webb tinha sido tanto seu defensor como seu confidente. Sobre ele tinha descarregado todos seus medos e fantasias infantis, era ele quem a consolava quando tinha pesadelos ou quando se sentia sozinha e assustada.

Mas bem sabia que apesar de seu amor, jamais tinha tido uma oportunidade com ele. Sempre tinha sido de Jessie. Isso era o mais doloroso, que ela poderia ter se devotado de corpo e alma e ainda assim ele teria casado com Jessie. Jessie, que às vezes parecia como se o odiasse. Jessie, que lhe era infiel.

Ardentes lágrimas queimavam os olhos de Roanna, e ela as secou. Não tinha sentido chorar, mas não podia evitar se sentir ressentida.

Desde o dia em que Jessie e ela foram viver em Davencourt, Webb tinha contemplado Jessie com um frio e possessivo olhar em seus olhos. Jessie tinha saído com outros garotos e ele tinha saído com outras garotas, mas era apenas como se lhe desse um pouco de corda e quando esticava muito, ele a puxava para pô-la em seu lugar. Desde o começo, ele havia possuído o controle da sua relação. Webb era o único homem que Jessie não podia enrolar ou intimidar com sua personalidade. Uma simples palavra dele podia fazê-la claudicar, façanha que nem sequer a Vovó podia igualar.

A única esperança de Roanna era que Jessie se negasse a se casar com ele, mas essa ilusão foi tão efêmera que resultou quase inexistente. No momento em que a Vovó anunciou que Webb herdaria Davencourt, mais sua parte das ações do império Davenport, que eram cinquenta por cento, fez-se dolorosamente óbvio que Jessie se casaria com ele ainda que fosse o homem mais desagradável e mesquinho da terra, coisa que ele não era. Jessie tinha herdado vinte e cinco por cento de Janet, e Roanna possuía os outros vinte e cinco por cento de seu pai. Jessie via a si mesma como a Princesa de Davencourt, com a implícita segurança de se converter em Rainha

casando-se com Webb. De maneira nenhuma teria aceitado um papel menor se casando com outro.

Mas Jessie também estava fascinada por Webb. O fato de que não pudesse lhe dominar como fazia com outros rapazes, irritava-a e a fascinava, fazendo-a dançar a seu som. Certamente pensou, com sua excessiva vaidade, que uma vez que estivessem casados, ela poderia dominá-lo com o sexo, concedendo ou lhe negando seus favores, conforme a agradasse ou não.

E inclusive nisso, ficou desapontada também. Roanna sabia que o matrimônio não era feliz e se sentia secretamente agradada. Embora se sentisse envergonhada por isso, porque Webb merecia ser feliz embora Jessie não o merecesse.

Mas como tinha desfrutado cada vez que Jessie não se saia com a sua! Sempre soube que, embora Webb fosse capaz de controlar seu caráter, Jessie nunca o tentava. Quando estava zangada, bramava, fazia beicinho e se zangava. Nos dois anos que estavam casados, as brigas tinham sido frequentes os gritos de Jessie se escutavam por toda a casa, entristecendo a Vovó.

Nada que Jessie fizesse, entretanto, influenciava Webb para que mudasse qualquer decisão que a desagradasse. Estavam quase constantemente absorvidos em uma batalha, com Webb determinado a fiscalizar Davencourt e fazer o melhor por seus investimentos, uma tarefa hercúlea que frequentemente o mantinha trabalhando durante dezoito horas ao dia. Para Roanna era óbvio que Webb era um adulto responsável, mas só tinha vinte e quatro anos e uma vez ele comentou que sua idade não lhe favorecia, que tinha que trabalhar e esforçar o dobro que outros para demonstrar sua importância ante os empresários mais velhos e melhor estabelecidos. Essa era sua principal preocupação,e ela o amava por isso.

Um marido viciado no trabalho, entretanto, não era o que Jessie desejava. Ela queria viajar de férias a Europa, mas ele tinha reuniões programadas de trabalho. Ela queria ir para Aspen em plena temporada de ski, ele pensava que era uma perda de tempo e dinheiro já que ela não sabia esquiar e não estava interessada em aprender. A única coisa que ela queria é que a vissem e ser vista. Quando perdeu a carteira de motorista por causa de quatro multas de velocidade em seis meses ela teria seguido conduzindo alegremente contando com a influência do sobrenome Davenport para mantê-la a

salvo de problemas, mas Webb lhe tinha confiscado todas as chaves de seus carros, e lhe tinha proibido severamente a todos que lhe emprestassem as suas, e a tinha deixado em casa durante um mês antes de lhe contratar um motorista. O que mais a enfureceu foi que ela tratou de contratar um chofer antes, mas Webb se adiantou e o impediu. Não tinha sido difícil; não havia tantos serviços de limusines na área de Shoals, e não queriam se indispor com ele. Durante esse infernal mês só a Vovó se livrou da língua viperina de Jessie, que esteve destrambelhando como uma adolescente rebelde.

Talvez deitar-se com outros homens fosse à maneira em que Jessie se vingava de Webb por não deixá-la se sobressair, pensou Roanna. Ela era bastante teimosa e rancorosa para fazê-lo.

Roanna era amargamente consciente de que teria sido uma esposa muito melhor para Webb do que Jessie, mas ninguém tinha levado isso em conta, e Webb muito menos. Roanna era incrivelmente observadora, um traço desenvolvido por toda uma vida de ter sido deixada de lado. Amava Webb, mas não subestimava sua ambição. Se a Vovó tivesse deixado bem claro que lhe agradaria enormemente que se casasse com Roanna, da mesma forma em que o fez com Jessie, então certamente agora estariam comprometidos. Ok, Webb nunca a olharia como olhava Jessie, pois era muito jovem. Com Davencourt na balança, ele a teria escolhido, sabia que o teria feito. Ela não teria se importado saber que ele queria mais a Davencourt que a ela. Casar-se-ia com Webb de qualquer maneira, ficaria agradecida apenas tendo um pouco de sua atenção. Porque não podia ter sido ela? Porque Jessie?

Por que Jessie era linda e sempre tinha sido a favorita da Vovó. No início, Roanna tentou com todas as suas forças, mas nunca tinha sido tão elegante nem possuído a graça social ou tido o bom gosto de Jessie para a roupa e a decoração. Certamente, nunca seria tão bonita. Não se olhava em um espelho cor de rosa. Era consciente de seu abundante, denso e emaranhado cabelo, mais castanho que avermelhado, e de seu ossudo e angular rosto com os estranhos e enviesados olhos castanhos, do vulto sobre a ponta de seu longo nariz e de sua boca muito grande. Era magra como um pau e desajeitada, e mal se notava seus seios. Desesperada, sabia que ninguém, especialmente nenhum homem, a escolheria de bom grado à Jessie. Jessie, que aos dezessete anos tinha sido a garota mais popular do colégio, enquanto que Roanna, à mesma idade, nunca tinha tido um encontro. A Vovó tinha providenciado que ela tivesse

“acompanhantes” para os atos aos que tinha sido obrigada a comparecer, mas os moços evidentemente tinham sido obrigados por suas mães para o compromisso e Roanna sempre se sentiu envergonhada e deslocada. Nenhum dos recrutados jamais se ofereceram voluntariamente para estar em sua companhia.

Desde o casamento de Webb, Roanna tinha deixado quase que completamente de tentar se encaixar no modelo que sua Vovó tinha escolhido para ela; no adequado modelo social para uma Davenport. Que sentido tinha? Webb já era inalcançável. Começou a se retrair, passando o maior tempo possível com os cavalos. Sentia-se relaxada com eles, de uma maneira que nunca se sentia com as pessoas, porque aos cavalos não importava como ela se vestia ou se tinha derrubado outra vez o copo no jantar. Os cavalos respondiam a seu suave e gentil toque, ao som especial de sua voz quando lhes falava, ao amor e ao carinho que ela lhes dispensava. Nunca era desajeitada quando estava com um cavalo. De algum jeito seu magro corpo se acoplava ao ritmo do poderoso animal que levava debaixo e se convertia em um com ele, sendo parte de sua força e sua elegância. Loyal dizia que nunca tinha visto ninguém cavalgar tão bem como ela, nem sequer o senhor Webb - e ele montava como se tivesse nascido em cima de uma sela. A única coisa que a Vovó elogiava dela era sua habilidade para cavalgar.

Mas ela renunciaria a seus cavalos se pudesse ter Webb. Esta era sua oportunidade de romper seu matrimônio, mas não podia segurá-la, não se atrevia a tomá-la. Não podia feri-lo assim, não podia se arriscar a que perdesse o controle e fizesse algo irremediável.

Buckley sentia sua agitação, os cavalos sempre o faziam, e começou a virar em volta nervosamente. Roanna bruscamente voltou sua atenção ao que estava fazendo e tentou acalmá-lo, afagando o pescoço e lhe falando, mas não podia oferecer toda a sua atenção. Apesar do calor, uma onda de calafrios percorreu seu corpo e, de novo, sentiu como se fosse vomitar.

Loyal tinha mais afinidade com os cavalos do que com as pessoas, mas franziu o cenho quando lhe viu o rosto e se aproximou para tomar as bridas de Buckley enquanto ela saltava da sela.

- O que acontece?- perguntou sem rodeios.

-Nada -, disse ela, passando uma mão trêmula pelo rosto. -

Acredito que tomei muito sol. Eu esqueci o boné.

-Já deveria saber -, ele repreendeu. –Vá para casa e toma uma limonada fria, e depois descanse um momento. Eu cuidarei de Buck.

-Sempre me disse que devo cuidar do meu próprio cavalo-, disse ela, protestando, mas ele a sossegou com um gesto de mão.

-E agora eu estou dizendo que vá. Anda. Se não é o suficientemente sensata para cuidar de si mesma, não acredito que possa cuidar de Buck.

-Muito bem. Obrigada -. Conseguiu esboçar um débil sorriso, porque sabia que devia parecer verdadeiramente doente para que Loyal quebrasse suas regras sobre os cavalos e queria tranquiliza-lo. E, de verdade, estava doente, doente do coração, e tão cheia de raiva e impotência que pensava que ia explodir. Odiava isto, odiava o que tinha visto, odiava Jessie por fazê-lo, odiava Webb por consentir que o amasse e por pô-la nesta situação.

Não, pensou ela, enquanto ia correndo para a casa, desconsolada pela ideia. Não odiava Webb, jamais poderia odiá-lo. Teria sido melhor para ela que não o amasse, mas não podia deixar de fazê-lo como tampouco podia impedir que o sol saísse à manhã seguinte.

Ninguém a viu quando ela entrou pela porta principal. O grande hall estava vazio, embora ouvisse Tansy cantando na cozinha e um televisor ligado no escritório. Provavelmente Tio Harlan estaria vendo algum programa de jogos desses que tanto gostava. Lentamente Roanna subiu as escadas, não queria falar com ninguém nesse momento.

O quarto da Vovó estava na parte dianteira da casa, a primeira porta à direita. O quarto de Jessie e Webb estava em frente à esquerda. Nos últimos anos, finalmente Roanna se acomodou em uns dos quartos da parte posterior, longe de todos, mas, para seu desgosto, viu que Tia Gloria e Tio Harlan tinham escolhido o quarto do meio na parte direita da casa e a porta estava aberta, as vozes da Vovó e Tia Gloria vinham de dentro. Prestando atenção, Roanna também pôde distinguir a voz da governanta, Bessie, enquanto desempacotava suas roupas. Não queria ver nenhum deles, especialmente não queria dar a Tia Gloria a oportunidade de mexer com ela, assim, retrocedeu e saiu pelas janelas para a galeria

superior que circundava a casa em sua totalidade. Através dela, e tomando a direção oposta rodeou a casa até que chegou às janelas do seu quarto, obtendo abrigo.

Não sabia como ia poder olhar Jessie de novo sem nunca poder lhe gritar e esbofetear sua estúpida e odiosa cara. As lágrimas rodaram por suas faces e, zangada, as limpou. Chorar nunca lhe tinha servido de nada; não lhe havia devolvido a mamãe nem a papai, não a tinha convertido em alguém melhor, não tinha impedido que Webb se casasse com Jessie. Há muito tempo tinha lutado por conter suas lágrimas e fingir que as coisas não lhe faziam mal, embora, às vezes, se sentisse como se fosse se engasgar com sua própria dor e humilhação.

Mas tinha sido tal o choque de ver Jessie e a esse homem fazendo-o. Não era estúpida, tinha ido ver algumas vezes um filme inapropriado, mas, na verdade, não mostrava nada, exceto os seios das mulheres e tudo estava muito bem adornado, com música romântica de fundo. E uma vez tinha visto os cavalos fazê-lo, mas em realidade não foi capaz de ver nada, já que tinha escapulido aos estábulos com esse propósito, mas não pôde encontrar um ângulo adequado. Como os sons a assustaram, nunca tentou de novo.

A realidade não era comparável com os filmes. Não tinha sido nada romântico. O que tinha visto tinha sido cru e brutal e queria apagá-lo de sua memória.

Tomou outra ducha e depois desabou em cima da cama, esgotada pelo transtorno emocional. Talvez tivesse adormecido - não estava segura - mas, de repente, o quarto estava mais escuro, se aproximando o crepúsculo, e ela perdeu o jantar. Outro ponto contra, pensou, e suspirou.

Agora se sentia mais calma, quase intumescida. Para sua surpresa, inclusive estava faminta. Vestiu uma roupa limpa e desceu com dificuldade as escadas traseiras para a cozinha. Tansy já tinha recolhido tudo e lavado a louça e havia ido para sua casa, mas a geladeira de tamanho industrial de aço inoxidável estaria repleta de sobras.

Ela estava mordiscando uma coxa de frango frio e um pãozinho, com um copo de chá junto a seu cotovelo, quando a porta da cozinha se abriu e Webb entrou. Ele parecia cansado e tinha tirado tanto a gravata como o paletó, este último pendurava por cima de

seu ombro com um dedo curvado. Os dois botões superiores de sua camisa estavam desabotoados. Quando o viu, o coração de Roanna, como sempre, deu um salto. Mesmo que estivesse cansado e desalinhado, era maravilhoso. De novo, as náuseas invadiram seu estômago ao pensar no que Jessie estava lhe fazendo.

-Ainda está comendo?- zombou ele com fingida surpresa, seus olhos verdes faiscando.

-Tenho que conservar minhas forças -, disse ela, caindo em sua leveza usual, mas não conseguindo totalmente. Havia uma tristeza em sua voz que não podia ocultar e Webb lhe dirigiu um ardiloso olhar.

-O que fez agora? - perguntou-lhe, pegando um copo do armário e abrindo a geladeira para colocar um pouco de chá gelado.

-Nada fora do normal -, assegurou-lhe, conseguindo esboçar um irônico e torcido sorriso. -Abri minha boca grande no almoço e tanto a Vovó como a Tia Gloria estão zangadas comigo.

- Bem, e o que disse desta vez?

-Estávamos falando sobre carros, e disse que queria um dos Pontiac Grand Pricks.

Seus largos ombros se estremeceram enquanto controlava um acesso de risada, convertendo-a em uma tosse. Deixou-se cair na cadeira que estava seu lado.

-Por Deus, Rô.

-Já sei -. Suspirou ela. Simplesmente me escapou. Tia Glória fez um de seus depreciativos comentários sobre minha forma de comer e eu queria deixá-la boquiaberta -. Fez uma pausa. -Funcionou.

-O que Tia Lucinda fez?

- Mandou-me sair da mesa. Não a vi depois -. Ela beliscou o pãozinho, reduzindo-o a um punhado de miolos, até que a forte mão de Webb cobriu a sua e deteve o gesto.

-Tinha comido algo antes de abandonar a mesa?- ele perguntou, e agora havia um tom severo em sua voz.

Ela fez uma careta, sabendo o que veria a seguir.

-Sim. Comi um pãozinho e um pouco de atum.

-Um pãozinho inteiro? E quanto de atum?

-Bom, pode ser que não fosse um pãozinho inteiro.

-Mais do que este que comeu?

Olhou o pão destroçado em seu prato, como avaliando cuidadosamente cada miolo e sentiu alivio ao poder dizer,

-Mais.

Não muito mais, mas mais era mais. Sua expressão lhe disse que não o tinha enganado, mas de momento ele deixou para lá.

-Muito bem. Quanto de atum? Quantas garfadas?

-Não as contei!

-Mais de duas?

Ela tentou recordar. Sabia que se tinha comido duas garfadas somente para mostrar a Tia Gloria que seu ataque verbal não a tinha afetado. Podia tentar adornar a verdade, mas não mentiria descaradamente a Webb e ele sabia, assim continuaria interrogando-a até que fosse mais explícita. Com um leve suspiro ela disse,

- Acredito que duas.

-Comeu algo depois? Algo mais que isso?

Ela negou com a cabeça.

-Rô -. Girou a cadeira para ficar em frente e pôs seu braço ao redor de seus magros ombros apertando-a contra ele. Seu calor e sua força a envolveram como sempre. Roanna enterrou sua despenteada cabeça contra seu largo ombro e a felicidade a alagou. Quando era jovem, os abraços de Webb tinham sido o paraíso para uma aterrorizada e não amada menina. Agora era mais velha e a qualidade do prazer tinha mudado. Havia um embriagador e leve aroma almiscarado em sua pele que fazia que seu coração pulsasse mais depressa e que desejasse se aferrar a ele.

-Tem que comer, bebê -, ele disse persuasivo, mas com tom firme. -Sei que a desagrada e perde o apetite, mas posso dizer que perdeu ainda mais peso. Vai prejudicar a sua saúde se não começar a

comer mais.

-Sei o que está pensando -, ela retrucou, levantando a cabeça de seu ombro e o olhou carrancuda. -Mas eu não me provoco vomito ou algo pelo estilo.

-Por Deus, como iria fazer isso? Se nunca há nada em seu estômago para que possa vomitar? Se não comer, muito em breve não terá a força suficiente para trabalhar com os cavalos. É isso o que quer?

-Não!

-Então coma.

Ela olhou a coxa de frango com a expressão triste.

– Eu tento, mas eu não gosto do sabor de muitas comidas e as pessoas estão sempre criticando minha forma de comer e a comida se converte em uma grande bola que não posso engolir.

-Esta manhã comeu uma torrada comigo e engoliu muito bem.

- Você não grita e nem zomba de mim -, murmurou ela.

Ele acariciou o seu cabelo, afastando de seu rosto o cabelo castanho escuro. Pobre pequena Rô. Sempre tinha ansiado a aprovação de tia Lucinda, mas era muito rebelde para modificar seu comportamento e assim obtê-la. Poderia ser que tivesse razão; não é que fosse uma delinquente juvenil ou algo parecido. Só era diferente, uma extravagante flor silvestre crescendo em meio a um tranquilo e bem ordenado jardim de rosas sulinas e ninguém sabia muito bem o que fazer com ela. Não deveria estar implorando o amor ou a aprovação de sua família; Tia Lucinda deveria amá-la simplesmente pelo que era. Mas, para Tia Lucinda, a perfeição era sua outra neta, Jessie, e sempre tinha feito Roanna saber que estava abaixo dela em qualquer aspecto. A boca de Webb se contraiu. Em sua opinião, Jessie estava muito longe de ser perfeita e estava cansado e farto de esperar que tivessem um pouco de complacência.

A atitude de Jessie tinha muito a ver com a incapacidade de Roanna para comer. Ele tinha deixado passar durante muitos anos enquanto se dedicava à enorme tarefa de aprender como comandar todas as empresas Davenport, reduzindo quatro anos de universidade a três e depois fazendo um mestrado em administração. Mas era

óbvio que a situação não ia se resolver sozinha. Pelo bem de Roanna, teria que se impor tanto ante Tia Lucinda quanto Jessie.

Roanna necessitava de tranquilidade, um ambiente pacífico onde seus nervos pudessem se acalmar e seu estômago relaxar. Se Tia Lucinda e Jessie - e agora também Tia Gloria - não podiam ou não queriam deixar de criticar constantemente Roanna, então não deixaria que Roanna comesse com elas. Tia Lucinda sempre tinha insistido que se sentassem todos juntos à mesa e que Roanna cumprisse com os padrões sociais, mas ignoraria isso. Se ia comer melhor com as comidas servidas em uma bandeja na tranquilidade de seu quarto, ou inclusive se preferia nos estábulos, então seria ali onde a teria. Se estar separada da família a fazia se sentir exilada, em vez do alívio que ele pensava que sentiria, então comeria com ela nos estábulos. Simplesmente, isso não podia continuar assim, já que Roanna estava se matando de fome.

Sem pensar, ele a sentou em seu colo, como quando era uma menina. Agora era um pouco mais alta, mas não pesava muito mais então e o temor lhe embargou quando rodeou assustado seu frágil pulso com seus longos dedos. Esta pequena prima sempre tinha despertado seu lado protetor e o que sempre gostou nela tinha sido sua valentia, sua disposição a contra-atacar sem medir as consequências. Era cheia de humor e malícia, Tia Lucinda tentava apagar esses traços.

Ela sempre se havia aconchegado contra ele como um gatinho e fez o mesmo agora automaticamente, esfregando sua face contra sua camisa. Uma pequena pontada de consciência física lhe surpreendeu, fazendo que suas escuras sobrancelhas se franzissem em um assombrado cenho.

Olhou-a. Roanna era, infelizmente, imatura para sua idade, carecia das habituais habilidades sociais e as defesas que os adolescentes desenvolviam ao se relacionar entre si. Enfrentava a desaprovação e a rejeição em casa assim como no colégio; Roanna tinha respondido encerrando-se em si mesma, assim nunca aprendeu a se relacionar com os meninos de sua mesma idade. Por esse motivo, inconscientemente, sempre tinha pensado nela como se ainda fosse uma menina, que necessitasse de seu amparo e possivelmente ainda o necessitasse. Mas embora ainda não fosse uma adulta, fisicamente tampouco era ainda uma menina.

Podia ver a curva de sua face, suas longas e escuras pestanas, a transparência da pele de sua têmpora aonde as frágeis veias azuis se viam da superfície. A textura de sua pele era suave, sedosa e emanava uma cálida e doce essência de mulher. Seus seios eram pequenos, mas firmes, e podia sentir o mamilo, pequeno e duro como uma borracha, do seio que apertava contra ele. A pontada de consciência física se intensificou em um repentino e definitivo estremecimento em seu corpo e, de repente, foi consciente de quão redondas eram suas nádegas e quão docemente se aninhavam sobre suas coxas.

Depois de conter um grunhido, a afastou um pouco, o suficiente para que seu quadril deixasse de se esfregar contra seu endurecido pênis. Roanna era extraordinariamente inocente para sua idade, nunca tinha tido um encontro, duvidava inclusive de que a tivessem beijado. Não tinha nem ideia do que lhe estava fazendo e ele não queria envergonhá-la. Era sua culpa por sentá-la em seu colo como se ainda fosse uma menina. De agora em diante teria que ter mais cuidado, embora possivelmente isto tenha sido uma casualidade. Tinha passado mais de quatro meses desde que tinha tido sexo com Jessie, já estava malditamente cansado e farto de que ela tratasse de lhe manipular com seu corpo.

Seus encontros pouco tinham a ver com fazer amor, eram, antes, uma luta pela dominação. Maldita seja, duvidava que Jessie entendesse sequer o conceito de fazer amor, a mútua troca de prazer. Mas ele era jovem e são e quatro meses de abstinência o tinham deixado extremamente tenso, tanto que até o magro corpo de Roanna podia excitá-lo.

Bruscamente se concentrou de novo no problema que tinha nas mãos.

-Façamos um trato -, disse. -Prometo que ninguém dirá nada sobre sua forma de comer, e se alguém o fizer, você me diz e eu me ocupo disso. E você, coração, começará a comer com regularidade. Faça por mim. Prometa-o.

Ela elevou a vista para ele e seus olhos da cor do uísque resplandeciam com esse suave e adorável brilho que reservava só para ele.

-Ok -, murmurou ela. - Por você.

Ela faria qualquer coisa por ele. Então o desejo se voltou tão intenso que já não pôde contê-lo por mais tempo e ela fez o que tinha desejado fazer durante tanto tempo que parecia como se o tivesse desejado durante toda sua vida. Rodeou-lhe o pescoço com os braços e o beijou.

Seus lábios eram firmes e quentes, com um toque de tentação e um sabor que a fez tremer de desejo. Notou-o sobressaltar-se, como se o tivesse assustado e notou que suas mãos se moviam pela sua cintura e a seguravam como se quisesse afastá-la dele.

-Não -, soluçou, subitamente aterrorizada de que pudesse afastá-la. - Por favor, Webb. Abrace-me -. E abraçando-o com mais intensidade o beijou com mais força, atrevendo-se timidamente a lamber seus lábios tal e como tinha visto em um filme.

Ele tremeu, um forte estremecimento percorreu seu musculoso corpo, e suas mãos se fecharam com mais força sobre ela.

-Rô… - começou, e a língua dela se deslizou entre seus lábios abertos.

Ele gemeu com todo o corpo em tensão. E, então, repentinamente, abriu a boca e começou a movê-la, e ela perdeu por completo o controle sobre o beijo. Seus braços se apertaram com força ao redor dela e sua língua se introduziu profundamente em sua boca. O pescoço de Roanna caiu para trás sob seu impulso e seus sentidos se debilitaram sob o violento ataque. Tinha pensado nos beijos, inclusive tinha praticado de noite com um travesseiro, mas nunca teria imaginado que um beijo pudesse fazê-la sentir tão débil e quente, ou que seu sabor fosse tão delicioso, ou que senti-lo contra ela pudesse desatar um desejo tão imenso.

Ela retorceu-se sobre seu colo, tratando de pegar-se mais a ele e com ferocidade ele a girou para que seus seios se apertassem contra seu torso.

-Bastardo infiel!

O alarido ressonou nos ouvidos de Roanna. Ela saltou do colo de Webb, com o rosto pálido, enquanto girava para sua prima. As feições de Jessie estavam distorcidas pela raiva enquanto permanecia parada na porta, olhando-os com ódio, suas mãos apertadas em punho.

Webb se levantou. O rubor coloriu suas maçãs do rosto, mas seu olhar era firme enquanto encarava a sua esposa.

-Acalme-se -, disse em voz fraca. -Posso explicar.

-Melhor que sim, - zombou ela. -Isto deve ser bom. Maldito seja! Não é de se estranhar que não estivesse interessado em me tocar! Todo este tempo esteve fodendo a esta estúpida e pequena vagabunda!

Uma névoa vermelha invadiu a visão de Roanna. Como se atrevia Jessie a falar com Webb dessa forma, depois do que tinha feito esta mesma tarde!

Sem dar-se conta de que se movia, viu-se de repente frente à Jessie, e a empurrou contra a parede tão forte que sua cabeça ricocheteou contra ela.

-Roanna, pare! - Disse Webb asperamente, agarrando-a e apartando-a bruscamente a um lado.

Jessie se endireitou e retirou o cabelo dos olhos. Rápida como um gato passou na frente de Webb e esbofeteou Roanna com todas suas forças. Webb a agarrou e a afastou, sujeitando-a firmemente pela gola da blusa enquanto agarrava Roanna pela nuca.

-Já é suficiente, maldição -, disse com os dentes apertados. Webb não estava acostumado a amaldiçoar diante das mulheres e o fato de fazê-lo agora delatava a enormidade de seu aborrecimento. -Jessie, não tem sentido meter nisso toda a casa. Falaremos disso lá em cima.

-Falaremos disso lá em cima -, imitou-o ela. -Vamos falar disso aqui mesmo, maldito! Quer mantê-lo em segredo? Azar seu! Amanhã de noite toda Tuscumbia saberá de suas preferências pelas garotinhas, porque eu vou gritar aos quatro ventos.

-Cale-se -, explodiu Roanna, ignorando a face que lhe ardia e olhando Jessie com ódio. Tentou se liberar de Webb, que a tinha dolorosamente presa pela nuca, mas ele se limitou a sujeitá-la com mais força.

Jessie a cuspiu.

-Sempre ficou atrás dele, sua puta -, gritou. –Planejou tudo para que eu os encontrasse juntos, não foi? Sabia que eu ia descer à

cozinha. Não estava feliz de fodê-lo às minhas costas, queria me esfregar isso pelo nariz de uma vez por todas.

O alcance da mentira era tal que deixou Roanna atônita. Ela olhou para Webb e captou o súbito brilho da suspeita e a condenação em seus olhos.

- Calem-se -, grunhiu ele, em voz tão grave e gelada, que um calafrio percorreu suas costas. -Jessie. Vamos. Agora -. Soltou Roanna e levou Jessie quase arrastada para a porta. Ali parou e lançou a Roanna um olhar tão gélido que a cortou como uma faca. – Depois cuidarei de você.

A porta se fechou com uma pancada detrás deles. Roanna se apoiou debilmente contra os armários e cobriu o rosto com as mãos.

Meu Deus, jamais quis que passasse isto. Agora, Webb a odiava e não poderia suportar. A dor aflorou em seu interior, lhe entupindo a garganta, sufocando-a. Nunca tinha sido adversária para Jessie que a superava em astúcia e engano, e mais uma vez o tinha demonstrado, lançando, sem esforço, uma mentira que poria Webb contra ela. Agora ele pensaria que ela tinha feito tudo de propósito e nunca, nunca a amaria.

A Vovó não ia perdoar este confusão. Balançou-se para frente e para trás, afligida de tristeza, perguntando-se se a mandariam longe dali. Jessie havia dito à Vovó que Roanna deveria ir a um internato feminino no norte, mas Roanna não quis ir e Webb a apoiou, mas agora duvidava que Webb movesse um só dedo embora a enviassem ao deserto de Gobi. Nunca a perdoaria por lhe haver causado tantos problemas, embora conseguisse convencê-lo de que Jessie tinha mentido, coisa que duvidava poder fazer. De acordo com sua experiência, sempre acreditavam em Jessie.

Em apenas minutos seu mundo se derrubou a seu redor. Tinha sido incrivelmente feliz esses breves e doces momentos em seus braços e, de repente, tudo se converteu em um inferno. Provavelmente teria que ir-se e perderia Webb para sempre.

Não era justo. Era Jessie quem era uma puta. Roanna não se atrevia a contar, não podia dizê-lo, passasse o que passasse. Não se podia defender das maliciosas mentiras que Jessie, inclusive agora, contava sobre ela.

-Odeio-te -, murmurou inaudível, à sua ausente prima. Ela se

encolheu contra os armários como se tratasse de um pequeno e assustado, seu coração martelando tão fortemente contra suas costelas que estava a ponto de desmaiar. -Quisera que morresse.

## Capítulo 5

Roanna permanecia encolhida em sua cama. Sentia-se miseravelmente gelada apesar do calor dessa noite de verão e estava tão longe de sentir sono desde quando correu escada acima ao seu quarto.

As horas que tinham passado, desde que Jessie a surpreendeu beijando Webb, tinham sido um pesadelo. É obvio, o alvoroço tinha acudido ao resto dos habitantes da casa. Não fizeram perguntas, já que Jessie tinha amaldiçoado a gritos tanto Webb como Roanna durante todo o tempo que ele a arrastou escada acima, mas a Vovó e Tia Gloria a tinham esmagado com intermináveis perguntas e acusações.

-Como pudeste fazer uma coisa assim? - Perguntou-lhe a Vovó, olhando Roanna fixamente com olhos tão frios como tinham sido os

de Webb, mas Roanna tinha permanecido em silêncio.

O que podia dizer? Não deveria tê-lo beijado, sabia. Amá-lo não era uma desculpa, ao menos nenhuma que importasse ante a unânime condenação que enfrentava.

Não podia se defender fazendo referência ao comportamento de Jessie. Webb devia odiá-la neste momento, mas ainda assim não podia contar algo que o feriria e que possivelmente o faria cometer uma loucura. Preferia que a culpassem ao invés de arriscar que algo ruim acontecesse a ele. E, em definitivo, as ações de Jessie não desculpavam as suas. Webb era um homem casado; não devia tê-lo beijado. Em seu interior, se retorcia de vergonha pelo que seu amalucado e impulsivo ato tinha provocado.

A briga que se desencadeou acima tinha sido ouvida por todos. Jessie sempre tinha sido pouco razoável quando não se sobressaía e mais ainda quando estava em jogo sua vaidade. Seus gritos se impuseram ao grave som da voz de Webb. Tinha-lhe chamado por todos os insultos imagináveis, usando palavras que Roanna jamais tinha escutado antes. Normalmente, a Vovó passava por cima de algo que Jessie fizesse, mas inclusive ela se estremeceu ao escutar sua linguagem. Roanna ouviu como a chamava de puta, prostituta com cara de cavalo e estúpido animal que só era bom para foder no curral. Jessie lhe ameaçava dizendo que faria com que a Vovó lhe deserdasse. Ao escutá-lo, Roanna olhou horrorizada à Vovó; morreria de culpa se Webb perdesse a sua herança, mas Vovó se limitou a elevar suas elegantes sobrancelhas, surpreendida ao escutar esta ameaça e, também, a de que faria que prendessem Webb por estupro de uma menor.

É obvio, Vovó e Tia Gloria acreditaram imediatamente que Roanna esteve se deitando com Webb e isto atraiu sobre ela, de novo, os duros olhares recriminatórios, embora Tio Harlan simplesmente tivesse arqueado suas entupidas e grisalhas sobrancelhas grisalhas e parecesse divertido. Roanna, envergonhada e com o ânimo pelo chão, tinha negado com a cabeça indefesa, sem saber como se defender para que acreditassem nela.

Webb não era homem que deixasse passar uma ameaça. Até esse momento, estivera furioso, mas tinha sabido controlar seu gênio. Agora se escutou um golpe e o som de vidros se quebrando, e ele rugiu:

- Peça o maldito divórcio! Farei qualquer coisa para me livrar de você!

Então desceu pelas escadas, com expressão dura e inflexível e os olhos brilhando com um gelado fogo verde. Seu olhar furioso se posou em Roanna e seus olhos se entrecerraram, fazendo-a estremecer de medo, mas não parou.

-Webb, espera-, disse a Vovó, estendendo uma mão. Ele a ignorou, saindo a grandes passadas de casa. Pouco depois viram como as luzes de seu carro iluminavam a grama.

Roanna não sabia se ele já tinha retornado, porque nem todos os carros se podiam ouvir do interior da casa. Seus olhos ardiam de estar olhando ao teto; a escuridão a envolvia como uma pesada manta, sufocando-a.

Mas o que mais lhe doía era que Webb não tinha acreditado nela; mesmo conhecendo Jessie, tinha acreditado em suas mentiras. Como era possível que tivesse pensado por um só momento que ela era capaz de lhe causar problemas intencionalmente?

Webb era o centro de sua existência, seu paladino; se ele se separasse dela, então não tinha razão de ser, nenhuma segurança neste mundo.

Mas em seus olhos houve fúria e desprezo quando a olhou, como se não pudesse suportar sua visão. Roanna se enroscou como uma bola, gemendo por uma dor tão insuportável que pensou que nunca se recuperaria. Amava-o; não lhe teria dado as costas, fizesse o que fizesse. Mas ele o tinha feito e se encolheu ainda mais em si mesma quando se deu conta onde radicava a diferença: ele não a amava. Doía-lhe todo o corpo, como se tivesse se ferido ao se chocar frontalmente contra o muro da realidade. Tinha-lhe carinho, achava-a divertida, poderia ser que se sentisse unido a ela pelo parentesco longínquo, mas não a amava da forma que ela queria que a amasse. Com repentina e esmagante clareza, descobriu que ele somente tinha sentido pena dela e essa humilhação a devorou por dentro. Não era compaixão o que queria de Webb, nem de nenhum outro.

Tinha-o perdido. Embora lhe desse a oportunidade de se defender e inclusive acreditasse nela, jamais seria o mesmo. Ele pensava que ela o tinha traído e a falta de confiança dele era uma traição para ela. Esse conhecimento sempre estaria em seu coração,

um glacial e abrasador nó, sinal de sua perda.

Sempre se tinha obstinado ferozmente a Davencourt e a Webb, resistindo a qualquer esforço de se afastar de ambos. Agora, pela primeira vez, estava considerando partir. Não ficava nada aqui, faria melhor em partir à universidade como todos queriam que fizesse e começar de novo, onde ninguém a conhecesse ou tivessem ideias preconcebidas de como devia vestir e atuar. Antes, o mero pensamento de abandonar Davencourt lhe teria causado pânico, mas agora só sentia alívio. Sim, queria se afastar de todos e de tudo.

Mas primeiro teria que arrumar as coisas com Webb. Um último gesto de amor e depois deixaria tudo isto atrás e seguiria adiante.

Enquanto saía da cama olhou o relógio. Passava de duas horas, a casa estava em silêncio. Jessie certamente estaria dormindo, mas francamente pouco se importava. Podia despertar e escutar por uma vez, o que Roanna tinha que dizer.

Não sabia o que ia fazer se Webb estivesse ali, embora em realidade não acreditasse que estivesse. Estava tão zangado quando partiu que provavelmente ainda não tivesse retornado e, embora o tivesse feito, não teria se metido na cama com Jessie. Certamente desceria ao escritório ou dormiria em um dos outros quartos.

Não necessitava de luz; tinha percorrido tantas vezes de noite Davencourt que conhecia todas suas sombras. Silenciosamente, se deslizou pelo hall, sua comprida camisola branca a fazia parecer um fantasma. Sentia-se como tal, como se ninguém a visse em realidade.

Parou diante da porta do quarto de Webb e Jessie. Ainda havia uma luz acesa dentro, um pequeno feixe se filtrava por debaixo da porta. Decidida a não chamar, Roanna girou a fechadura.

-Jessie está acordada?- perguntou com voz suave. -Quero falar contigo.

O agudo grito transpassou a aveludada noite, um longo, esmigalhado som que parecia que nunca ia cessar, esticando-se, até que se quebrou em uma rouca nota. Acendeu-se a luz em vários

quartos, inclusive abaixo, nos estábulos onde Loyal tinha seu próprio apartamento. Escutou-se uma corrente de sonolentas e confusas vozes gritando, fazendo perguntas e o surdo ruído de uns pés descalços correndo.

O Tio Harlan foi o primeiro que chegou à suíte. Exclamou,

- Por Deus Santo -, e, pela primeira vez, o açucarado e enjoativo tom,que costumava empregar, estava ausente de sua voz.

Tampou a boca com as mãos para que não escapasse outro grito. Roanna se apartou lentamente do corpo de Jessie. Seus olhos castanhos estavam muito abertos e não piscava, com expressão estranhamente vazia.

Tia Glória entrou correndo no quarto apesar do tardio intento de Tio Harlan por impedir-lhe com Lucinda logo atrás. Ambas se detiveram bruscamente, o horror e a incredulidade as deixaram imóveis enquanto assimilavam a violenta cena. Lucinda olhava o quadro que apresentavam suas duas netas e até o último vestígio de cor desapareceu de seu rosto. Começou a tremer.

Tia Glória rodeou com seus braços a sua irmã, olhando Roanna enlouquecida todo o tempo.

-Meu Deus, matou-a,- balbuciou, crescendo sua histeria com cada palavra. -Harlan, chama o xerife!

O caminho de entrada e o pátio estavam cheios de carros, estacionados ao azar em diferentes ângulos, as luzes azuis cintilavam assustadoras na noite. Cada janela de Davencourt estava iluminada e a casa estava repleta de gente, a maioria deles usava uniformes marrons, outros uniformes brancos.

Toda a família, exceto Webb, permanecia sentada no espaçoso salão. A Vovó chorava baixo e suas mãos retorciam incessantemente um delicado lenço bordado enquanto permanecia sentada com os ombros afundados. Seu rosto estava devastado pela dor. Tia Glória se sentava a seu lado, afagando-a e murmurando palavras tranquilizadoras, mas sem sentido. Tio Harlan estava justo detrás delas, balançando-se sobre seus calcanhares, respondendo

atentamente as perguntas e oferecendo suas próprias opiniões sobre cada teoria ou detalhe, desfrutando de estar no castiçal por ter tido a sorte de ser a primeira pessoa na cena do crime, sem contar certamente a Roanna.

Roanna estava sentada sozinha ao outro lado do quarto, longe de todos. Um ajudante do xerife estava parado perto dela. Era perfeitamente consciente de que era um guardião, mas não lhe preocupava. Ele permanecia imóvel, seus olhos um poço de escuridão em seu branco rosto, seu olhar cego e ao mesmo tempo abrangendo tudo enquanto olhava sem pestanejar a sua família ao outro lado do quarto.

O Xerife Samuel "Booley" Watts se deteve justo na entrada e a olhou, perguntando-se incomodamente o que ela estaria pensando, como se sentiria ante esta silenciosa, mas implacável rejeição. Avaliou a magra fragilidade de seus braços nus, notando-se em quão irreal parecia com essa camisola tão branca, quase tanto como seu rosto. O pulso na base de pescoço lhe pulsava visivelmente, muito rápido e débil. Com a experiência de trinta anos a serviço da lei, girou para um de seus ajudantes e lhe disse baixinho.

- Vá procurar um dos médicos para que dê uma olhada à garota. Parece que está em choque. - Ele necessitava dela lúcida e receptiva.

O Xerife conhecia Lucinda quase toda a vida. Os Davenport tinham efetuado sempre fortes contribuições a seus recursos de campanha quando chegava à época das eleições. Tal e como era a política, durante anos ele tinha feito muitos favores à família, mas no fundo de sua longa relação, havia um carinho genuíno. Marshall Davenport tinha sido um duro e ardiloso filho da puta, mas decente. Booley só sentia respeito por Lucinda, por sua fortaleza interior, sua oposição a rebaixar seus valores em detrimento da modernidade e sua intuição nos negócios. Nos anos posteriores à morte de David, até que Webb foi o suficientemente mais velho para aliviar um pouco a carga, tinha comandado um império, encarregando-se de um imenso patrimônio e de criar suas duas netas órfãs. É obvio que tinha o benefício de uma imensa fortuna que lhe aplainava o caminho, mas a carga emocional tinha sido a mesma para ela que para qualquer outra pessoa.

Pensou que Lucinda tinha perdido a muitos entes queridos. Ambos, os Davenport e Tallant tinham sofrido inoportunas mortes,

muitos jovens. O querido irmão de Lucinda, o primeiro Webb, tinha morrido aos quarenta anos, depois de ter sido chifrado na cabeça por um touro. Seu filho, Hunter, tinha morrido à idade de trinta e um, quando seu pequeno avião explodiu em uma violenta tormenta no Tennessee. Marshall Davenport só tinha sessenta anos quando morreu de uma apendicite que ignorou, acreditando que era uma simples indigestão, até que a infecção se estendeu tanto que seu sistema imunológico não pôde suportar. E depois David e Janet, assim como a mulher de David, morreram por volta de dez anos atrás em um acidente de carro. Isto quase destruiu Lucinda, mas ela ergueu os ombros e seguiu adiante.

E agora isto; não sabia se poderia suportar este novo golpe. Sempre tinha adorado Jessie e a garota tinha sido muito popular entre a elite de Colbert County, embora Booley tivesse suas reservas sobre ela. Às vezes sua expressão parecia fria, desprovida de emoção, igual à de alguns assassinos que tinha visto através dos anos. Não é que tivesse tido nenhum problema com ela, nunca tinha sido chamado para encobrir algum pequeno escândalo; apesar de como era em realidade Jessie, de sua maneira de flertar ou de suas festas, manteve-se limpa. Jessie e Webb tinham sido as meninas dos olhos de Lucinda e a anciã estava muito orgulhosa quando dois anos atrás os guris se casaram. Booley odiou o que tinha que fazer; já era bastante duro ter perdido Jessie, sem envolver Webb, mas esse era seu trabalho. Política ou não, isto não se podia varrer debaixo do tapete.

Um atarracado paramédico, Turkey MacInnis, entrou no quarto e a cruzou até onde estava sentada Roanna, agachando-se frente a ela. Chamavam-lhe Turkey por sua habilidade para imitar o som de um peru sem ajuda de nenhum artefato. Era competente e reconfortante, um dos melhores médicos do condado. Booley prestou atenção ao tom casual e desenvolto de sua voz enquanto ele fazia à garota umas quantas perguntas, avaliando suas respostas ao tempo que iluminava com uma pequena luz seus olhos, depois verificou a pressão arterial e examinou seu pulso. Roanna respondia às perguntas em um tom apagado, quase inaudível, sua voz soava forçada e dolorida. Observava ao médico com uma total falta de interesse.

Trouxeram uma manta e a puseram ao redor, e o médico insistiu em deitá-la no sofá. Então lhe trouxeram uma xícara de café, que Booley supunha que estaria muito doce, e a convenceu para que

tomasse. Booley suspirou. Satisfeito de que Roanna tivesse sido atendida, já não podia adiar mais o momento da pesada obrigação. Esfregou a parte de trás da cabeça enquanto caminhava para o pequeno grupo ao outro lado do quarto. Harlan Ame tinha contado, pelo menos pela décima vez, o ocorrido segundo a sua interpretação e Booley estava se cansando dessa untuosa e excessivamente estridente voz.

Ele se sentou ao lado de Lucinda.

-Já encontrou Webb? - Ela perguntou com voz estrangulada, enquanto mais lágrimas corriam por suas faces. Pensou que pela primeira vez, Lucinda aparentava sua idade, setenta e três anos. Sempre tinha dado a impressão de ser esbelta e forte, como o mais fino aço, mas agora estava encolhida em sua camisola e seu robe.

-Ainda não -, disse, incômodo. -Estamos procurando -. Ele ficou sem palavras como nunca tinha feito.

Houve um pequeno alvoroço na porta e Booley girou, franzindo o cenho, mas relaxou quando Yvonne Tallant, a mãe de Webb, entrou no salão. Tecnicamente, se supunha que não se permitia a ninguém entrar, mas Yvonne era da família, embora tivesse se afastado durante vários anos ao se mudar de Davencourt para a sua própria e pequena casa cruzando o rio em Florence. Yvonne sempre tinha sido uma mulher com uma veia independente. Embora agora Booley tivesse preferido que não aparecesse, se perguntava como soube do ocorrido esta noite. Demônios, não tinha sentido se preocupar com isso. Esse era o problema das pequenas cidades. Poderia ser que alguém do escritório tivesse ligado para a sua casa e houvesse dito algo a um familiar, que teria ligado a um amigo, que por sua vez teria ligado a um primo que conhecia pessoalmente Yvonne e tomou a liberdade de avisá-la. Assim era como sempre funcionava.

Os olhos verdes de Yvonne se deslocaram pelo quarto. Era uma mulher alta e magra com reflexos grisalhos em seu cabelo escuro, do tipo que se descreveria mais como atraente que bonita. Inclusive a esta hora, estava impecavelmente vestida com um blazer e uma imaculada blusa branca. Seu olhar se centrou em Booley.

-É verdade? - perguntou, e sua voz se quebrou um pouco. -Com Jessie?- Apesar das reservas de Booley com Jessie, ela sempre se deu bem com sua sogra. Além disso, as famílias Davenport e Tallant sempre tinham sido muito unidas e Yvonne conhecia Jessie

desde o berço.

Junto a ele, Lucinda sufocou um soluço, com todo o corpo tremendo. Booley respondeu a Yvonne assentindo, que fechou os olhos para evitar derramar as lágrimas.

-Foi Roanna, - gritou Glória, cravando o olhar ao outro lado do quarto sobre a pequena figura que estava envolta em uma manta e deitada no sofá.

Os olhos de Yvonne se arregalaram e olhou Glória incrédula.

- Não seja ridícula, - retrucou-lhe e se encaminhou decidida para Roanna, agachando-se a seu lado enquanto retirava o desordenado cabelo de seu rosto pálido e lhe murmurava baixinho como estava acostumada a fazer. A opinião de Booley sobre Yvonne subiu vários pontos, embora duvidasse pela expressão de seu rosto que Glória pensasse igual.

Lucinda inclinou a cabeça, como se fosse incapaz de olhar ao outro lado do quarto a sua outra neta.

–Vai prendê-la? - sussurrou.

Booley tomou uma de suas mãos na sua, sentindo-se como um torpe e carnudo boi quando seus grossos dedos envolveram os seus, frios e magros.

- Não, não o farei, - disse.

Lucinda se estremeceu levemente e um pouco de tensão abandonou seu corpo.

-Graças a Deus,- murmurou, fechando os olhos.

-Eu gostaria de saber por que não! - gritou Glória do outro lado, elevando-se arrepiada como uma galinha molhada. Booley nunca tinha gostado de Glória tanto como Lucinda. Sempre tinha sido mais bonita, mas foi Lucinda a quem Marshall Davenport cortejou, Lucinda a que se casou com o homem mais rico do noroeste de Alabama e a inveja quase matou Glória.

-Porque não acredito que ela fez isso, - disse rotundamente.

-Nós vimo-na inclinada sobre seu corpo!Ora, se ela estava parada no meio do sangue!

Irritado, Booley se perguntou por que se supunha que isso significasse algo. Armou-se de paciência.

-Pelo que sabemos, Jessie já estava morta algumas horas antes que Roanna a encontrasse.- Não entrou em detalhes técnicos sobre o grau de evolução do *rigor mortis*, imaginando que Lucinda não quereria sabê-lo. Não era possível determinar a hora exata da morte nem ao menos quem presenciou, mas com segurança Jessie tinha morrido cerca de suas horas antes da meia-noite. Não sabia por que Roanna tinha visitado sua prima às duas da manhã – embora definitivamente ele descobriria - mas Jessie já estava morta.

O pequeno grupo familiar ficou gelado, olhando-o fixamente, como se não compreendessem esta nova informação. Ele tirou seu pequeno caderno. Normalmente um dos detetives do condado faria o interrogatório, mas esta era a família Davenport e iria dar a este caso sua atenção pessoal.

- O senhor Ames disse que Webb e Jessie tinham tido esta noite uma tremenda briga, - começou, e viu o duro olhar que Lucinda dispensou a seu cunhado.

Depois inspirou profundamente e ajeitou os ombros enquanto secava o rosto com um lenço amassado.

-Brigaram, sim.

-Sobre o que?

Lucinda vacilou e Glória interferiu na conversação.

-Jessie flagrou Webb e Roanna agarrados na cozinha.

As grisalhas sobrancelhas de Booley se elevaram. Pouca coisa o surpreendia, mas ficou algo atônito ante isto. Dúbio, olhou a frágil e pequena figura encolhida ao outro lado do quarto. Roanna parecia, se não infantil, pouco feminina, e não podia fazer ideia de que Webb fosse um homem que se sentisse atraído por isso.

-Agarrados, como?

-Pois sim, agarrados, - disse Glória, elevando a voz. -Por Deus, Booley, quer que eu faça um desenho?

A ideia de Webb fazendo amor na cozinha com Roanna parecia ainda mais incrível. Nunca se surpreendia ante a profunda estupidez

que poderiam mostrar as pessoas supostamente inteligentes, mas isto não soava verdadeiro. Que estranho, poderia imaginar Webb cometendo um assassinato, mas não *brincando* com sua pequena prima.

Bem, saberia da verdadeira história sobre o episódio da cozinha por Roanna. Ele queria outra coisa dessas três pessoas.

–Então estavam discutindo. A discussão se tornou violenta?

-Claro que sim, - respondeu Harlan, ansioso por estar de novo no castiçal. -Estavam lá em cima, mas Jessie gritava tão alto que pudemos ouvir cada palavra. Então Webb gritou que pedisse o divórcio, que faria qualquer coisa para se livrar dela, e depois se ouviu o som de vidros quebrando. Então Webb desceu como um tornado e partiu.

-Depois disso alguém viu Jessie, ou talvez a ouviu no banheiro?

-Não, nem um som, - disse Harlan e Glória negou com a cabeça. Ninguém tentou falar com Jessie, sabendo por experiência que era melhor deixar que se acalmasse ou sua fúria explodiria contra o primeiro mediador. A expressão de Lucinda era de crescente incredulidade e horror a se dar conta de onde se dirigia o interrogatório de Booley.

-Não, - disse violentamente, negando com a cabeça. -Booley, não! Não pode suspeitar de Webb!

-Devo fazê-lo, - respondeu ele, tratando de manter o tom amável. -Estavam discutindo violentamente. Bem, todos nós sabemos que Webb é bastante genioso quando lhe provocam. Depois que ele partiu, ninguém viu nem ouviu Jessie. É uma triste realidade, mas cada vez que uma mulher é assassinada, normalmente é seu marido ou seu noivo quem o faz. Isto me dói muito, Lucinda, mas a verdade é que Webb é o suspeito mais provável.

Ela continuava negando com a cabeça e de novo as lágrimas caíam por suas enrugadas faces.

-Não pode ser ele. Webb não. Sua voz era suplicante.

-Espero que não, mas tenho que comprová-lo. Bem, a que hora exata Webb partiu, ou aproximadamente como recordam?

Lucinda ficou em silêncio. Harlan e Glória se olharam.

-As oito? Aventurou Glória, finalmente, com incerteza na voz.

-Mais ou menos, - disse Harlan, assentindo. -Acabava de começar o filme que queria ver.

As oito. Booley refletiu, mordendo o lábio inferior enquanto o fazia. Clyde O'Dell, o legista, fazia o seu trabalho quase ao mesmo tempo em que Booley e era condenadamente bom determinando a hora da morte. Tinha ambos: a experiência e o dom para combinar a evolução do *rigor mortis* com o fator temperatura e aproximar-se com bastante precisão à resposta correta. Clyde tinha situado a hora da morte de Jessie no "Oh, ao redor das 10", indicando com um gesto de mão que a hora exata poderia variar em um pouco antes ou um pouco depois. Às oito era muito cedo e, embora entrasse no marco do possível, semeava um pouco de dúvida no assunto. Tinha que estar bem seguro sobre este caso antes de apresentá-lo ante o promotor do condado, já que Simmons era um político muito hábil para implicar-se em um caso que envolvia aos Davenports e aos Tallants, ao menos que pudesse se assegurar de que tinha todos os cabos atados.

-Alguém ouviu um carro ou qualquer outra coisa mais tarde? Possivelmente Webb retornando?

-Eu não escutei nada, - disse Harlan.

-Eu tampouco, - confirmou Glória. -Para ouvir algo aqui dentro teria que conduzir um caminhão, a não ser que estivéssemos na cama e com as portas do balcão abertas.

Lucinda esfregou os olhos. Booley tinha a impressão que o que ela mais desejava era que seu cunhado e sua irmã se calassem de uma maldita vez.

-Normalmente não escutamos ninguém se aproximar, - disse ela. -A casa é bem isolada do barulho, e os arbustos amortecem qualquer som, também.

- Então ele pode ter retornado e possivelmente não se deram conta.

Lucinda abriu a boca, depois a fechou sem dizer uma palavra. A resposta era óbvia. A varanda que rodeava a enorme, elegante e velha casa era acessível da escada exterior no lado do quarto de Webb e Jessie. Além disso, cada quarto tinha janelas que se abriam

para a sacada; teria sido absurdamente fácil para qualquer um subir essas escadas e entrar no quarto sem que ninguém na casa visse. Do ponto de vista da segurança, Davencourt era um pesadelo.

Bem, talvez Loyal tenha ouvido algo. Seu apartamento nos estábulos provavelmente não está tão protegido do som como esta enorme e velha casa.

Yvonne abandono seu lugar junto à Roanna e se situou diante de Booley.

– Escutei o que estava dizendo, - disse ela tranquila, com tom calmo apesar da forma em que seus olhos verdes o atravessavam. – Está ladrando à árvore equivocada, Booley Watts. Meu filho não matou Jessie. Não importa quão furioso estivesse, não lhe teria feito mal.

-Estaria de acordo contigo em circunstâncias normais, - respondeu Booley. –Mas ela o ameaçava que faria com que Lucinda o deserdasse e todos nós sabemos o que significa para…

-Sandices, - disse Yvonne com firmeza, ignorando a forma que a boca de Glória se franzia como uma passa. -Webb não teria acreditado nem por um segundo. Jessie sempre exagerava quando estava furiosa.

Booley olhou Lucinda. Ela esfregou os olhos e disse fracamente.

-Não, jamais o teria deserdado.

-Embora se divorciasse?- pressionou ele.

Os lábios dela tremeram.

-Não. Davencourt precisa dele.

Bem, isso descartava um maldito bom motivo, pensou Booley. Em realidade não o lamentava. Desagradar-lhe-ia sobremaneira ter que prender Webb Tallant. Fá-lo-ia, se pudesse construir um caso suficientemente sólido em seu contrário, mas odiaria fazê-lo.

Nesse momento se escutaram na entrada principal vozes agitadas e todos reconheceram a profunda voz de Webb enquanto ele dizia algo cortante a um dos ajudantes do xerife. Cada uma das cabeças no quarto, exceto Roanna, girou para olhar como entrava na sala, flanqueado por dois ajudantes do Xerife.

- Quero vê-la,- disse bruscamente. -Quero ver minha esposa.

Booley ficou em pé.

-Sinto muito, Webb, - disse, com voz tão cansada como se sentia. -Mas precisamos fazer algumas pergunta.

## Capítulo 6

Jessie estava morta.

Não lhe tinham deixado vê-la e ele necessitava desesperadamente, porque até que o tivesse feito por ele mesmo, Webb acharia impossível de acreditar na realidade. Sentia-se desorientado, incapaz de esclarecer seus pensamentos ou seus sentimentos porque todos eles eram contraditórios. Quando Jessie lhe tinha gritado que queria o divórcio, não havia sentido nada mais que alivio ante a perspectiva de se livrar dela, mas… morta? Jessie? A mimada, vibrante e apaixonada Jess? Não podia recordar nem um dia de sua vida em que Jessie não estivesse presente. Tinham crescido juntos, primos e amigos de infância, e então a febre da puberdade e a paixão sexual os tinham unido em um jogo interminável de dominação. Casar-se com ela tinha sido um erro, mas o choque de perdê-la o tinha atordoado. A tristeza e o alívio batalhavam, rasgando-o por dentro.

A culpa estava lá, também, espetando. Culpa, antes de tudo, porque se sentia completamente aliviado, não importando que durante os dois anos passados ela tivesse feito todo o possível para infernizá-lo, destruindo sistematicamente tudo o que ele havia sentido alguma vez por ela em sua implacável busca da servil adoração que acreditou que ela merecia.

E depois vinha a culpa que sentia sobre Roanna.

Não deveria tê-la beijado. Ela tinha apenas dezessete anos, puxa, e bastante imatura, além disso. Não deveria tê-la sentado em seu colo. Quando ela tinha jogado, de repente, os braços ao redor do seu pescoço e o tinha beijado, deveria tê-la afastado brandamente, mas não o fez. Em vez disso, sentiu o suave e tímido florescer de sua boca sob a sua e sua inocência o tinha excitado. Infernos, já estava excitado pela sensação de seu redondo traseiro sobre seu colo. Em vez de interromper o beijo, ele o tinha aprofundado, tomando controle, empurrando sua língua em sua boca para convertê-lo em um beijo explicitamente sexual. Tinha-a girado em seus braços, querendo sentir aqueles seios leves, delicados, contra ele. Se Jess não tivesse entrado naquele momento, provavelmente teria posto sua mão sobre aqueles seios e sua boca sobre seus doces e endurecidos mamilos. Roanna tinha se excitado, também. Acreditava que ela era

muito inocente para saber o que fazia, mas agora o via de forma diferente. Inexperiente não era a mesma coisa que inocente.

Sem importar o que tivesse feito, duvidava que Roanna tivesse levantado uma mão ou dito uma palavra para detê-lo. Podia tê-la tomado ali, sobre a mesa da cozinha, ou sentá-la escarranchada em seu colo, e ela o teria permitido.

Não havia nada que Roanna não fizesse por ele. Ele sabia. E esse era o pensamento mais horrível de todos.

Roanna tinha matado Jessie?

Estava furioso com ambas, e com ele mesmo, por permitir que ocorresse tal situação. Jessie tinha gritado seus asquerosos insultos e de repente havia se sentido tão farto dela que soube que isto era o fim de seu matrimônio para ele. Quanto a Roanna, nunca a imaginou destorcida para planejar a cena na cozinha, mas quando a tinha olhado depois da maliciosa acusação de Jessie, não tinha visto surpresa no tão franco e tão expressivo rosto de Roanna; viu culpa. Talvez causada pela mesma consternação que ele sentia, porque não deveriam ter estado se beijando, mas talvez... Talvez fosse por outra coisa. Por um instante tinha visto algo mais, também: ódio.

Todos sabiam que Roanna e Jessie não se davam bem, mas ele, além disso, sabia que, durante uma temporada, por parte de Roanna, a animosidade tinha sido especialmente amarga. A razão era óbvia, também; só um tolo e cego poderia não teria percebido o quanto Roanna o adorava. Ele não tinha feito nada para incentivá-la, romanticamente falando, mas tampouco a tinha desalentado. Estava afeiçoado com a pequena pirralha e aquela sua incondicional adoração era como um bálsamo para seu ego, sobretudo depois de uma das intermináveis batalhas com Jessie. Inferno, sabia que amava Rô, mas não da maneira que ela o amava; amava-a com a distraída exasperação de um irmão mais velho, preocupava-se com sua falta de apetite e a consolava quando era humilhada por sua inaptidão social. Não tinha sido fácil para ela, sendo sempre o patinho feio frente ao lindo cisne que Jessie parecia.

Era possível que acreditasse na ridícula ameaça que Jessie fez, sobre retirá-lo do testamento de Tia Lucinda? Ele sabia que era absurdo, mas e Roanna? O que ela teria feito para protegê-lo? Ir ver Jessie, tratando de convencê-la? Ele sabia por experiência que tentar convencer Jessie era esbanjar o esforço. Ela teria se jogado contra

Roanna como um urso sobre a carne fresca, imaginando coisas ainda mais cruéis para dizer, mais ameaças maliciosas a fazer. Teria chegado Roanna a tais extremos para deter Jessie? Antes do episódio na cozinha, haveria dito que de maneira nenhuma, mas então tinha visto aquela expressão no rosto de Roanna quando Jessie caiu sobre eles e agora não estava seguro.

Disseram que tinha sido a primeira a encontrar o corpo de Jessie. Sua esposa estava morta, assassinada. Alguém lhe tinha esmagado a cabeça com um dos suportes de ferro da lareira de seu quarto. Roanna? Poderia havê-lo feito deliberadamente? Tudo o ele sabia dela lhe dizia que não, ao menos à segunda pergunta. Roanna não atuava a sangue frio. Mas se Jessie a tivesse insultado, zombando de seus olhares e seus sentimentos por ele, efetuando mais uma daquelas estúpidas ameaças, então, talvez, poderia ser que tivesse perdido o controle e golpeado Jessie.

Sentado a sós no escritório de Booley, apoiou a cabeça nas mãos enquanto tratava de esclarecer a confusão de seus pensamentos. Evidentemente era o suspeito principal. Depois da briga que Jessie e ele tinham tido, supôs que era lógico. Ela o fez se sentir tão furioso que ele adoraria ter golpeado alguém, era lógico.

Não o tinham prendido e não estava especialmente preocupado, ao menos não sobre isto. Ele não tinha matado Jess, e a menos que produzissem as provas em seu desfavor, não havia modo de demonstrar o contrário. Necessitavam-no em casa para se ocupar de tudo. Da breve olhada que tinha tido dela, a Tia Lucinda estava devastada; não estaria em condições de se ocupar dos acertos de enterro. E Jess era sua esposa; queria fazer este último ato por ela, chorar sua morte, afligir-se pela moça que tinha sido, a esposa que tinha esperado que fosse. Não tinha funcionado para eles, mas apesar disso não merecia morrer assim.

As lágrimas lhe queimavam os olhos e gotejavam por seus dedos. Jess. A bela e infeliz Jess. Gostaria que ela tivesse sido uma companheira em vez de um parasita exigindo constantemente mais e mais, mas não estava em sua natureza o dar. Não havia bastante amor no mundo para satisfazê-la e finalmente tinha deixado até de tentá-lo.

Ela havia ido embora. Não podia trazê-la de volta, não podia protegê-la.

Mas e Roanna?

Ela teria matado a sua esposa?

O que deveria fazer agora? Contar a Booley as suas suspeitas? Jogar Roanna aos lobos?

Não podia fazê-lo. Não podia, nem sequer podia acreditar que Roanna deliberadamente tivesse matado Jessie. Golpeá-la, sim. Poderia ser que lhe tivesse dado uma bofetada em defesa própria, porque Jessie era – tinha sido - perfeitamente capaz de atacar fisicamente Roanna. Rô tinha só dezessete anos, uma menor; se a prendessem e julgassem e fosse declarada culpada, sua condenação pelo delito seria leve. Mas até inclusive uma condenação leve seria a pena de morte para ela. Webb sabia tão certo quanto estava aqui sentado, que Roanna não sobreviveria nem um ano presa em um reformatório. Era muito frágil, muito vulnerável. Deixaria totalmente de comer. E morreria.

Meditou a respeito da cena em casa. Tinham-no empurrado fora do edifício antes que tivesse a oportunidade de falar com alguém, embora sua mãe o tivesse tentado. Mas o que tinha visto nesse breve momento estava gravado a fogo em sua mente: Yvonne, ferozmente protetora, disposta a lutar por ele, embora não esperasse menos de sua leal mãe; Tia Lucinda olhando-o paralisada pela tristeza, Tia Glória e Tio Harlan, com olhar acusador de horror e fascinação. Não havia dúvida, acreditavam que ele era culpado, malditos fossem. E Roanna, excluída, encolhida e gelada, no outro extremo do quarto, sem nem sequer levantar a cabeça para olhá-lo.

Ele passou os dez últimos anos protegendo-a. Ela se converteu em uma segunda natureza para ele. Inclusive agora, apesar de estar irritado com ela, não podia suprimir o instinto de protegê-la. Se pensasse que o tinha feito deliberadamente, seria diferente, mas não acreditava assim. De modo que aqui estava, protegendo com seu silêncio a jovem que provavelmente tinha matado a sua esposa e a amargura desta escolha lhe roia as entranhas.

A porta do escritório se abriu atrás dele e ele se endireitou, secando com brutalidade a umidade restante de seus olhos. Booley caminhou ao redor do escritório e se afundou pesadamente na poltrona de couro, com os olhos cravados no rosto Webb, percebendo os restos de lágrimas.

- Sinto muito, Webb. Sei que tudo isto é um choque.

-Sim. - Sua voz era áspera.

-Apesar disso, tenho um trabalho a fazer. Ouviram você dizer a Jessie que faria qualquer coisa para se livrar dela.

O melhor caminho através deste campo minado, percebeu Webb, seria contar a verdade – até certo ponto, melhor que não dizer absolutamente nada.

-Sim, ele disse. Logo depois de lhe dizer que pedisse o divórcio. Queria dizer que estaria disposto a aceitar qualquer condição.

-Inclusive lhe cedendo Davencourt?

-Davencourt não é meu para dá-lo, é de Tia Lucinda. Essa decisão é dela.

-Jessie ameaçou fazer com que Lucinda excluísse você do testamento.

Webb sacudiu a cabeça com brutalidade.

-Tia Lucinda não faria algo assim somente pelo divórcio.

Booley cruzou os braços por trás da cabeça, entrelaçando os dedos para formar um apoio. Examinou ao jovem frente a ele. Webb era grande e forte, um atleta natural, possuía a força necessária para esmagar o crânio de Jessie num golpe, mas ele o teria feito? Bruscamente, mudou de assunto. -Supostamente Jessie flagrou você e Roanna fazendo algo errado na cozinha. Quer me falar disso?

Os olhos de Webb cintilaram com um indício da gelada e feroz cólera que escondia em seu interior.

–Nunca fui infiel a Jess, - disse áspero.

- Nenhuma vez?- Booley deixou que um indício de dúvida se filtrasse em seu tom. -Então o que é o que viu Jessie que a fez explodir?

-Um beijo. – Daria a Booley a pura verdade, esperava que valesse a pena.

-Beijou Roanna? Por Deus, Webb, não acha que ela é muito jovem para você?

-Maldição, é obvio que é muito jovem!- explodiu Webb. –Não foi isso.

-Não foi o que? O que fazia com ela?

-Não fazia nada com ela. - Incapaz de se conter mais tempo, Webb ficou bruscamente em pé, fazendo Booley se esticar e posar automaticamente sua enorme mão sobre o extremo de sua pistola, mas relaxou quando Webb começou a caminhar de um extremo a outro do pequeno escritório.

-Então por que a beijou?

-Não o fiz. Ela me beijou. –Embora só ao princípio. Mas Booley não precisava saber o resto.

-Por que fez algo assim?

Webb esfregou a nuca.

-Roanna é como uma irmã mais nova para mim. Estava chateada…

- Por quê?

- Tia Gloria e Tio Harlan se mudaram hoje. Ela não se dá bem com Tia Gloria.

Booley emitiu um grunhido, como se pudesse entender isso.

-E você estava... O que, consolando-a?

-Isso, e tratando de conseguir que comesse. Quando se aborrece ou está nervosa, não pode comer, e estava preocupado pelo que isso pode lhe provocar.

-Acredita que é – qual é a palavra- a não sei o que? Privar-se de comida a si mesma até morrer?

-Anoréxica. Talvez. Não sei. Disse-lhe que falaria com a Tia Lucinda e faria que o outro a deixassem tranquila se prometesse comer. Lançou-me os braços ao redor do pescoço e me beijou, Jessie entrou e se desatou o inferno.

-Era a primeira vez que Roanna te beijava?

-Sem contar os beijos na face, sim.

-Assim, não há nada romântico entre vós?

-Não, - disse Webb, a palavra ficou presa no ar.

-Ouvi que está louca por você. Com uma doce jovem como ela, muitos homens se sentiriam tentados.

-Depende muito de mim, desde que seus pais faleceram. Não é nenhum segredo.

- Jessie tinha ciúmes de Roanna?

-Não que eu saiba. Não tinha nenhuma razão para isso.

- Mesmo que você se desse muito bem com Roanna? Pelo que ouvi, você e Jessie não estavam se dando bem ultimamente. Talvez ela estivesse ciumenta disso.

-Ouve muito, Booley, - disse Webb, cansado. -Jessie não estava ciumenta. Fazia birra sempre que não se saía com a sua. Estava me enlouquecendo para que a levasse comigo a Nashville esta manhã e quando viu Roanna me beijar, foi a desculpa que necessitava para desatar um inferno.

-A briga ficou violenta, verdade?

-Lancei um copo e o quebrei.

-Bateu em Jessie?

-Não.

-Bateu nela alguma vez?

-Não. - Fez uma pausa, e sacudiu sua cabeça. –Dei-lhe uns açoites no traseiro uma vez, quando tinha dezesseis anos, se isso conta.

Booley reprimiu um sorriso. Não era momento para a diversão, mas que Jessie conseguisse que lhe pusessem o traseiro avermelhado era algo que teria gostado de ver. Muitos meninos hoje em dia, tanto meninos como meninas, beneficiar-se-iam enormemente do mesmo tratamento. Webb teria apenas dezessete anos então, mas sempre tinha sido mais amadurecido do que correspondia a sua idade.

-O que passou então?

-Jessie estava cada vez mais e mais descontrolada. Parti antes

que as coisas se descontrolassem.

-A que hora partiu?

-Demônios, não sei. As oito, oito e meia.

-Voltou?

-Não.

-Onde foi?

-Dirigi um pouco, ao redor de Florence.

-Alguém que conheça te viu, para que possam confirmá-lo?

-Não sei.

-O que fez? Somente dar voltas de carro?

-Um pouco, como disse. Depois fui a Waffle Hut, na estrada para Jackson.

-A que horas chegou ali?

-Por volta das dez, talvez.

-A que horas saiu?

-Depois das duas. Não quis retornar para casa até esfriar a cabeça.

-Então esteve ali aproximadamente por quatro horas? Suponho que a garçonete se lembraria, verdade?

Webb não respondeu. Considerou-o provável, porque ela tinha tentado várias vezes conversar, mas ele não estava de humor para bate-papos. Booley o comprovaria, a garçonete confirmaria sua presença e seria o final de tudo isto. Mas a quem consideraria, então, Booley como suspeito? Roanna?

-Pode ir para casa, - disse Booley, depois de um minuto. -Não precisa que eu diga que se mantenha por perto. Que não saia da cidade em viagem de negócios ou algo do estilo.

O olhar de Webb era frio e sério.

–Não me ocorreria planejar uma viagem de negócios quando tenho que sepultar a minha esposa.

-Bem, respeito isso. Considerando a natureza de sua morte, terá que haver uma autópsia. Normalmente isso só atrasa o enterro um dia ou dois, mas às vezes pode ser algo mais. Avisarei. - Booley se inclinou para frente, seu jovial rosto muito sério. -Webb, filho, falarei sem rodeios, não sei o que pensar sobre isto. É uma lamentável estatística. Quando uma mulher é assassinada, geralmente é o marido ou o noivo quem o fez. Bem, você nunca me pareceu um desses tipos, mas tampouco a maior parte dos outros tipos aos que acabei detendo. Tenho que suspeitar de você e tenho que comprovar tudo. Por outro lado, se você tiver qualquer suspeita, apreciaria que me falasse disso. As famílias sempre têm seus pequenos enredos e segredos. Vamos, seus parentes estavam seguros de que Roanna tinha matado Jessie e a trataram como se fosse venenosa ou algo pelo estilo, até que eu lhes disse que não acreditava que ela o tivesse feito.

Booley era um aldeão, um cara simples, mas há muito tempo que pertencia ao corpo de polícia e sabia ler às pessoas. A sua maneira, usava a mesma tática que Colombo tornou famosa na televisão, dando amáveis rodeios e mantendo distendidas conversações até ir juntando todas as peças. Webb resistiu ao convite de se abrir ao xerife, dizendo em troca.

- Posso ir?

Booley agitou uma carnuda mão.

-Claro. Mas como disse, não se afaste muito. - Levantou de sua cadeira mole. -Posso levá-lo para casa eu mesmo. Já é de dia, assim, de todos os modos, não vou conseguir dormir nada.

Roanna estava escondida, não do modo que o fazia quando era pequena, deslizando sob os móveis ou encolhida no fundo de um armário, e, ainda assim, isolou a si mesma da sombria e silenciosa atividade da casa. Retirou-se ao assento da janela onde uma vez tinha contemplado Webb e Jessie balançando-se no jardim, enquanto às suas costas o resto da família discutia o que fazer com ela. Seguia agasalhada com a manta que o médico lhe colocou nos ombros, mantendo as pontas juntas com dedos gelados e pálidos. Sentada, contemplava a alvorada que lentamente atracava, não fazendo caso do zumbido de vozes atrás dela; fechada a tudo isso.

Tratou de não pensar em Jessie, mas nem com o maior esforço poderia apagar aquela cena sangrenta de sua mente. Não é que pensasse conscientemente nisso, simplesmente estava lá, como a janela. A morte tinha alterado de tal forma Jessie que, ao princípio, Roanna estava ali em pé, olhando boquiaberta o corpo sem compreender que era real ou sem ao menos sequer reconhecer a sua prima. A cabeça estava estranhamente deformada, afundada ao redor de uma enorme ferida por onde seu crânio, literalmente, estava aberto. Ela estava torpemente deitada com o pescoço inclinado, como se sua cabeça descansasse contra a borda da lareira de pedra.

Roanna tinha acendido a luz quando entrou na suíte, piscando enquanto tratava de ajustar sua visão, e caminhou ao redor do sofá em direção ao quarto para despertar Jessie e falar com ela. Havia, literalmente, caído sobre as pernas estendidas de Jessie e permaneceu em estupefato silêncio durante um longo momento antes de compreender o que via e começar a gritar.

Somente tempos mais tarde foi quando se deu conta de que tinha permanecido em pé sobre o tapete encharcado pelo sangue e que seus pés descalços estavam manchados de vermelho. Não recordava como foram limpos; se os tinha limpado ela ou outra pessoa se encarregara disso.

A janela refletia a cena atrás dela, o enxame de gente indo e vindo. Os outros familiares chegaram sozinhos ou acompanhados, acrescentando suas perguntas e suas lágrimas à confusão.

Vieram tia Sandra, tia de Webb por parte de seu pai, o que a fazia sobrinha da Vovó. A tia Sandra era alta e morena, com a beleza dos Tallant. Nunca tinha se casado, em vez disso, se dedicou aos avançados estudos de física e agora trabalhava para a NASA em Huntsville.

A filha de tia Gloria e seu marido, Lanette e Greg Spence, chegaram com seus dois filhos adolescentes, Brock e Corliss. Corliss era da idade de Roanna, mas nunca se deram bem. Depois que tinham chegado, Corliss deslizou até onde estava Roanna e lhe tinha sussurrado.

- De verdade, estava parada no meio de seu sangue? Que aspecto tinha? Ouvi que mamãe dizia a papai que sua cabeça estava aberta como uma melancia.

Roanna não tinha feito caso da ávida e insistente voz, mantendo o rosto girando para a janela.

–Diga-me! – insistiu Corliss. Um malvado beliscão no dorso de seu braço fez que os olhos de Roanna se enchessem de lágrimas, mas ela continuou olhando fixamente para diante, negando-se a reconhecer a presença de sua prima. Finalmente, Corliss se rendeu e partiu para conseguir de outro os sangrentos detalhes pelos quais ansiava.

O filho de tia Gloria, Baron, vivia em Charlotte; esperavam que ele, sua esposa e seus três filhos chegassem mais tarde. Mesmo sem eles, havia dez membros da família apinhados na sala de estar ou ao redor do consolador serviço de café na cozinha, parecendo os grupos nômades que se moviam daqui para lá.

Ainda não permitiam que ninguém fosse ao andar de cima, pois os investigadores continuavam tirando fotos e reunindo provas, embora já fizesse um tempo que Jessie tivesse sido removida. Com as autoridades e todos os outros oficiais presentes, a casa bulia de gente, mas ainda assim Roanna conseguiu manter a todos eles distantes. Sentiu-se muito fria por dentro, uma frieza estranha que se estendeu a cada célula de seu corpo e tinha formado uma casca protetora que a mantinha em seu interior e a todos os outros fora.

O xerife levou Webb e ela quase sufocou de culpa. Tudo isso era culpa dela. Se ela não o tivesse beijado! Não o tinha feito com má intenção, mas, claro, nenhuma das confusões que causava era com má intenção.

Ele não tinha matado Jessie. Ela sabia. Ela desejou gritar a todos para que sequer pensassem algo tão feio sobre ele. Agora a única coisa que tia Gloria e tio Harlan falavam era de quão surpreendente fora, como se ele já tivesse sido julgado e condenado. Só umas horas antes, estavam igualmente convencidos de que Roanna era a assassina.

Webb não faria algo assim. Ele poderia matar; de algum jeito Roanna sabia que Webb faria o que fosse necessário para proteger àqueles que amava, mas matar nessas circunstâncias não era a mesma coisa que assassinato. Não importava quão desagradável Jessie tivesse sido, o que houvesse dito ou inclusive que o tivesse atacado com um suporte de ferro ou outra coisa, ele não lhe teria feito mal. Roanna o tinha visto ajudar um potro com ternura a chegar

a este mundo, ficar sentado toda a noite com um animal doente, alternar-se com Loyal para fazer caminhar a um cavalo com cólica durante horas até que melhorasse. Webb cuidava dos seus.

Não era culpa dela que Jessie estivesse morta, mas como consequência de que Roanna amava Webb e não tivesse sido capaz de controlar seus estúpidos impulsos, iniciou-se uma série de circunstâncias que fizeram que Webb parecesse culpado da morte de Jessie. Não tinha nem ideia de quem tinha matado Jessie; seus pensamentos não tinham chegado tão longe; só sabia que não tinha sido Webb. Sabia, com cada célula de seu corpo, que ele não podia tê-lo feito, tal e como sabia que tudo isto era culpa dela e que ele nunca não a perdoaria.

Quando o xerife Watts levou Webb para que fosse interrogado, Roanna tinha ficado paralisada de vergonha. Nem sequer tinha sido capaz de levantar a cabeça e olhá-lo, convencida de que tão somente veria ódio e desprezo em seus olhos se ele se dignasse a olhá-la, e sabia que não teria aguentado.

Nunca havia se sentido tão sozinha, como se estivesse rodeada por uma bolha invisível, que impedia qualquer um de se aproximar. Podia ouvir a Vovó detrás dela, chorando brandamente outra vez, e ouvia a tia Gloria murmurando e tratando de consolá-la, mas nem sequer isto a tocou. Não sábia onde estava tio Harlan; tampouco lhe importava. Jamais esqueceria a forma com que a tinham acusado de matar Jessie, o modo com que se apartaram dela como se estivesse contaminada. Inclusive quando o xerife Watts disse que não acreditava que ela o tivesse feito, nenhum deles se aproximou ou lhe pediu perdão. Nem sequer a Vovó, embora Roanna tivesse ouvido o "Graças a Deus" que ela tinha murmurado quando o xerife disse que acreditava que ela era inocente.

Toda sua vida tinha tentado com todas suas forças ganhar o amor desta gente, ser suficientemente boa, mas nunca teve êxito. Nada nela alcançaria jamais os padrões dos Davenport e dos Tallants. Não era bonita, nem sequer era apresentável. Era torpe e desordenada e tinha o desafortunado costume de dizer as coisas mais horríveis no momento mais inadequado.

No fundo do seu íntimo, algo se rendeu. Esta gente nunca a tinha amado, nunca o faria. Só Webb se preocupou e agora tinha estragado isso também. Estava sozinha de forma tão intrínseca que

sentiu um enorme e doloroso vazio em seu interior. Havia algo devastador em saber que se ela simplesmente fosse embora dessa casa e nunca voltasse, ninguém se preocuparia. O desespero que enfrentou antes, quando compreendeu que Webb não a amava nem confiava nela, confinou-a numa muda resignação.

Bem, não a amavam; isso não significava que ela não tivesse nenhum amor que oferecer. Amava Webb com cada fibra de seu ser, algo que não ia mudar não importava o que ele sentisse por ela. Amava também à Vovó, apesar de sua óbvia preferência por Jessie, pois, depois de tudo, tinha sido a Vovó quem tinha asseverado com firmeza: "Roanna viverá aqui, é obvio"; aliviando o terror de uma menina de sete anos que tinha perdido tudo repentinamente. Mesmo embora tivesse com mais frequência a desaprovação do que a aprovação da Vovó, ainda sentia um enorme respeito e afeto pela indomável anciã. Esperava que algum dia ela mesma pudesse ser tão forte como a Vovó, em vez da torpe e não querida parva que era agora.

As duas pessoas às quais Roanna amava tinham perdido alguém querido a eles. Ok, ela desprezava Jessie, mas à Vovó e Webb não. Não era culpa dela que Jessie estivesse morta, mas se Webb fosse o culpado disso, então isso seria culpa dela por tê-lo beijado. Quem tinha matado realmente Jessie? A única pessoa que lhe veio à mente foi o homem a quem tinha visto com Jess no dia anterior, mas não tinha nem ideia de quem era e não estava segura de poder descrevê-lo ou de sequer reconhecê-lo, caso entrasse pela porta. Seu susto tinha sido tão grande que não tinha prestado muita atenção a seu rosto. Se já antes tinha decidido calar sobre o que tinha visto, seus motivos agora eram ainda mais incisivos. Se o xerife Watts soubesse que Jessie tinha um caso, veria isto como um motivo para que Webb a matasse. Não, decidiu Roanna atordoada, só conseguiria fazer mal a Webb revelando o que Jessie estivera a fazer.

Um assassino ficaria livre. Roanna pensou nisto, mas seu raciocínio era simples: falar com o xerife disso não garantia que o assassino fosse apanhado, porque ela não tinha mais informação que esta, e Webb seria prejudicado. Para Roanna, não existiam considerações de justiça ou verdade, e era muito jovem e simples para sutilezas filosóficas. A única coisa que importava era proteger Webb. Bem ou mal, manteria sua boca fechada.

Observou enquanto um carro da polícia percorria

silenciosamente a longa avenida e parava. Webb e o xerife Watts desceram dele e caminharam para a casa. Roanna olhou para Webb; seu olhar se pegou a ele como um ímã ao aço. Ele ainda vestido com a roupa do dia anterior e parecia esgotado, seu sombrio rosto estava escurecido tanto pela fadiga como pela barba de um dia. Ao menos estava em casa, pensou e o seu coração saltou de alegria, pois não estava algemado. Isso devia significar que o xerife não iria prendê-lo.

Quando os dois homens se aproximaram do semicírculo da calçada pavimentada, Webb olhou para onde ela permanecia sentada, no parapeito da janela, perfilada pelas luzes detrás dela. Embora ainda não fosse completamente dia, Roanna viu a forma como sua expressão se endureceu e depois afastou o olhar dela.

Escutou o confuso e torpe frenesi dos familiares às suas costas quando Webb entrou na casa. A maior parte deles não lhe falou e, em troca, fizeram um esforço por fazer que suas próprias conversas parecessem casuais. Dadas as circunstâncias, era um esforço ridículo, e simplesmente pareciam artificiais. Só Yvonne e Sandra foram até ele e se apertaram em seus fortes braços. No reflexo da janela, Roanna viu como ele inclinava sua cabeça morena sobre a delas.

Ele soltou-as e se virou para o xerife Watts.

–Preciso tomar banho e me barbear, - disse ele.

-Lá em cima está interditado por enquanto- respondeu o xerife.

-Há um banheiro com uma ducha ao lado da cozinha. Pode fazer com que algum ajudante me traga roupa limpa?

-Claro. – fizeram-se os acertos e Webb partiu para se assear. As vozes detrás dela recuperaram um ritmo mais normal. Vendo-as, Roanna pôde dizer que tanto tia Yvonne como tia Sandra estavam furiosas com os outros.

Então, de repente, sua vista do quarto foi apagada quando o xerife Watts se posicionou diretamente detrás dela.

-Roanna, sente-se com forças para responder algumas perguntas? - perguntou-lhe em um tom tão suave que parecia deslocado, vindo de um homem tão áspero e corpulento.

Ela se aferrou à manta com mais força ainda e virou em silêncio.

Sua enorme mão se fechou sobre seu cotovelo.

-Vamos a um lugar mais tranquilo, - disse-lhe, ajudando-a a deslizar do assento junto à janela. Não era tão alto como Webb, mas era quase duas vezes mais corpulento. Possuía a constituição de um lutador, com um peito de tonel que desembocava em um amplo ventre, sem um pingo de gordura.

Conduziu-a ao escritório de Webb, sentando-a no sofá em vez de em uma das amplas poltronas de couro, e se deixou cair esgotado junto a ela.

-Sei que é difícil para você falar disso, mas tenho que saber o que passou ontem à noite, e esta manhã.

Ela assentiu.

-Webb e Jessie discutiam, - disse o xerife Watts, olhando-a atentamente. -Sabia…?

-Foi por minha culpa, - interrompeu-o Roanna, com voz pausada, vazia e estranhamente rouca. Seus olhos negros, geralmente tão animados e cheios de brilho dourado, estavam opacos e atormentados. -Eu estava na cozinha tratando de comer quando Webb chegou em casa de Nashville. Eu… eu não tinha jantado. Estava chateada... De qualquer maneira, eu o b-beijei, e então foi quando Jessie entrou.

-Você o beijou? Não foi ele que a beijou?

Abatida, Roanna negou com a cabeça. Não importava que uns segundos depois Webb a tivesse apertado em seus braços e lhe devolvesse o beijo. Ela o tinha iniciado.

- Webb a beijou alguma vez?

-Algumas vezes. Mas, sobretudo, me revolve o cabelo.

Os lábios do xerife se contraíram.

–Quero dizer na boca.

-Não.

-Está apaixonada por ele, Roanna?

Ela ficou imóvel, até a respiração se deteve em seu peito.

Então ergueu seus magros ombros e o olhou com um desespero tão cru que ele tragou em seco.

- Não, - disse com patética dignidade. – Eu o amo. - Fez uma pausa. –Entretanto, ele não me ama. Não da mesma maneira.

-É por isso que o beijou?

Ela começou a balançar a si mesma, um movimento quase imperceptível, mas significativo enquanto lutava por controlar sua dor.

-Sei que não deveria tê-lo feito, - sussurrou. -Sabia quando o fiz. Jamais teria feito nada para causar a Webb tantos problemas. Jessie disse que eu tinha feito de propósito, que sabia que ela estava descendo, mas eu não sabia. Juro que não sabia. Estava sendo tão carinhoso comigo e, de repente, não pude resistir. Simplesmente o agarrei. Ele não teve a menor oportunidade.

-O que Jessie fez?

-Começou a gritar. Chamou-me por todos os insultos que conhecia, e a Webb também. Acusou-nos de… já sabe. Webb tratou de explicar que não era o que parecia, mas Jessie nunca escutava a ninguém quando se lançava em um de seus ataques.

O xerife pôs sua mão sobre a dela, afagando-a.

- Roanna, tenho que te perguntar isto e quero que me diga a verdade. Está segura de que não há nada entre você e Webb? Você teve alguma vez relações sexuais com ele? Esta é uma situação muito séria, céus, e só a verdade vale.

Ela o olhou inexpressiva e, de repente, um ardente rubor se estendeu por seu pálido rosto.

- Não! - balbuciou, e se ruborizou ainda mais. - Eu nunca… com ninguém! Quero dizer…

Ele afagou a sua mão de novo, interrompendo misericordiosamente sua entrecortada resposta.

-Não há nenhuma necessidade de se envergonhar, - disse-lhe, amavelmente. – Você fez a coisa correta, valorizando-se assim.

Deprimida, Roanna pensou que tampouco se tinha em tão alta estima; se em qualquer momento Webb lhe tivesse feito gestos com

um dedo, ela teria ido correndo e lhe teria deixado fazer o que quisesse. Sua virgindade era devida à sua indiferença, não à sua própria moralidade.

-O que se passou então?- incentivou ele.

- Eles subiram, ainda discutindo. Na verdade, era Jessie que discutia. Ela gritava e Webb tratava de acalmá-la, mas ela não o escutava.

-Ameaçou-o de fazer com que ele fosse retirado do testamento de Lucinda?

Roanna assentiu.

-Mas a Vovó pareceu surpreendida por isso. Senti-me muito aliviada, porque não poderia ter suportado ser a causa de que Webb perdesse Davencourt.

-Ouviu se ocorreu algo violento em seus quartos?

-Vidros quebrando, e então Webb gritou depois que ela pedisse o divórcio e partiu.

- Ele disse que faria qualquer coisa para se livrar dela?

-Acredito que sim, - respondeu Roanna, sem duvidar, sabendo que provavelmente outros teriam confirmado isto. -Não o culpo. Eu teria acrescentado meu pagamento à sua pensão alimentícia, se isso tivesse ajudado.

Os lábios do xerife se estremeceram de novo. – Você não gostava de Jessie?

Ela negou com a cabeça.

-Era sempre odiosa comigo.

-Tinha ciúmes dela?

Os lábios de Roanna tremeram.

– Ela tinha Webb. Mas inclusive se não o tivesse, sei que ele não se sentiria interessado por mim. Nunca esteve. Era agradável comigo porque tinha pena. Depois de que aconteceu ontem à noite… quero dizer, depois do que eu causei… decidi que poderia ir a um internato como quereriam que fizesse. Talvez assim eu pudesse fazer

alguns amigos.

-Ouviu algo em seus quartos ontem à noite depois de que Webb partiu?

Roanna estremeceu, uma imagem de Jessie como a tinha visto pela última vez cintilou em seu cérebro. Tomou ar.

-Não sei. Todos estavam chateados comigo, até Webb. Estava aborrecida e fui ao meu quarto. Ele fica na parte traseira da casa.

-Bom, Roanna, agora quero que pense com cuidado. Quando subiu a escada, seus quartos ficam à esquerda do corredor da fachada. Se houver luz nelas, pode-se ver sob a porta. Comprovei-o eu mesmo. Quando foi ao seu quarto, olhou nessa direção?

Ela recordava disso muito bem. Tinha dado uma olhada temerosa na porta de Jessie, temendo que ela avançasse sobre ela como a Bruxa Malvada do Mágico de Oz e tinha tratado de ser muito silenciosa para que Jessie não a ouvisse. Assentiu com a cabeça.

-Havia uma luz acesa?

-Sim. - Estava segura disso, porque, além disso, tinha pensado que talvez Jessie continuasse no quarto e não na sala adjacente e assim não a ouviria.

-De acordo. Agora me fale de mais tarde, quando a encontrou. A que horas foi?

-Depois das duas. Não tinha dormido. Seguia pensando em como a confusão aconteceu e todos os problemas que tinha causado a Webb.

-Esteve acordada todo o tempo? – perguntou-lhe bruscamente o xerife. -Ouviu algo?

Ela negou com a cabeça.

–Já disse, meu quarto está na parte de trás, longe de todos os outros. É muito tranquilo. Por isso eu gosto.

-Pode me dizer se ouviu outros passarem para deitarem-se?

-Ouvi Tia Gloria no corredor mais ou menos às nove e meia, mas tinha a porta fechada e não sei o que estava dizendo.

-Harlan disse que começou a ver um filme aproximadamente às oito. Nove e meia é muito cedo para que tivesse terminado

-Talvez tenha terminado de vê-lo em seu quarto. Sei que têm uma televisão, porque a Vovó fez que instalassem uma conexão lá antes que se mudassem.

Ele tirou seu caderno e rabiscou umas palavras, depois disse,

- Bem, voltemos para quando foi às habitações de Jessie esta madrugada. Estava a luz acesa então?

- Não. Acendi quando entrei. Pensei que Jessie estava na cama e entrei em seu quarto para despertá-la e poder falar com ela. A luz me ofuscou e durante uns minutos não pude ver bem, então… tropecei nela.

Ela estremeceu outra vez e começou a tremer. O brilhante rubor de um momento antes abandonou seu rosto, deixando-a pálida outra vez.

-Por que queria falar com ela?

-Queria dizer que não tinha sido culpa de Webb, que ele não tinha feito nada de errado. Fui eu… agindo estupidamente, como de costume, - disse, apagada. -Nunca quis lhe causar nenhum problema.

-Pois então por que não esperou até pela manhã?

-Porque queria deixar tudo esclarecido antes.

-Então por que não falou com ela antes de ir à cama?

-Sou uma covarde. – Ela lhe lançou um olhar envergonhado. -Não sabe quão desagradável Jessie podia ser.

-Não acredito que seja uma covarde absolutamente, doçura. É preciso coragem para admitir que algo seja sua culpa. Muitos adultos nunca aprendem a fazê-lo.

Ela começou a se balançar outra vez e o olhar atormentado retornou.

-Não queria que nada errado acontecesse com Jessie, não algo assim. Adoraria que caísse todo o cabelo dela ou algo do tipo. Mas quando vi sua cabeça... E o sangue... Nem sequer a reconheci de início. Sempre foi tão linda.

Sua voz se acalmou e Booley permaneceu sentado em silêncio a seu lado, pensando a toda velocidade. Roanna havia dito que acendeu a luz. Todos os pomos e os interruptores da luz tinham sido já tratados com pó para tirar impressões digitais, assim seus rastros deveriam estar sobre aquele interruptor em particular, algo bastante fácil de comprovar. Se a luz estava acesa quando ela foi a seu quarto e apagada quando entrou para falar com Jessie, isso significava que, ou Jessie a tinha apagado depois que Webb partiu, ou alguém mais o tinha feito. De qualquer maneira, Jessie estava viva quando Webb tinha abandonado a casa.

Isso não significava que ele não pudesse ter retornado mais tarde e ter subido pela escada exterior. Mas se confirmasse seu álibi no Waffle Hut, então isso queria dizer que não tinham suficientes provas circunstanciais para prendê-lo. Infernos! De todos os modos, não havia motivo. Não tinha um caso com Roanna e não é que Booley tivesse dado muito crédito a esta teoria para começar. Somente tinha sido um disparo às cegas, nada mais. Os fatos nus eram que Webb e Jessie tinham discutido sobre algo que Roanna tinha admitido que era totalmente culpa dela, exonerando Webb. Jessie o tinha ameaçado com a perda de Davencourt, mas ninguém tinha acreditado nela, de modo que não contava. No calor da briga, Webb tinha gritado que pedisse o divórcio, e partiu da casa. Jessie estava viva então, tanto segundo o testemunho de Roanna como segundo a estimativa do forense do momento da morte, apoiada no grau de rigidez *post-mortem* e na temperatura do corpo de Jessie. Ninguém tinha visto ou ouvido nada. Webb estava no Waffle Hut no período de tempo em que Jessie tinha morrido. Bem, tampouco se tratava de uma grande distancia até aqui, conduzindo, poder-se-ia chegar em, aproximadamente, quinze ou vinte minutos, assim entrava ainda no rol das possibilidades que tivesse retornado, golpeasse-a na cabeça, e então tranquilamente conduzisse de retorno a Waffle Hut para estabelecer seu álibi, mas as probabilidades de convencer a qualquer jurado disto eram remotas. Demônios, as probabilidades de convencer ao promotor do condado para efetuar uma acusação com essa base eram ainda menores.

Alguém tinha matado Jessie Tallant. Roanna não. A moça era tão dolorosamente transparente e vulnerável, que duvidava que soubesse sequer mentir. Além disso, apostava o salário de um mês que não tinha a força necessária para levantar o suporte da lareira, que era um dos mais pesados que tinha visto, fabricado sob medida

para as enormes lareiras de Davencourt. Alguém com força tinha matado Jessie, o que indicava um homem. Os outros dois homens em Davencourt, Harlan Ames e o encarregado dos estábulos, Loyal Wise, não tinham nenhum motivo.

Assim, ou o assassino era Webb - e a menos que Webb o admitisse, Booley sabia não havia modo de demonstrá-lo – ou um estranho. Não havia nenhum sinal de que tivessem forçado a entrada, mas, para seu assombro, tinha descoberto que nenhum dos que aqui viviam fechava as portas de sua varanda; assim, o arrombamento não teria sido necessário. Tampouco faltava nada, o que teria motivado um roubo. O que estava claro é Jessie estava morta e não contava com nenhum motivo evidente para tal feito, e era condenadamente difícil conseguir que condenassem a alguém por assassinato sem dar ao jurado um motivo no qual pudessem acreditar.

Este era um desses assassinatos que não iria se resolver. Sentia-o em seus ossos e o deixava furioso. Não gostava que os infratores da lei escapassem, nem pelo roubo de um pacote de chicletes, muito menos por assassinato. Que Jessie tinha sido evidentemente uma bruxa malcriada não tinha a menor importância; seguia sem merecer que lhe esmagassem a cabeça.

Bom, tentaria. Comprovaria todos os fatos, verificaria o álibi de Webb e apresentaria o que tivesse a Simmons, mas sabia que o promotor iria dizer que não tinham um caso.

Suspirou, ficou em pé, sob o olhar da desamparada pessoa que continuava sentada no sofá, e se aproximou para lhe oferecer um pouco de consolo.

– Valorize-se um pouco mais, querida. Não é estúpida e não é uma covarde. É uma moça doce, simpática, e de quem eu gosto muito.

Ela não respondeu, e ele se perguntou se sequer teria ouvido. Ela tinha passado por tantas coisas nas últimas doze horas, que era uma maravilha que não tivesse sucumbido à tensão. Ele afagou o seu ombro e abandonou a sala em silêncio, deixando-a a sós com seus remorsos e suas horríveis lembranças desta noite.

## Capítulo 7

Os dias seguintes foram um inferno.

Toda a área de bancos de areia de Shoals, que compreendia Tuscumbia, Muscle Shoals, Sheffield e Florence, as quatro cidades que agrupavam Colbert e o condado de Lauderdale e convergiam com o Rio Tennessee, tinham a atenção cravada no espetáculo do sangrento assassinato do membro de uma das famílias mais proeminentes do condado de Colbert, e a consequente investigação de seu marido como possível assassino. Webb era muito conhecido, embora ainda não tão respeitado, como Marshall Davenport o tinha sido, e é obvio, todo mundo conhecia Jessie, a estrela da alta sociedade local. A intriga se estendeu como a pólvora. Webb não tinha sido preso e a única coisa que o xerife Eatts havia dito é que o tinham interrogado e posto em liberdade, mas no que diz respeito a todos isto era como dizer que ele o tivesse feito.

Por causa disso, e em vista de como sua própria família o tratava, as fofocas voavam. Lucinda rompia a chorar sempre que o via e ainda não tinha sido capaz de falar com ele. Glória e Harlan Ames estavam convencidos de que Webb tinha matado Jessie e, embora publicamente não tivessem feito nenhuma declaração, tinham deixado cair alguns comentários a seus amigos mais íntimos, tais quais "entre você e eu". Os mais íntegros manifestaram sua desaprovação quando a fofoca se foi estendendo, mas isto não evitou que crescesse como erva daninha.

Os dois filhos de Glória e Harlan, Baron e Lanette, mantiveram a suas respectivas famílias tão afastadas de Webb quanto puderam.

Só a mãe de Webb, Yvonne, e sua tia Sandra pareciam convencidas de sua inocência, mas claro, era lógico. Ele sempre tinha sido o favorito de Sandra, enquanto que virtualmente ela ignorava aos netos de Glória. Uma definitiva cisão ia dividindo a família. E quanto a Roanna, que tinha descoberto o corpo, dizia-se que estava doente pelo choque e visivelmente se retraiu a si mesma. Sempre tinha sido como um cachorrinho colado aos calcanhares de Webb, mas nem sequer ela se aproximava dele. O rumor era que eles não tinham se falado desde a morte de Jessie.

As más línguas estenderam o rumor de que Jessie tinha sido

grosseiramente golpeada antes que a tivessem matado; alguém mais acrescentou que tinha sido mutilada. Comentaram que Webb tinha sido surpreendo em *flagrante delito* com Roanna, sua priminha, mas a incredulidade lhes impediu de acreditar realmente. Talvez o tivessem flagrado, mas com Roanna? Vamos lá, ela era magra como um poste, pouco charmosa e não tinha nem ideia de como atrair a um homem.

De todos os modos, obviamente, Webb tinha sido flagrado com alguém e a intriga voou enquanto se especulava sobre a identidade da desconhecida.

A autópsia de Jessie foi concluída, mas os resultados não se fizeram públicos, pendentes do resultado da investigação. Efetuaram-se os acertos para o enterro e compareceram tantas pessoas à igreja que não cabiam todos. Inclusive gente que não a conhecia pessoalmente assistiu por curiosidade. Webb permaneceu em pé sozinho, uma ilha ao redor da qual todos os outros flutuavam, mas sem tocá-lo jamais. O sacerdote lhe apresentou suas condolências. Ninguém mais o fez.

No cemitério, foi do mesmo modo. Lucinda estava desconsolada, chorando descontroladamente enquanto contemplava o caixão de Jessie coberto de flores, sustentado por trilhos de cobre sobre a nua e profunda abertura da sepultura. Era um caloroso dia do verão, sem uma só nuvem no céu, e o radiante e quente sol logo fez a todos gotejarem de suor. Lenços e pedaços de papel foram usados para abanar languidamente os rostos suados.

Webb estava sentado ao final da primeira fila de cadeiras dobradiças que tinham sido colocadas sob a cobertura para os familiares mais próximos. Yvonne se sentou a seu lado, sustentando firmemente sua mão, e Sandra se sentou junto dela. O resto da família tinha ocupado as demais cadeiras, embora ninguém parecesse impaciente por sentarem justo detrás de Webb. Finalmente, Roanna ocupou aquela cadeira, uma frágil aparição, que tinha ficado cada vez mais magra desde o dia do assassinato de Jessie. Por uma vez, não tropeçou nem derrubou nada. Seu rosto estava pálido e distante. Seu cabelo castanho escuro, geralmente tão desordenado, estava severamente preso e recolhido para trás com uma fita negra. Ela estava acostumada a estar sempre se movendo, como se tivesse muita energia em seu interior, mas agora permanecia estranhamente imóvel. Várias pessoas lhe lançaram olhares curiosos, como se não

estivessem completamente seguros de sua identidade. Suas feições muito grandes, tão pouco adequadas para a magreza de seu rosto, de algum jeito pareciam adequadas para a remota severidade que agora a envolvia. Seguia sem ser bonita, mas tinha alguma coisa...

Finalizaram as orações e os afetados foram discretamente afastados da sepultura para que o caixão pudesse ser baixado e a sepultura preenchida. Ninguém abandonou de fato o cemitério, exceto uns quantos que tinham outras coisas que fazer e não podiam esperar mais até que algo ocorresse. Os outros formaram redemoinhos ao redor, apertando a mão de Lucinda, beijando-a na face. Ninguém se aproximou de Webb. Ele permaneceu em pé, sozinho, tal como o fez no velório e depois na igreja, com a expressão severa e distante.

Roanna aguentou tanto quanto pôde. Tinha-o evitado, sabendo o muito que devia odiá-la, mas o modo que as pessoas o tratavam a fez sangrar por dentro. Aproximou-se de seu lado e deslizou sua mão na dele, seus gelados e frágeis dedos, aferrando-se à dureza e a cálida força dos seus. Ele olhou para ela, seus olhos verdes lhe dando boas vindas, tão quente como o gelo.

-Sinto muito, - sussurrou ela, suas palavras eram audíveis somente para ele. Ela era intensamente consciente de todos os ávidos olhares cravados sobre eles, especulando sobre seu gesto. -É culpa minha que o tratem assim. - As lágrimas alagaram seus olhos, turvando sua visão quando elevou a vista para ele. –Somente queria que soubesse que não... Não o fiz intencionalmente. Não sabia que Jessie estava descendo. Não tinha falado com ela dede o almoço.

Algo brilhou em seus olhos, e ele tomou uma longa e controlada baforada de ar.

– Não importa, - disse, e suave, mas firmemente apartou sua mão de seu aperto. A rejeição foi como uma bofetada. Roanna cambaleou sob o impacto, com expressão brutalmente desolada. Webb murmurou uma maldição baixa e, a contra gosto, levantou a mão para estabilizá-la, mas Roanna retrocedeu.

-Entendo, - disse, ainda sussurrando. -Não o incomodarei mais. - E escapou, tão insubstancial como um fantasma vestido de negro.

De alguma forma, conseguiu manter a fachada. Era mais fácil agora, como se a capa de gelo que a rodeava impedisse que tudo

transbordasse. A rejeição de Webb quase a tinha partido, mas depois do golpe inicial, a capa se espessou em defesa própria, fazendo-se ainda mais forte. O sol quente caía sobre ela, mas Roanna se perguntava se voltaria a sentir calor alguma vez.

Depois que adormeceu na noite em que tinha encontrado o corpo de Jessie, cada vez que fechava os olhos, a sangrenta imagem parecia estar no interior de suas pálpebras, onde não podia evitá-la. A culpa e a infelicidade lhe impediam de comer pouco mais que uns bocados e tinha, inclusive, perdido mais peso. A família era mais amável com ela, possivelmente devido ao sentimento de culpa pelo modo como a tinham tratado imediatamente após ela encontrar o corpo de Jessie, quando acreditaram que Roanna tivesse matado sua prima, mas dava na mesma. Era muito tarde. Roanna se sentia tão afastada deles, de tudo, que às vezes era como se sequer estivessem lá.

Depois que a sepultura foi fechada e uma multidão de flores colocada para cobrir a terra, toda a família e muitos outros dirigiram de volta a Davencourt. O andar superior tinha sido fechado durante dois dias, mas, depois, o xerife Watts tão somente fechou a cena do crime e lhes tinha permitido fazer uso do resto do andar, embora todos se sentissem estranhos de início. Só o primo Baron e sua família se hospedaram na casa, já que todos os outros parentes viviam perto. Webb não tinha dormido em Davencourt desde o assassinato de Jessie. Passava os dias lá, mas de noite partia a um hotel. Tia Gloria disse que se sentia aliviada, porque não teria se sentido segura com ele em casa durante a noite e Roanna sentiu vontade de esbofeteá-la. Só a conteve o desejo de não causar mais nervoso à vovó.

Tansy tinha preparado enormes quantidades de comida para alimentar à multidão que esperávamos e ela se alegrou da oportunidade de manter-se ocupada. As pessoas perambulavam, entrando e saindo da sala de jantar, onde tinham colocado um aparador, enchendo seus pratos e voltando para se juntar aos pequenos grupos que discutiam sobre a situação em voz apagada.

Webb se trancou no escritório. Roanna partiu aos estábulos e subiu na cerca, encontrando consolo na contemplação às brincadeiras dos cavalos. Buckley a viu e trotou para ela, pressionando sua cabeça sobre a cerca para que o acariciasse. Roanna não tinha montado a cavalo desde a morte de Jessie; de fato, esta era sua primeira visita

aos estábulos. Acariciou Buckley detrás das orelhas e cantarolou docemente, mas sua mente não estava no que dizia, eram somente gestos automáticos. Ainda assim, o cavalo não se importou; seus olhos se entrecerraram de prazer e emitiu um ruidoso grunhido.

- Ele sentiu sua falta, - disse Loyal, aparecendo detrás dela. Ele tirou o terno que usava no enterro e agora vestia as familiares calças do uniforme e botas.

-Eu também senti falta dele.

Loyal apoiou os braços sobre a travessa superior e contemplou seu reino, seu olhar foi se tornando mais cálido conforme olhava os animais, lustrosos e transbordantes de saúde, que amava.

– Você não tem bom aspecto, - disse-lhe, sem rodeios. - Você tem que se cuidar mais. Os cavalos necessitam de você.

-Está sendo uma fase ruim, - respondeu ela, com voz sem ânimo.

-Sim, é verdade, - estou de acordo. -Ainda não parece verdade. E é uma vergonha como as pessoas tratam o senhor Webb. Ora essa, ele não matou a senhorita Jessie mais do que eu. Qualquer um que o conheça saberia isso. - Loyal tinha sido amplamente interrogado sobre a noite do assassinato. Ele tinha ouvido Webb partir e estava de acordo com todos outros que isto ocorrera entre oito e oito e meia, mas não tinha ouvido nenhum carro depois disso até que chamaram o xerife e começaram a chegar os carros patrulha do condado à cena. O grito de Roanna o despertou de um profundo sono, um som que ainda fazia que se estremecesse quando o recordava.

-As pessoas somente enxergam o que querem, - disse Roanna. Tio Harlan adora escutar o som de sua própria voz e a tia Gloria é idiota.

-O que você acredita que ocorrerá agora? Com eles vivendo aqui, quero dizer.

-Não sei.

-Como a senhora Lucinda vai aguentar?

Roanna sacudiu a cabeça.

– O Doutor Graves a mantém ligeiramente sedada. Ela amava muito a Jessie. Segue chorando o tempo todo. - Lucinda estava se apagando alarmantemente desde a morte de Jessie, como se isto tivesse sido um golpe muito terrível inclusive para alguém como ela. Tinha depositado todas suas esperanças para o futuro sobre Webb e Jessie e, agora, era como se elas tivessem sido destruídas, com Jessie morta e Webb suspeito de seu assassinato. Roanna esperou durante dias que a Vovó se aproximasse de Webb e o abraçasse e dissesse que ela acreditava nele. Mas pela razão que fosse, ou a vovó estava muito paralisada pela tristeza ou talvez porque realmente pensou que Webb poderia ter matado Jessie, tal coisa não tinha acontecido. A vovó não enxergava quanto Webb precisa dela? Ou estava tão absorvida em sua própria dor que não podia ver a dele?

Roanna esperava com temor os dias que se aproximavam.

-Temos os resultados da autópsia, - disse Booley a Webb no dia seguinte ao enterro. Estavam no escritório de Booley outra vez. Webb tinha a sensação de ter passado mais tempo ali desde a morte de Jessie que em qualquer outro lugar.

O atordoamento inicial já tinha passado, mas a tristeza e a raiva ainda estavam reprimidas em seu interior, ainda mais fortes pela necessidade de guardá-las para si. Ele não se atreveu a baixar a guarda nem um segundo ou sua raiva explodiria sobre todos: seus supostos amigos, que se tinham mantido tão longe dele como se tivesse contraído a lepra; seus sócios, alguns dos quais pareciam secretamente encantados com seu problema, os bastardos; e acima de todos eles, sua amada família que, pelo visto, todos eles pensavam que era um assassino.

Só Roanna se aproximou dele e lhe havia dito que sentia muito. Porque tinha sido ela mesma que assassinou Jessie por acidente e tinha medo de dizê-lo? Não podia estar seguro, mas não importava suas suspeitas. O que sabia era que ela também o tinha evitado, Roanna que sempre fazia o possível para estar grudada nele, definitivamente se sentia culpada por algo.

Não podia evitar se preocupar com ela. Sabia que não estava comendo e estava alarmantemente pálida. Também tinha mudado,

de forma muito sutil, de um modo que não podia analisar porque estava ainda tão zangado que não podia se concentrar naquelas pequenas diferenças.

-Sabia que Jessie estava grávida? - perguntou Booley. Se não estivesse sentando nesse momento, as pernas de Webb teriam dobrado, deixando-o cair. Contemplou Booley totalmente chocado.

-Parece-me que não, - disse Booley. Maldição, este caso tinha tantos acontecimentos e curvas como um labirinto. Webb seguia sendo o melhor suspeito como assassino de Jessie, o que não era muito a dizer, mas assim estavam as coisas. Não havia provas, ponto; nenhuma testemunha e nenhum motivo que conhecessem. Não poderia condenar nem a um mosquito com as provas que tinha. O álibi de Webb se comprovou, o testemunho de Roanna tinha estabelecido que Jessie estava viva quando Webb partiu, assim que a única coisa que tinham era um cadáver. Um cadáver grávido, de acordo com a necropsia.

-Estava aproximadamente de sete semanas, segundo o relatório. Tinha náuseas ou algo parecido?

Webb fez um gesto negativo. Sentia os lábios intumescidos. De sete semanas. O bebê não era dele. Jessie o estava traindo. Tragou o nó que sentia na garganta, tratando de elucidar o que isto significava. Não tinha encontrado nenhuma indicação de que ela lhe tinha sido infiel e tampouco houve alguma fofoca; em uma pequena cidade, teria causado intriga e a investigação de Booley teria descoberto. Se dissesse a Booley que o bebê não era dele, então este seria considerado como um motivo real para matá-la. Mas e se o seu amante a tinha matado? Sem ter nenhuma pista de quem pudesse ser esse homem, não havia nenhum modo de averiguá-lo, mesmo que Booley o escutasse.

Calou quando pensou que Roanna poderia ter matado Jessie e agora se via forçado a manter a mesma posição outra vez. Pela razão que fosse, não podia se obrigar a destruir Rô ou revelar que o bebê de Jessie não era seu, pois isso atrairia ainda mais suspeita sobre sua própria cabeça, o assassino de sua esposa ia ficar impune. Uma onda de impotente ódio o alagou outra vez, corroendo-o por inteiro, como o ácido; ódio de Jessie, de Roanna, de cada um e, sobretudo, de si mesmo.

-Se ela sabia, -disse finalmente, com voz rouca, - não me

contou isso.

-Bem, algumas mulheres se atrasam desde o começo e outras não. Minha esposa teve o período menstrual durante quatro meses com nosso primeiro filho; não tínhamos nem ideia do porquê vomitava todo o tempo. Não sei por que chamam enjoos matutinos, porque Bethalyn vomitava dia e noite. Nunca sabia o que a faria se sentir mal. Mas bem, com os outros, soube quase desde o começo. Suponho que ela aprendeu a reconhecer os sintomas. De todos os modos, sinto muito, Webb. Pelo bebê e tudo isso. E, uh, manteremos o caso aberto, mas francamente não temos nenhuma merda de pista para continuar.

Webb permaneceu sentado durante um momento, contemplando o branco de seus nódulos enquanto se aferrava aos braços da cadeira.

-Significa que não vai mais me investigar?

-Suponho que é o que significa.

-Posso abandonar a cidade?

-Não posso lhe impedir.

Webb se levantou. Ainda estava pálido. Parou na porta e olhou para trás na direção de Booley.

- Não a matei, - disse.

Booley suspirou.

-Era uma possibilidade. Tinha que comprová-lo.

-Sei.

-Desejaria ter descoberto ao assassino para ti, mas não parece possível.

-Sei disso, - disse Webb outra vez e silenciosamente fechou a porta atrás dele.

Em um momento de seu curto passeio até hotel, tomou sua decisão.

Ele embalou sua roupa, pagou a conta do hotel e dirigiu de volta a Davencourt. Seu olhar era amargo quando contemplou a

magnífica e velha casa, coroando um leve promontório, com suas elegantes e refinadas abas estendidas, como se estivesse dando boas vindas ao seu ventre. Tinha amado viver aqui, um príncipe em seu próprio reino, sabendo que um dia seria tudo dele. Ele tinha gostado de contribuir para a prosperidade de seu reino. Tinha até se casado com a princesa. Infernos, esteve mais que encantado de se casar com ela. Jessie tinha sido sua desde aquele longínquo dia quando se sentaram juntos, balançando-se sob o enorme e velho carvalho, onde tiveram sua primeira batalha pelo poder.

Ele se casou com ela por puro ego, determinado a lhe demonstrar que não podia jogar seus pequenos jogos com ele? Se fosse honesto, então a resposta era sim, essa tinha sido uma das razões. Mas outra tinha sido o amor, uma mistura estranha de amor de uma infância compartilhada, uma vida compartilhada, e a fascinação sexual que tinha existido entre eles na puberdade. Não era boa base para o matrimônio, agora sabia. O sexo tinha perdido sua fascinação malditamente rápido e seu passado em comum e as vivências compartilhadas não tinham sido bastante fortes para mantê-los unidos depois que a atração desapareceu.

Jessie vinha se deitando com outro homem. Ou homens, isso ele sabia. Conhecendo Jessie como a conhecia, compreendeu que provavelmente o tinha feito como vingança, porque ele não se dobrou humildemente a cada um de seus caprichos. Ela era capaz de qualquer coisa quando a contrariavam e, ainda assim, nunca esperou que fosse enganá-lo. Sua reputação em Tuscumbia e Colbert Country era muito importante para ela e estas não eram grandes cidades onde os amantes pudessem ir e vir sem que ninguém prestasse atenção. Isto era o Sul e, em alguns aspectos, o Velho Sul, onde as aparências e as maneiras refinadas se sobressaíam, pelo menos nas camadas da média e da alta sociedade.

Mas ela não só se deitou com outro, como também não tinha usado métodos anticoncepcionais. Também por vingança? Pensaria que seria maravilhosamente divertido fazê-lo se responsabilizar por um filho que não era dele?

Em uma breve e infernal semana, sua esposa tinha sido assassinada, sua vida e sua reputação completamente destruída e sua família lhe tinha dado as costas. Tinha deixado de ser o príncipe para se converter em um pária.

Estava farto de tudo isso. A bomba que Booley tinha soltado hoje foi a gota que transbordou o copo. Tinha trabalhado como um escravo durante anos para manter a família no nível ao qual se acostumaram, bem instalada no colo da riqueza, sacrificando sua vida privada e qualquer possibilidade que pudesse ter tido de construir um verdadeiro matrimônio com Jessie. Mas, quando tinha necessitado que sua família apresentasse uma frente unida, apoiando-o, não tinham estado lá. Lucinda não o tinha acusado, mas tampouco lhe tinha dado o menor apoio e estava cansado de dançar a seu som. Quanto a Glória e Harlan e sua prole, ao diabo com eles. Só sua mãe e a tia Sandra tinham acreditado nele.

Roanna. E ela? Ela tinha posto este pesadelo em marcha, arremetendo contra Jessie sem a mínima consideração pelo dano que pudesse causar a ele? De alguma forma, em algum nível, a traição de Roanna era mais amarga que a de outros. Ele se acostumou muito a sua adoração, ao cômodo companheirismo que tinha com ela. Sua excêntrica personalidade e sua língua rebelde o tinham divertido, tinham-no feito rir mesmo que estivesse tão exausto que quase caísse de bruços. Um Grand Pricks[2], efetivamente, uma pestinha.

No enterro, ela lhe disse que não tinha planejado a cena na cozinha, mas a culpa e a aflição estavam escritas por toda parte naquele rosto magro. Talvez o tivesse feito, talvez não. Mas ela também o tinha evitado, quando ele teria vendido sua alma por um pouco de consolo. Booley não considerava Roanna suspeita do assassinato de Jessie, mas Webb não podia esquecer o olhar de ódio que tinha visto em seus olhos, ou o fato de que ela tinha tido a oportunidade. Todos na casa tinham tido a oportunidade de fazê-lo, mas Roanna era a única que odiava Jessie.

Simplesmente não sabia. Tinha mantido a boca fechada para protegê-la, embora ela não o tivesse apoiado. Tinha mantido a boca fechada sobre o bebê de Jessie não ser dele, deixando que o possível assassino saísse impune, porque ele mesmo teria se tornado o suspeito mais provável. Estava malditamente cansado de que sempre o colocassem no meio. Ao diabo com todos eles.

Parou o carro no meio-fio e contemplou a casa, Davencourt. Esta era a encarnação de sua ambição, um símbolo de sua vida, o coração da família Davenport. Tinha personalidade própria, uma velha casa que tinha abrigado gerações de Davenport's no interior de seus elegantes proporções. Quando estava longe, em viagem de

negócios e pensava em Davencourt, em sua imaginação, sempre a via rodeada de flores. Na primavera, os arbustos de azaleias a cobriam de cor. No verão, as rosas e as pervincas a substituíam. No outono eram os crisântemos e no inverno os arbustos de camélias rosadas e brancas. Davencourt sempre estava em flor. Amava isso com uma paixão que nunca tinha sentido por Jessie. Não podia culpar o que tinha ocorrido somente aos outros, porque ele também era culpado, já que, ao analisar seu matrimônio, tinha pesado mais nele o legado que a mulher.

Ao diabo com Davencourt, também.

Estacionou em frente e entrou pela porta principal. A conversa na sala de estar se deteve abruptamente, como vinha acontecendo nas últimas semanas. Não olhou para ninguém quando se dirigiu a pernadas para o escritório e se sentou atrás da escrivaninha.

Trabalhou durante horas, completando relatórios financeiros, preenchendo impressos, devolvendo o controle ativo de todas as empresas Davenport às mãos de Lucinda. Quando terminou, levantou-se, saiu da casa e se foi sem olhar para trás.

## TERCEIRO LIVRO

### *O retorno*

### Capítulo 8.

-Traga-me Webb de volta, - disse Lucinda a Roanna. - Quero que o convença a voltar para casa.

O rosto de Roanna não mostrou seu choque, mas ele percorreu todo seu corpo. Com elegância e delicadeza, posou sua xícara de chá sobre a pequena mesa, sem mostrar o mínimo indício de nervosismo. Webb! Só o som de seu nome ainda tinha o poder de transpassá-la, reavivando o velho e doloroso sentimento de desejo e culpa, embora já tivessem transcorrido dez anos desde que o viu pela última vez, desde que todos o tinham visto.

-Sabe onde ele está? - ela perguntou serenamente. Diferentemente de Roanna, a mão de Lucinda tremeu quando posou seu copo. Seus oitenta e três anos pesavam sobre Lucinda e o constante tremor em suas mãos era outro pequeno indício de que seu corpo falhava. Lucinda estava morrendo. Ela sabia, todos sabiam. Não imediatamente, nem mesmo em breve, mas agora era verão e, certamente, ela não veria outro verão. Sua vontade de ferro tinha suportado muito, mas lentamente se dobrou sob o inexorável transcurso do tempo.

-É obvio. Contratei um detetive para encontrá-lo. Yvonne e Sandra sempre souberam durante todo este tempo, mas não quiseram me dizer, - disse Lucinda com uma mistura de ira e exasperação. – Ele se manteve em contato com elas e ambas lhe visitaram de vez em quando.

Roanna velou seus olhos com as pestanas, tendo cuidado em não mostrar nenhuma expressão. Então elas sabiam todo esse

tempo. Diferentemente de Lucinda, ela não poderia culpá-las. Webb tinha deixado bem claro, não tinha interesse pelo resto da família. Mesmo assim, doía. Seu amor por ele tinha sido a única emoção que não pôde bloquear. Sua ausência tinha sido como uma ferida aberta sempre sangrando, e nesses dez anos não se curou, ainda gotejava dor e remorso.

Mas tinha sobrevivido. Sem saber bem como, ao enterrar todas as suas emoções, tinha sobrevivido. Desapareceu a alegre e exuberante moça, transbordante de energia e travessuras. Em seu lugar, havia uma fria e distante jovem mulher, que nunca se precipitava, nunca perdia os nervos, raramente sorria e, menos até, ria abertamente. As emoções se apagavam com a dor; tinha aprendido essa amarga lição quando sua irreflexão, sua estúpida emotividade tinha arruinado a vida de Webb.

Como sua personalidade não era valorizada e nem amada, destruiu a si mesma e, das cinzas, construiu uma nova pessoa, uma mulher que nunca conheceria a cúpula, mas que jamais cairia de novo nas profundezas. De alguma forma, tinha posto em movimento a corrente de eventos que custaram a vida de Jessie e banido Webb das suas, quando se atribuiu com determinação à tarefa da expiação. Não podia substituir Jessie no amor de Lucinda, mas, pelo menos, podia deixar de ser uma carga e uma decepção.

Ela havia frequentado a Universidade de Alabama ao invés da exclusiva Universidade de garotas que pensou no início e se formou em Administração de Empresas, assim pôde ajudar Lucinda na gestão dos negócios, uma vez que Webb já não estava lá para cuidar disso. Roanna não gostava da carreira, mas se obrigou a estudar duramente e a obter bons resultados. Então, ela achava chato? Era um pequeno preço a pagar.

Ela se esforçou para aprender a se vestir, para que Lucinda não se sentisse envergonhada dela. Teve aulas para melhorar sua forma de dirigir, tinha aprendido a dançar, a se maquiar, a sustentar uma conversa educada, a ser socialmente aceitável. Tinha aprendido a dominar seu louco entusiasmo que em tantas ocasiões a tinham metido em problemas quando era uma menina, mas isso não tinha sido difícil. Depois de que Webb desapareceu, seu problema consistiu em voltar a sentir alegria em viver e não o contrário.

Não podia pensar em nada que a angustiasse mais que em se

encontrar com Webb cara a cara outra vez.

-E se ele não quiser voltar?- murmurou.

-Convença-o, - respondeu Lucinda, com brutalidade. Então suspirou e sua voz se tornou mais suave. – Ele sempre mostrou debilidade por você. Preciso que ele volte. Necessitamos dele. Juntas, você e eu gerenciamos bem para que as coisas continuassem funcionando, mas já não me resta muito tempo e seu coração e sua alma não estão nisto à maneira de Webb. Quando se tratava de negócios, Webb tinha o cérebro de um ordenador e o coração de um tubarão. Era honrado, mas desumano. Essas são qualidades estranhas, Roanna, não são o tipo de qualidades que se possa substituir com facilidade.

-Por isso mesmo, pode ser que ele não nos perdoe. - Roanna não reagiu ante o menosprezo de Lucinda por sua aptidão para dirigir o império familiar. Era a verdade nua e crua; por isso a maioria das vezes todas as decisões importantes recaíam sobre os cada vez mais frágeis ombros de Lucinda, enquanto que Roanna se limitava a pô-los em prática. Adestrou a si mesma, disciplinou-se até onde pôde, mas embora desse o melhor dela mesma nunca fosse suficiente. Aceitava-o e protegia a si mesma ao não lhe dar importância. Na verdade, nada tinha tido importância durante os últimos dez anos.

A tristeza cintilou no enrugado rosto de Lucinda.

-Desde que partiu, senti falta dele todos os dias, - disse com suavidade. -Jamais me perdoarei por ter permitido o que lhe passou. Eu tinha que ter dito a todo mundo que acreditava nele, que confiava nele, entretanto, desfrutei minha própria dor e não vi o que meu abandono lhe estava fazendo. Não me importa morrer, mas não posso ir tranquila até que arrume as coisas com Webb. Se alguém pode trazê-lo de volta, Roanna, é você.

Roanna não contou a Lucinda que no funeral de Jessie estendeu uma mão a Webb e foi friamente rejeitada. Em seu íntimo, pensava que tinha menos possibilidades de convencer Webb de retornar para casa que qualquer outro, mas isso era outra coisa que tinha aprendido por si mesma. Se ela conseguia bloquear seus sentimentos, então suas emoções e medos privados seriam exatamente isso: privados. Se os mantivesse presos em seu interior, então ninguém mais que ela saberia que existiam.

Não importava o que ela sentisse; se Lucinda queria Webb de volta em casa, faria o que pudesse, sem importar o que lhe custasse.

- Onde ele está?

-Em alguma pequena cidade deixada da mão de Deus no Arizona. Dar-te-ei a pasta com a informação que solicitei ao detetive. Foi bem sucedido nos negócios. Possui um rancho, nada do tamanho de Davencourt, mas não está em Webb fracassar.

-Quando quer que eu parta?

- O mais rápido possível. Necessitamos dele aqui. Eu necessito dele. Antes de morrer, quero fazer as pazes com ele.

- Eu tentarei. - disse Roanna.

Lucinda olhou durante um prolongado momento à sua neta, depois um cansado sorriso curvou sua boca.

-É a única que não aparenta falsa alegria quando me diz que farei os cem anos, - disse, com uma amarga insinuação de aprovação em sua voz. -Malditos idiotas. Acreditam que não sei que estou morrendo? Tenho câncer e sou muito velha para esbanjar meu tempo e meu dinheiro em um tratamento quando, de todas as formas, a velhice me levará rapidamente. Pelo amor de Deus, eu vivo neste corpo. Sinto que está se apagando lentamente.

Não existia resposta que não soasse falsamente alegre ou cruel, assim Roanna não disse nada. Muito frequentemente permanecia calada, deixando que as conversações passassem por cima dela, sem fazer o menor esforço para integrar-se a elas. Era fato que todos os outros na casa faziam o possível para ignorar a enfermidade, como se esta fosse desaparecer ao ser ignorada. Não apenas viviam lá Gloria e Harlan; sem saber bem como, no ano da morte de Jessie e da partida de Webb, Glória tinha conseguido instalar mais membros de sua família em Davencourt. Seu filho, Baron tinha decidido ficar em Charlotte, entretanto, todos os outros estavam lá. A filha de Glória, Lanette, tinha instalado toda a sua família, seu marido Greg e seus filhos Corliss e Brock. Não é que fossem crianças; Brock tinha trinta anos e Corliss a idade de Roanna. Lucinda deixou que a casa ficasse cheia, possivelmente em um intento por desterrar o vazio que ficou ao perder Jessie e Webb. Caso Roanna pudesse convencer Webb de que retornasse - uma grande hipótese - perguntava-se o que faria com toda esta situação. Certo,

todos eram primos deles, mas, por alguma razão, pensava que se mostraria um pouco impaciente com eles por se aproveitarem da dor de Lucinda.

-Sabe que mudei meu testamento depois que Webb partiu, - continuou Lucinda depois de um momento, tomando outro sorvo de chá. Olhou fixamente pela janela para a profusão de rosas cor pêssego, suas favoritas, e ergueu os ombros para tomar forças. – Nomeei você herdeira universal; Davencourt e a maior parte do dinheiro iriam para você. Acredito que é justo te dizer que, se puder convencer Webb que volte, porei tudo em seu nome.

Roanna assentiu. Isso não influenciaria seus esforços; nada o faria. Faria todo o possível para convencer Webb de que retornasse e, de fato, não sentiria nenhuma perda pessoal quando Lucinda mudasse seu testamento. Embora o tentasse com esforço, Roanna o aceitava, simplesmente não possuía o dom para os negócios como Lucinda e Webb. Não era uma pessoa que corresse riscos e não podia mostrar entusiasmo pelo jogo dos grandes negócios. Davencourt estaria muito melhor com ele no comando, assim como a carteira de investimentos financeiros e interesses.

-Esse foi o pacto que fiz com ele quando tinha quatorze anos, - continuou Lucinda, com voz áspera e os ombros ainda tensos. -Se ele trabalhasse duro, estudasse e se formasse para poder comandar Davencourt, então tudo seria dele.

-Entendo, - murmurou Roanna.

-Davencourt… - Lucinda seguia com a vista fixa sobre a grama perfeitamente cuidada, o jardim de flores, os pastos mais ao fundo, onde seus queridos cavalos abaixavam seus elegantes e musculosos pescoços para pastar. -Davencourt merece estar nas melhores mãos. Não é somente uma casa, é um legado. Já não restam muitos como este e tenho que escolher a quem acredito que será o melhor para cuidar dele.

-Tentarei trazê-lo de volta, - prometeu Roanna, seu rosto tão sereno como um lago em um caloroso dia de verão, quando nem um sopro de brisa ondulava a superfície. Era o rosto atrás do qual se ocultava uma máscara de indiferença, insondável e serena. Nada podia transpassar o seguro véu que ela tinha tecido, exceto Webb, sua única debilidade. Diante de seu pesar, seus pensamentos puseram-se a voar. Tê-lo de volta… seria como o céu e o inferno ao

mesmo tempo. Poderia vê-lo todos os dias, escutar sua voz, abraçar em segredo sua proximidade nas longas e escuras noites, quando todos os pesadelos se tornavam reais… isso era o céu. O inferno era saber que ele agora a desprezava, que cada um de seus olhares seria de condenação e repulsa.

Mas, não, tinha que ser realista. Ela não estaria aqui. Quando Lucinda - já não pensava nela como Vovó – morresse, Davencourt já não seria mais seu lar. Seria de Webb, e ele não a quereria aqui. Não o veria todos os dias, possivelmente nunca mais. Teria que se mudar, encontrar um trabalho, enfrentar a vida real. Bem, pelo menos com sua graduação e sua experiência, seria capaz de encontrar um bom trabalho. Talvez não na região de Shoals; poderia ser que tivesse que se mudar, nesse caso estava segura de que jamais voltaria a ver Webb. Isso tampouco importava. Seu lugar era aqui. Suas irrefletidas ações lhe custaram sua herança, assim era justo que ela fizesse o possível para trazê-lo de volta.

-Não se importa? - perguntou-lhe Lucinda abruptamente. - Perder Davencourt se fizer isto por mim?

*Nada importava*. Essa tinha sido sua ladainha, sua maldição durante dez anos.

-É seu para deixar-lhe a quem você quiser. Webb foi o herdeiro escolhido. E tem razão; ele o fará muito melhor do que jamais eu poderia fazê-lo.

Podia sentir que seu tom tranquilo e uniforme perturbava Lucinda, mas infundir paixão em suas palavras era algo que tinha superado.

-Mas você é uma Davenport, - argumentou Lucinda, como se quisesse que Roanna justificasse sua própria decisão respeito a ela. - Algumas pessoas dirão que Davencourt é sua por direito, porque Webb é um Tallant. É meu parente consanguíneo, mas não é um Davenport e nem sequer está tão estreitamente relacionado comigo como você.

-Mas é a melhor escolha.

Glória entrou no salão a tempo de escutar o último comentário de Roanna.

-Quem é a melhor escolha? - exigiu, deixando-se cair em sua

cadeira favorita. Glória tinha setenta e três anos, dez anos a menos que Lucinda e, enquanto que o cabelo de Lucinda era totalmente branco, Gloria resistia à natureza e mantinha pintados seus suaves cachos em um delicado tom loiro.

-Webb, - respondeu laconicamente Lucinda.

-Webb! - Chocada, Glória ficou olhando fixamente sua irmã. -Pelo amor de Deus, para que outra coisa poderia ser ele a melhor escolha, exceto para a cadeira elétrica?

-Para dirigir Davencourt e a parte financeira dos negócios.

-Estão de brincadeira! Bem, ninguém vai querer tratar com ele…

-Sim, far-no-ão, - disse Lucinda, com voz férrea. -Se ele estiver no comando, todos farão negócios com ele ou desejarão não serem tão estúpidos.

-Não sei por que decidiu reluzir seu nome, já que ninguém sabe onde está…

-Eu o encontrei, - interrompeu-a Lucinda. -E Roanna vai falar com ele para que volte.

Glória olhou a Roanna como se, de repente, lhe tivessem saído duas cabeças.

-Está louca?- perguntou-lhe, com voz estrangulada. -Não fala sério, quer trazer para cá um assassino entre nós! Ora, não poderia pregar o olho à noite!

-Webb não é um assassino, - disse Roanna, tomando seu chá sem se dignar a olhar Glória. Também tinha deixado de pensar em Glória como sua tia. Em algum momento da noite, depois de que Webb se afastou de suas vidas, os títulos de parentesco com que tinha tratado às pessoas se desvaneceram, como se a distância emocional que tinha tomado não lhe permitisse fazer uso deles. Seus familiares agora eram simplesmente Lucinda, Glória, Harlan.

-Então porque desapareceu dessa forma? Só alguém com má consciência teria fugido.

-Cale-se! - retrucou Lucinda. - Ele não fugiu, fartou-se e decidiu partir. Há uma diferença. Nós o decepcionamos, não lhe culpo

por nos dar as costas. Mas Roanna tem razão; Webb não matou Jessie. Nunca pensei que o tivesse feito.

- Bem, Booley Watts evidentemente pensa que ele o fez!

Lucinda descartou as ideias de Booley com um gesto da mão.

-Não importa. Acredito que Webb é inocente, não havia provas em seu contrário, assim, no que respeito à lei, ele é inocente e eu quero que ele retorne.

-Lucinda, não seja uma velha estúpida!

Os olhos de Lucinda relampejaram com um repentino fulgor que desmentia sua idade.

-Acredito que posso afirmar com segurança - disse, arrastando as palavras - que ninguém jamais me considerou uma estúpida, velha ou jovem. - E viveu para contá-lo, era a mensagem que se escondia em seu tom de voz. Oitenta e três anos ou não, morrendo ou não, Lucinda ainda conhecia o alcance de seu poder como matriarca da fortuna Davenport e não se envergonhava de fazer saber a todo o mundo.

Glória retrocedeu e virou para Roanna, um alvo mais fácil.

-Não diz a sério que vai fazer isso. Diga-lhe que é uma loucura.

-Estou de acordo com ela.

A ira relampejo nos olhos de Glória ante a afirmação.

-Era de se esperar! - disse, com brutalidade. -Não acredita que me esqueci que você tentava se colocar em sua cama quando…

-Cale-se!- disse Lucinda ferozmente, elevando-se pela metade da cadeira como se quisesse atacar fisicamente a sua irmã. -Booley explicou o que, em realidade, passou entre eles e não deixarei que mude de contexto. Tampouco deixarei que atormente Roanna. Ela só faz o que eu lhe pedi.

-Mas por que quer fazê-lo voltar? - gemeu Glória, deixando a um lado sua agressividade, e Lucinda voltou a se deixar cair na cadeira.

-Porque nós precisamos dele. Agora, eu e Roanna estamos levando os negócios, mas, quando eu morrer, ver-se-á

sobrecarrecagada de trabalho.

-OH, tolices, Lucinda, você vai sobreviver a todos…

-Não, - disse Lucinda, energicamente, cortando a declaração que tantas vezes antes tinha escutado. -Não vou sobreviver a ninguém. E, embora pudesse, não quero. Precisamos de Webb. Roanna vai vê-lo e o trará para casa e ponto final.

Na noite seguinte, Roanna estava sentada na parte mais em penumbra de um pequeno e sombrio bar, com as costas contra a parede, enquanto observava em silêncio a um homem sentado de forma descontraída em um dos tamboretes do bar. Estivera observando-o durante tanto tempo e tão fixamente que lhe doíam os olhos do esforço de olhar através do interior escuro e cheio de fumaça. A maior parte do tempo não pôde escutar nada do que dizia, acalmavam-na a velha máquina de discos situada na esquina, o estrepitoso ruído das bolas de bilhar chocando entre si, o som dos palavrões e as conversações, mas, às vezes, podia perceber certo tom, um sotaque, que sem dúvida era seu enquanto fazia um comentário casual ao homem que estava ao seu lado ou ao garçom.

Webb. Tinham se passado dez anos da última vez que o viu, dez anos desde que se sentiu viva. Sabia e tinha aceitado que ainda o amava, seguia sendo vulnerável a ele, mas, de certo modo, o monótono transcorrer de dias durante dez anos tinha apagado em sua memória quão aguda sempre tinha sido a sua reação a ele. Bastou apenas um vislumbre dele para recordá-lo. A avalanche de sensações era tão intensa que raiava na dor, como se as células de seu corpo tivessem despertado à vida.  Nada tinha mudado. Seguia reagindo da mesma maneira que antes, seu coração pulsava tresloucado e a excitação estirava todos e cada um de seus nervos. Sentia a pele tensa e quente e a carne palpitando dolorida. A ânsia de tocá-lo, de estar o suficientemente perto dele para poder cheirar o almiscarado e masculino aroma de sua essência, único e que jamais tinha esquecido, era tão grande, que se sentia quase paralisada pelo desejo.

Mas, apesar de todo seu desejo, não conseguia reunir coragem suficiente para se aproximar dele e se fazer notar. Apesar da

resolvida confiança de Lucinda em que poderia convencê-lo a retornar para casa, Roanna não esperava ver outra coisa nesse verde olhar, senão aversão e rejeição. A antecipação à dor a fez continuar sentada. Tinha vivido com a dor de sua perda durante os dez últimos anos, mas era uma dor familiar, e tinha aprendido a viver com ela. Não estava muito segura de poder suportar qualquer outro tipo de dor. Um novo golpe a afundaria, possivelmente sem possibilidade de recuperação.

Não era a única mulher no bar, mas lhe dirigiam suficientes olhares masculinos de curiosidade para deixá-la nervosa. Webb não; era totalmente alheio a sua presença. Até esse momento a tinham deixado em paz, já que deliberadamente tinha tratado de não chamar a atenção. Vestia-se com simplicidade, recatadamente, com umas calças folgadas verde escuro e uma camiseta cor nata; não era a vestimenta de uma mulher que vai à cidade procurando um macho. Não olhava a ninguém nos olhos e não deixava vagar seu olhar ao redor com interesse. Com os anos, tinha aprendido a passar a mais despercebida possível, e esta noite isso a tinha ajudado muito. Embora, cedo ou tarde, algum vaqueiro pudesse criar coragem para ignorar seu sinal de "mantenha-se longe" e se aproximaria dela.

Estava cansada. Eram dez da noite e seu avião tinha decolado de Huntsville às seis da manhã. De lá tinha voado a Birmingham e de Birmingham a Dallas - com uma parada em Jackson, Mississipi. Em Dallas, tinha suportado uma espera de quatro horas. Chegou a Tucson às quatro e vinte e sete minutos, horário local, alugou um carro e conduziu para o sul pela estrada interestadual 19 para Tumacacori, onde o detetive particular de Lucinda disse que agora vivia Webb. Segundo a informação da ficha, possuía um pequeno mais próspero rancho boiadeiro na região.

Não foi possível encontrá-lo. Apesar de ter a direção, estivera dando voltas, procurando a estrada correta, voltando em repetidas ocasiões à estrada interestadual para se orientar. Estava a ponto de chorar quando finalmente se encontrou com um vizinho da localidade que não só conhecia Webb pessoalmente, mas também deu indicações a Roanna de como chegar a este pequeno e decadente subúrbio de Nogales, onde Webb estava acostumado a parar quando tinha que ir à cidade, o que tinha feito este dia em particular.

Enquanto conduzia em direção a Nogales, a noite do deserto tinha caído com todo a sua cor e drama e, quando o caleidoscópio de

matizes se descorou, tinha deixado um aveludado céu negro, cheio de enormes e brilhantes estrelas como jamais tinha visto. Mas, quando conseguiu encontrar o bar, a bonita e inóspita desolação já tinha se acalmado e, de novo, luzia a sua habitual expressão reservada.

Webb já se encontrava lá quando ela entrou; foi a primeira pessoa que ela viu. O choque quase a fez cair. Tinha a cabeça girada para o lado contrário e nem se incomodou em olhar para a porta, mas sabia que era ele, porque cada célula de seu corpo clamava ao reconhecê-lo. Sem fazer ruído, se dirigiu a uma das mesas vazias, escolhendo automaticamente uma situada no canto mais escuro, onde ainda permanecia sentada. A garçonete, uma mulher hispânica de uns trinta e tantos anos e com expressão cansada, aproximava-se de vez em quando. Na primeira vez, Roanna tinha pedido uma cerveja, segurando-a até esquentar, para depois pedir outra. Não gostava da cerveja, habitualmente não bebia, mas pensou que deveria consumir algo ou lhe pediriam que abandonasse a mesa para que a ocupassem outros clientes que, sim, o fariam.

Ela baixou o olhar para o arranhado tabuleiro da mesa, onde numerosas folhas de faca tinham gravado multidões de iniciais e desenhos, assim como sulcos aleatórios e buracos. Esperar não faria nada mais fácil. Deveria se levantar, caminhar até ele e terminar com isso de uma vez.

Mas seguia sem se mover. Seus olhos se posaram famintos de novo nele, absorvendo as mudanças que estes dez anos tinham causado.

Teria vinte e quatro anos quando partiu de Tuscumbia, um homem jovem, amadurecido para sua idade e cheio de responsabilidades difíceis para alguém mais velho, quanto mais um jovem. Aos vinte e quatro anos, ele ainda não tinha descoberto o alcance total de sua própria força, sua personalidade era um pouco maleável ainda. A morte de Jessie e a subsequente investigação e o modo como tinha sido isolado tanto pela família como pelos amigos, tinham-no endurecido. Os dez anos transcorridos o tinham endurecido ainda muito mais. Era evidente na severa linha de sua boca e na fria e imperturbável forma que contemplava o mundo a seu redor, caracterizando-o como um homem preparado para agarrar o mundo em suas mãos e incliná-lo a seu desejo. Não importava o desafio que enfrentasse, sempre saía vitorioso.

Roanna conhecia alguns desses desafios, já que o relatório sobre ele era minucioso. Quando os ladrões dizimaram sua manada e as autoridades locais não puderam detê-los, Webb tinha rastreado por sua conta aos quatro ladrões e os seguiu até o México. Os ladrões o descobriram e começaram a disparar. Webb devolveu os disparos. Aguentaram assim durante dois dias. Ao final dos quais, um dos ladrões tinha morrido, outro estava gravemente ferido e um terceiro sofrera um traumatismo craniano depois de cair de uma rocha. Webb estava levemente ferido, com uma cicatriz que lhe atravessava a coxa e sofria de desidratação. Finalmente, os bandidos decidiram resolver de uma vez e escapar quando ainda podiam e Webb conduziu sombriamente seu gado roubado de volta, através da fronteira. Depois disso, nenhum ladrão voltou a lhe incomodar.

Agora, uma aura de perigo que não existia antes o rodeava, lhe dando o aspecto de um homem de palavra, disposto a respaldá-la com ações. Sua personalidade se afiou embaixo desta couraça de ferro. Webb não tinha debilidades agora, com certeza nem um resto da que sentia por aquela estúpida e ignorante prima que lhe tinha causado tantos problemas.

Não era o mesmo homem que conhecia antes. Era mais duro e rude, possivelmente brutal. Deu-se conta de que, em dez anos, se produziram muitas mudanças, em ambos, mas uma coisa permanecia constante, e isso era seu amor por ele.

Fisicamente, parecia mais alto e corpulento que antes. Sempre teve um corpo musculoso, mas anos de muito trabalho físico duro tinham endurecido e definido essa musculatura, como um látego a ponto de estalar ou um cabo de aço esticado. Seus ombros se alargaram e seu peito aumentou. Seus antebraços, que ficavam à vista sob as mangas enroladas da camisa, eram avultados com músculos e tendões definidos.

Estava profundamente bronzeado, com rugas em ambos os lados de sua boca e nos cantos de seus olhos. Tinha o cabelo mais longo e descuidado, o cabelo de um homem que não ia de forma regular à cidade para cortá-lo. Essa era outra diferença: já não era um corte na moda, a não ser um simples corte de cabelo. Seu rosto estava escurecido pela sombra da barba, mas não podia ocultar a nova cicatriz que lhe percorria a parte inferior direita, da orelha até quase o queixo. Roanna engoliu em seco, perguntando-se o que teria ocorrido, se a ferida teria sido grave.

O relatório do detetive dizia que Webb não só tinha comprado o pequeno rancho e o tinha convertido rapidamente em uma rentável empresa, mas também tinha adquirido sistematicamente mais terras, não para ampliar seu rancho, como seria de esperar, mas para a mineração. O Arizona era rico em jazidas minerais e Webb estava investindo nelas. Abandonar Davencourt não lhe tinha empobrecido; tinha seu próprio dinheiro e o tinha utilizado de forma inteligente. Tal e como tinha manifestado Lucinda, Webb tinha um talento pouco comum para os negócios e as finanças e o tinha usado.

Mesmo sendo tão próspero como era, entretanto, ninguém o diria por sua roupa. Suas botas estavam usadas e arranhadas, seu jeans descolorido e sua fina camisa de cambraia tinha sido lavada tantas vezes que estava quase branca. Usava um chapéu empoeirado, de cor marrom escura. Nogales tinha fama de ser dura, mas apesar disso, ele parecia haver-se integrado nesta arruda multidão, neste lúgubre bar deste pequeno e desértico povoado fronteiriço tão diferente de Tuscumbia como o Amazonas do Ártico.

Ele tinha o poder de destruí-la. Com umas quantas palavras frias e cortantes poderia aniquilá-la. Sentia-se nauseada ao saber do risco ao qual se expunha ao se aproximar dele, mas ainda podia ver a esperança que brilhava nos olhos de Lucinda quando a beijou essa mesma manhã ao se despedir. Lucinda, encolhida pela idade, minguada pela dor e pelo remorso, indomável, mas não mais invencível. Possivelmente, o final estava mais perto do que mostrava aos outros. Pode ser que esta fosse a última oportunidade de diminuir o distanciamento com Webb.

Roanna sabia exatamente o que arriscava, financeiramente falando, se convencesse Webb para que retornasse para casa. Tal e como estava neste momento redigido o testamento de Lucinda, ela era a principal herdeira de Davencourt e do império financeiro da família, embora se estabelecesse, além disso, um modesto legado para Glória e sua prole, algo para Yvonne e Sandra, e pensões e alguma quantidade fixa de dinheiro para os empregados de toda a vida: Loyal, Tansy e Bessie. Mas Webb tinha sido preparado para ser o herdeiro, e se retornasse, tudo seria seu de novo.

Ela perderia Davencourt. Tinha bloqueado suas emoções, não tinha deixado Lucinda ver a dor e o pânico que ameaçavam derrubar sua barreira protetora. Era humana, lamentaria perder o dinheiro. Mas Davencourt significava muito mais para ela que qualquer fortuna.

Davencourt era seu lar, seu santuário, e cada polegada lhe era amada e familiar. Romperia seu coração perdê-la, e não tinha ilusões de ser bem-vinda lá quando Webb herdasse. Ele iria querer todos fora, inclusive ela.

Mas ele podia cuidar de tudo melhor do que ela. Ele tinha crescido com o convencimento de que através de sua aliança com Jessie, Davencourt seria dele. Passou toda a adolescência e a juventude treinando para ser o melhor administrador possível e tinha sido culpa de Roanna que perdesse tudo.

Qual era o preço da expiação?

Ela sabia o preço, sabia exatamente o que lhe ia custar.

Mas havia Lucinda, desesperada por vê-lo antes de morrer. E também havia Webb, o príncipe exilado. Davencourt era seu legítimo lugar, seu legado. Tinha uma dívida com ele que jamais poderia pagar. Renunciaria a Davencourt para conseguir que retornasse. Seria capaz de renunciar a tudo que tivesse.

Sem saber como, seu corpo começou a se mover inconscientemente e se encontrou em pé e caminhando através da fumaça do ambiente. Parou atrás dele, a sua direita, com olhar febril e faminto enquanto contemplava com fixação a marcada linha de sua maçã do rosto e seu queixo. Em dúvida, desejando o contato, mas temendo-o, elevou a mão para tocar seu ombro e chamar sua atenção. Mas antes de poder fazê-lo, ele sentiu sua presença e voltou a cabeça para ela.

Uns olhos verdes, entrecerrados e gélidos a percorreram de cima a baixo. Uma escura sobrancelha se arqueou em muda pergunta. Era o olhar de um macho valorando a uma mulher por sua disponibilidade e seus atrativos.

Não a reconhecia.

Ela respirava rápida e profundamente, mas se sentia como se não pudesse inalar ar suficiente. Deixou cair a mão e sentiu dor, já que o breve contato que tinha temido lhe tinha sido negado. Queria tocá-lo. Queria estar em seus braços como quando era pequena, repousar sua cabeça sobre seu largo ombro e se esconder do mundo. Em troca, se armou de toda a compostura que tanto esforço lhe custara conseguir e disse em voz baixa:

- Olá Webb. Posso falar contigo?

Seus olhos se abriram um pouco e ele girou em seu tamborete para enfrentá-la. Em sua expressão houve um brilho de reconhecimento e depois de incredulidade. Depois não houve nada e seu olhar se endureceu. De novo, voltou a olhá-la de acima a baixo, mas esta vez com deliberada lentidão.

Ele não disse nada, só ficou olhando. O coração de Roanna retumbava contra suas costelas com desmesurada força.

-Por favor, - disse ela.

Ele encolheu os ombros, o movimento esticou seus poderosos músculos contra sua camisa. Tirou umas notas de seu bolso e as jogou sobre o balcão, depois se levantou, avançando sobre ela e obrigando-a a retroceder um passo. Sem dizer nem meia palavra, segurou-a pelo braço e a guiou para a saída, seus longos dedos fechados ao redor de seu cotovelo como uma barra de ferro. Roanna preparou a si mesma ante o comichão de prazer causado por esse contato tão impessoal e desejou estar usando uma blusa sem mangas para poder sentir sua mão sobre sua pele.

A porta baixa do edifício se fechou atrás deles. Dentro, a iluminação tinha sido fraca, mas, ainda assim, teve que pestanejar para acostumar seus olhos a esta escuridão. Viam-se um montão de veículos estacionados de qualquer modo, os para-lamas e os faróis refletiam a luz vermelha brilhante do nome de BAR que estava situado na janela. Depois da carregada e fumegante atmosfera do bar, o ar limpo da noite era fresco e claro. Roanna tremeu com um repentino calafrio. Ele não a soltou, puxou-a através do cascalho e areia do estacionamento até uma caminhonete. Tirando as chaves de seu bolso, abriu a porta do veículo, empurrando-a com força para dentro.

- Entre.

Ela obedeceu, deslizando-se pelo assento até que esteve no lugar do passageiro. Webb se sentou a seu lado, encolhendo suas longas pernas sob o volante e fechando a porta.

Cada vez que o letreiro piscava, podia apreciar seu rígido queixo. Na fechada atmosfera da cabine, podia aspirar ao fresco e penetrante aroma da tequila que ele estivera tomando. Ele permanecia sentado em silêncio, olhando pelo para-brisa.

Agasalhando-se a si mesma com os braços para se proteger do frio, ela também se mantinha calada.

-Bem?- perguntou ele, bruscamente depois um longo intervalo de tempo e sendo evidente que ela não tinha nenhuma pressa por falar.

Ela pensou em todas as coisas que poderia dizer, todas as desculpas e desculpas, todas as razões pelas quais Lucinda a havia enviado, mas tudo se reduziu a três simples palavras, e disse:

-Volte para casa.

Ele soltou uma áspera gargalhada e girou de forma que seus ombros estivessem comodamente apoiados contra a porta e o assento.

- Estou em casa, ou algo parecido com isso.

Roanna ficou de novo em silêncio, como estava acostumada a fazer frequentemente. Quanto mais forte eram seus sentimentos, mais calada ficava, como se sua carapaça interior se endurecesse ante qualquer arranque emocional que pudesse fazê-la vulnerável. Sua proximidade, escutar sua voz outra vez, a faziam se sentir como se algo fosse romper dentro dela. Nem sequer era capaz de lhe devolver o olhar. Em vez disso, ela o baixou a seu colo, lutando por controlar seu tremor.

Ele murmurou uma maldição, depois colocou a chave na ignição e girou. O motor ligou imediatamente e se converteu em um potente e afinado ronco. Ele ligou a calefação e depois girou o torso para alcançar a parte traseira da caminhonete. Tirou uma jaqueta vaqueiro e a jogou sobre o seu colo.

–Coloque-a por cima antes que adoeça.

A jaqueta cheirava a pó e suor, a cavalos e, inefavelmente, a Webb. Roanna desejou enterrar o rosto no tecido; entretanto a pôs ao redor dos ombros, agradecendo seu amparo.

-Como me encontrou? -perguntou ele, finalmente. - Minha mãe lhe disse?

Ela negou com a cabeça.

-A tia Sandra?

De novo negou com a cabeça.

-Maldição, não estou com humor para adivinhações, - disse bruscamente. -Ou você fala ou desce da caminhonete.

As mãos de Roanna se aferraram às bordas da jaqueta.

-Lucinda contratou um detetive particular para encontrá-lo. Então me mandou para cá. - Podia sentir a hostilidade que emanava dele, uma força evidente que atravessou sua pele. Sabia que não tinha muitas possibilidades de convencê-lo para que voltasse, mas não se deu conta até agora da enorme aversão que sentia por ela. Seu estômago revolveu, sentia o peito vazio, como se seu coração já não habitasse lá.

-Então não veio por sua conta? - Perguntou ele, com aspereza.

-Não.

Inesperadamente, ele estendeu a mão e lhe segurou o queixo, seus dedos se cravaram em sua suave pele quando lhe girou abruptamente a cabeça. Um murmúrio de leve ameaça se filtrou em sua voz.

– Olhe-me quando falar comigo.

Impotente, ela assim o fez, seus olhos devorando-o, examinando cada amado ângulo e arquivando-o em sua memória. Esta poderia ser a última vez que o veria e, quando a mandasse embora, outro pedaço dela morreria.

-O que você quer? – ele perguntou, segurando ainda seu rosto. Sua imensa mão lhe cobria o queixo de orelha a orelha. -Se for apenas que sente falta de meu rosto sorridente, não teria que esperar dez anos para me encontrar. Assim, o que é que quer de mim?

Sua amargura era muito mais profunda do que tinha esperado, sua raiva tão ardente como no dia em que saiu de suas vidas. Ela deveria saber disso e Lucinda também. Sempre tinham sido conscientes da força de sua personalidade; por isso, quando tinha quatorze anos, Lucinda o escolheu para que fosse seu herdeiro e o guardião de Davencourt. Traí-lo como o fizeram tinha sido como dar um puxão no rabo de um tigre, agora ela tinha que enfrentar suas garras e presas.

-Quer que você volte para casa e tome as rédeas de novo.

-Com certeza que sim. As boas pessoas de Colbert County não sujariam as mãos fazendo negócios com um suspeito de assassinato.

-Sim, o fariam. Com Davencourt e todo o resto te pertencendo, não ficaria mais alternativa que fazê-lo ou perder uma enorme quantidade de seus ganhos.

Ele soltou uma estridente e rouca gargalhada.

-Meu Deus, ela deve estar desesperada para que eu volte se está disposta a me comprar! Sei que mudou seu testamento, provavelmente em seu favor. O que ocorreu? Tomou algumas decisões erradas e agora necessita que eu salve o *rabo* da família financeiramente falando?

Os dedos dela ardiam pela ânsia de estendê-lo e suavizar as linhas de raiva que marcavam sua testa, mas se conteve, e o esforço que lhe supôs se refletiu em sua voz.

-Quer que volte para casa porque te ama e sente por tudo o que ocorreu. Precisa que volte para casa porque está morrendo. Ela tem câncer.

Ele ficou olhando-a fixamente na escuridão e, então, abruptamente lhe soltou o queixo e girou a cabeça. Passado uns momentos disse:

-Maldição! - e com violência descarregou o punho contra o volante. -Sempre foi boa manipulando as pessoas. Deus sabe que Jessie aprendeu bem.

-Então voltará?- perguntou Roanna, vacilante, incapaz de acreditar que era isso o que queria dizer.

Em vez de responder, ele voltou a girar e tomou de novo seu rosto em sua mão. Inclinou-se mais, tão perto que podia ver o brilho de seus olhos e cheirar o álcool em seu fôlego. Consternada, de repente, se deu conta que não estava exatamente sóbrio. Deveria supor, tinha-lhe visto beber, mas não tinha pensado…

-O que me diz de você? - exigiu ele, em tom baixo e sério. -Tudo o que escutei é o que Lucinda deseja. O que você quer? Você, quer que eu volte para casa, a pequena adulta Roanna? Como conseguiu que lhe faça o trabalho sujo, sabendo que se o conseguir

perderá um montão de dinheiro e propriedades? -Fez uma pausa. -Suponho que é a isso que se refere, que se eu voltar mudará de novo seu testamento, deixando-me tudo?

-Sim, - sussurrou ela.

-Então é uma tola, - sussurrou ele, com ironia, e liberou seu rosto. -Olhe, por que não volta trotando, como o bom cachorrinho que você se tornou, e lhe conta que fez o melhor que pôde, mas que eu não estou interessado?

Ela absorveu também a dor desse golpe e o enterrou no fundo de sua carapaça, onde o dano não era visível. A expressão com que o enfrentou era tão plácida e vazia como a de uma boneca.

-Eu também quero que você volte para casa. Por favor.

Ela pode sentir seu intenso olhar posando-se nela, como um raio laser identificando seu objetivo.

-Bem, e por que iria querer isso? - perguntou-lhe docemente. -A menos que seja uma tola de verdade. É uma tola, Roanna?

Ela abriu a boca para responder, mas lhe pôs um caloso dedo sobre os lábios.

– Há dez anos você me ofereceu saborear esse magro corpinho. Naquele momento, acreditei que você era muito inocente para saber o que estava fazendo, mas depois pensei muito sobre isso, e agora acredito que sabia exatamente como eu iria reagir, não é assim?

Seu dedo seguia cobrindo seus lábios, delineando brandamente seu sensível contorno. Isto era o que ela mais temia, ter que enfrentar suas amargas acusações. Ela fechou os olhos e assentiu com a cabeça.

-Sabia que Jessie estava descendo as escadas?

-Não! - Sua negação fez que seus lábios se movessem contra seu dedo, fazendo formigar sua boca.

-Então me beijou porque me desejava?

O que importava o orgulho? Pensou ela. Tinha-o amado toda sua vida. Primeiro o quis como seu herói de infância, depois com um desmesurado amor juvenil e, finalmente, com a paixão de uma mulher. A última mudança tinha ocorrido, possivelmente quando

descobriu Jessie enganando-o com outro homem e soube que não podia dizer nada, porque ao fazê-lo faria mal a Webb. Sendo mais jovem, teria se deleitado colocando Jessie em problemas e o teria contado imediatamente. Naquele momento, tinha que antepor o bem-estar de Webb a seus próprios impulsos, mas então se rendeu a outro impulso quando o beijou e ele acabou pagando o preço ao final.

Seus dedos pressionaram com mais força.

- Fazia-o?- insistiu o. - Desejava-me?

-Sim, - disse em voz baixa, abandonando qualquer resto de orgulho ou autopreservação -Sempre te desejei.

-E o que me diz agora?- Seu tom era zangado, inexorável, empurrando-a para uma conclusão que não podia deduzir. - Deseja-me agora?

O que ele queria que lhe dissesse? Possivelmente só queria sua completa humilhação. Se a culpava por tudo o que lhe tinha passado, possivelmente este era o preço que ela teria que pagar.

Assentiu.

-Quanto me deseja?- Inesperadamente sua mão se deslizou por dentro da jaqueta e lhe cobriu o seio. – O suficiente para me deixar provar um pouco, me tentar? Ou o suficiente para me dar o que me ofereceu há dez anos?

A respiração de Roanna se deteve, congelada pela surpresa. Olhou-o impotente, seus olhos escuros tão abertos que pareciam ocupar todo seu pálido semblante.

-O que responde? - murmurou ele, sua imensa mão lhe queimava o seio, apertando ligeiramente como se estivesse provando a elasticidade e firmeza de sua carne. -Faz dez anos que paguei por isso, mas jamais o tive. Retornarei e me encarregarei dos negócios de Lucinda, mas só se me der o que todos pensaram que já me tinha dado.

Paralisada, entendeu por fim ao que se referia, dando-se conta de que os anos transcorridos haviam lhe tornado mais duro, mais do que ela suspeitava. O velho Webb jamais teria feito algo parecido ou, talvez, sempre tenha existido essa rudeza em seu interior, mas nunca teve a necessidade de usá-la. O aço tinha saído à superfície.

Assim, esta era sua vingança por sua romântica emboscada juvenil, que tanto lhe havia custado. Se retornasse para casa, recuperaria Davencourt como recompensa, mas também queria que Roanna o recompensasse pessoalmente e o preço era seu corpo.

Olhou-o de frente, a este homem que sempre tinha amado.

-Muito bem,- sussurrou.

## Capítulo 9

O quarto de motel era pequeno e sombrio e fazia um frio que a impregnava até os ossos. Roanna estava segura de que existiam melhores motéis em Nogales, então por que a trazia aqui? Porque era o mais próximo ou por que queria lhe demonstrar o pouco que ela significava para ele?

Era necessário um grande ego para pensar que ela pudesse significar algo para ele e algo do que Roanna carecia era de ego. Por dentro, se sentia pequena e murcha e uma nova carga de culpa se somava ao peso que já conduzia: ele pensava que a estava castigando e de forma alguma o fazia, mas uma parte oculta dela, de repente, se sentia vertiginosamente extasiada ao saber que muito em breve estaria em seus braços.

Essa parte era pequena e estava profundamente oculta. Sentia tanto a vergonha como a humilhação que ele queria fazê-la sentir. Não estava segura de que teria coragem suficiente para ir adiante e pensou em Lucinda desesperadamente, doente e debilitada pela idade, necessitando, antes de poder morrer em paz, do perdão de Webb. Poderia fazê-lo, deitar-se e deixar que ele utilizasse friamente de seu corpo, por Lucinda?

Mas não era só por Lucinda. Webb necessitava da vingança tanto quanto Lucinda do perdão. Se isso ajudasse a igualar a balança, se depois pudesse retornar a Davencourt, então Roanna estava disposta a fazê-lo. E, no fundo, essa oculta e secreta parte dela sentia vertigem de puro prazer. Não importavam quais eram suas razões, por um breve momento seria dele, guardaria a experiência perto de seu coração para poder saboreá-la durante os estéreis anos vindouros.

Ele jogou seu chapéu sobre a cadeira e se deitou de costas na cama, cavando o travesseiro detrás de sua cabeça. Seus olhos verdes semicerrados examinaram o seu corpo.

-Dispa-se.

Atônita de novo, ela ficou ali parada com os braços caídos aos lados. Queria que se despisse até ficar nua, enquanto ele permanecia

ali convexo e a observava?

-Parece-me que você mudou de opinião, - disse arrastando as palavras, levantando-se e colocando seu chapéu.

Roanna se acalmou e alcançou os botões de sua blusa. Tinha decidido fazê-lo, assim, o que importava se primeiro queria olhá-la? Em pouco tempo estaria fazendo muito mais que olhar. O que a pasmava era a atrocidade que ia cometer e suas mãos tremiam enquanto lutava com os botões. Que estranho que lhe fosse tão difícil despir-se para ele, quando tinha sonhado durante anos em fazê-lo. Seria porque sempre sonhou que viria a ela com amor e agora a realidade era o contrário?

Ela dizia a si mesma uma e outra vez que não importava, utilizando a ladainha como defesa para não pensar muito nisso. *Não importa, não importa.*

Finalmente os botões foram desabotoados e a blusa aberta. Tinha que se manter em movimento ou perderia totalmente a calma. Com um movimento veloz e nervoso, afastou o tecido de seus ombros e o deixou escorregar por seus braços. Não podia olhá-lo, mas notava seu olhar sobre ela, intenso e profundo, esperando.

O seu sutiã se fechava na frente. Por um instante, tremendo de frio e de vergonha, desejou que fosse algo sexy e de renda, mas, em vez disso, era de simples algodão branco, desenhado para ocultar mais que para incitar. Desabotoou-o e desceu as alças, para que o objeto caísse também no chão a seus pés. O ar frio lhe acariciou os seios, fazendo que seus mamilos se contraíssem, convertendo-se em duros picos. Sabia que seus seios eram pequenos. Estava os olhando? Não se atrevia a dar uma olhada em sua direção para comprová-lo, já que a aterrorizava descobrir em seu olhar a desilusão.

Não sabia como se despir para agradar a um homem. Mortificada por sua própria estupidez, sabia que existia um modo de fazê-lo com graça, de provocar e manter o interesse de um homem com a promessa da lenta revelação de sua pele, mas ela o desconhecia. Só sabia desabotoar, desenganchar e baixar o zíper, como uma colegial trocando de roupa para a aula de ginástica.

Assim, o melhor seria terminar o quanto antes, antes de perder a calma. Rapidamente tirou as sandálias, baixou o zíper das suas

calças e se inclinou para tirá-las. Agora o quarto estava gelado e ela ficou arrepiada com os tremores.

Só restavam as calcinhas e seu magro fornecimento de coragem já estava quase esgotado. Sem dar-se tempo para pensar, enganchou os polegares na cintura e deslizou este ultimo objeto abaixo, à altura de seus pés e os tirou.

Ainda assim ele não falou, nem se moveu. Suas mãos se moveram, um gesto que morreu antes de se completar, como se fosse cobrir-se, mas deixou cair os braços a ambos os lados e simplesmente ficou ali parada, olhando cegamente o desgastado chão sob seus pés nus, perguntando-se se era possível morrer de vergonha. Nos últimos dias, obrigara-se a comer um pouco mais, mas ainda assim estava magra, uma pobre oferenda no altar da vingança. E o que passaria se seu corpo nu não fosse o suficientemente desejável para que ele tivesse uma ereção? E se ele risse?

Ele continuava em silêncio. Nem sequer o escutava respirar.

A escuridão invadiu sua visão e ela lutou para levar oxigênio a seus constrangidos pulmões. Não podia olhá-lo, mas, de repente, a assaltou o aterrador pensamento de que ele poderia ter bebido mais do que pensava e adormecido enquanto ela se despia. Grande proclamação sobre seus virtualmente inexistentes encantos!

Então lhe chegou o sussurro, baixo e áspero, dando-se conta de que, depois de tudo, ele não havia dormido:

-Venha aqui.

Ela fechou os olhos, tremendo enquanto o alívio ameaçava lhe dobrar os joelhos, e se encaminhou para o sussurro.

-Mais perto, - disse ele, e ela se moveu até que seus joelhos se chocaram com o lateral da cama.

Então ele a tocou, sua mão se deslizou pela parte externa de sua coxa esquerda, as calosas gemas de seus dedos deslizando-se sobre a suavidade de sua pele, avivando as terminações nervosas e deixando um rastro de calor. Subindo e subindo, deslizou a mão ao longo de sua coxa até chegar a redondez de seu traseiro, seus longos dedos cavando-se sob a fria curva de ambas as nádegas, queimando-a com seu calor. Ela tremeu e tratou de controlar a repentina e feroz necessidade de esfregar seu traseiro contra sua mão. Não conseguiu

de todo; seus quadris se moveram quase imperceptivelmente.

Ele riu e seus dedos se apertaram sobre a carne. Acariciou-lhe as nádegas, desenhando com sua palma a parte inferior, como se quisesse imprimir a suave forma feminina em sua mão, e percorrendo com o polegar a fenda entre ambas.

Roanna começou a tremer com violência, combinando a descarga de prazer e comoção e nem toda a força de vontade do mundo poderia deter os delatadores tremores. Ninguém jamais a havia tocado ali. Não sabia que essa lenta carícia pudesse causar uma dor oca entre suas pernas ou conseguir que seus seios se inchassem e esticassem. Fechou os olhos com mais força ainda, perguntando-se se ele voltaria a lhe tocar os seios e se poderia aguentar se o fizesse.

Mas não foram seus seios o que tocou.

-Abre as pernas.

Sua voz soava agora rouca e rugosa e embora não estivesse segura de havê-lo escutado bem, uma parte dela sabia que sim. Um zumbido invadiu seus ouvidos, ainda quando se notou trocar de postura para separar as coxas o suficiente para admitir sua exploração, e sentiu sua mão deslizar-se entre suas pernas.

Ele deslizou os dedos ao longo de sua dobra fechada e sensível, percebendo seu suave e delicado aperto. Roanna deixou de respirar. A tensão se estendeu por seu corpo, comprimindo-a em uma agonizante espera que ameaçava destruí-la. Então um longo dedo se deslizou audazmente em sua fechada vagina, abrindo-a, pinçando com infalível destreza, empurrando profundamente dentro de seu corpo.

Roanna não pôde deter o grito que brotou de seus lábios, mas rapidamente o silenciou. Seus joelhos tremiam e ameaçavam dobrar-se de novo. Sentia como se a estivesse mantendo em pé só com sua mão entre suas pernas, com seu dedo dentro dela. OH, Meu Deus, a sensação era quase insuportável, seu grande e áspero dedo, esfregando-se contra sua delicada carne interior. Tirou-o, e rapidamente ele voltou a empurrar dentro dela. Uma e outra vez voltou a introduzi-lo em seu interior e ao mesmo tempo esfregava seu polegar contra o pequeno botão que coroava seu sexo.

Indefesa, sentiu como seus quadris começavam a esfregar-se contra sua mão e pequenos gemidos se formavam em sua garganta e

escapavam livres. Na quietude do quarto, ela se ouvia respirar, escutando quão forte e rápido respirava. Agora não tinha frio; ondas de calor a embargavam e o prazer era tão agudo que era quase doloroso. Desesperadamente, baixou a mão e lhe segurou o pulso, tratando de separar a sua mão dela, porque era muito, não podia suportá-lo. Algo drástico estava se passando com ela, algo muito mais radical estava a ponto de acontecer e gritou cheia de um repentino temor.

Ele ignorou seus esforços como se lhe estivesse sustentando a mão em vez de tratar de apartá-la. Podia sentir como a media, tratando de introduzir um segundo dedo junto ao outro, sentia a súbita resistência de seu corpo aterrorizado. Ele tentou de novo e ela se estremeceu.

Ele ficou imóvel e seu suave juramento explodiu no silêncio.

Então tudo girou de cabeça para baixo quando ele a agarrou e a jogou sobre a cama, lhe dando a volta e arrastando-a sobre seu corpo para deitá-la a seu lado. Os olhos de Roanna se abriram para lutar contra o repentino enjoo e desejou havê-los mantido fechados.

Estava inclinado tão perto dela que podia ver as linhas escuras que salpicavam seus olhos verdes, tão perto que podia sentir o calor de seu fôlego sobre seu rosto, cheirara a tequila. Estava escancarada de costas, com sua perna direita ancorada sobre seu quadril. Sua mão ainda continuava entre suas coxas abertas, a gema de seu dedo movendo-se inquieta ao redor da tenra abertura que se umedeceu para ele.

Ela experimentou outra onda de mortificação, ao estar nua enquanto que ele estava completamente vestido, de que a estivesse tocando em seu lugar mais intimo e enquanto o fazia observasse seu rosto. Sentiu como suas faces e seus seios queimavam, tornando-se vermelhos.

De novo ele voltou a introduzir nela o dedo, profundamente, e todo o tempo manteve o olhar cravado no seu. Roanna não pôde conter outro gemido e desejava o duvidoso consolo dos olhos fechados, mas não pôde apartar o olhar. Suas escuras sobrancelhas se franziram sobre o feroz brilho de seus verdes olhos. Confusa, percebeu de que ele estava zangado, mas era uma ardente cólera em vez do frio desgosto que tinha esperado.

-É virgem, - disse categórico.

Soava como uma acusação. Roanna o olhou fixamente, perguntando-se como o tinha adivinhado, perguntando-se porque estava tão zangado.

-Sim, - admitiu, e de novo se ruborizou.

Ele contemplou como o rubor coloria seus seios e ela viu como o brilho de seus olhos se incrementava. Seu olhar se cravou com intensidade sobre seus seios, sobre seus mamilos. Apartou a mão de dentro das suas pernas, seu dedo ainda úmido de seu corpo. Lentamente, com a vista ainda cravada sobre seus seios, começou a lhe acariciar um mamilo com esse dedo molhado, pulverizando seus próprios sucos sobre a dura protuberância. Um rouco e faminto som retumbou em sua garganta. Inclinou-se sobre ela e pôs os lábios ao redor do mamilo que acabava de ungir, sugando com força, saboreando com a boca seu sabor.

O prazer quase a fez em pedacinhos. A feroz pressão, o áspero roçar de sua língua e dentes, fizeram que uma corrente de puro fogo a percorresse de cima a baixo. Roanna se arqueava em seus braços, gemendo, e suas mãos se aferravam a seu cabelo para manter quieta sua cabeça. Inclinou-se sobre o outro seio e lambeu com força esse mamilo até que esteve de uma cor vermelha escura, molhado e extremamente ereto.

A contragosto, ele levantou a cabeça, observando sua obra com feroz e faminta concentração. Seus lábios, como seus mamilos, estavam escuros e úmidos e ligeiramente entreabertos, já que sua respiração passava entre eles, veloz e entrecortada. O calor que emanava de seu enorme corpo dissipou qualquer resto de frio que pudesse ter sentido.

-Não tem porque fazer isto, - disse ele, as palavras foram tão roucas que soaram como se as tivessem arrancado da garganta. -É sua primeira vez… Retornarei de todas as formas.

A decepção a atravessou, deslizando-se como uma adaga direta ao coração. Toda a cor desapareceu de seu rosto e ficou olhando com expressão ferida nos olhos. Tirar a roupa tinha sido difícil, mas uma vez que a tocou, perdeu-se gradualmente em uma crescente onda de sensualidade, apesar do choque que sentia ante cada nova carícia. A parte mais oculta dela estava delirante de êxtase, saboreando cada

carícia dessas ásperas mãos e esperando, ansiosamente, mais.

E agora ele queria parar. Não lhe atraía o suficiente para continuar.

Ela fechou a garganta. Apenas um tenso sussurro conseguiu escapar da súbita constrição.

-Não me… Não me deseja?

Foi uma débil súplica, mas ele a escutou. Seus olhos se dilataram ao máximo, até que só um anel de verde brilhou com ferocidade ao redor de suas negras pupilas. Agarrou-lhe a mão, arrastou-a para baixo sobre seu corpo e a apertou com força sobre seu pênis ereto, apesar do instintivo esforço dela por retirá-la, uma ação que sublinhava sua inocência.

Roanna ficou gelada de assombro. Sob os jeans notava o duro vulto. Era comprido e grosso, seu calor queimava através do grosso tecido e palpitava com vida própria. Ela curvou a mão, agarrando-o através dos jeans.

-Por favor, Webb. Quero que o faça, - ofegou.

Por um terrível momento pensou que ele ia se negar, mas então com um repentino e violento movimento ele saiu da cama e começou a tirar a roupa. Ela mal tinha consciência de que ele a olhava enquanto ela o olhava. Não podia ocultar a fascinação que se desenhava em seu rosto enquanto observava seu corpo, os largos ombros, seu peito musculoso e coberto de pelo e o ondulante abdômen. Cuidadosamente, ele abriu o zíper e, então, de um só movimento, baixou a cueca e os jeans. Ela piscou, olhando fixa e perplexa sua palpitante ereção, que tinha saltado para frente quando se liberou do confinamento de seu jeans. Um novo rubor esquentou suas faces.

Ele parou, respirando entrecortado.

De repente, aterrorizada de fazer algo que o fizesse parar, Roanna se manteve imóvel e em silêncio, obrigando-se a apartar o olhar de seu corpo. Pensou que morreria se ele se afastasse dela agora. Mas ele desejava fazê-lo com ela, isso sabia. Era inexperiente, mas não era o mesmo que ser ignorante. Estava muito excitado e não o estaria se não estivesse interessado.

O resplendor da luz lhe batia diretamente nos olhos. Desejou que a apagasse, mas não pediu. O colchão se afundou sob seu peso e ela estendeu as mãos para manter o equilibro, já que o colchão barato não dava muita estabilidade.

Ele não lhe deu nem um instante para pensar, para que pudesse mudar de opinião, nem tempo para sentir pânico. Instalou-se em cima dela, seus duros quadris empurrando contra suas pernas separando-as, enquanto seus ombros ocultaram a luz. Roanna mal teve tempo de tomar ar antes que ele pusesse suas mãos a ambos os lados de sua cabeça, sujeitando-a enquanto se inclinava e cobria sua boca com a sua. Sua língua a mediu e ela separou os lábios e aceitou. Simultaneamente, sentiu seu ardente pênis, duro como uma rocha, começando a empurrar contra a suave entrada entre suas pernas.

O seu coração deu um violento salto, explodindo contra suas costelas. Emitiu um tênue som de apreensão, mas a boca dele o sufocou ao aprofundar seu beijo, penetrando-a ao mesmo tempo com ambos: a língua e o pênis.

Apesar de sua excitação e apesar da umidade que a preparava para ele, não era fácil. Por alguma razão, acreditou que simplesmente se deslizaria dentro dela, mas não funcionava dessa forma. Ele balançava seus quadris adiante e atrás, introduzindo-se, com cada movimento, um pouco mais dentro dela. Seu corpo resistia à crescente pressão; a dor a surpreendeu, consternou-a. Tratou de suportá-lo sem mostrar nenhuma reação, mas com cada impulso, ia progressivamente ficando pior.

Ela gemeu, contendo a respiração. Estava muito equivocada, se esperava que ele parasse. Webb limitou-se a esticar os braços e sujeitá-la firmemente embaixo dele, controlando-a com seu peso e sua força, toda sua atenção e resolução concentradas em penetrá-la. Ela cravou as unhas nas suas costas, chorando agora pela dor. Ele empurrou com mais intensidade e sua tenra carne cedeu sob a pressão, dilatando-se ao redor de sua grossa longitude enquanto que ele se introduzia profundamente nela. Finalmente estava em seu interior até o punho e ela se retorcia em vão debaixo dele, tratando de encontrar um pouco de alívio.

Agora que tinha alcançado sua meta masculina, começou a tranquiliza-la, mas não se apartou, usando as carícias e as palavras para relaxá-la e acalmá-la. Ele continuou sustentando sua cabeça

entre suas mãos e lhe cantarolava docemente enquanto limpava as salgadas lágrimas que corriam pelas faces, com beijos.

-Shh, shh, - murmurou ele. - Querida, fique calma. Sei que dói, mas em um minuto passará.

O apelido carinhoso a reconfortou como nada mais poderia tê-lo feito. Não podia odiá-la verdadeiramente, não quando a chamava de "querida", então. Lentamente, ela foi se acalmando, relaxando depois da frenética luta por acomodá-lo. Algo de sua própria tensão se mitigou e até esse momento não se deu conta de quão tensos estavam seus músculos. Ofegando, suavizou-se debaixo dele.

Sua respiração se acalmou, ficando mais profunda. Agora que não sentia tanta dor, um pouco de seu prazer retornou. Com crescente assombro, lhe sentiu muito dentro dela, palpitando excitado. Era Webb quem a penetrava tão intimamente, Webb quem a embalava em seus braços. Só uma hora antes lhe tinha observado através de um bar mal iluminado, temendo o momento em que tivesse que lhe abordar, e agora estava nua sob seu poderoso corpo. Levantou o olhar para ele, encontrando-se com seus deslumbrantes olhos verdes, estudando-a tão intensamente, que parecia como se a atravessasse até os ossos.

Beijou-a, beijos rápidos, fortes, que faziam que sua boca tratasse de apanhar a sua, implorando mais, preparando-a para mais.

- Você está pronta? – ele perguntou.

Não tinha nem ideia de a que ele se referia. Olhou-o desconcertada e um tenso sorriso apareceu em seus lábios.

-Para que?

-Para fazer amor.

Ela olhou-o ainda mais desconcertada.

-Não é isso o que estamos fazendo? - sussurrou ela.

-Não totalmente. Quase.

-Mas você está… Dentro de mim.

-Ainda há mais.

Da confusão passou ao alarme.

- *Mais*? -Tentou escapar dele, apertando-se contra o colchão.

Ele sorriu, embora parecesse que lhe custava fazer o esforço.

- Não mais de mim. A não ser mais o que fazer.

-Oh!- A palavra ficou flutuando, cheia de assombro. Novamente ela relaxou embaixo ele e suas coxas se flexionaram ao redor de seus quadris. O movimento iniciou uma reação dentro dela; seu sexo palpitou e seu envolvente interior se esticou ao redor do grosso intruso, acariciando-o. O fôlego de Webb saiu assobiando por entre seus dentes. Os olhos de Roanna se tornaram pesados, sonolentos e suas faces avermelharam. - Mostre-me. – suspirou.

Ele o fez, começando a se mover, de início introduzindo-se com um ritmo lento e delicioso, para gradualmente ir incrementando as investidas. Vacilante, ela respondeu, mas conforme ia aumentando a excitação, seu corpo ia ao encontro do dele. Ele deslocou seu peso sobre um cotovelo, introduzindo a mão entre ambos os corpos. Ela ofegou enquanto ele lhe acariciava a estreita e apertada abertura, sua carne tão sensível que a mais leve carícia a transpassava como um relâmpago. Então ele deslocou sua atenção ao nódulo que havia tocado anteriormente, esfregando-o com as pontas dos dedos de um lado a outro e Roanna notou como começava a se dissolver.

Sob seu desumano e sensual assalto, logo culminou. Ele não a levou cuidadosamente ao orgasmo, mas sim a jogou de cabeça nele. Não teve clemência com ela, nem sequer quando se retorcia sob sua mão, tratando de liberar-se da intensidade do mesmo. A selvagem e velozmente incrementada sensação crescia queimando-a, derretendo-a. Montou-a com mais força, empurrando ainda mais profundo, e a fricção era quase insuportável. Mas a estava tocando tão dentro, de tal forma, que a obrigava a aferrar-se a ele e a gemer de incontrolável prazer. Desencadeava-se dentro dela, crescendo cada vez mais e mais, e quando finalmente explodiu, arqueou-se violentamente embaixo dele, seu esbelto corpo estremecendo-se enquanto que seus quadris empurravam e se retorciam sobre seu pênis invasor. Ouviu-se gritar, mas não se importou.

O peso de seu corpo a afundou no colchão. Suas mãos se introduziram debaixo dela e aferraram com força suas nádegas. Seus quadris se deslocavam para frente e para trás entre suas abertas e

tensas coxas. Então ele gozou, empurrando dentro dela uma e outra vez, enquanto de sua garganta brotava um rouco gemido, e ela sentiu a umidade de sua liberação.

No silêncio que seguiu, Roanna permaneceu deitada sem forças embaixo ele. Estava extenuada, sentia o corpo tão pesado e tão débil, que só conseguia respirar. Caiu em um sono leve e depois notou quando ele, com muito cuidado, separava-se dela para deitar-se a seu lado. Pouco tempo depois se apagou a luz, e foi consciente de uma fria escuridão, dele tirando a colcha e colocando-a entre os lençóis.

Instintivamente, se voltou para seus braços, notando como a rodeavam. Sua cabeça descansava no oco de seu ombro e sua mão sobre seu peito, sentindo sob seus dedos o encrespado pelo. Pela primeira vez em dez anos, sentiu um pouco de paz e que tudo estava bem.

Não soube quanto tempo tinha passado quando notou que uma de suas mãos começava a acariciá-la com crescente intenção.

-Pode fazê-lo outra vez?- ele perguntou, as palavras soaram roucas e apaixonadas.

-Sim, por favor, - disse ela educadamente, e o ouviu rir baixinho enquanto ficava de novo sobre ela.

Roanna.

Webb estava convexo na escuridão, sentindo seu leve peso aconchegado contra seu flanco esquerdo. Estava adormecida, sua cabeça recostada sobre seu ombro, sua respiração envolvendo seu peito. Seus seios, pequenos e perfeitamente moldados, pressionavam com firmeza contra suas costelas. Brandamente, incapaz de resistir, esfregou com o dorso de um dedo a acetinada curva exterior do seio que podia alcançar. Oh, Deus, Roanna.

Ao princípio, não a tinha reconhecido. Embora tivesse passado dez anos e logicamente sabia que tinha crescido, em sua mente ela continuava sendo aquela magricela, pouco desenvolvida e imatura adolescente com sorriso de peralta. Não tinha detectado nenhum

rastro dela na mulher que o tinha abordado no pequeno e imundo bar. Pelo contrário, tinha visto uma mulher com aspecto tão conservador que se surpreendeu de que lhe falasse. Mulheres como ela, possivelmente, somente iriam a um bar assim procurando vingança contra um marido rebelde, e essa era a única razão que lhe ocorria.

Mas ali estava ela, muito magra para seu gosto, mas severamente estilosa, com uma cara blusa de seda e calças feitas sob medida. Seu espesso cabelo, escuro na incerta luz, reluzia num corte na moda e lhe chegava por cima dos ombros à altura do queixo. Sua boca, entretanto… adorou sua boca, grande e carnuda e tinha pensado que seria maravilhoso beijá-la e sentir a suavidade desses lábios.

A via totalmente fora de lugar, uma mulher de clube de campo perdida nos bairros baixos. Estava a ponto de lhe tocar, mas quando ele girou, ela deixou cair a mão e o olhou, seu rosto inexpressivo e estranhamente triste, sua grossa boca séria e seus olhos marrons tão solenes que se perguntou se alguma vez sorria.

E então disse, - Olá Webb, posso falar contigo?- e o choque quase o faz cair do tamborete. Por um segundo, se perguntou se tinha bebido mais da conta, não porque ela chamou seu nome, quando podia ter jurado que jamais a tinha visto antes, mas sim porque tinha utilizado a voz de Roanna e os olhos marrons eram, de repente, os olhos cor uísque de Roanna.

A realidade mudou e se ajustou, e pôde ver a garota na mulher.

Que estranho. Ele não tinha passado os dez últimos anos de mau humor pelo que aconteceu. Quando partiu naquele dia de Davencourt, sua intenção era ir para sempre e, portanto, seguiu com sua vida. Escolheu o sul do Arizona por ser um lugar maravilhoso e não porque estivesse o mais longe possível do exuberante e verde noroeste de Alabama e fosse inabitável. Levar um rancho era duro, mas desfrutou do trabalho físico tanto como tinha desfrutado do desumano mundo dos negócios e das finanças. Tendo sido sempre um vaqueiro, foi fácil a transição. Sua família se reduziu a somente sua mãe e sua tia Sandra, mas se sentia satisfeito com isso.

De início, se sentiu morto por dentro. Apesar da iminente ruptura, apesar de lhe terem enganado, tinha chorado por Jessie com

surpreendente intensidade. Ela tinha sido parte de sua vida durante tanto tempo que despertava pelas manhãs sentindo-se estranhamente incompleto. Então, gradualmente, surpreendeu-se ao recordar a bruxa que tinha sido e riu com afeto.

Podia haver-se deixado comer vivo pela incerteza, sabendo que seu assassino ainda estava aí fora e não seria facilmente descoberto, mas, ao final, aceitou que não podia fazer nada. Sua aventura foi tão secreta que não havia nenhum indício, nenhuma pista. Era um ponto morto. Podia permitir que destroçasse sua vida ou podia seguir em frente. Webb era um sobrevivente. Tinha seguido adiante.

Houve dias, inclusive semanas, que não pensava em sua vida anterior. Deixou para trás Lucinda e a outros… a todos, exceto Roanna. Às vezes escutava algo que soava como sua risada e, instintivamente, girava para ver em que travessura ela havia se colocado dessa vez, antes de dar-se conta de que já não estava ali. Ou estava curando um corte na pata de um cavalo e recordava como a preocupação escurecia seu magro rosto quando se ocupava de uma montaria ferida; de algum jeito ela tinha se infiltrado em seu coração com mais intensidade que os outros e era mais difícil esquecê-la. Ele se surpreendia se preocupando com ela, imaginando em que problema poderia ter se metido. E durante todos estes anos, a lembrança dela ainda tinha o poder de zangá-lo.

Não pôde esquecer a acusação de Jessie de que Roanna deliberadamente ocasionou a briga naquela noite entre eles. Jessie tinha mentido? Certamente não era de se estranhar, mas o transparente rosto de Roanna revelou claramente sua culpa. Através dos anos, a gravidez de Jessie de outro homem, fê-lo chegar à conclusão de que Roanna não tinha tido nada que ver com a morte de Jessie e que o assassino tinha sido o amante desconhecido, mas, ainda assim, não podia se desfazer de sua raiva. De alguma forma, o comportamento de Roanna, embora empalidecesse em importância quando o comparava com os outros eventos dessa mesma noite, ainda tinha o poder de enfurecê-lo.

Talvez fosse porque sempre esteve malditamente seguro de seu amor. Talvez ela tivesse adulado seu ego adorando-o tão abertamente, de forma tão incondicional. Ninguém neste mundo lhe tinha amado dessa maneira. O amor maternal de Yvonne era inquebrável, mas ela era a mulher que lhe dava um açoite quando se comportava mal sendo um menino, assim via seus defeitos. Aos olhos

de Roanna, ele era perfeito, ou tinha acreditado nisso até que deliberadamente causou a confusão simplesmente para ficar por cima de Jessie. Agora se perguntava se não fora outra coisa mais que um simples símbolo para ela, uma posse que Jessie tinha e ela desejava.

Teve mulheres depois da morte de Jessie. Inclusive manteve uma ou duas relações longas, mas nunca esteve disposto a voltar a se casar. Não importava quão ardente fosse o sexo de que desfrutasse na cama de outras mulheres, eram os sonhos com Roanna os que o despertavam nas frias manhãs antes do alvorecer, empapado em suor e com o membro erguido como uma estaca de ferro.

Ele nunca foi capaz de recordar os sonhos com claridade, apenas partes, como a forma que suas nádegas se esfregavam contra sua ereção, a forma que seus mamilos se endureciam ao beijá-los, a maneira que os percebia quando os apertava contra seu peito. Sua luxúria por Jessie foi a de um garoto, a luxúria de um rapazinho com os hormônios descontrolados, um jogo de dominação. Sua luxúria por Roanna, embora o desagradasse, tinha se transformado em ternura, pelo menos em seus sonhos.

Mas ela não era nenhum sonho, ali em pé no bar.

Seu primeiro impulso foi tirá-la dali, onde ela não tinha perdido nada. Tinha-o acompanhado sem protestar e sem perguntar, tão silenciosa como antigamente com sua grande boca. Era consciente de ter bebido muito, sabia que não tinha o total autocontrole, mas esquivar-se dela até o dia seguinte não parecia uma opção viável.

No início, ele mal podia se concentrar no que ela estava dizendo. Ela nem sequer queria olhá-lo. Permanecia ali sentada, olhando a qualquer parte menos a ele e ele era incapaz de apartar seus olhos dela. Ela tinha mudado. Deus, quanto tinha mudado. Ele não gostou, não gostou do seu silêncio quando antes era um periquito, não gostou sua expressão opaca quando antes cada emoção que sentia estava claramente escrita em seu pequeno rosto. Não havia diabrura nem risada em seu olhar, nem a vibrante energia em seus movimentos. Era como se alguém tivesse sequestrado à Roanna e tivesse deixado uma boneca em seu lugar.

A feia garotinha se converteu em uma simples adolescente, e esta era uma mulher agora, se não exatamente bonita, chamativa à sua maneira. Seu rosto se encheu, de forma que seus grandes traços

anteriores tinham adquirido proporções mais equilibradas. O comprido, alto e ligeiramente curvado nariz agora parecia aristocrático, e sua boca muito longa somente poderia ser descrita como exuberante. A maturidade tinha refinado seu rosto de forma que suas altas e bem feitas maçãs do rosto se revelassem e seus olhos de forma amendoada e da cor do uísque fossem exóticos. Tinha aumentado um pouco de peso, talvez seis ou sete quilos, o que suavizava seu corpo, e já não tinha o aspecto de uma refugiada de um campo de prisioneiros da Segunda Guerra Mundial, embora pudesse ganhar outros tantos quilogramas mais e ainda continuar magra.

As lembranças da adolescente o perseguiam. A realidade da mulher tinha removido seu desejo cozido a fogo lento até levá-lo a ebulição.

Mas, em nível pessoal, ela parecia inconsciente dele. Pediu-lhe que retornasse ao Alabama porque Lucinda necessitava dele. Lucinda o amava, lamentava seu distanciamento. Lucinda lhe devolveria tudo o que tinha perdido. Lucinda estava doente, morrendo. Lucinda, Lucinda, Lucinda. Cada palavra que saía de sua boca era sobre Lucinda. Nada sobre ela mesma, se ela queria ou não que ele retornasse, como se a veneração de antigamente jamais tivesse existido.

Isso o zangou ainda mais, ele ter esbanjado anos sonhando com ela, enquanto que ela, aparentemente, tinha-o apagado completamente de sua vida. Seu mau gênio se descontrolou e a tequila lhe fez perder qualquer escrúpulo que pudesse sentir. Ouviu a si mesmo lhe exigindo que ela fosse para a cama com ele como o preço de sua volta. Viu a impressão em seu rosto e viu como rapidamente a controlava. Ele esperou sua rejeição. E então ela disse que sim.

Ele estava bastante zangado, bastante bêbado para ir até o fim. Por Deus, se ela estava disposta a entregar-se a ele para benefício de Lucinda, então, maldição se não ia aproveitar sua palavra. Arrancou a caminhonete e conduziu rapidamente para o motel mais próximo, antes que ela pudesse mudar de ideia.

Uma vez dentro do pequeno e barato quarto, deitou-se sobre a cama, já que a cabeça lhe dava de voltas, lhe ordenando que se despisse. Uma vez mais esperou que ela se negasse. Esperava que

ela voltasse atrás ou pelo menos que perdesse os nervos e lhe dissesse que lhe beijasse o traseiro. Queria ver como o fogo atravessava a barreira de sua inexpressiva cara de boneca, precisava ver a velha Roanna.

Em troca ela começou, em silêncio, a livrar-se da roupa.

Fê-lo cuidadosamente, sem alvoroço, e do instante em que o primeiro botão se desabotoou, ele não pôde pensar em nenhuma outra coisa que não fosse que com cada movimento de seus dedos se revelava um pouco mais de sua pele suave. Ela não tentou ser coquete, não o necessitava. Seu membro puxava com tanta força contra sua braguilha que certamente ficaria impressa a marca do zíper.

Ela tinha uma pele maravilhosa, ligeiramente bronzeada, com leves sardas sobre suas elegantes maçãs do rosto. Ela tirou a blusa e seus ombros tinham um tênue e dourado brilho. Então ela desabotoou o singelo e prático sutiã branco e olhou para o lado e seus seios lhe roubaram o fôlego. Não sobressaíam muito, mas eram surpreendentemente redondos e erguidos, requintadamente formados, com os mamilos contraídos em apertados e rosados botões que fizeram que sua boca se enchesse de saliva.

Em silêncio, ela tirou as calças e as calcinhas, ficando nua diante dele. Sua cintura e quadris eram estreitos, mas as nádegas eram igualmente e deliciosamente arredondadas como seus seios. A necessidade de tocá-la era dolorosa. Com voz rouca, lhe ordenou que se aproximasse e silenciosamente lhe obedeceu, avançando para situar-se ao lado da cama.

Então a tocou, e a sentiu tremer sob sua mão. A coluna de sua coxa elegante e fresca, sua pele delicada contrastava com sua bronzeada e áspera mão. Lentamente, saboreando a textura de sua pele, acariciou-a para cima e para trás, nas nádegas; ela se moveu um pouco, esfregando-se contra sua mão, e uma mistura de excitação e prazer rugiu em seu interior. Tinha cavado a mão sobre os firmes montículos, sentiu-os arquear e ela começou a tremer mais intensamente. Provocou-a com uma atrevida carícia e notou seu sobressalto, levantou o olhar e viu que seus olhos estavam fechados com força.

Por alguma razão não podia acreditar que fosse Roanna a que estivesse nua diante dele, rendendo seu corpo a sua exploração e,

entretanto, tudo nela lhe era imensamente familiar e muito mais excitante que dez anos de frustrantes sonhos.

Agora não tinha que imaginar os detalhes físicos; estavam expostos a ele. Seu pelo púbico era um pequeno encaracolado triangulo. Tinha atraído seu olhar e estava encantado com suas delicadas dobras, timidamente fechadas, que podia espionar por entre os cachos. Os mistérios de seu corpo o faziam sofrer de necessidade. Bruscamente lhe disse que separasse as pernas para poder tocá-la e ela assim o fez.

Ele posou sua mão sobre a parte mais privada de seu corpo, e sentiu sua surpreendida resposta. Acariciou-a, tocou-a, abriu-a, e deslizou um dedo dentro de sua extremamente escura vagina. Estava tão duro que pensou que ia explodir, mas se conteve, porque aqui estava a prova de que nem toda a luxúria era apenas de sua parte. Ela estava escorregadia e molhada e seus suaves e quietos gemidos de excitação quase o enlouqueciam. Parecia um pouco desconcertada pelo que lhe estava fazendo, pelo que estava sentindo. Então tentou deslizar outro dedo dentro dela, mas não pôde. Tinha sentido sua instintiva retirada e uma súbita suspeita cintilou em seu cérebro embaçado de tequila.

Ela nunca tinha feito isto antes. De repente, estava completamente seguro disso.

Rapidamente a deitou sobre a cama, arrastando seu corpo sobre o seu. Indagou mais deliberadamente seu corpo, observando sua reação, lutando contra o álcool enquanto tratava de pensar claramente. Tinha sido o primeiro para algumas garotas, lá nos tempos do instituto e na universidade, e inclusive uma vez desde que abandonara o Alabama, assim se deu conta da forma que se ruborizava, seu ligeiro estremecimento enquanto empurrava seu áspero dedo ainda mais profundamente. Se não tivesse sido por seus anos cavalgando, duvidava ter podido sequer introduzir um dedo dentro dela.

Deveria parar isso agora. E sabê-lo o sufocava. Seu corpo estava malditamente perto de tomar o controle. De todas as formas, não tinha tido a intenção de chegar tão longe, mas a tequila e sua própria excitação o tinham desatado. Era exatamente a quantidade equivocada de álcool, suficiente para abrandar seus pensamentos e você não se importar o mínimo, mas não o suficiente para abrandar

seu pênis. Sentia-se enojado de si mesmo por obrigá-la a fazer isto e tinha aberto a boca para lhe dizer que vestisse a roupa quando, por um instante, viu o quanto ela era terrivelmente vulnerável e com que facilidade podia destruí-la com uma palavra equivocada embora fosse para o seu próprio bem.

Roanna tinha crescido à sombra de Jessie. Jessie era a bonita, Roanna a pouco atrativa. Sua autoconfiança física, exceto no referente aos cavalos, sempre foi quase nula. Como seria de outra maneira, quando para ela o normal era a rejeição em vez da aceitação? Por um instante, viu a pura e desesperada coragem que tinha necessitado para fazer isto. Despiu-se para ele, algo que estava seguro, jamais tinha feito com outro homem, lhe tinha devotado. Não podia nem imaginar o que lhe havia custado. Se agora a rejeitasse, destroçá-la-ia.

-É virgem, - disse, com voz dura e rouca de frustração.

Ela não o negou. Entretanto se ruborizou, um delicado tom rosado coloriu seus seios e a deliciosa visão foi irresistível. Soube que não deveria fazê-lo, mas tinha que tocar seus mamilos e depois tinha que saboreá-la, e percebeu a manifesta necessidade em seu esbelto corpo quando se arqueou com sua carícia.

Ele ofereceu a oportunidade de parar. Necessitou de toda sua força de vontade para controlar-se e lhe fazer essa proposta, mas o fez. E Roanna o olhou como se a tivesse esbofeteado. Ela ficou branca e seus lábios tremeram.

-Não me deseja? - sussurrou, uma súplica tão fraca que lhe encolheu o coração. Suas próprias defesas já débeis pela tequila foram-se abaixo. Em vez de responder, agarrou-lhe a mão e a arrastou para a sua virilha, apertando-a sobre sua ereção. Nesse momento, ele não disse nada, mantendo-se em silêncio enquanto contemplava como um sentimento de assombro aparecia em seus olhos, afastando a dor. Era como ver uma flor florescer.

Então ela curvou a mão agarrando-o e disse:

- Por favor, - e ele esteve perdido.

Ainda assim, tentou se controlar com todas suas forças. Inclusive enquanto se desfazia de sua roupa, inalava grandes baforadas de ar, tratando de esfriar o fogo de seu interior. Não funcionou. Na verdade, estava tão excitado, que certamente gozaria

apenas se colocando dentro dela.

E estava malditamente seguro de querer averiguá-lo.

De algum jeito, tratou de refrear-se. Seu controle não se estendeu a um prolongado jogo prévio. Simplesmente ficou em cima dela, rendendo seu delicado corpo sob o seu, muito mais forte, e beijando-a enquanto incrustava sua ereção nela até o punho.

Sabia que a estava machucando, mas não podia parar. Fez tudo o que pôde quando já estava dentro dela para fazê-la gozar. *"Primeiro as damas,"* tinha sido sempre seu lema e tinha experiência em conseguir seu objetivo. Roanna foi incrível, esmagadoramente receptiva a cada uma de suas carícias, seus quadris se ondulavam, suas costas se arqueavam, ardentes gemidos lhe escapavam dos lábios. Jessie sempre se conteve, mas Roanna se entregava sem restrições, despretensiosa. Ela chegou ao clímax muito rápido e, então, seu próprio orgasmo lhe sobreveio e gozou violentamente, mais violentamente do que tinha experimentado alguma vez, derramando-se dentro dela e enchendo-a com seu sêmen.

Ela não se retirou, não tinha saído correndo para o banho para se lavar. Simplesmente tinha adormecido com os braços ao redor de seu pescoço.

Possivelmente ele também adormeceu. Não soube. Mas finalmente despertou e ficou de lado, apagou a luz, puxou as cobertas e se juntou a ela.

Não passou muito tempo antes que seu pênis começasse de novo a agitar-se insistentemente, atraído pelo sedoso corpo que jazia entre seus braços. Roanna o aceitou sem reservas, tal como fez todas as demais vezes durante essa noite quando ele a reclamava.

Já estava quase amanhecendo.

Os efeitos da tequila se evaporaram de seu sistema e tinha que confrontar os fatos. Gostasse ou não, tinha chantageado Roanna para fazer isto. Inferno, não era necessário que o fizesse. Teria estado disposta a se entregar a ele sem a condição de sua volta.

Algo tinha acontecido, algo que tinha arrebatado seu entusiasmo, sua espontaneidade. Era como se finalmente se visse ultrapassada por todos os esforços de querer obrigá-la a se encaixar em certo molde e tivesse sucumbido.

Ele não gostou disso. Isso o deixou furioso.

Gostaria de chutar a si mesmo por se converter em mais um na longa lista de pessoas que a tinham obrigado a fazer algo que não queria. Não importava que ela tivesse correspondido. Tinha que lhe deixar bem claro que sua volta não dependia dela deixar-lhe usar seu corpo. Desejava-a, - maldição, sim, desejava-a, mas sem nenhuma condição ou ameaça entre eles dois, e era por sua própria e maldita culpa, que ele se encontrava metido nesta situação.

Queria fazer as pazes com Lucinda. Já era hora e pensar em sua morte o fazia lamentar os anos perdidos. Davencourt e o dinheiro não importavam, agora não. Consertar as barreiras importava. Consertar a separação importava. Averiguar o que tinha provocado a extinção do brilho nos olhos de Roanna, importava.

Perguntava-se se estariam preparados para o homem no qual se converteu.

Sim, tinha que retornar.

## Capítulo 10

Roanna raramente dormia bem, mas estava tão esgotada depois da dura viagem e o estresse emocional que, quando Webb finalmente a deixou dormir, afundou-se rapidamente em um profundo sono. Quando despertou se sentiu um pouco aturdida, incapaz, por um momento, de recordar onde estava, mas através dos anos se acostumou a despertar em lugares onde não costumava dormir, assim não sentiu pânico.

Em troca, ficou relaxada enquanto a realidade entrava em sua mente. Foi consciente de algumas coisas incomuns: Um: isto não era Davencourt. Dois: estava nua. Três: estava muito dolorida em todas suas zonas delicadas.

Então tudo encaixou e se sentou de repente na cama, procurando Webb. Em seguida, soube que ele não estava ali.

Ele se levantou e se vestiu, deixando-a sozinha nesse horroroso motel. Durante a noite, seu ardor tinha derretido um pouco do gelo que a tinha mantido presa durante tantos anos, mas enquanto permanecia ali sentada e nua entre um matagal de sujos lençóis, sentiu de novo como a fria capa se solidificava lentamente.

A história de sua vida, aparentemente. Sempre se havia sentido como se pudesse lhe oferecer seu corpo e alma e ainda assim não queria amá-la. Agora sabia com certeza. Junto a seu corpo, tinha-lhe dado seu coração, enquanto que ele somente a tinha fodido.

De verdade, tinha sido tão tola para acreditar que importava para ele? Por que ele ia fazer isso? Ela não tinha feito outra coisa que não fosse lhe causar problemas. Provavelmente ele nem sequer se sentia particularmente atraído por ela. Webb sempre teve a possibilidade de ter a qualquer mulher que quisesse, inclusive as mais bonitas. Ela não podia se comparar com o tipo ao que ele estava acostumado, nem de rosto nem de corpo; simplesmente ela estava disponível e ele com tesão. Viu a oportunidade de aliviar-se e a tomou. Caso fechado.

Seu rosto permanecia inexpressivo enquanto lentamente descia da cama, ignorando o desconforto entre suas pernas. Então percebeu o bilhete no outro travesseiro, rabiscado sobre um bloco de papel com o cabeçalho do motel. Tomou, reconhecendo imediatamente a

letra de Webb.

-Estarei de volta as dez, - leu. O bilhete não estava assinado, mas tampouco era necessário. Roanna passou os dedos sobre a letra, então arrancou o bilhete do bloco de papel e cuidadosamente o dobrou e guardou em sua bolsa.

Olhou seu relógio: eram oito e meia. Uma hora e meia para matar. Uma hora e meia de graça antes que tivesse que escutá-lo dizer que a noite passada tinha sido um erro, um que não voltaria a repetir.

A única coisa que podia fazer era voltar a se meter em sua severa e estilosa concha, assim não teria um aspecto lamentável quando ele lhe desse o fora. Podia aguentar muito, mas não acreditava que pudesse suportar que ele sentisse pena dela.

Sua roupa estava tão desalinhada e amarrotada como ela. Primeiro lavou a roupa interior e a pendurou sobre o ruidoso climatizador para que secasse, então girou o botão da temperatura a quente e ligou a ventilação a toda potência. Levou as calças e a blusa ao pequeno banheiro e os estendeu por cima da porta enquanto tomava banho no minúsculo box que mostrava um piso rachado e com manchas amareladas de água.

O box ficou cheio de vapor rapidamente e, quando terminou, ambos, blusa e calças estavam bons.

O aparelho de ar condicionado era mais ruidoso que eficiente, mas, ainda assim, o quarto rapidamente esquentou. Desligo-o e inspecionou suas calcinhas; estavam secas exceto por um pouco de umidade na cintura. De toda forma, a colocou e depois se vestiu antes que Webb chegasse. Não era como se não ele não tivesse visto tudo o que teria que ver dela, pensou, inclusive também a tocou, mas isso foi na noite anterior. Ao sair da forma que ele havia feito, tinha deixado bem claro que noite passada não significou nada para ele, apenas um alívio físico.

Penteou seu liso e denso cabelo para trás e deixou secar. Isso era o melhor de um bom corte: que não necessitava muitos cuidados. A pouca bagagem que trouxe estava no porta-malas de seu carro de aluguel, que possivelmente seguia estacionado ainda diante do pequeno e imundo bar, junto à estrada, mas não sabia exatamente a que distância se encontrava dele. A única maquiagem que tinha em

sua bolsa era um pó compacto e um batom de cor neutra. Usou-o rapidamente, olhando seu reflexo no espelho para pintar os lábios.

Ela abriu a porta para que entrasse o ar fresco da manhã seca do deserto, ligou a pequena televisão presa à parede e se sentou sobre a única cadeira do quarto, um artefato incômodo com o banco de vinil esmigalhado, que dava a impressão de ter sido roubado da sala de espera de um hospital.

Ela não estava prestando atenção ao que transmitiam, alguma reunião matinal. Era ruidoso e isso era tudo o que necessitava. Quando às vezes não podia dormir, ligava sua própria televisão para que as vozes não a fizessem se sentir completamente sozinha na noite.

Ainda seguia ali sentada quando um carro parou diante da porta. O motor foi desligado ao mesmo tempo em que uma nuvem de pó penetrava porta adentro. Então ouviu uma porta abrindo seguido de uma portada, o som de umas botas sobre o chão de cimento e Webb encheu o marco da porta. Sua silhueta se destacava contra a brilhante luz do dia, seus largos ombros quase ocupavam por completo o vão da porta de lado a lado.

Ele não entrou mais. Tudo o que disse, foi,

- Está preparada?- e em silêncio, ela se levantou, desligou a luz e a televisão e recolheu sua bolsa.

Ele lhe abriu a porta da caminhonete, sua educação sulina veio à tona, apesar de uma década de auto-exilo. Roanna entrou, concentrando-se em não estremecer, em não trair seu desconforto físico e se sentou. Agora que era de dia, pôde ver que a caminhonete era de cor cinza escura metalizada, com o interior estofado em cinza e que era bastante nova. No piso, havia outra alavanca de marcha, indicando que era com tração às quatro rodas, possivelmente necessária para conduzir no pasto.

Enquanto Webb se deslizava atrás do volante, atravessou-a com um olhar indescritível. Perguntava-se o que esperava, que estivesse planejando um casamento ou pelo contrário, um ataque de ira por havê-la deixado sozinha esta manhã. Não fez nenhuma das duas coisas. Ela ficou sentada em silêncio.

-Tem fome?- Ela negou com a cabeça, e então recordou que ele gostava de respostas verbais.

-Não, obrigada.

Ele fez um gesto de desgosto com a boca enquanto ligava o motor e dava marcha ré, saindo do estacionamento.

- Você vai comer. Se ganhar um pouco de peso, vai se sentir melhor. Não vou deixar que tome seu voo sem ter comido.

Ela não tinha reservado um voo de volta, já que não sabia quanto tempo iria ficar. Abriu a boca para comentar, mas então captou a dura expressão de seus olhos, dando-se conta que ele lhe tinha reservado um.

-A que horas eu vou?

- A uma. Consegui um voo direto de Tucson a Dallas. Sua conexão em Dallas é muito rápida, quarenta e cinco minutos, mas chegará a uma hora razoável em Huntsville. Estará em casa esta noite, por volta das dez, dez e meia. Você tem que chamar a alguém para que a pegue em Huntsville?

-Não. - Ela mesma tinha dirigido ao aeroporto, já que ninguém estava disposto a se levantar às três e meia da manhã para lhe fazer esse favor. Não, isso não era justo. Ela não tinha pedido a ninguém que o fizesse. Nunca pedia a ninguém que fizesse nada por ela.

Quando terminasse de comer, e ele parecia decidido que ela assim o fizesse, teria que partir quase imediatamente para poder devolver o carro de aluguel no aeroporto e conseguir chegar em tempo ao portão de embarque de seu voo de volta. Ele não lhe deixou tempo nem para respirar, possivelmente de propósito. Ele não queria falar com ela, não queria passar mais tempo do que o necessário em sua companhia

-Não muito longe daqui, há um lugar pequeno que servem cafés da manhã até as onze. A comida é simples, mas boa.

- Deixe-me no bar para que possa pegar o meu carro, - disse ela enquanto olhava através do guichê, a qualquer lugar menos para ele. -Pararei em um lugar de comida rápida.

-Duvido, - disse ele sério. – vou vigiar cada porção que você meter na boca.

- Eu como de vez em quando, - respondeu ela em tom calmo. – Já aprendi.

-Então não se importará que eu olhe.

Ela reconheceu esse tom de voz, o mesmo que utilizava quando lhe metia na cabeça que tinha que fazer algo, assim era melhor não discutir. Quando era mais jovem, esse tom era de um imenso consolo, simbolizava a firmeza e a segurança de uma rocha que tão desesperadamente necessitou depois da morte de seus pais. Por uma estranha razão, ainda seguia sendo um consolo; poderia ser que não gostasse dela, poderia ser que não a desejasse, mas ao menos não queria que ela morresse de fome.

O pequeno restaurante aonde ele a levou não era muito maior que a cozinha de Davencourt, com alguns reservados, algumas pequenas mesas e quatro tamboretes alinhados diante da barra.O forte aroma de bacon frito e salsichas flutuava no ar, misturando-se com o café e pimenta em pó. Dois idosos, curtidos pelo sol, estavam sentados no reservado de atrás, e ambos levantaram o olhar com interesse quando Webb escoltou Roanna ao outro reservado.

Uma mulher magra de idade incerta, sua pele tão curtida e bronzeada como a dos dois idosos, aproximou-se do reservado. Tirou um bloco de papel verde de notas do bolso dos jeans e segurou o lápis.

Evidentemente não havia cardápio. Roanna olhou a Webb interrogativa.

-Tomarei o café da manhã básico, presunto e ovos na grelha, com a gema crua, - disse ele, - e ela tomará *um mexido simples*, com torrada, bacon, e croquetes de batatas e cebola. Café para ambos.

-Já não podemos fazer ovos com a gema crua. Norma do departamento de saúde, - disse a garçonete.

-Então frita dos dois lados, mas pouco.

-De acordo. - A garçonete rasgou a folha superior do bloco de papel enquanto se dirigia a um acesso na parede. Depositou a nota sobre o suporte.

-Betts! Tenho um pedido.

-Deve comer aqui muito frequentemente, - disse Roanna.

-Normalmente paro aqui quando estou na cidade.

-O que significa *um mexido simples*?

-Sem a pimenta.

Tinha na ponta da língua lhe perguntar se o chamavam mexido caprichoso, mas engoliu o comentário. Seria muito fácil voltar a cair nos velhos hábitos com ele, pensou com tristeza. Mas tinha aprendido a dominar suas brincadeiras, já que muita gente não apreciava nem entendesse as mais sutis. Antes Webb o fazia, mas possivelmente porque queria ser amável.

A garçonete pôs duas xícaras fumegantes de café na frente deles.

-Nata?- perguntou, e Webb disse:

-Não, - respondendo por ambos.

- Levarei pelo menos duas semanas, talvez mais de duas, para deixar as coisas arrumadas por aqui, - disse ele de repente. -Ficarei com o rancho, assim estarei indo e vindo. Davencourt não será minha única preocupação.

Ela tomou um gole de café para ocultar seu alívio. Apesar de tudo, ele voltaria para casa! Disse que o faria se ela se deitasse com ele, mas até este momento não estivera segura se o dizia a sério. Não teria sido uma grande diferença que ela soubesse com certeza que ele estava mentindo; não se importava com o que o dia lhe trouxesse, a noite passada tinha sido um sonho convertido em realidade e se agarrou a ele com ambas as mãos.

-Lucinda não esperava que vendesse o rancho, - disse ela.

-Uma merda que não. Ela pensa que o universo gira ao redor de Davencourt. Não há nada que não fizesse para protegê-lo. - reclinou-se e estirou suas longas pernas, evitando cuidadosamente o contato com as dela. – Conta-se o que esteve ocorrendo por lá. Minha mãe me conta alguns acontecimentos, e também a tia Sandra, mas nenhuma delas conhece o dia a dia. O que sei é que Glória conseguiu trazer toda a família a Davencourt.

-Não a todos. Baron e sua família ainda vivem em Charlotte.

-Viver sob o mesmo teto que Lanette e Corliss é o suficiente para que eu procure uma casa para mim na cidade.

Roanna não manifestou sua conformidade, mas sabia exatamente ao que se referia.

-E você? -continuou ele. -Sei que foi para faculdade em Tuscaloosa. O que a fez mudar de ideia? Pensei que queria ir para a universidade local.

Ela partiu porque durante muito tempo foi mais fácil que ficar em casa. Enquanto esteve fora, seus problemas com o sono não foram tão graves, as lembranças não foram tão fortes. Ela começou a universidade um ano depois de que ele partiu, que fora um ano no inferno.

Ela não lhe contou nada disso. Em seu lugar, encolheu os ombros e disse:

-Já sabe como são as coisas. Uma pessoa pode passar sem isso, mas para ter os contatos adequados, têm que ir à Universidade. - Não teve que explicar o porquê, já que Webb tinha passado pelo mesmo.

- Você fez parte da irmandade feminina?

-Era o que se esperava.

Um relutante sorriso dançou em seus lábios.

-Não posso imaginar você como uma Pi Alfa. Como se virou com essa pequena sociedade de esnobes?

-Bem. - De fato, tinham sido muito amáveis com ela. Foram elas que a ensinaram a se vestir, como aplicar a maquiagem, como manter uma conversa de sociedade. Pensava que a tinham visto como um desafio e a tinham adotado como um projeto.

A garçonete se aproximou com três pratos fumegantes de comida. Deslizou dois deles diante de Webb e o outro frente a Roanna.

-Grite se necessitar que eu encha a xícara, - disse com familiaridade e os deixou sozinhos.

Webb se dedicou a sua comida, untando suas panquecas com manteiga e molhando-as com xarope, para depois condimentar generosamente com sal e pimenta os ovos. A fatia de presunto cobria meio prato. Roanna olhou a montanha de comida e depois ao seu

resistente corpo. Tratou de imaginar que a quantidade de trabalho físico requeria muitas calorias e sentiu ainda mais respeito por ele.

-Coma, - grunhiu ele.

Ela obedeceu e segurou seu garfo. Antes não teria aguentado, mas manter suas emoções sob controle permitiu que seu estômago ficasse calmo. O truque era levar todo o tempo necessário e comer a pequenas porções. Normalmente, quando todos os outros tinham acabado, ela tinha conseguido comer somente a metade, e era suficiente.

Ela faria da mesma forma. Quando Webb se reclinou para trás, satisfeito, Roanna pôs a um lado seu garfo. Ele se fixou em seu prato com um longo e severo olhar, como se calculasse exatamente quanto tinha comido, mas para seu alívio, decidiu não dizer nada.

Uma vez terminado o café da manhã, ele a conduziu ao bar. O carro de aluguel permanecia solitário no estacionamento, via-se abandonado e fora do lugar. Um pôster de FECHADO pendurava inclinado sobre a porta de entrada do bar. À luz do dia, o edifício se via ainda mais decadente que na noite anterior.

Quando ele freou para parar, o pó formou redemoinhos ao redor da caminhonete e Roanna permitiu que a nuvem arenosa se assentasse enquanto tirava a chave de contato de sua bolsa.

-Obrigada pelo café da manhã, - disse enquanto abria a porta e saia - Direi a Lucinda que o espere.

Ele saiu da caminhonete e caminhou com ela até o carro de aluguel, parando ao lado da porta para que ela não pudesse abri-la.

- Sobre ontem à noite, - disse ele.

O pânico a invadiu. Deus, não podia escutar isto. Colocou a chave na fechadura e a girou, esperando que captasse a indireta e se movesse. Ele não o fez.

-O que acontece com ontem à noite? - conseguiu dizer ela sem a mínima entonação na voz.

-Não deveria ter acontecido.

Ela inclinou a cabeça. Tinha sido a melhor coisa que aconteceu com ela e ele desejava que não tivesse acontecido.

-Maldição, me olhe!- Da mesma forma que na noite anterior, ele segurou seu queixo com a mão e lhe levantou a cabeça para que o olhasse à cara. Seu chapéu estava sobre sua testa, sombreando seus olhos, mas ainda assim ela pôde ver a severidade neles e na apertada linha de sua boca. Muito brandamente ele lhe roçou os lábios com o polegar. – Eu não estava exatamente bêbado, mas tinha bebido muito. Você era virgem. Eu não deveria ter exigido isso como condição para voltar e lamento o que te fiz.

Roanna manteve as costas muita retas e erguidas.

-Sou tão responsável como você.

-Não exatamente. Não sabia em realidade no que estava se colocando. Por outro lado, eu sabia que você não me rejeitaria.

Ela não pôde escapar de seu inflexível e verde olhar. Era igual à noite passada quando se despiu diante dele, exceto agora seu nu era emocional. Seu lábio tremeu e rapidamente o controlou. Não tinha sentido negar o que estava dizendo, já que as ações lhe tinham mostrado a verdade. Quando ele ofereceu a oportunidade de parar o que estava acontecendo, ela suplicou que continuasse.

-Nunca foi um segredo o que eu sentia por você, - disse finalmente. -Em qualquer momento, a única coisa que tinha que ter feito era estalar os dedos e eu teria ido a você e teria deixado fazer comigo o que quisesse. - Tratou de sorrir. Não se saiu muito bem, mas era muito melhor que começar a chorar. -Isso não mudou.

Ele examinou seu rosto, tratando de ver além da frieza de sua expressão. Um brilho de amarga frustração iluminou seus olhos.

-Só queria que soubesse que minha volta não depende de que você tenha se deitado comigo. Não tem que se converter em uma puta para assegurar que Lucinda consiga o que quer.

Esta vez não pôde controlar o tremor. Separou-se dele e lhe deu de presente outro sorriso, este ainda mais forçado que o primeiro.

- Entendo, - obrigou-se a responder, com frágil calma. -Não o incomodarei.

-Com os diabos que não vai. – rosnou ele. – Você esteve me incomodando durante grande parte de sua vida. - inclinou-se para

frente, olhando-a com o cenho franzido. – Você me incomoda somente em estar no mesmo lugar que eu. Incomoda-me em apenas respirar. - Furiosamente a arrastou para ele e esmagou sua boca sobre a dela.

Roanna se encontrava muito assombrada para reagir. Só pôde permitir que ele a abraçasse com força, abrindo a boca ante a demanda da sua. Foi um beijo profundo e íntimo, sua língua movendo-se contra a dela, e pôde sentir a rígida protuberância de sua ereção pressionando contra seu ventre.

Ele se separou dela tão repentinamente como a tinha segurado.

-Agora corre de volta junto à Lucinda e lhe diga que a missão está cumprida. Se quiser contar ou não como o conseguiu, isso é problema seu. - Abriu a porta do carro e a instigou a entrar. Então ficou olhando-a um breve momento. -E você não entende nenhuma maldita coisa, - disse-lhe sem se alterar, antes de fechar a porta e retornar a sua caminhonete.

## Capítulo 11

Quando Roanna percorreu o longo meio-fio de Davencourt essa noite, estava tão exausta do segundo dia de viagem ininterrupta como o tinha estado do primeiro e gemeu em voz alta ao ver que as luzes ainda brilhavam como um farol na casa principal. Esperava que todos estivessem deitados, assim ela poderia juntar forças para fazer frente ao interrogatório que sabia inevitável. Esperava inclusive poder dormir um pouco mais que a noite anterior, embora soubesse que era improvável. E se não pudesse dormir, então ao menos poderia reviver aquelas horas tumultuosas, saborear as lembranças de seu corpo nu contra o dele, os beijos, as carícias, os incríveis e infinitos momentos quando ele realmente estava dentro dela. E quando se sentisse mais tranquila, pensaria no resto dos acontecimentos, nas coisas dolorosas que ele havia dito e no fato de que não a desejasse mais... Mas então por que a tinha beijado? Estava muito cansada para pensar coerentemente, assim a análise teria que esperar.

Ela utilizou o controle remoto para abrir a garagem e freou quando os faróis toparam com um carro já estacionado em sua vaga. Suspirou. Corliss outra vez, aproveitando-se da ausência de Roanna para estacionar seu carro para dentro. A garagem tinha apenas cinco lugares e estas eram de Lucinda - embora já não dirigisse - de Roanna, de Glória e Harlan, e Lanette e Greg, que só tinham um carro. Brock e Corliss, deveriam estacionar seus carros do lado de fora, mas Corliss tinha o costume de ignorar isto e estacionar seu carro em qualquer espaço que estivesse vazio.

Roanna estacionou seu carro junto ao de Brock e, esgotada, saiu dele, arrastando sua pequena mala com ela. Pensou em escapulir pela escada exterior e rodear a casa pelo terraço superior até seu quarto na parte de trás, mas tinha fechado as janelas antes de partir e não poderia fazer este caminho. Em vez disso, entraria pela cozinha com a esperança de chegar até a escada principal sem que ninguém a notasse.

A sorte não estava do seu lado. Quando empurrou a porta da cozinha e ela se abriu, Harlan e Glória estavam sentados na mesa, devorando um par de grossas fatias do bolo de coco de Tansy. Nenhum deles estava ainda de pijamas, o que queria dizer que

estiveram vendo televisão na tela enorme da sala.

Glória engoliu a toda pressa.

– Você não o encontrou! - exclamou, mostrando abertamente quão feliz estava com o fato de que Roanna estivesse sozinha. E, a seguir, dirigiu a Roanna um ardiloso olhar de cumplicidade. – Não foi porque você não tentou com todas suas forças, verdade? Bem, não direi nada. De toda forma estava convencida de que era uma loucura por parte de Lucinda. Por que demônios ela iria querê-lo de volta? Sei que Booley não o prendeu, mas todo mundo sabia que era culpado, só não havia modo de prová-lo…

-Encontrei-o, - interrompeu-a Roanna. Tinha a cabeça embotada da fadiga e quis interromper o interrogatório. - Ele tinha negócios dos quais se ocupar, mas virá para casa dentro de duas semanas.

A cor de Glória se evaporou e ficou olhando Roanna boquiaberta. A parte de bolo meio mastigada que ficou visível resultava pouco apetitoso. Então disse

- Roanna, como você pode ser tão estúpida? – Em cada palavra foi elevando mais o tom até finalizar gritando. – Você não está ciente de que você vai perder tudo? Tudo isto poderia ter sido seu, mas Lucinda devolverá tudo a ele, recorda minhas palavras! E o que se passará conosco? Por que poderíamos acabar todos assassinados em nossas camas, como aconteceu à pobre Jessie…

-Jessie não foi assassinada em sua cama, - disse Roanna, com cansaço.

-Não seja irônica, sabe o que quero dizer!

-Webb não a matou.

-Bom, pois o xerife pensou que ele o tivesse feito e estou segura de que sabe mais sobre isso que você! Nós o escutamos dizer que faria qualquer coisa para se livrar dela.

-Também o ouvimos lhe dizer que pedisse o divórcio.

-Glória tem razão, - interveio Harlan, franzindo suas povoadas sobrancelhas com preocupação. -Não sabemos o que ele é capaz de fazer.

Normalmente Roanna não discutia, mas estava esgotada e tinha ainda os nervos em carne viva de seu encontro com Webb.

–O que realmente preocupa você, - disse, com voz átona, - é que ele recorde como lhe deram as costas quando necessitava de apoio e diga-lhes que procurem outro lugar onde viver.

-Roanna! -ofegou Glória, ultrajada. -Como pode nos dizer algo assim? O que acha que tínhamos que fazer, ocultar a um assassino da lei?

Não havia nada que ela pudesse lhes dizer que mudasse sua posição, e estava muito cansada para tentar mais tempo. Que Webb se ocupasse com isso quando retornasse. Teve energia apenas para sentir tão somente uma leve pontada de interesse ante a perspectiva. Se pensavam que antes ele era intimidante, que esperassem ver com o que iriam ter que tratar agora. Ele era muito mais desumano e poderoso.

Deixando Glória e Harlan descarregando sua raiva no bolo de coco, Roanna se arrastou para cima. Lucinda já estava na cama; ultimamente se cansava com facilidade, outro sintoma de sua saúde ruim, e frequentemente estava dormindo às nove. Podia esperar até a manhã para lhe contar que Webb retornaria para casa.

Roanna esperou ser capaz de dormir um pouco ela mesma.

"Se os desejos fossem moedas..." Várias horas mais tarde, deu uma olhada à esfera luminescente de seu relógio e viu o ponteiro de relógio das horas arrastar-se por volta do dois. Sentia os olhos arenosos pela falta de sono e sua mente estava tão embotada pela fadiga que mal podia pensar, mas o sono seguia tão inalcançável como sempre.

Ela tinha suportado muitas noites como esta, esperando na interminável escuridão que chegasse a manhã. Todos os livros sobre insônia aconselhavam à vítima a sair da cama, para não convertê-la no símbolo de sua frustração. Roanna já tinha desenvolvido esse hábito, mas o livro tampouco tinha sido útil. Às vezes lia para passar as horas, às vezes empreendia caminhadas solitárias, mas o mais comum é que permanecesse sentada na escuridão, esperando.

Isso era o que fazia agora, porque estava muito cansada para outra coisa. Ela se encolheu em uma enorme poltrona, bem fofa e o bastante grande para dois. A poltrona tinha sido um presente de Natal fazia cinco anos, e ela não sabia o que faria sem ela. Quando conseguia dormir, embora o normal fosse o contrário, era na poltrona. No inverno, se envolvia em uma de suas mantas afegãs, a mais suave e grossa, e contemplava como a noite ia se arrastando lentamente diante de suas janelas, mas agora era verão e usava só uma fina camisola sem mangas, mas tinha colocado seus pés nus sob a bainha. Tinha aberto as janelas e ela poderia escutar os consoladores sons da calma noite. Uma tempestade descarregava na distância; via os relâmpagos que iluminavam nuvens púrpuras, mas a tempestade estava mais longe que os trovões, e quando podia ouvi-los, soavam tão somente como um fraco retumbar.

Se ela tivesse que ficar acordada, as noites de verão eram melhores. E entre a insônia e a outra opção, preferia a insônia. Quando dormia, nunca sabia onde despertaria.

Ela não acreditava ter abandonado alguma vez a casa. Sempre permanecia dentro e seus pés nunca apareceram sujos, mas de todos os modos a assustava pensar nela mesma vagando por todo o edifício sem ser consciente disso. Tinha lido sobre os sonâmbulos. Eles podiam evidentemente subir e descer escadas, passear e inclusive manter uma conversa enquanto seguiam adormecidos. Não era de muito consolo, porque ela não queria fazer nada disso. O que ela queria era despertar exatamente no mesmo lugar onde tinha ido dormir.

Se alguém a tinha visto alguma vez em seus passeios noturnos, não o tinha mencionado. Não acreditava que o fizesse cada vez que dormia, mas o certo é que não tinha modo de sabê-lo e não queria alertar à família de seu problema. Sabiam que sofria de insônia, assim se alguém a tinha visto vagando fora de seu quarto no meio da noite, aparentemente acordada, talvez pensasse que ela não conseguia dormir e esquecia o assunto.

Se soubessem que caminhava adormecida... Não gostaria de pensar mal de ninguém sem provas, mas não podia confiar em certos habitantes da casa se soubessem o quanto era vulnerável. A possibilidade de que lhe fizessem alguma maldade era muito grande, sobretudo por parte de Corliss. Em certo modo, Corliss fazia Roanna se recordar muito de Jessie, embora ambas somente fossem primas

de segundo grau, o que significava que não compartilhavam muitos genes. Jessie atuava com a mente fria, mas tinha um caráter mais vulcânico. Corliss não planejava nada, atuava por impulsos, e não era propensa a malcriações. Sobretudo, parecia impaciente e infeliz e gostava de fazer aos outros infelizes. Fosse o que fosse o que ele queria da vida, não parecia havê-lo conseguido.

Roanna não acreditava que Webb se daria bem com Corliss.

Pensar em Webb a levou a completar de novo o círculo de seus pensamentos, sobre como tinha começado o dia, mas estes não se apartaram dela também, em primeiro lugar.

Não sabia o que pensar. Não era nada boa analisando uma relação homem-mulher, porque nunca tinha tido uma. Tudo o que sabia era que Webb tinha ficado zangado, e um pouco embriagado. Se ele não tivesse bebido provavelmente não a teria pressionado da forma que o tinha feito, mas o que estava claro é que ela foi para a cama com ele, sem oferecer a menor resistência. As circunstâncias tinham sido humilhantes, aquela parte oculta dela se deleitou com a oportunidade.

Ela não se arrependia de havê-lo feito. Se não voltasse a acontecer nada bom durante o resto de sua vida, ao menos tinha dormido nos braços de Webb e sabia o que se sentia ao fazer amor com ele. A dor tinha sido mais intensa do que tinha imaginado, mas não obscureceu a alegria que havia sentido e, por último, a satisfação.

A tequila poderia justificar a primeira e talvez a segunda vez que fizeram amor, mas e as outras vezes? Certamente ele já estava sóbrio antes da terceira vez que a tomou, no meio da noite, e a quarta, justo antes de amanhecer. Ainda se sentia machucada em seu interior de fazer amor, embora o entesourasse porque esse leve desconforto lhe recordava aqueles momentos.

Ele não tinha sido um amante egoísta. Poderia ser que estivesse zangado, mas ainda assim a tinha satisfeito, às vezes mais de uma vez, antes de permitir a ele mesmo a liberação. Suas mãos e sua boca tinham sido tenras sobre seu corpo, cuidando para não acrescentar dor a que ela tinha experimentado quando se introduziu pela primeira vez nela.

Mas, depois, ele saiu da cama e a tinha deixado sozinha no

motel, como se fosse uma transa de consolação. Não era assim como naquela região selvagem, os bêbados chamavam uma mulher que era tão feia que, quando o homem despertava e a via adormecida em seus braços, preferia arrancar os braços antes que despertá-la? Ao menos Webb tinha deixado um bilhete. Ao menos havia retornado e não a tinha obrigado a retornar a seu carro de aluguel como pudesse.

Ele disse que ela tinha atuado como uma puta para Lucinda. Disse que ela tinha sido um incômodo para ele durante toda sua vida, e isso lhe doeu mais que o comentário anterior. Sem se importar com o que acontecesse, ela sempre podia aferrar-se à lembrança daqueles anos antes da morte de Jessie como os bons tempos, porque o tinha como seu amigo e como seu herói. A horrível noite em que Jessie foi assassinada, compreendeu que ele apenas a consolava e aquilo quase acabou com ela, mas ainda assim as doces lembranças tinham permanecido. Agora ela se sentia mortificada pensando que esteve enganada desde o começo. A bondade não era a mesma coisa que o carinho.

Ele tinha deixado claro que ela não deveria esperar que eles voltassem a dormir juntos quando retornasse a Davencourt. Tinha sido apenas a transa de uma noite, pura e simples. Não havia nenhuma relação em curso entre eles, salvo a de primos longínquos.

Mas depois ele a tinha beijado e lhe havia dito que ela não entendia nada. Estava indubitavelmente excitado; depois da noite que acabava de passar com ele, estava muito familiarizada com suas ereções. Se não a desejava, por que estava tão excitado?

Algo era certo: ele seguia zangado.

Ela se encolheu ainda mais em sua poltrona olhando os relâmpagos e pensando em Webb, e em algum momento próximo à alvorada finalmente pôde inclinar a cabeça.

Glória estava com toda a sua família à mesa de café da manhã ao mesmo tempo, um estranho acontecimento, mas evidentemente ela pensou que necessitava de reforços. Depois de uma noite agitada em que o sono tinha sido tão evasivo como sempre, Roanna tinha ido ao quarto de Lucinda e tinha lhe dado as boas notícias. Animada por isso, havia mais energia nos movimentos de Lucinda essa manhã e mais cor em seu rosto do que em muito

tempo. Ela arqueou as sobrancelhas surpreendida ante a multidão assentada na mesa, depois sorriu abertamente e lançou a Roanna uma piscada de "sei o que tramam".

O café da manhã era servido como bufê, um sistema eficiente posto que se dois deles o fizesse ao mesmo tempo seria pura coincidência. Roanna serviu os pratos para Lucinda e para ela e ocuparam seu lugar à mesa.

Glória esperou até que ambas tivessem a comida na boca antes de lançar a primeira artilharia.

-Lucinda, todos nós conversamos e desejaríamos que reconsiderasse esta irrefletida ideia de pôr Webb à frente dos negócios outra vez. Roanna esteve fazendo um trabalho eficiente e realmente não o necessitamos.

-Nós?- perguntou Lucinda, fazendo que sua irmã baixasse a vista. -Glória, estou agradecida por sua companhia e desfrutei dela durante estes dez anos, mas me parece que tenho que recordá-la que isso são os negócios dos Davenport e Roanna e eu somos as únicas Davenport aqui. Falamos sobre isso e estamos de acordo em querermos que Webb retome seu legítimo lugar na família.

-Webb não é um Davenport, - indicou Glória, aferrando-se a esse detalhe. - Ele é um Tallant, um de nossa família. Davencourt e o dinheiro dos Davenport deveriam ser de Roanna. Portanto, o único correto é que seja para ela.

*Qualquer coisa para tirar Webb da equação*, pensou Roanna. Glória preferia que fosse a sua família direta que recebesse a herança, mas Roanna era, evidentemente, a segunda melhor opção. Glória contaria que poderia manipular e dominar Roanna, mas Webb era uma história diferente. Essa era a essência da questão, compreendeu, e não esse exagerado temor de que Webb fosse um assassino. Tudo isso era por dinheiro e comodidade.

-Como eu disse, - repetiu Lucinda, -Roanna e eu estamos de acordo nisso.

-Roanna nunca foi lógica no que se refere a Webb. - disse Harlan ficando do lado de sua esposa. – Todos nós sabemos que não pode confiar em seu julgamento nisso.

Corliss se inclinou para frente, seus olhos brilharam quando

cheirou o problema.

-Claro, é isso mesmo. Não se lembra que Jessie os flagrou agarrados na cozinha?

Brock levantou a vista de seu café da manhã e olhou com o cenho franzido a sua irmã. Roanna era a que mais gostava de todos os familiares de Glória. Brock era geralmente bondoso e era um bom trabalhador. Não tinha a intenção de ficar em Davencourt para sempre, mas aproveitava a oportunidade de economizar tanto dinheiro como podia para poder construir sua própria casa. Ele e sua noiva de toda a vida planejavam se casar nesse mesmo ano. Tinha mais personalidade que seu pai, Greg, que deixava que Lanette comandasse a família.

-Eu acho que isso está me dando nos nervos, - disse Brock.

-O que te faz pensar isso?- perguntou-lhe Lanette, inclinando-se para ver seu filho. Corliss sorriu com a satisfação por ter revolvido as águas.

-Porque Webb não é um bandido e me alegro de que volte.

Glória e Lanette fulminaram com o olhar a este traidor de sua equipe. Brock as ignorou e voltou para sua comida. Roanna se concentrou em seu próprio café da manhã e fez todo o possível por ignorar a conversa. Nada agradaria mais a Corliss que provocar nela uma resposta ou vê-la visivelmente transtornada. Corliss careceu da habilidade de Jessie para fazer comentários prejudiciais, ou possivelmente fosse porque Roanna tivesse mudado, mas achava Corliss simplesmente aborrecida.

A batalha verbal continuou durante todo o café da manhã, com Glória, Harlan e Lanette alternando-se para debater com o que obviamente pensavam que eram bons argumentos contra a volta de Webb. Greg parecia não estar interessado e deixava os protestos a Lanette. Brock terminou de tomar o café da manhã e se despediu para ir trabalhar.

Roanna se concentrou em comer, sem dizer quase nada, e Lucinda era tão imóvel como uma montanha. Ter Webb a casa era mais importante para ela que qualquer coisa que sua irmã pudesse dizer, assim Roanna não se preocupava que Lucinda pudesse mudar de opinião.

Lucinda tinha se iluminado como uma árvore de Natal nessa manhã quando Roanna lhe tinha dado a boa notícia. Ela a bombardeou de perguntas sobre ele, que aspecto tinha, se mudara, o que havia dito.

Ela não pareceu se alterar quando Roanna lhe disse que ele ainda estava ressentido.

-Bem, é obvio, - havia dito Lucinda, tranquila. -Webb nunca foi o cãozinho de ninguém. Suponho que terá muito que me dizer quando chegar aqui e, embora a mim seja difícil engolir, suponho que terei que escutar. Estou realmente surpreendida de que tenha aceitado tão facilmente, entretanto. Eu sabia que você era a única a quem ele escutaria.

Ele não a tinha escutado muito até que tinha feito um trato com ela, e quando ela o tinha aceitado, ele se havia sentido obrigado a fazer o mesmo. Em realidade, perguntou-se se o que ele esperava era que ela se negasse de imediato, se ele tinha proposto o acordo pensando que ela não teria necessidade de cumprir sua parte.

- Diga-me que aspecto tinha, - disse Lucinda outra vez e Roanna o descreveu o melhor que pôde. Como podia ser exata, quando o olhava através de uns olhos apaixonados? Achá-lo-iam menos dominador, menos poderoso? Não acreditava.

Certamente Gloria não se sentiria otimista sobre sua volta. Era hipócrita de sua parte, pensou Roanna, porque antes da morte de Jessie, Glória sempre bajulou excessivamente Webb, declarando que era seu sobrinho favorito. Mas depois cometeu o engano de lhe dar as costas em vez de defendê-lo e ela sabia que ele não o tinha esquecido.

-Onde dormirá? – inquiriu Corliss, interrompendo a sua vovó para deixar cair outra bomba em uma conversa já volátil. - Eu não vou deixar a suíte, embora antes tenha sido ele quem a usasse.

Isso teve o efeito oposto do que ela tinha esperado. O silêncio caiu sobre a mesa. Depois da morte de Jessie, Lucinda se tinha animado finalmente a redecorar por completo a suíte, do chão ao teto. Quando Lanette e sua família se mudaram, Corliss tinha reclamado imediatamente a suíte como propriedade, comentando, como que por acaso, que não lhe incomodava absolutamente dormir lá. Era típico de sua insensibilidade que acreditasse que Webb iria

reclamar seu antigo quarto.

Entretanto, a suíte de Lucinda era a única que a igualava em tamanho. Glória e Harlan ocupavam um conjunto menor de quartos, como Lanette e Greg. O quarto de Roanna era um cômodo, espaçoso, mas não uma suíte. O quarto de Brock era igual. Havia quatro quartos mais, mas de um só cômodo também. Era um problema insignificante, mas o *status* era a questão subjacente. Roanna sabia que Webb não lhe daria importância, mas compreenderia as implicações de como se usavam os símbolos de *status* para dominar.

-Inclusive se ele não o quiser, não acredito que gostaria que alguém durma lá, - disse Lanette, olhando a sua filha com expressão preocupada.

Corliss franziu o cenho.

-Eu não penso em abandonar minha suíte!

-Fará se Webb o disser, - disse Lucinda, com rigor. -Duvido que ele se importe, mas me parece que não entende que o que ele disser é lei, sem exceção. Está claro?

-Não! – disse Corliss, petulante, jogando seu guardanapo sobre a mesa. -Ele matou a sua esposa! Não é justo que simplesmente retorne e assuma…

A voz de Lucinda explodiu como uma vara.

-Outra coisa que quero que fique muito clara é que Webb não matou Jessie. Se ouvir tal afirmação de novo, ordenarei a quem o disse que abandone esta casa imediatamente. Não o apoiamos quando ele mais necessitava e estou profundamente arrependida. Será bem-vindo por todos de volta a casa, está decidido.

O silêncio seguiu a esta rigorosa declaração. Por isso Roanna sabia, esta era a primeira vez que Lucinda havia dito algo sobre despejar a qualquer dos residentes habituais de Davencourt. A família era tão importante para ela que sua ameaça evidenciava quão importante era para ela a volta de Webb. Por culpa ou por amor, ou por ambos, Webb tinha seu apoio incondicional.

Satisfeita de ter deixado clara sua posição, Lucinda limpou delicadamente a boca com o guardanapo.

–O assunto dos quartos é difícil. Qual a sua opinião, Roanna?

-Deixe que Webb decida quando estiver aqui, - respondeu Roanna. -Não podemos saber o que deseja.

-Isso é verdade. Mas eu que quero que tudo esteja perfeito para ele.

-Não acredito que isso seja possível. Provavelmente preferiria que atuemos como de costume e não montemos alvoroço.

-Não é como se fossemos celebrar uma festa, - retrucou Glória. -Não quero nem pensar no que vão dizer todos na cidade.

-Nada, se souberem o que lhes convém, - disse Lucinda. -Começarei imediatamente a esclarecer aos nossos amigos e sócios que se valorizarem a continuidade de nossa amizade, assegurar-se-ão de que Webb será tratado com cortesia.

-Webb, Webb, Webb, - disse Corliss violentamente. - O que o faz tão especial? E nós? Por que não deixa tudo ao Brock, se estiver tão segura de que Roanna não pode dirigir as coisas? Somos seus parentes tanto quanto Webb!

Ela ficou em pé de um salto e saiu correndo, deixando-os a todos em silêncio. Inclusive Gloria, que geralmente tinha a sensibilidade de um rinoceronte, parecia incômoda ante um arrebatamento tão descaradamente materialista.

Roanna se obrigou a comer uma última porção antes de se render ao esforço. Aparentemente, as "boas vindas" de Webb seriam ainda mais tensas do que tinha sido sua despedida.

## Capítulo 12

Dez dias depois, Webb estava parado frente à porta principal como se fosse o dono do lugar, o que a efeitos práticos era certo.

Eram oito da manhã e a luz do sol penetrava, já intensa, através das janelas, dando um suave brilho dourado aos ladrilhos terracota do hall. Roanna descia as escadas. Às nove, tinha uma reunião com seu agente da bolsa, que vinha de Huntsville, e queria revisar os detalhes com Lucinda antes de sua chegada. Ela já estava vestida para a reunião, com um leve vestido de verão de seda cor pêssego e um casaco combinando, já que logo depois tinha uma reunião programada com o prefeito do condado. Calçava sapatos de bico fino bege de couro de cobra e adornava as orelhas com pérolas singelas. Poucas vezes usava outra joia que não fosse o relógio de pulso, mas suas companheiras da Irmandade Universitária lhe tinham ensinado o valor de ir bem vestida para as reuniões de negócios.

A porta da rua se abriu e ela fez uma pausa na escada, momentaneamente cegada pela deslumbrante luz do sol refletida sobre o chão gentil. Piscou ante a morena figura, cujos amplos ombros e o chapéu de abas largas enchiam a maior parte do vão da porta. Então ele entrou e a fechou, deixando cair sua bolsa de viagem de couro ao chão e seu coração quase parou quando o reconheceu.

Fazia dez dias desde que ele a tinha mandado de volta à casa e não tinha enviado nenhuma palavra para avisar de sua chegada. Começou a temer que depois de tudo não viesse, embora Webb sempre tivesse sido fiel a sua palavra. Talvez ele tivesse decidido que os Davenport não mereciam o incômodo; não o teria culpado por fazê-lo.

Mas aqui estava ele, tirando o chapéu e olhando ao redor com olhos entrecerrados, como se estivesse avaliando as mudanças ocorridas durante seus dez anos de ausência. Tinham sido poucas, mas Roanna teve a sensação de que notou cada uma delas. Seu olhar parou brevemente sobre o tapete que cobria a escada. Quando ele partiu era bege; agora era marrom, mais espesso e menos delicado.

O impacto físico de sua presença quase a fez cambalear. Vê-lo ali parado assumindo com naturalidade o mesmo ar de autoridade de sempre, como se nunca tivesse partido, jogou-a em uma sensação de

irrealidade, como se o tempo não tivesse transcorrido.

Entretanto, as mudanças nele eram muito evidentes. Não era somente que fosse dez anos mais velho ou que vestisse jeans e botas em vez de calças de linho e sapatos de couro. Antes, ele moderava a força de sua personalidade com a cortesia e as maneiras de um educado cavalheiro sulista, assim era como se faziam os negócios ali. Agora, em troca, não a atenuava com nada. Estava ali, áspero e duro, e ao inferno se a alguém não gostasse.

Seus pulmões pareciam haver-se encolhido e lutou por respirar. Havia-o visto nu, tinha dormido nua em seus braços. Ele lhe tinha sugado seus mamilos, tinha penetrado nela. A sensação de irrealidade a fez sentir tonta de novo. Na semana e meia transcorrida da última vez que o viu, sua relação sexual tinha começado a lhe parecer um sonho, mas ao vê-lo de novo, seu corpo começou a palpitar outra vez, como se ele acabasse de se retirar de seu interior e sua carne ainda estremecesse por seu contato.

Ela conseguiu encontrar a voz.

- Por que não chamou? Alguém teria ido pegá-lo no aeroporto. Veio de avião, não?

-Cheguei ontem. Aluguei um carro no aeroporto. Mamãe e eu passamos a noite em Huntsville com a tia Sandra e esta manhã dirigi até aqui.

Seu intenso e verde olhar estava cravado nela agora, examinando o vestido e as pérolas, comparando, possivelmente, a simples elegância de sua roupa com a desajeitada e pouco elegante adolescente que ela tinha sido. Ou possivelmente a comparava com a mulher nua que se retorceu debaixo ele, gritando enquanto a levava ao clímax. Ele a despachou muito rápido, talvez a visão não tivesse sido tão atraente.

Ela se ruborizou violentamente e imediatamente o rubor desapareceu, tão rápido como tinha vindo.

Não podia continuar ali, em pé, como uma idiota. Controlando cuidadosamente sua respiração, desceu os poucos degraus que restavam e parou ao seu lado.

- Lucinda está no escritório. Nós íamos repassar alguns documentos, mas estou segura de que preferirá falar contigo antes.

- Eu retornei para me ocupar dos negócios, - disse ele, sucintamente, ao mesmo tempo em que abandonava o hall em direção ao escritório. - Siga-me rápido. A festa de boas vindas pode esperar.

De algum jeito, ela conseguiu manter sua fachada serena enquanto o seguia. Ela não lançou os braços ao seu pescoço, gritando:

- Você voltou! Você voltou!- embora esse fosse seu primeiro impulso. Não se desfez em exclamações de felicidade ou alegria. Tão somente disse a suas costas, - Alegro-me de que tenha retornado. Seja bem vindo à casa.

Lucinda raramente se sentava atrás da enorme escrivaninha que tinha sido de seu marido, tinha descoberto que o fofo sofá era mais cômodo para seus velhos ossos. Ali estava agora, folheando vários relatórios impressos sobre os últimos rendimentos de ações. Elevou a vista quando Webb entrou, e Roanna, que entrava atrás dele, viu o atordoamento que refletiram seus descoloridos olhos azuis enquanto ficava olhando fixamente a esse enorme e áspero estranho que tinha invadido seus domínios. Então ela piscou e o reconhecimento alvoreceu em seus olhos tão intensamente como a saída do sol, trazendo com ele um rubor de entusiasmo que afugentou de seu rosto o tom cinza da doença. Lucinda ficou em pé, esparramando os documentos sobre o grosso tapete Aubusson.

-Webb! Webb!

Estas eram as boas vindas entusiasmadas e cheias de lágrimas com a qual Roanna desejaria lhe brindar e não tinha conseguido. Lucinda se lançou para ele com os braços estendidos, sem ver, ou ignorando a propósito, sua expressão séria. Ele não abriu os braços, mas isso não a impediu rodeá-lo com os seus e abraçá-lo com força, com os olhos cheios de lágrimas.

Roanna se voltou para a porta, com a intenção de dar um pouco de intimidade; se a relação entre ela e Webb tinha sido especial quando ela era mais jovem, pelo menos em sua mente, a que tinha tido com Lucinda tinha sido ainda mas forte, tanto que rivalizava com seus sentimentos por sua própria mãe. Embora Webb houvesse retornado pelo bem de Lucinda, existiam profundos sentimentos entre eles que precisavam ser resolvidos.

-Não, fique, - disse Webb quando notou o movimento de Roanna. Ele pousou as mãos com suavidade sobre os frágeis e anciões ombros de Lucinda e a separou dele, mas continuou abraçando-a enquanto a olhava. -Falaremos mais tarde, - prometeu-lhe. -No momento, tenho muita coisa para colocar em dia. Podemos começar por ali. - Fez um gesto com a cabeça para os papéis dispersados sobre o tapete.

Se havia algo que Lucinda compreendia, era o conceito de tomar as rédeas dos negócios. Ela secou os olhos e assentiu energicamente.

- É obvio. Nosso agente da bolsa estará aqui às nove para uma reunião. Roanna e eu tomamos o costume de revisar o rendimento de nossas ações de antemão e assim nos pôr de acordo sobre qualquer decisão antes que ele chegue.

Ele assentiu e se inclinou para recolher os papéis.

-Seguimos trabalhando com Lipscomb?

-Não, querido, morreu faz... Oh, três anos, não, Roanna? A família era propensa a problemas cardíacos, já sabe. Agora nosso agente da bolsa é Sage Whitten, dos Whitten de Birmingham. Estamos contentes com ele, em geral, embora tenda a ser bastante conservador.

Roanna viu a expressão sardônica que cruzou o rosto de Webb enquanto se readaptava a forma de fazer negócios do sul, onde tudo estava tingido de informação pessoal e relações familiares. Provavelmente ele se acostumou a um método muito mais franco de fazer as coisas.

Ele já estava estudando os papéis que levava na mão enquanto se dirigia para a escrivaninha e tomava assento na enorme poltrona de couro. Parou e dirigiu um olhar especulativo a Roanna, como se comprovasse sua reação ante esta abrupta tomada de posse, tanto do negócio como do território.

Ela não sabia se chorava ou gritava. Na verdade, nunca gostou de se ocupar dos negócios, não obstante ela tivesse feito seu próprio espaço neles. Como era a única coisa na sua vida em que tinha sido realmente necessária para Lucinda ou qualquer outra pessoa, tinha trabalhado tenazmente para entender e dominar os conceitos e suas aplicações. Com a volta de Webb, perdia o domínio desta área e

também sua utilidade. Por outro lado, era um alívio não ter que voltar a permanecer sentada durante intermináveis reuniões ou tratar com homens de negócios e políticos que questionavam suas decisões com uma condescendência que mal dissimulavam. Alegrava-se de ser liberada dessa obrigação, mas não tinha nem ideia de com que substituí-la.

Entretanto, não permitiu que sua ambivalência aflorasse à sua expressão, mantendo a fachada neutra e indiferente que mostrava ao mundo. Lucinda retomou seu assento no sofá e Roanna se aproximou de um dos arquivos e extraiu uma grossa pasta.

O fax emitiu um assobio e começou a zumbir ao tempo que imprimia um documento. Webb o olhou e depois fez o mesmo com o resto dos equipamentos eletrônicos instaladas após a sua partida.

- Parece que nos incorporamos à era da informática.

-Era isso ou passar todo o tempo viajando, - respondeu-lhe Roanna. Fez um gesto para o computador que havia sobre a escrivaninha. -Temos dois sistemas independentes. Este computador e esta impressora são para nossos arquivos particulares. O outro, - assinalou a um canto, onde um segundo computador estava instalado sobre uma escrivaninha de carvalho, - é para os negócios. - O segundo computador estava conectado a um modem. -Tem fax, correio eletrônico e duas impressoras a laser. Eu ensinarei os programas quando você quiser. Também temos um portátil para as viagens.

-Até Loyal agora utiliza um computador, - disse Lucinda, sorrindo. -Nele guarda os cruzamentos e seus arquivos incluem o tempo de cria, os resultados, os históricos médicos e as marcas de identificação. Não poderia estar mais orgulhoso do sistema informático nem que tivesse quatro patas e relinchasse.

Ele olhou para Roanna.

-Segue montando a cavalo como antes?

-Não tenho tempo.

-Agora terá mais tempo.

Ela não tinha pensado nessa vantagem com a volta de Webb e seu coração deu um pulo de excitação. Sentia falta dos cavalos com

uma intensidade dolorosa, mas sua declaração tinha sido a pura verdade: simplesmente não tinha tempo. Montava a cavalo quando podia, o suficiente para manter seus músculos acostumados ao exercício, mas não o suficiente para satisfazê-la. No momento tinha que se dedicar à intrincada tarefa de passar as rédeas dos negócios a Webb, mas depois, - sim, depois! - poderia começar a ajudar Loyal outra vez.

-Se eu bem te conheço, - disse Webb tranquilamente, - já deve estar planejando passar todo o tempo nos estábulos. Não creia que vai me passar todas as responsabilidades e se dedicar a brincar com os cavalos. Ver-me-ei transbordado com tudo e com as minhas propriedades do Arizona, assim você ainda vai ter que se encarregar de uma parte do trabalho.

Trabalhar com Webb? Não pensou que ele a quisesse perto ou que ela ainda pudesse ser de utilidade. Seu coração deu outro pequeno salto ante a perspectiva de estar com ele todos os dias.

Ele se concentrou, então, em estudar os documentos, nas análises dos rendimentos das ações e em considerar as projeções. Para que quando Whitten chegasse, Webb soubesse exatamente qual era sua situação na bolsa.

O senhor Whitten não conhecia Webb pessoalmente, mas por sua expressão assustada quando foi apresentado, evidentemente tinha ouvido as fofocas. Se ele ficou consternado quando Lucinda lhe informou que de agora em diante Webb se ocuparia dos interesses dos Davenport, escondeu-o bem. Apesar das suspeitas das pessoas, Webb Tallant nunca tinha sido oficialmente acusado do assassinato de sua esposa, e os negócios eram os negócios.

A reunião se concluiu mais rápida que de costume. Mal tinha partido o senhor Whitten quando Lanette entrou despreocupadamente no escritório.

-Tia Lucinda, há uma espécie de bolsa de viagem no hall. É que o senhor Whitten…?- Emudeceu completamente, olhando Webb sentado depois da escrivaninha.

-É minha. - Ele apenas levantou a vista da tela do computador, onde examinava o histórico dos dividendos de um deposito. -Tirarei mais tarde.

As faces de Lanette empalideceram, mas se repôs com uma

risada forçada.

-Webb! Não sabia que tinha chegado. Ninguém disse que lhe esperávamos hoje.

-Não sabiam.

-Oh. Bom, seja bem vindo. Seu tom era tão falso como sua risada. Eu avisarei a mamãe e papai. Acabam de terminar de tomar o café da manhã e sei que desejarão dar boas vindas pessoalmente.

Webb elevou as sobrancelhas sardonicamente.

-De verdade?

-Trá-los-ei, - disse ela, e fugiu.

-E sobre minha bolsa, - Webb se reclinou contra a cadeira e girou para ficar frente a Lucinda, que seguia sentada no sofá. - Onde a ponho?

-Onde você quiser, respondeu Lucinda, com firmeza. -Sua antiga suíte foi redecorada por completo. Corliss se instalou nela, mas se você a quiser, ela poderá se mudar para outro quarto.

Ele rechaçou a oferta com uma leve sacudida de cabeça.

–Suponho que Glória e Harlan terão ocupado a outra suíte, e Lanette e Greg a última. - Dedicou um ilegível olhar a Roanna. - E você, é obvio, seguirá em seu velho quarto da parte de trás.

Parecia desaprová-lo, mas Roanna não podia imaginar o porquê. Sem saber o que responder, preferiu não dizer nada.

-E Brock utiliza um dos quartos simples da ala esquerda, - disse Lucinda, confirmando sua hipótese. -Entretanto, não é um problema. Estive pensando sobre o que se poderia fazer e seria muito simples abrir uma porta entre dois dos quartos restantes, comunicando-os e convertendo-os, assim, em uma suíte, com uma sala. Poderia ser feito em uma semana.

-Não é necessário. Instalar-me-ei em um dos quartos da parte de trás. Servirá o do lado de Roanna. Segue tendo uma cama de casal, não?

-Todas os quartos a têm agora, exceto o de Roanna.

Ele a olhou com os olhos entrecerrados.

-Você não gosta das camas grandes?

A cama de motel onde tinham feito amor era pequena. Deveria ter sido muito pequena para os dois, mas quando uma pessoa dormia virtualmente em cima da outra, isso reduzia a necessidade de espaço. Roanna mal que pôde evitar o rubor.

-Não necessito uma maior. - Ela olhou o seu relógio e aliviada ficou em pé quando viu a hora. -Tenho que ir a uma reunião com o prefeito e depois tenho um almoço com o administrador do hospital em Florence. Estarei de volta por volta das três.

Ela se inclinou para beijar a enrugada face que Lucinda lhe oferecia.

-Conduza com cuidado, - disse-lhe Lucinda, como sempre fazia.

-Fá-lo-ei. - Havia um matiz de fuga em sua saída e, pela forma em que Webb a olhava, estava segura de que ele o tinha notado perfeitamente.

Depois do almoço, Webb e Lucinda retornaram ao escritório. Ele tinha suportado as efusivas e embaraçosamente falsas boas vindas de Glória e Harlan, ignorando as mal-humoradas maneiras de Corliss, e tinha sido excessivamente mimado por Tansy e Bessie. Estava claro como o inferno que só Roanna e Lucinda tinham desejado sua volta; o resto de sua família lamentava, obviamente, que ele não ficasse no Arizona. A razão disto estava bem clara: estiveram se aproveitando de Lucinda durante anos e tinham medo de que ele os mandasse embora com um chute na bunda. E era algo para que pensar. Oh, Glória e Harlan não. Apesar do muito que o desagradasse tê-los perto, ambos aproximavam-se dos setenta e as razões que dez anos antes ele mesmo deu a Roanna para mudança deles eram agora ainda mais válidas. Mas quanto aos outros...

Não tinha intenção de fazer nada imediatamente. Desconhecia os detalhes da situação individual de cada um e era mais simples ficar à par de tudo antes de fazer algo do que reparar as consequências de uma decisão precipitada.

-Suponho que anseia dizer o que pensa, - disse Lucinda, com secura, ocupando seu assento no sofá. -Sabe Deus que mereço isso. Esta é a sua oportunidade para tirar-lhe de dentro, assim venha.

Ficarei aqui sentada, escutar-te-ei, e manterei a boca fechada.

Ela seguia sendo tão indomável de espírito como antes, pensou ele, mas seu corpo estava perigosamente débil. Quando o tinha abraçado, tinha notado a fragilidade de seus delicados ossos e tinha percebido a sua magreza através de sua pele. Não tinha boa cor e sua energia tinha diminuído. Sabia, pelas cartas de Yvonne, que a saúde de Lucinda não era boa ultimamente, mas não tinha conhecimento de sua morte iminente. Era questão de meses; duvidava que chegasse à primavera.

Ela tinha sido a pedra angular de sua vida. Tinha-o decepcionado quando a necessitou, mas agora desejava fazer frente a sua ira. Era uma medida de sua força de caráter, que antes ele teria provado sua virilidade em florações contra ela, e medido seu crescimento da forma como o enfrentou. Maldição, ainda não estava preparado para deixá-la ir.

Apoiou um quadril no bordo do escritório.

- Já o farei, - disse calmamente, e prosseguiu com contida violência: -Mas primeiro quero saber que demônios têm feito a Roanna.

Lucinda permaneceu sentada em silêncio um longo momento, com a acusação de Webb abatendo-se no ar entre eles. Olhou fixamente pela janela, contemplando a extensão de terra banhada pelo sol, dedilhada aqui e lá pelas sombras das esponjosas e amaciadas nuvens que flutuavam à deriva pelo céu. Tudo era terra dos Davenport, tão longe como alcançava sua vista. Sempre tinha tido grande prazer em contemplá-la, e ainda gostava de fazê-lo, mas agora que sua vida se aproximava de seu final, tinha descoberto outras coisas que tinham muito mais importância.

- No início não me dei conta, - disse ela, finalmente, com o olhar ainda perdido na distância. -A morte de Jessie… bom, falaremos disso mais tarde. Estava tão concentrada em minha própria tristeza que não notei até que quase perdemos Roanna.

-Perdemos como?- Seu tom era duro e áspero.

- Até que ela quase morreu, - disse Lucinda, com franqueza. Seu queixo tremeu e se controlou com severidade. -Sempre acreditei que Jessie era quem necessitava desesperadamente ser amada, para compensar sua situação... Não me dava conta de que Roanna o necessitava inclusive mais, mas é que ela não o exigia do modo em que Jessie o fazia. Que estranho, verdade? Amei Jessie desde que nasceu, mas ela nunca foi para mim o apoio que Roanna foi, nem se converteu em algo tão importante como ela. Roanna é mais que minha mão direita; nestes últimos anos, eu não teria conseguido sem ela.

Webb desprezou tudo isso, concentrando-se na única declaração que tinha capturado sua atenção.

-Como ela quase morreu?- Somente o feito de pensar em Roanna morta lhe sobressaltou até os ossos e sentiu um gelado estremecimento de temor quando recordou sua expressão culpada e atormentada no dia do enterro de Jessie. - Ela não teria tentado se matar, verdade?

-Deixou de comer. Bom, nunca tinha comido muito, assim durante muito tempo não me dava conta, quase muito tempo. Tudo estava tão alvoroçado, não existia nenhum horário para as comidas e suponho que pensei que ela comia em horários diferentes, como fazíamos todos. Também passava muito tempo em seu quarto. Não o fez deliberadamente, - explicou-lhe Lucinda, brandamente. -Só... Perdeu o interesse. Quando você partiu, ela se trancou em si mesma. Culpava-se de tudo o que aconteceu.

- Por quê? - perguntou Webb. Roanna lhe havia dito que não tinha causado problemas deliberadamente, mas talvez o tivesse feito, e o admitiu ante Lucinda.

-Passou muito tempo antes que ela pudesse falar disso, mas, vários anos depois,me contou o que aconteceu na cozinha, que o surpreendeu quando o beijou impulsivamente. Não sabia que Jessie estava descendo, e, é obvio, foi típico de Jessie montar uma enorme cena, mas, para a forma de pensar de Roanna, ela foi a causadora de todo o problema com aquele beijo. Se não o tivesse beijado, você e Jessie não teriam discutido, você não teria sido culpado da morte de Jessie, e não teria partido da cidade. Contigo longe… - Lucinda sacudiu a cabeça. -Sempre te amou tanto. Ríamo-nos disso quando

era mais jovem, acreditando que era adoração por seu herói e um amor infantil, mas não o era, verdade?

-Não sei. -Mas sim sabia, pensou. Roanna jamais se havia autoprotegido no que diz respeito a ele. Demônios, ela nunca tinha sido boa com nenhum tipo de subterfúgios. Seus sentimentos sempre tinham estado ao descoberto, seu orgulho tão vulnerável como seu coração. Sua adoração por ele estivera presente sempre, como um raio de sol em sua vida, e ele se limitou a aceitá-lo embora poucas vezes lhe desse atenção. Como a luz do sol, era algo que dava por certo. Por isso se tinha posto tão malditamente furioso quando acreditou que o tinha enganado só para devolver a bola a Jessie.

Lucinda lhe dirigiu um ardiloso olhar que lhe deu a entender que não tragou sua negativa.

-Depois de que David e Karen morreram, você e eu nos convertemos nos pilares da vida de Roanna. Ela necessitava de nosso amor e nosso apoio, mas, a maior parte do tempo.não o demos. Não, me deixe dizer de outra forma, porque a maior parte da culpa é minha: eu não lhe dava meu amor e meu apoio. Entretanto, enquanto você estava aqui para amá-la, ela conseguiu. Quando você partiu, ficou sozinha e desistiu. Quase a perdi antes de me dar conta, - disse Lucinda, com tristeza. Uma lágrima rolou por sua enrugada face e ela a secou. – Ela ficou com trinta e seis quilos. Trinta e seis! Ela mede um metro e sessenta, assim ao menos deveria pesar cinquenta e sete ou cinquenta e oito. Não posso descrever o aspecto tão lamentável que tinha. Mas um dia a vi, olhei-a de verdade, e compreendi que tinha que fazer algo ou a perderia também.

Webb não podia dizer nada. Levantou-se e se aproximou da janela, com os punhos profundamente afundados nos bolsos. Seus ombros estavam rígidos enquanto permanecia de costas para Lucinda e lhe custava respirar. Ondas de pânico percorriam seu corpo. Deus santo, ela quase tinha morrido e ele não sabia.

-Só dizendo "tem que comer" não teria servido de nada, - continuou Lucinda, as palavras saíam de sua boca como se as tivesse guardado muito tempo para dentro e precisasse compartilhar a tristeza. -O que precisava era uma razão para viver, algo ao que se segurar. Assim eu disse que necessitava da sua ajuda.

Ela parou e inspirou com dificuldade antes de prosseguir.

-Ninguém nunca lhe havia dito que necessitava dela. Não compreendi... Em qualquer caso, disse-lhe que não poderia conseguir sem ela, que isto era muito para mim e não podia me ocupar sozinha. E não compreendi quão certo era, - disse Lucinda, com ironia. – Ela se trancou em si mesma. Foi uma longa luta e durante um tempo me senti aterrorizada, acreditando que tinha chegado muito tarde, mas eu consegui. Passou um ano antes que sua saúde se restabelecesse o bastante para poder ir à universidade, um ano antes que deixasse de despertar de noite com seus gritos.

-Gritos?- perguntou Webb. -Tinha pesadelos?

-Com Jessie. - A voz de Lucinda era grave e torturada pela tristeza. -Já sabe que foi ela quem a encontrou. E essa era a forma em que gritava de noite, o mesmo som, como se acabasse de encontrá-la e… e estivesse pisando no sangue de Jessie. - As palavras começaram a sair trêmulas e depois se fizeram firmes, como se Lucinda não se permitisse essa debilidade. - Os pesadelos a levaram à insônia, como se manter-se acordada fosse a única forma que podia evitá-los. Ainda o sofre e a maioria das noites não dorme nada, absolutamente. Ela se mantém com pequenos cochilos, principalmente. Se a encontrar adormecida durante o dia, não a desperte por nenhuma razão, porque, provavelmente, esse seja o único descanso que consiga. Converti-o em uma ordem, que ninguém a desperte por nenhum motivo. Corliss é a única que o faz. Deixa cair algo ou fecha de repente uma porta e sempre finge que é um acidente.

Webb girou, de costas à janela. Seus olhos pareciam gelo esmeralda.

-Pode ser que o faça uma vez mais, mas será a última, - disse sem rodeios.

Lucinda lhe dedicou um débil sorriso.

-Bem. Odeio ter que dizer isso de minha própria família, mas Corliss possui uma veia mesquinha e ruim. Será bom para Roanna tê-lo aqui de novo.

Mas não estivera ali quando ela mais o tinha necessitado, pensou Webb. Ele foi embora, abandonando-a para que ela enfrentasse sozinha ao horror e aos pesadelos. O que era o que Lucinda havia dito? Que Roanna tinha caminhado sobre o sangue de

Jessie. Não sabia, não tinha pensado na tensão que ela devia ter suportado. Tinham assassinado a sua esposa e ele tinha sido acusado do crime; estava imerso em sua própria crise e tinha atribuído a tensão dela ao sentimento de culpa. Deveria tê-la conhecido melhor, porque ele era o mais próximo a Roanna de todos eles.

Recordou a forma que ela tinha feito pouco caso da condenação unilateral de toda a cidade e tinha deslizado sua pequena mão na sua durante o funeral de Jessie, para lhe dar apoio e consolo. Considerando as desenfreadas fofocas que circulavam sobre que Jessie o tinha flagrado abraçando e beijando Roanna, tinha tido que juntar muita coragem para se aproximar dele. Mas o tinha feito, sem lhe importar a perda de sua reputação, porque pensou que ele a necessitava. E em vez de lhe devolver o aperto, ou ter qualquer outro pequeno gesto para lhe demonstrar sua confiança nela, tinha-a rejeitado.

Ela estivera ali para ele, mas ele não o estivera para ela.

Ela tinha sobrevivido, mas a que preço?

-Não a reconheci ao princípio, - refletiu ele, distraidamente, em voz alta. Seu olhar não se separou de Lucinda. -E não foi só porque tenha crescido. É porque ela segue presa em si mesma.

-Assim foi como sobreviveu. Agora é mais forte; acredito que se assustou muito quando compreendeu o quanto fraca e doente eu estava. Nunca permitiu a si mesma cair nisso outra vez. Mas conseguiu trancando-se em seu interior e tornando-se impenetrável. É como se tivesse medo de sentir muito, assim não se permite sentir nada. Não posso chegar até ela e Deus sabe que o tentei, mas isto também é minha culpa.

Lucinda endireitou os ombros como se recolocasse uma pesada carga, uma que se tornou tão familiar que agora poucas vezes a notava.

-Quando encontrou Jessie e começou a gritar, entramos todos correndo no quarto e a vimos parada em pé, junto ao corpo. Glória acreditou imediatamente que Roanna tivesse matado Jessie e isso foi o que ela e Harlan disseram ao xerife. Booley pôs um ajudante a custodiá-la enquanto o comprovava. Estávamos todos juntos em pé, em um extremo do quarto, e Roanna no outro, completamente sozinha, exceto pelo ajudante do xerife. Nunca esquecerei a forma

que nos olhava, como se a tivéssemos apunhalado pelas costas. Eu deveria me haver posto do seu lado, do mesmo modo que deveria havê-lo feito contigo, mas não o fiz. Não me chamou de vovó depois, - disse Lucinda brandamente. - Não posso chegar a ela. Ela se fechou às emoções e nem sequer lhe importa o sobrenome Davencourt. Quando lhe disse que ia mudar meu testamento a seu favor se ela conseguisse trazê-lo de volta a casa, nem sequer piscou. Quis que ela discutisse comigo, que se zangasse, que se preocupasse, mas não o fez. - A incompreensão vibrava na voz de Lucinda, pois como era possível que a alguém resultasse indiferente a sua amada Davencourt?Ela suspirou. - Recorda como era quando pequena, como um pequeno dínamo que jamais parava quieta? Descia as escadas correndo, batendo nas portas, gritando... Juro-te que não possuía o menor sentido do decoro. Bem, agora daria o que fosse por vê-la dar pulos, embora fosse apenas uma vez. Sempre dizia o incorreto no momento mais inoportuno e agora mal fala absolutamente. É impossível saber o que pensa.

- Ela ri alguma vez? - perguntou ele, em tom áspero. Tinha sentido falta de suas risadas, o contagioso risinho que lhe escapava quando tramava alguma travessura, suas profundas gargalhadas quando ele brincava com ela, seu alegre sorriso quando contemplava aos potros pulando nos pastos.

Os olhos de Lucinda estavam tristes.

-Não. Apenas sorri, parou de rir. Ela não riu em dez anos.

## Capítulo 13

Roanna olhou o seu relógio. A reunião com o prefeito do condado estava durando mais que de costume e tinha que partir logo ou chegaria tarde ao seu almoço em Florence. Os Davenport não tinham, oficialmente, nenhuma autoridade com respeito aos assuntos do condado, mas era quase uma tradição que um representante da família assistisse às reuniões. O apoio dos Davenport ou a carência do mesmo, frequentemente significava a vida ou a morte para os projetos do condado.

Ao princípio, quando Roanna tinha começado a comparecer às reuniões no lugar de Lucinda, a maior parte do tempo tinha sido ignorada ou tratada com amável condescendência. Ela se limitava a escutar e a informar a Lucinda; durante longo tempo, isso foi tudo o que fez. Mas depois Lucinda, quando tomou parte nos assuntos que a interessaram, encarregou-se de dizer, "Roanna pensa" ou "a impressão de Roanna é," e logo os políticos compreenderam que deviam emprestar atenção a solene jovem que poucas vezes falava. Lucinda não tinha mentido; Roanna lhe transmitia suas ideias e impressões. Sempre tinha sido observadora, mas tão ativa que frequentemente lhe escapavam os detalhes, como um fanático da velocidade que é capaz de ver os sinais de tráfico, mas circula muito rápido para poder ler a mensagem. Agora Roanna era calma e silenciosa e seus olhos escuros vagavam de rosto em rosto, absorvendo os matizes das expressões, do tom e das reações. Tudo isto fazia chegar a Lucinda, quem então tomava suas decisões apoiando-se nas impressões de Roanna.

Agora que Webb tinha retornado, ele se ocuparia de assistir às reuniões tal e como estava acostumado a fazer. Esta era provavelmente a última vez que se sentaria ali, escutando e avaliando, outro lugar onde sua utilidade tinha chegado a seu fim. Em alguma curva, nas profundidades de sua mente, era consciente da dor e do temor, mas se negou a deixá-los emergir.

Finalmente, a reunião chegava a seu final. Conferiu a hora uma vez mais e viu que dispunha aproximadamente de uns cinco minutos antes de ter que partir ou chegaria tarde. Geralmente, tomava um tempo para conversar com cada um dos presentes, mas hoje só tinha

tempo para trocar umas rápidas palavras com o Prefeito.

Ele já vinha para ela, um homem grande e gordo, parcialmente calvo e com o rosto sulcado de profundas linhas de expressão. As dobras formaram um sorriso quando chegou até onde ela estava, em seu lugar de costume, ao fundo do salão.

-Como vai, Roanna?

-Bem, obrigado, Chet, - respondeu Roanna, pensando se deveria lhe informar da volta de Webb. -E você?

-Não posso me queixar. Bom, poderia, mas minha esposa me diz que ninguém está interessado em me escutar. - riu de sua própria brincadeira com olhos cintilantes. -E como se encontra a senhora Lucinda?

- Muito melhor agora que Webb está em casa, - disse ela tranquilamente.

Ele ficou olhando-a fixamente, boquiaberto e durante um segundo a consternação foi evidente em seu rosto. Balbuciou.

- Santo Deus, o que vamos fazer?- antes que o resto de seu discurso se apagasse ao dar-se conta de que lamentar-se não era o apropriado. Ficou vermelho como uma beterraba e começou a gaguejar em seu intento de voltar atrás. - Eu… ah… isso é…

Roanna levantou a mão para deter seu lapso verbal.

–Ele tomará de novo as rédeas, é obvio, - disse, como se a volta de Webb fosse a coisa mais natural do mundo. – Ele levará algumas semanas pra ficar a par de tudo, mas estou segura de que fará contato com você logo.

O Prefeito inspirou profundamente. Parecia ligeiramente transtornado, mas tinha recuperado a calma.

-Roanna, não acredito que isso seja uma boa ideia. Você esteve se ocupando de comandar tudo pela senhora Lucinda muito bem e as pessoas por aqui se sentirão mais cômoda com você…

O olhar de Roanna era muito claro e direto.

-Webb se ocupará de tudo de novo. - disse brandamente. – Causaria muita tristeza a Lucinda se alguém decidisse não seguir fazendo negócios conosco, mas, é obvio, cada um pode fazer o que

lhe pareça melhor.

A noz do prefeito subiu e baixou quando inspirou em seco. Roanna acabava de deixar muito claro que se alguém não aceitasse Webb se encontraria sem o apoio ou o patrocínio dos Davenport. Ela nunca se zangava, nem elevava a voz, jamais insistia em um ponto, e inclusive poucas vezes expressava uma opinião,mas,as pessoas do condado tinha aprendido a não menosprezar a influência que esta jovem de olhar sóbrio exercia sobre Lucinda Davenport. Além disso, a maior parte das pessoas gostava de Roanna; era simples assim. Ninguém queria abrir uma brecha em sua relação com os Davenport.

-Esta será provavelmente a última reunião mensal a qual comparecerei, - continuou ela.

-Não esteja tão segura disso, - disse uma voz profunda, com tom preguiçoso, da entrada detrás dela.

Assustada, Roanna girou para ficar frente a Webb enquanto ele entrava na sala.

-O que? - disse ela. Que fazia ele aqui? Nem sequer tinha trocado de roupa. Ele tanto temia que ela estragasse algo que se apressou a unir-se à reunião com o Prefeito sem tomar nem sequer tempo para desfazer a bagagem?

-Olá Chet! - disse Webb tranquilamente, estendendo a sua mão ao homem.

A cara deste se congestionou. Vacilou, mas então o instinto de político prevaleceu e apertou a mão de Webb.

- Webb! Falando do diabo! Justamente Roanna me estava dizendo que tinha retornado a Davencourt. Tem bom aspecto, verdadeiramente bom.

-Obrigado. Você também tem um aspecto bastante próspero.

Chet acariciou o ventre e soltou uma cordial gargalhada.

-Muito próspero! Willadean diz que sigo uma dieta de fruto do mar… como a tudo o que vejo!

As pessoas que enchiam o quarto tinham notado a presença de Webb e um zumbido de inquietação crescia de volume. Roanna olhou para Webb, e o brilho de seus olhos verdes lhe disse que era muito

consciente do revoo que sua presença estava causando e não se sentia minimamente afetado por isso.

-Não creia que vai se livrar, - disse a Roanna, lhe dirigindo um sorriso. -Somente porque estou em casa outra vez, não significa que você vá ficar vagabundeando de agora em diante. Provavelmente compareceremos juntos às reuniões.

Apesar de sua surpresa, Roanna assentiu gravemente.

Webb olhou o relógio.

-Não tinha um compromisso para almoçar em Florence? Vai chegar tarde se não se apressar.

-Já ia partir. Adeus, Chet!

-Vê-la-ei na próxima reunião, - disse o Prefeito, usando ainda aquele tom falsamente jovial, quando ela passou diante dele e saiu da sala.

-Acompanho-te ao carro, - Webb saudou com a cabeça ao Prefeito e girou para caminhar junto à Roanna.

Ela era intensamente consciente de sua presença, segurando seu cotovelo enquanto saíam cruzando o hall. Sua alta figura dominando-a com facilidade, embora ela usasse saltos. Não sabia o que pensar sobre o que acabava de ocorrer, assim não se permitiu chegar a nenhuma conclusão. Talvez ele verdadeiramente quisesse que trabalhassem juntos, talvez somente o houvesse dito para aplainar o caminho. O tempo o diria e não queria abrigar falsas esperanças. Se não esperasse nada, não se sentiria decepcionada.

Um rastro de cabeças girando os seguiu pelo hall, quando as pessoas reconheciam Webb e davam a volta para olhá-lo fixamente. Roanna apressou o passo, querendo sair do edifício antes que pudesse desenvolver-se alguma confrontação. Chegou ao outro extremo e o braço de Webb apareceu estendido diante dela para abrir a porta. Sentiu o roçar de seu corpo contra suas costas.

Saíram à deslumbrante luz e à pegajosa umidade da manhã de verão. Roanna tirou as chaves da bolsa e deslizou os óculos de sol sobre seu nariz.

-O que o fez vir à cidade?- perguntou-lhe. -Não esperava você.

-Pensei que hoje era tão bom momento como qualquer outro para romper o gelo. - Suas longas pernas mantiveram com facilidade o rápido passo dela. -Reduza a velocidade, faz muito calor para uma corrida.

Obedientemente ela reduziu seu passo. Seu carro estava estacionado ao final e, se percorresse a distância a toda pressa, estaria toda suada quando chegasse a ele.

-Dizia a sério sobre as reuniões?- perguntou.

-Mortalmente a sério. - Ele também pôs os óculos de sol e as lentes escuras lhe impediam de ler sua expressão. -Lucinda esteve cantando seus louvores. Já deve sabê-lo, assim seria um estúpido se não a utilizasse.

Uma coisa que Webb não era, especialmente no referido aos negócios, era tolo. Roanna se sentiu enjoada ao pensar em trabalhar com ele. Tinha acreditado sentir-se preparada para algo, de ser ignorada até que a despedisse, mas não lhe tinha passado pela cabeça que ele iria querer a sua ajuda.

Alcançaram o carro e Webb lhe tirou as chaves da mão. Girou-as na fechadura, abriu-lhe a porta e depois as devolveu. Ela esperou um momento para que o calor acumulado no interior se dissipasse um pouco e depois se acomodou atrás do volante.

–Tenha cuidado, - disse-lhe ele, e fechou a porta.

Roanna olhou pelo retrovisor enquanto saía do estacionamento. Ele caminhava a pernadas de volta ao edifício; possivelmente tinha estacionado por aquela zona ou talvez retornasse para dentro. Deixou que seu olhar escorregasse avidamente sobre seu moreno e musculoso traseiro e suas longas pernas, somente durante um agradável segundo e, então, se obrigou a devolver sua atenção ao veículo para se internar no trafico.

Webb abriu seu próprio carro e entrou. O impulso que o tinha levado a cidade tinha sido um simples, mas poderoso. Queria ver Roanna. Isso era tudo, somente vê-la. Depois das inquietantes revelações de Lucinda, os velhos instintos protetores tinham assumido o controle e quis comprovar por si mesmo que ela estava bem.

Certamente, estava mais que bem. Viu com que habilidade tinha dirigido a Chet Forrister, sua compostura não se alterou ante a oposição do Prefeito… Nem ante sua inesperada aparição. Agora entendia exatamente o que Lucinda tinha tratado de lhe explicar quando lhe disse que agora Roanna era mais forte, que tinha mudado. Roanna não o necessitava para liberar suas batalhas.

Compreendê-lo, fê-lo sentir-se estranhamente privado de algo.

Deveria ter se alegrado por ela. A Roanna menina tinha sido dolorosamente vulnerável, um alvo fácil para qualquer uma que quisesse utilizar suas tenras emoções. Ele a protegia constantemente e sua recompensa tinha sido sua eterna e constante adoração. Agora ela forjou sua própria armadura. Era fria e autossuficiente, uma pessoa quase sem emoções, mantendo ao resto das pessoas a uma distância tal que seus dardos mal podiam roçá-la. Tinha pagado por aquela couraça com dor e desespero, quase com sua própria vida, mas era de aço temperado. Ainda sofria, em forma de insônia e pesadelos, quando conseguia dormir, mas ela solucionava seus próprios problemas agora.

Quando tinha entrado em Davencourt hoje e a tinha visto ali, na escada, elegantemente vestida de seda, adornada com cremosas pérolas e com o escuro cabelo penteado em um sofisticado e impecável estilo, quase tinha emudecido pelo contraste entre a bagunceira e desalinhada menina que tinha sido e a elegante e sofisticada mulher que era agora.

Seguia sendo Roanna, mas era diferente. Quando a tinha visto hoje, não viu a marota desbocada, a torpe adolescente. Olhou-a e pensou no esbelto corpo sob o vestido de seda, na textura de sua pele que rivalizava em sedosidade com o luxuoso vestido, em como seus mamilos se ergueram até seu ponto máximo ante seu roçar mais leve durante aquelas longas horas no motel de Nogales.

Ele havia coberto o seu corpo nu com o seu, tinha estendido suas pernas totalmente abertas e tomado sua virgindade. Inclusive agora, sentado dentro do carro, assando-se de calor, tremeu com o poder das lembranças. Deus, recordava cada pequeno detalhe, como se sentiu ao penetrar nela, a suave e cálida estreiteza de seu corpo quando se embainhou em seu interior. Recordava o quando a sentiu delicada embaixo dele, dominando seu pequeno corpo com seu tamanho, seu peso e sua força. Tinha desejado embalá-la em seus

braços, protegê-la, acalmá-la, lhe agradar; qualquer coisa, exceto parar. Nada o teria feito parar.

Aquelas lembranças o estavam enlouquecendo durante os dez últimos dias, privando-o do sono, interrompendo seu trabalho. Quando a tinha visto hoje, de novo, havia-se sentido sacudido por uma onda de pura possessividade. Era dele. Dele e a desejava. Desejava-a tanto que suas mãos tinham começado a tremer. Tinha necessitado abrir mão de todo seu autocontrole para não subir as escadas até onde ela permanecia em pé, tomá-la pelo braço e arrastá-la escada acima a seu quarto, a qualquer quarto, onde pudesse lhe levantar a saia e enterrar-se dentro dela uma vez mais.

Ele se conteve por uma só razão. Roanna tinha construído com minucioso cuidado sua couraça interior, mas toda defesa tinha um ponto débil e ele sabia exatamente qual era o seu.

Ele.

Ela poderia se proteger contra todos, exceto dele.

Ela não tinha tratado de escondê-lo, ou de negá-lo. Ela mesma lhe tinha confessado com devastadora honestidade que só precisaria estalar os dedos e ela atenderia correndo. Teria subido as escadas com ele e o teria deixado lhe fazer o que quisesse.

Webb tamborilou com os dedos sobre o volante reaquecido. Parecia que havia mais de um dragão contra o qual Roanna necessitava para lutar e era seu próprio desejo sexual por ela.

Ele havia lhe dito que retornaria para casa se a deixava usá-la sexualmente e ela não tinha vacilado. Se isso era o que ele queria, então ela o faria. Se ele necessitasse um alívio sexual, ela estaria disponível. Fá-lo-ia por Lucinda, por Davencourt, por ele, mas… O que passava com ela mesma?

Era consciente de que podia entrar no quarto de Roanna em qualquer momento e tê-la, e a tentação o comia vivo. Mas não queria que Roanna se entregasse a ele por um sentimento de culpa, ou de dever, ou inclusive por sua desacertada adoração a seu herói. Ele não era nenhum herói, maldição, era um homem. Desejava-a como um homem deseja a uma mulher, um macho à sua fêmea. Se ele se metesse em sua cama simplesmente porque estava com tesão e desejava o alívio que ela podia lhe proporcionar, estaria encantado por isso, porque era algo muito mais simples que os motivos de

outras pessoas, inclusive que os dela mesma.

Deus, e o que se passava com seus próprios motivos?

O suor caía sobre seus olhos, ardendo-os e com um giro do braço pôs o motor em marcha e ligou o ar condicionado para que lhe brindasse um sopro de vida. Ia causar um enfarte a si mesmo, sentado em um carro fechado em pleno verão, tratando de desenredar suas emoções.

Amava Roanna; tinha-a amado toda a sua vida, mas como a uma irmã, com uma divertida e protetora indulgência.

Não estivera preparado para a força e o ardor do desejo físico que se desencadeou quando ela tinha enredado seus braços ao redor de seu pescoço e o tinha beijado, dez longos anos atrás. Surgiu de um nada, como gases que formem redemoinhos e se comprimem até alcançar uma massa crítica, e então explodem em uma labareda de deslumbrante ardor. Isso o tinha nocauteado, fazendo-o sentir-se culpado. Toda a situação parecia equivocada. Ela era muito jovem; ele sempre tinha pensado nela como uma irmã; estava casado, por Deus. A culpa daquela situação tinha sido toda dele. Inclusive embora seu matrimônio estivesse indo ao inferno, ainda estava casado. Ele tinha sido o experiente; deveria ter convertido o beijo, com suavidade, em um impulsivo gesto de afeto, algo que não a tivesse envergonhado. Em troca, tinha-a estreitado mais contra ele e converteu o beijo em algo diferente, em um beijo mais profundo, adulto, carregado de sexualidade. O que tinha passado tinha sido por sua culpa, não de Roanna, mas ela ainda tentava pagar o preço.

A maior parte das barreiras para uma relação sexual entre eles tinha desaparecido. Roanna era agora uma mulher adulta, ele não estava casado e não se sentia, absolutamente, fraternal com respeito a ela. Mas outras barreiras permaneciam: a pressão familiar, o próprio sentido do dever de Roanna, seu orgulho.

Ele suspirou enquanto punha o carro em marcha. Deus, sim, e não esquecia seu próprio orgulho masculino. Não queria que ela se entregasse por Davencourt, a família ou qualquer daqueles outros motivos sem importância. Queria-a deitada debaixo ele, excitada e ofegante porque o desejava. Nenhuma outra razão serviria.

*  *  *

O bastardo tinha retornado. As notícias corriam pelo condado como a pólvora e chegou aos bares essa mesma noite. Harper Neeley se estremecia de raiva cada vez que o nome de Webb Tallant era mencionado. Tallant tinha se livrado do assassinato de Jessie e agora estava de volta para dominar a todos despoticamente outra vez como se nada tivesse passado. Ah, aquele estúpido xerife de traseiro gordo não o tinha prendido, disse que não havia provas suficientes para efetuar uma acusação, mas todo mundo sabia que o tinham subornado. Os Davenport e os Tallant deste mundo nunca tinham que pagar por suas merdas. Eram as pessoas comuns que pagavam, não as pessoas ricas que viviam em suas enormes casas de fantasia e estavam convencidas de que as normas não se aplicavam a eles.

Webb Tallant tinha amassado a cabeça de Jessie com o ferro da lareira. Ainda chorava quando pensava nisso, sua bonita Jessie com seu cabelo emaranhado de sangue e miolos e um lado da cabeça esmagado. De algum jeito o bastardo tinha descoberto sobre Jessie e ele e a tinha matado por isso. Ou talvez Tallant descobriu que *o pequeno pãozinho que se cozia no forno não era dele*. Jessie havia dito que ela se encarregaria, e estava tão plana que parecia mentira que estivesse grávida, embora não o bastante plana.

Nunca ninguém lhe tinha pertencido como Jessie. Era selvagem aquela moça, selvagem e perversa, e isso o tinha excitado tanto que quase ejaculou em suas calças a primeira vez que ela correu para ele. Ela também estava excitada, seus olhos estavam brilhantes e ardentes. Ela gostou do perigo disso, a emoção de fazer o proibido. Aquela primeira vez se comportou como uma fera, arranhando-o e corcoveando contra ele, mas não fugiu. Tinha-lhe levado um momento entendê-lo. Jessie gostava de foder por um montão de razões, mas o prazer não tinha sido uma delas. Usava seu corpo para confundir e enlouquecer aos homens, para afirmar seu poder sobre eles. Ela havia fodido com ele para dar o troco ao filho da puta do seu marido, para bater na cara de todo mundo e demonstrar que não lhe importavam nada. Ela não significava nada para outros, sabia, e assim era como tomava a revanche.

Mas uma vez que ele o entendeu, não a deixou sair com a sua. Ninguém o usava, nem sequer Jessie. Especialmente ela. Conhecia-a como ninguém mais fazia ou poderia fazê-lo, porque, por dentro, era igual a ele.

Ele começou a trabalhar-lhe com joguinhos perversos, sem empurrá-la nunca muito longe ao princípio. Tornou-a viciada, como o gato ao leite, algo proibido para desfrutar quando estava na mansão, sentada como uma perfeita senhora e rindo por dentro de todos porque acabava de passar a tarde derrubando-se como uma cadela com um homem que faria que todos se urinassem se soubessem.

Eles tiveram que ter cuidado; não podiam ir a nenhum motel por ali e nem sempre era possível para ela encontrar uma desculpa que lhe permitisse ausentar-se e estar ilocalizável várias horas seguidas. Geralmente, encontravam-se em algum ponto dos bosques. Ali estavam quando ele tinha decidido que já tinham sido suficiente os seus joguinhos e lhe tinha ensinado quem era o chefe.

Quando por fim a tinha deixado partir, estava coberta de contusões e mordidas, mas ela tinha gozado tantas vezes que mal era capaz de sentar-se em seu cavalo. Ela se queixou amargamente da necessidade de tomar cuidado e não deixar que ninguém visse os sinais sobre seu corpo, mas seus olhos brilhavam. Ele a havia fodido tantas vezes e tão forte que ficou seco e ela estava em carne viva, e encantada. Todas suas mulheres anteriores tinham gemido e chorado a lágrima viva quando ele se havia posto rude com elas, mas Jessie não. Ela voltou por mais e repartiu seu próprio remédio. Ele tinha retornado para casa com as costas marcadas e sangrando mais de uma vez e cada ardente cicatriz recordava a ela e alimentava sua fome de Jessie.

Nunca tinha havido outra mulher como sua moça. Ela tinha voltado por mais e mais e tinha insistido em jogos cada vez mais rudes e perversos. Tinham começado com o sexo anal, e isso tinha dado a ela uma autêntica emoção, o mais proibido que pudesse fazer com um homem, mais tabu. Maldita, maldita Jess. Tinha-a amado tanto.

Não passava um dia desde que se foi em que não pensasse nela, em que não sentisse a sua falta. Nenhuma outra mulher podia acendê-lo como ela o fazia.

Esse maldito Webb Tallant a tinha assassinado. Ele tinha assassinado aos dois, a ela e ao bebê. E então saiu livre como um pássaro e abandonou a cidade antes que ele pudesse fazê-lo pagar.

Mas ele tinha retornado.

E esta vez, sim, ele iria.

Tinha procurado ser cuidadoso e não ser visto, mas tinha rondado bastante ao redor de Davencourt quando se encontrava com Jess, assim conhecia a propriedade. Era bastante grande, centenas de acres, assim podia se aproximar da casa de qualquer lado que quisesse. Tinha passado bastante tempo da última vez que esteve ali; dez anos, de fato. Teria que assegurar-se de que agora a velha não tivesse cães de guarda e de que não tivesse instalado nenhum alarme. Sabia que antes não havia nenhum, porque Jess tinha tratado de convencê-lo várias vezes para que entrasse em seu quarto enquanto seu marido estava em viagens de negócios. Ele teria gostado da ideia de fodê-la sob o teto de sua vovó e na cama de seu marido. Ele tinha tido o suficiente sentido comum para negar-se, mas, maldição, havia-se sentido tentado.

Assumindo que não houvesse nenhum sistema de alarme, havia cem maneiras de entrar na casa. Todas essas portas e janelas… Seria uma brincadeira de crianças. Tinha entrado em um montão de casas melhor protegidas que Davencourt. Os idiotas, provavelmente, sentiam-se seguros por estarem longe da cidade. As pessoas do campo não tinham o hábito enraizado de tomar precauções para proteger seu lar, como o faziam os da cidade, em que era algo automático.

OH, sim. Webb Tallant ia pagar.

## Capítulo 14

-Acredito que daremos uma festa de boas vindas a Webb, -refletiu Lucinda no dia seguinte, dando pequenos toques com uma unha nos dentes. -Ninguém se atreverá a desculpar-se, porque então eu saberei exatamente quem são. Desta maneira, se verão obrigados a serem educados com ele e tiraremos do meio todos esses incômodos primeiros encontros ao mesmo tempo.

Havia momentos em que Roanna se via obrigada a recordar que - embora houvesse mais de sessenta anos que Lucinda se casara, tinha decidido ser parte da família e se considerava uma Davenport de mente e coração - se arranhasse a superfície, encontraria uma Tallant. Os Tallant eram, sobretudo, tenazes e audazes. Poderia ser que nem sempre fossem corretos, mas isso nem sempre tinha importância, de todas as formas. Uma vez decidido o objetivo e a forma de alcançá-lo, derrubavam todos os obstáculos que se interpunham em seu caminho. O objetivo de Lucinda era ressocializar Webb e restaurá-lo em sua posição no condado e não lhe importava jogar a artilharia pesada para conseguir seu objetivo.

Pertencer aos melhores círculos de Quad Cities não dependia necessariamente de quanto dinheiro tivesse, embora ajudasse. Algumas famílias de modestos ganhos pertenciam a este seleto estrato social, por ter entre seus antepassados a um combatente da Guerra, mesmo não se referindo a nenhuma das Guerras Mundiais. Alguns da jovem geração se referiam a ela como a Guerra Civil, mas os mais refinados a chamavam a Guerra da Agressão Norte e, o mais refinado de todos, como a Passada Desavença.

Os sócios de negócios imediatamente se dariam conta de como estavam as coisas com respeito aos Davenport e tratariam Webb como se nada tivesse passado. Depois de tudo, não tinha sido preso nem acusado, assim, por que a morte de sua esposa seria um impedimento para continuar com sua associação?

Entretanto, aqueles que dirigiam o albergue social, aderiam-se a uns padrões mais estritos. Webb não seria convidado aos jantares e atos sociais onde tantos negócios eram discutidos e ficavam fechados, o que resultaria numa desvantagem para os interesses dos

Davenport. Lucinda se preocupava com o dinheiro, mas se preocupava ainda mais com Webb e estava determinada a que não o colocassem de lado. Convidá-los-ia a todos a sua casa e todos atenderiam porque eram seus amigos. Estava doente e poderia ser que esta fosse a ultima festa que celebrasse. Típico de Lucinda utilizar seu iminente falecimento como um meio para conseguir seus propósitos. Poderia ser que isto não agradasse a seus amigos, mas viriam. Inclusive seriam corteses com Webb sob seu próprio teto; embora tecnicamente seguisse sendo o teto de Lucinda, todo mundo assumiria que Webb tinha retornado a casa para reclamar sua herança, o qual tinha feito, assim logo seria dele. E tendo aceitado sua hospitalidade, ver-se-iam obrigados a lhe brindar com a sua.

Uma vez que isto ocorresse, fingiriam não ter duvidado nunca dele e seria bem-vindo em todas as partes. Depois de tudo, não poderiam desprezar a alguém depois de havê-lo convidado a sua casa. Isso era algo que, simplesmente, não se fazia.

- Enlouqueceu? - exigiu Glória. -Não virá ninguém. Seremos humilhados.

-Não seja tola. É obvio que as pessoas virão, não se atreverão a não fazê-lo. Ontem foi tudo bem com o senhor Whitten, verdade, Roanna?

-O senhor Whitten vive em Huntsville, - replicou Glória, salvando Roanna da necessidade de dar uma resposta. -O que saberá ele?

-Sabia o que tinha passado, isso era óbvio em seu rosto. Mas, sendo um homem inteligente, decidiu que se nós tivemos fé em Webb, então aquelas horríveis acusações não podiam ser certas. Que não o são, - disse Lucinda, com firmeza.

-Eu estou de acordo com mamãe, - disse Lanette. -Pensa na vergonha.

- Você sempre está de acordo com ela, - respondeu Lucinda, com um brilho de batalha nos olhos. Já tinha tomado uma decisão e não estava disposta a deixar-se desviar dela. -Se alguma vez discordasse, então sua opinião teria mais peso, querida. Agora, bem, se tivesse sido Roanna quem me dissesse que minha festa era uma má ideia, sentir-me-ia muito mais inclinada a escutar.

Glória soprou.

-Como se Roanna alguma vez discordasse de você.

-Bem, fá-lo bastante frequentemente. Poucas vezes vemos da mesma forma os detalhes de uma decisão de negócios. E me dói confessar que ela tem razão mais frequentemente que não.

Poderia ser que não fosse uma completa mentira, pensou Roanna, mas tampouco era exatamente a verdade. Ela nunca discutia com Lucinda; de vez em quando via as coisas de forma diferente, mas simplesmente dava sua opinião e era Lucinda quem tomava a decisão final. Isto estava muito longe de estar abertamente em desacordo.

As três giraram para ela, Lucinda abertamente triunfal, e Glória e Lanette aborrecidas porque sua opinião iria prevalecer sobre a delas.

-Acredito que isto deveria ser decisão de Webb, - disse ela, calmamente. -Ele é quem terá que suportar o escrutínio.

Lucinda franziu o cenho.

- Certo. Se não estiver de acordo, não há nem sequer razão para falar disso. Por que não pergunta a ele querida? Talvez você possa conseguir retirar a sua atenção da tela do computador durante cinco minutos.

Faziam uma pausa para o almoço e já tinham terminado de comer, mas agora desfrutavam de um chá frio. Webb tinha pedido que lhe levassem um par de sanduíches e café enquanto seguia trabalhando. Ele ficou no escritório até às onze na noite anterior e levantou às seis para retomar sua leitura dos documentos. Roanna sabia, porque estivera acordada em ambas as ocasiões, silenciosamente encolhida em sua poltrona e vendo as horas passar. Tinha sido uma noite particularmente ruim; não tinha dormido absolutamente e agora estava tão cansada que se temia que cairia em um profundo sono quando se deitasse. Era nessas ocasiões quando com maior probabilidade despertaria em outra parte na casa sem recordar como tinha chegado ali.

Era a presença de Webb a que a tinha perturbado até o ponto de que não tinha podido dar nenhum cochilo. Tanto ela como Lucinda tinham trabalhado junto a ele na noite anterior, repassando informações, até que Lucinda ficou muito cansada e foi se deitar. Depois disso, a sós com ele no escritório, Roanna se havia sentido

cada vez mais incômoda. Ele preferiria não estar a sós com ela depois do que tinha passado? Pensaria que ela estaria oferecendo a si mesma ao ficar ali sem a amortizadora presencia de Lucinda?

Menos de uma hora depois se desculpou e partiu para seu quarto. Tomou um banho para acalmar seus esgotados nervos e depois se acomodou em sua poltrona para ler. As palavras do livro pareciam não ter sentido, não podia concentrar-se nelas. Webb estava na casa. Tinha transladado suas coisas ao quarto contiguo ao dela. Por que ele fez isso? Ele tinha deixado muito claro em Nogales, que não estava interessado em manter uma relação com ela. Havia outros três quartos que poderia ter usado, mas tinha escolhido aquele. A única explicação que lhe ocorria era que simplesmente não lhe importasse tê-la ao lado; sua proximidade não tinha interesse para ele de maneira nenhuma.

Trataria de não cruzar-se em seu caminho na medida em que fosse possível, pensou. Mostrar-lhe-ia todos os expedientes em curso, responderia a qualquer pergunta ou dúvida que tivesse, mas, além disso, não o incomodaria.

Às onze, o ouviu no quarto ao lado e viu a luz que se filtrou para a galeria. Estirou-se e apagou o seu abajur para que ele não visse sua própria luz e soubesse que ela ainda estava acordada depois de ter alegado estar muito cansada para poder partir uma hora e meia antes. Na escuridão, recostou-se, fechou os olhos, e o escutou mover-se pelo quarto, imaginando em sua mente o que fazia.

Ouviu a ducha e soube que estava nu. Seu coração começou a palpitar ante a lembrança de seu alto, duro e musculoso corpo e seus seios se estremeceram. Mal podia acreditar que realmente tivesse feito amor com ele, que tinha perdido sua virgindade em um quarto de um motel barato perto da fronteira mexicana e que isto foi, provavelmente, o mais perto do céu que esteve alguma vez. Pensou no encaracolado pelo que cobria seu peito e na esbelteza de suas nádegas. Recordou como suas poderosas coxas, ásperas pelo pelo, tinham mantido as suas totalmente abertas, como ela tinha passado seus dedos no profundo vale de músculos da parte baixa de suas costas. Durante uma maravilhosa noite tinha dormido em seus braços e conheceu tanto o desejo como a culminação.

A ducha foi desligada e uns dez minutos depois o atoleiro de luz

sobre a galeria se extinguiu. Através das janelas abertas de seu quarto tinha ouvido o estalo quando ele abriu as suas para deixar entrar o ar fresco da noite. Estaria ainda nu? Dormiria nu ou com roupa íntima? Talvez usasse as calças do pijama. Surpreendeu-a a ideia de que tivesse vivido na mesma casa com ele dos sete aos dezessete anos e não soubesse se vestia algo para dormir.

Então se fez o silêncio. Estaria na cama ou permanecia ali em pé, contemplando a tranquila noite? Teria saído à varanda? Possivelmente fosse descalço; não teria podido ouvi-lo. Estaria ali agora mesmo? Ele teria virado para a direita e notado que suas portas estavam abertas?

Finalmente, com os nervos à flor da pele, Roanna foi até as portas e olhou ao exterior. Ninguém, nem nu nem vestido, estava na varanda desfrutando da noite. Tão silenciosamente como foi possível, tinha fechado suas portas e tinha retornado à poltrona. Entretanto, o sono a evitou e de novo tinha suportado o lento passar do tempo.

-Roanna? - trouxe-a de volta Lucinda, e Roanna percebeu de que estivera ali sentada, sonhando acordada.

Murmurando uma vaga desculpa, empurrou para trás sua cadeira. Tinha uma reunião às duais com os organizadores deste ano do Festival W.C. Handy de Agosto, assim colocaria a cabeça pela porta do escritório, perguntaria a Webb sua opinião sobre o plano de Lucinda e subiria escada acima para trocar de roupa. Possivelmente, para quando retornasse, ele teria se cansado da papelada e não teria que suportar outra tarde de deliciosa tortura, sentados, cotovelo com cotovelo, escutando sua voz profunda, maravilhando-se da velocidade com a que ele assimilava a informação; em resumo, deleitando-se com sua presença e perguntando-se ao mesmo tempo se pensava que ela se sentava muito perto ou que se aproveitava muito de qualquer oportunidade de inclinar-se sobre ele. Inclusive pior, desejaria ele que ela simplesmente partisse e desaparecesse de sua vista?

Quando abriu a porta, ele elevou inquisitivamente o olhar dos papéis que tinha em sua mão. Estava recostado em sua poltrona, dono de seu espaço, com as botas comodamente apoiadas sobre a escrivaninha.

-Sinto muito, - balbuciou ela. -Deveria ter chamado.

Ele a contemplou em silencio durante um longo momento, suas escuras sobrancelhas se franziram sobre seu nariz.

- Por quê?- perguntou finalmente.

-Isto é seu agora. - Sua resposta foi formulada com simplicidade, sem inflexão.

Ele baixou os pés da escrivaninha.

-Entre e feche a porta.

Ela entrou, mas permaneceu em pé junto à porta fechada. Webb ficou em pé e rodeou a escrivaninha, depois se apoiou na borda com os braços cruzados sobre o peito e as pernas estiradas. Era uma postura negligente, mas embora seu corpo estivesse relaxado, seu olhar era agudo enquanto a examinava.

-Você não precisa chamar nunca a esta porta, - disse finalmente. -E vamos deixar claro uma coisa agora mesmo: eu não estou substituindo você, substituo Lucinda. Fez um bom trabalho, Rô. Já te disse ontem que seria um idiota se te deixasse fora das decisões. Talvez você tenha pensado que poderia passar todo o dia com os cavalos agora que estou de volta e, sim, terá mais tempo para você, prometo-lhe isso, mas segue sendo necessária aqui também.

Roanna piscou, aturdida por este giro dos acontecimentos. Apesar do que ele havia lhe dito depois da reunião com o Prefeito, ela não acreditou que o houvesse dito realmente a sério. Uma parte dela o tinha catalogado automaticamente como o tipo de coisas que Webb estava acostumado a fazer quando ela era pequena, tranquilizando-a para impedir que ficasse triste, fingindo que ela era importante para alguém ou algo. Tinha deixado de acreditar em contos de fadas na noite em que se deslizou sobre um atoleiro de sangue. Provavelmente, tinha acreditado que poderia pôr Webb em dia e logo sua utilidade chegaria ao final. Ele tinha se ocupado sozinho de tudo antes de…

Sua mente se deteve em seco, com um coice. Não, isso não era certo. Ele tinha assumido a maior parte das responsabilidades, mas Lucinda tinha seguido implicada. E isso foi antes que também tivesse que ocupar-se de sua propriedade no Arizona. Um silencioso regozijo a percorreu, esquentando os rincões de seu coração, que já tinha começado a gelar-se enquanto se preparava interiormente para

assumir a ideia de ser substituída. Realmente a necessitava.

Disse que tinha feito um bom trabalho. E a tinha chamado Rô.

Seguia contemplando-a com penetrante concentração.

-Se não sorrir, - disse brandamente, -não poderei saber se está contente ou não.

Ela ficou olhando perplexa, procurando em seu rosto alguma pista do que realmente tinha querido dizer. Sorrir? Por que ele riria querer que ela sorrisse?

-Sorria, - incitou-a. - Recorda o que é um sorriso, não? As comissuras da boca se curvam assim. - Elevou as comissuras de sua própria boca com os dedos para demonstrar-lhe. É o que fazem as pessoas quando se sentem felizes. Odeia a papelada é isso? Não quer me ajudar?

Vacilando ela estirou os extremos da boca, curvando-os para cima. Foi um pequeno sorriso, breve e dúbio, depois que o esboçou o fez desaparecer e ficou olhando-o solenemente uma vez mais.

Mas evidentemente isso era o que ele desejava.

- Bem, - disse ele, endireitando sua relaxada posição. -Está pronta para voltar para o trabalho?

-Tenho uma reunião às duas. Sinto muito.

-Que tipo de reunião?

-Com os organizadores do Festival Handy.

Ele encolheu os ombros, perdendo o interesse. Webb não era fã do jazz.

Roanna recordou por que estava ali.

-Lucinda me enviou para te perguntar sua opinião sobre celebrar uma festa de boas vindas.

Ele soltou uma breve gargalhada, compreendendo imediatamente as implicações.

-Continua ao ataque, né? Estão Glória e Lanette tratando de dissuadi-la?

Não pareceu necessitar uma resposta ou seu silêncio foi a resposta suficiente. Meditou-o durante uns cinco segundos.

-Vamos adiante, por que demônios não? Importa-me um caralho se isso faz sentir incômodo a todo mundo. Deixei de me preocupar faz dez anos com o que as pessoas pensam de mim. Se alguém acreditar que não sou o bastante bom para tratar com eles, então levarei os negócios dos Davencourt's à outra parte; eles o teriam merecido.

Ela assentiu e, segurando o trinco, saiu antes que ele pudesse lhe fazer mais pedidos estranhos, como o de que sorrisse.

Webb retornou a seu assento, mas não retomou imediatamente o relatório que estivera estudando antes da entrada de Roanna. Ficou contemplando o lugar onde estivera parada, suspensa como um cervo a ponto de fugir. Ainda lhe doía o peito ao recordar seu patético arremedo de um sorriso e o sinal de temor que houve em seus olhos. Era difícil ler sua expressão agora, mantinha-se escondida em seu interior e mal respondia ao mundo exterior. Isto o crispava, porque a Roanna que recordava era uma das pessoas mais extrovertidas que tinha conhecido. Se agora queria saber como se sentia a respeito a algo, tinha que estar profundamente atento a cada matiz de sua expressão e de sua linguagem corporal, antes que ela pudesse sufocá-los.

Ela ficou-se atônita quando lhe havia dito que seguia necessitando sua ajuda. Agradeceu mentalmente a Lucinda por lhe dar a chave para manipular Roanna. A ideia de que alguém a precisasse chegava a seu interior como nenhuma outra coisa e não podia evitar responder. Durante uma fração de segundo tinha vislumbrado a assombrada e pura felicidade que tinha brilhado no mais profundo de seus olhos e depois tinha sido tão velozmente escondida que se deliberadamente não estivesse olhando-a com fixidez, lhe teria passado despercebida.

Tinha mentido. Poderia comandar tudo sem sua ajuda. Inclusive com a carga acrescentada de sua propriedade no Arizona. Crescia com a pressão, seu nível de energia parecia aumentar ao ritmo que seu tempo decrescia. Mas ela precisava sentir-se necessária e ele precisava estar perto dela.

Desejava-a.

A frase palpitou como uma reverberação em sua mente, por suas veias, por cada uma das células de seu corpo. Desejo. Não a tinha tomado em Nogales por vingança ou devido a aquele maldito trato que tinha feito com ela, nem sequer por não ferir seus sentimentos voltando atrás depois de ir tão longe. A simples verdade era que a tinha tomado porque a desejava e era o bastante desumano para usar qualquer meio necessário para consegui-la. A tequila não era desculpa, embora tivesse afrouxado o controle que mantinha sobre seus instintos mais incivilizados.

Tinha permanecido convexo em sua cama a noite anterior, sem poder dormir, pensando nela no quarto do lado, perguntando-se se estaria acordada, sua maldita imaginação enlouquecendo-o.

Saber que podia ter Roanna no momento que quisesse era um afrodisíaco mais poderoso que qualquer outro que foi descoberto ou inventado. Tudo o que tinha que fazer era deixar a cama e sair à varanda, para deslizar-se através das portas de seu quarto. Ela tinha insônia; estaria acordada, vendo como se aproximava dela. Poderia simplesmente meter-se na cama e ela o receberia em seus braços, em seu corpo, sem perguntas nem vacilações.

Sonhos eróticos sobre aquele beijo que tinham compartilhado atormentavam suas noites durante anos. Isso tinha sido bastante ruim, mas os sonhos eram somente imaginação. Agora que sabia exatamente o que se sentia ao fazer o amor com ela, agora que a realidade tinha deslocado a imaginação, a tentação era constante, uma fome que crescia incessantemente e ameaçava despedaçar seu autocontrole.

Deus, ela tinha sido tão doce, tão tímida e tão malditamente estreita que ficava empapado em suor recordando como se sentiu ao entrar nela. Não tinha deixado de olhá-la enquanto faziam amor e viu a expressão de seu rosto, como o delicado rosado de seus mamilos se obscurecia pela excitação. Inclusive apesar de que lhe tivesse machucado, obstinou-se a ele, arqueando os quadris para tomá-lo mais profundamente ainda. Tinha sido tão fácil levá-la ao clímax que se havia sentido cativado, desejando fazê-lo muitíssimas vezes mais e assim poderia olhar seu rosto enquanto se estremecia, sentir seu corpo contraindo-se e palpitando ao redor dele.

A noite tinha acabado sendo uma deliciosa tortura e ele sabia que enfrentaria a mesma batalha cada noite, com sua frustração

aumentando por minutos. Não sabia quanto tempo poderia suportar antes que seu autocontrole se quebrasse, mas, pelo bem de Roanna, tinha que tentá-lo.

Estava de volta a Davencourt há pouco mais de vinte e quatro horas e tinha sido mais difícil do que parecia a maior parte desse tempo, sobretudo o tempo que tinha passado na companhia dela. Se ela tivesse mostrado a mínima inclinação em flertar com ele, dado o mais superficial sinal de que também o desejava, provavelmente não poderia ter resistido à tentação. Mas Roanna tinha parecido totalmente inconsciente dele como homem, apesar das horas que tinham passado juntos na cama. A ideia o enfurecia, mas o que lhe parecia mais provável é que ela se deitou com ele somente para conseguir que retornasse a Davencourt.

Mas essa ideia, em vez de dissipar seu ardor, só o intensificou. Desejou derrubá-la no ombro e levá-la para uma sessão de ardente e preguiçoso sexo, em uma cama banhada pela luz do sol, lhe demonstrando que ela desejava a ele e que Davencourt e Lucinda não tinham nada a ver com isso. O fato era que, no que respeitava a Roanna, seus instintos sexuais se tornavam tão malditamente primitivos que não estranharia começar a grunhir e a golpear o peito com os punhos em qualquer momento.

E isso tão somente depois de um dia.

O rancor que tinha sentido por ela durante todos esses anos tinha desaparecido. Talvez tenha ficado destruído durante a noite que tinham passado juntos e simplesmente não se deu conta no momento. O hábito era algo poderoso; estava tão acostumado a algo, que esperava que seguisse estando ali inclusive quando já tinha desaparecido. Se tivesse ficado algum vestígio, ela o demoliu à manhã seguinte com sua serena dignidade e a completa impotência com a que lhe havia dito, - *A única coisa que tinha que fazer era estalar os dedos e eu iria até você.* - Poucas mulheres teriam entregue assim a si mesmas; nenhuma que ele conhecesse, de fato, exceto Roanna. Ficou assombrado pela coragem que ela teria necessitado para dizer algo assim, sabendo que era uma arma que depositava em suas mãos e talvez se sentisse inclinado a usá-la.

Ela não o estava. Levantou a mão e estalou os dedos, observando o gesto. Assim. Poderia tê-la assim de fácil. Desejava-a, Deus sabia que a desejava tanto que lhe doía. Mas o que mais

desejava, inclusive mais do que ansiava lhe fazer amor, era vê-la sorrir outra vez.

Enquanto dirigia de volta para casa aquela tarde, Roanna estava esgotada. Geralmente achava as reuniões dos comitês terrivelmente aborrecedoras e esta, além disso, prolongou-se durante horas debatendo os detalhes mais insignificantes. Como de costume, tinha permanecido silenciosamente sentada, embora desta vez tivesse estado mais concentrada em manter-se erguida e com os olhos abertos que no que as pessoas diziam.

Quando girou para o sul na estrada 43, o sol e o calor eram mais do que podia suportar. Piscou sonolenta, alegrando-se de estar tão perto de casa. Era quase a hora de jantar, entretanto, o que ela planejava era descansar um pouco. Podia comer sempre que quisesse, mas o sono era algo muito mais difícil de conseguir e muito mais valioso.

Girou para a direita por uma estrada secundária e, aproximadamente uma milha depois, girou à esquerda pelo caminho privado que levava a Davencourt. Se não tivesse tanto sono, dirigiria mais rápido e não teria percebido o impreciso movimento que captou com a extremidade do olho. Reduziu a marcha ainda mais, girando a cabeça para ver o que tinha chamado sua atenção.

A princípio só viu o cavalo, empinando e desabando-se, e seu primeiro pensamento foi que tinha perdido a seu cavaleiro e escapou, e agora as rédeas lhe tinham enredado em algum matagal. Esqueceu seu cansaço enquanto a urgência invadia seus músculos. Freou de repente, colocou a marcha em ponto morto e desceu do carro, deixando o motor ligado e a porta aberta. Podia ouvir a dor e o medo nos relinchos do cavalo quando empinou outra vez.

Roanna não pensou em seus caros sapatos nem em seu vestido de seda. Não pensou em nada exceto em chegar até o cavalo antes que ferisse a si mesmo. Saltou por cima de uma vala rasa do outro lado do caminho e correu torpemente através do pequeno campo para as árvores, os saltos de seus sapatos afundando-se na terra a cada passo. Inundou-se até os joelhos nas ervas que lhe arranharam as pernas, prendendo as meias em umas sarças, e torceu um

tornozelo ao pisar em um buraco. Fez caso omisso de tudo isto enquanto corria tão rápido quanto podia, toda sua atenção centrada em chegar ao animal.

Então o cavalo se deslizou a um lado e viu o homem. Não o tinha visto antes porque estava ao outro lado do animal e o mato tinha bloqueado parcialmente sua visão.

As rédeas do cavalo não estavam enredadas em nada. O homem as segurava com um punho e no outro sustentava um ramo de árvore com o qual estava golpeando ao cavalo.

A fúria retumbou em seu interior, bombeando adrenalina a seus músculos. Ouviu-se gritar a si mesma, viu o homem olhar em sua direção com expressão de susto e então surgiu sobre o mato e lançou todo seu peso contra ele, golpeando o de flanco. Não poderia havê-lo feito se ele a tivesse visto e se preparado, mas o pegou despreparado.

-Basta!- gritou furiosa, colocando-se entre ele e o assustado cavalo. -Não se atreva a golpear a este animal outra vez!

Ele recuperou o equilíbrio e girou para ela, agarrando o ramo como se fosse usá-lo contra ela. Roanna registrou o perigo em seu rosto, a venenosa cólera em seus olhos, mas se manteve firme. Seu retraimento emocional não incluía ficar de braços cruzados enquanto qualquer animal, em especial um cavalo, era maltratado. Preparou a si mesma para resistir, esperando que ele a atacasse. Se o investia, poderia lhe dar um soco e talvez lhe fazer perder o equilíbrio de novo.  Nesse caso, não demoraria nem um segundo em montar ao cavalo e largar-se tão rápido quanto pudesse.

Seus olhos eram de um ardente azul elétrico quando deu um passo para ela, com o braço levantado e preparado para golpear. Seu rosto estava congestionado e seus lábios retraídos sobre seus dentes em um grunhido.

- Maldita filha da puta….!

-Quem é você? - exigiu Roanna, avançando meio passo para ele para demonstrar que não lhe tinha medo. Era um farol -estava subitamente aterrorizada- mas a fúria em seu interior era ainda tão forte que a manteve firme. -O que faz em nossa propriedade?

Talvez ele tenha pensado melhor em vez de golpeá-la. Como

ela, ele parou, embora tenha sido lento em deixar cair o braço. Retrocedeu uns passos, respirando com força e fulminando-a com o olhar.

-Quem é você? - exigiu ela outra vez. Algo nele lhe era estranhamente familiar, como se tivesse visto aquela expressão antes. Mas sabia que não o tinha visto em sua vida, pensou que o recordaria, porque aqueles olhos intensamente azuis e o espesso cabelo grisalho eram muito distintivos. Era um homem musculoso, provavelmente na casa dos cinquenta anos, cujos amplos ombros e peito estufado davam a impressão de uma força quase brutal. O que mais a perturbou, entretanto, foi a sensação de maldade que emanava dele. Não, maldade não. Era mais impessoal que isso, como uma simples e total carência de consciência ou moralidade. Era isso. Seus olhos, apesar de sua intensa cor, eram frios e vazios.

-Quem sou não é assunto seu, - zombou ele. -E tampouco o que estou fazendo.

-Quando o faz na terra dos Davenport, é. Não se atreva a golpear a este cavalo outra vez, ouviu-me?

-É meu cavalo e farei o que me der a maldita vontade. O bastardo me derrubou.

-Então talvez devesse aprender a montar melhor a cavalo, - replicou ela, com raiva. Ela deu a volta para segurar as rédeas que penduravam e murmurar docemente ao cavalo, depois lhe acariciou o pescoço. Este soprou nervosamente, mas se acalmou quando ela seguiu acariciando-o brandamente. O cavalo não era um valioso exemplar de pura raça como os adorados exemplares de Lucinda; era de raça indeterminável, sem traços sobressalentes, mas Roanna não via nenhuma razão para que fosse maltratado.

-Por que não se ocupa de seus assuntos, senhorita, e me esquecerei de lhe ensinar algumas maneiras.

A ameaça em sua voz a fez girar. Estava mais perto e em seu olhar agora havia uma expressão selvagem. Com rapidez, Roanna retrocedeu, manobrando de modo que o cavalo ficasse entre ela e o homem.

-Vá embora de nossas terras, - disse, com frieza. - Ou eu farei que o prendam.

Sua boca perversamente sensual se retorceu em uma nova careta de desprezo.

–Com certeza que fará. O xerife é um bajulador, especialmente quando se trata do traseiro de um Davenport. Não fará nenhuma diferença que não soubesse que estava em sua preciosa propriedade, verdade?

-Não quando estava maltratando ao seu cavalo, - respondeu Roanna, em tom ainda gelado. –Agora vá embora.

Ele sorriu desdenhosamente.

-Não posso. Ainda tem meu cavalo.

Roanna deixou cair as rédeas e retrocedeu outro cauteloso passo.

– Aqui está. Agora vá embora de nossa propriedade e se eu voltar a vê-lo maltratando a outro animal, fá-lo-ei que o prenda sob a acusação de crueldade. Pode ser que eu não saiba seu nome, mas posso descrevê-lo e não deve haver muita gente com seu aspecto. - Ninguém que ela soubesse; seus olhos eram muito característicos.

Ele voltou a adotar uma expressão furiosa e a violência voltou a aparecer naqueles olhos, mas evidentemente ele pensou melhor e se limitou a tomar as rédeas. Subiu à cela com um mínimo esforço, o que o revelou como um cavaleiro experiente.

-Adeus, - zombou ele, e cravou os calcanhares nos flancos do cavalo. O animal, sobressaltado, saltou para frente, passando tão perto dela que a teria derrubado se ela não tivesse se afastado rapidamente.

Ele cavalgou em direção à estrada, inclinando-se para evitar os ramos baixos pendurados. Ele saiu de sua vista em um momento, embora tenha levado mais tempo deixar de ouvir o surdo som dos cascos do cavalo.

Roanna se aproximou de um robusto carvalho e se deixou cair contra ele, fechando os olhos e se estremecendo.

Essa tinha sido uma das coisas mais estúpidas e temerárias que tinha feito em sua vida. Tinha tido muita sorte e sabia. Aquele homem poderia tê-la ferido seriamente, violá-la, ou inclusive matá-la… algo do tipo. Ela colocou-se de cabeça em uma situação perigosa

sem parar para pensar. Essa impulsividade tinha sido a causa da maioria de seus problemas na infância e tinha sido o detonador da trágica morte de Jessie e da partida de Webb.

Acreditava que sua veia imprudente tinha ficado destruída para sempre, mas agora se encontrou com o que, para sua consternação, seguia à espreita profundamente enterrada em seu interior, mas pronta para saltar à superfície. Provavelmente teria surgido antes, se algo a tivesse feito zangar-se. Mas os cavalos não eram maltratados em Davencourt e fazia muito tempo que não se permitia interessar-se por quase nada absolutamente. Webb tinha partido,e uma interminável procissão de dias passaram insípida e monotonamente.

Seguia tremendo em consequência do medo e da fúria, e as pernas quase não a sustentavam. Respirou profundamente várias vezes, tratando de se obrigar a tranquilizar-se. Não podia ir para casa assim, com seu autocontrole pendendo de um fio. Qualquer um que a visse saberia que tinha acontecido algo e não tinha vontade de relatar todo o assunto e suportar as recriminações. Sabia que tinha sido uma estúpida, e muito afortunada.

Mas, sobretudo, não queria que ninguém a visse alterada. Sentia-se envergonhada e aterrorizada por esta inesperada vulnerabilidade. Tinha que se proteger melhor. Não podia fazer nada a respeito de sua permanente debilidade no que se referia a Webb, mas nenhuma outra de suas defesas internas poderia suportar outra falha.

Quando ela sentiu as pernas suficientemente firmes, abandonou o bosque e andou pelo mato, tomando o cuidado, desta vez, de evitar as sarças. O tornozelo direito palpitava de dor, recordando-a que o tinha torcido.

Quando ela chegou até seu carro, sentou-se de lado no assento do motorista, com as pernas para fora. Inclinando-se, tirou os sapatos e sacudiu a sujeira. Depois de uma rápida olhada ao redor para assegurar-se de que não viesse nenhum carro pelo caminho, colocou as mãos sob a saia e tirou as meias rasgadas. Ela as usou para limpar os sapatos o melhor que pôde e depois os pôs sobre os pés nus.

Ela levava lenços de papel na bolsa. Pegando um, umedeceu-o com a língua, e esfregou os arranhões até que as diminutas gotas de sangue desapareceram. Isso e passar uma escova pelo cabelo eram

tudo o que podia fazer para se recompor. De todas as formas, para assegurar-se, usaria o velho truque de sua infância, fazendo uso da escada exterior para subir ao primeiro andar e dando uma volta para chegar a seu quarto.

Não sabia quem era aquele homem, mas esperava não voltar a vê-lo nunca mais.

## Capítulo 15

Era exatamente como nos velhos tempos, ela tratando de entrar em seu quarto sem que ninguém a visse. Pensou que antes, geralmente tratava de se esconder depois de cometer alguma travessura ou um deslize social. A confrontação com aquele bruto desconhecido era algo muito mais sério. Além disso, agora era bastante madura para admitir a insensatez em vez de contar uma mentira para tratar de escondê-la. Não ia mentir se lhe perguntassem, mas não tinha a menor intenção de contar voluntariamente o que tinha passado.

Roanna chegou a seu quarto sem incidentes. Rapidamente se despiu e se meteu na ducha, estremecendo-se quando a água bateu sobre os arranhões das pernas. Depois de se ensaboar automaticamente - o melhor amparo contra algum possível roçar com plantas venenosas que pudessem estar escondidas entre o mato e as árvores - passou antisséptico nas feridas, seguido imediatamente de uma calmante aplicação de leite de aloe vera. A ardência parou quase imediatamente e sem aquele constante aviso do inquietante encontro, seus nervos começaram a se acalmar.

Umas escovadas devolveram a ordem a seu cabelo e três minutos de aplicação de cosméticos esconderam qualquer sinal exterior de seu transtorno. Roanna olhou fixamente a sofisticada imagem que lhe devolvia o espelho; às vezes ficava surpreendida pelo reflexo que lhe devolvia, como se não fosse realmente ela. Graças a Deus pelas mulheres de sua irmandade universitária, pensou. A maior parte das mudanças de sua vida tinha estado marcados pela perda: a morte de seus pais, o assassinato de Jessie, a partida de Webb. A Universidade, entretanto, tinha sido uma mudança para o bem e o mérito disso devia por inteiro àquelas jovens de fala cadenciosa, com olhos de águia e língua afiada, que tinham tomado sob seu amparo àquela jovem inapta e sobre a qual tinham derramado sua sabedoria, tanto no âmbito social como no dos cosméticos, para convertê-la em uma debutante aceitável. Era gracioso como aprender a aplicar o rímel com perícia se traduziu em um pingo a mais de segurança em si mesma e como o dominar com graça um passo de baile havia, de alguma forma, desatado sua língua

e lhe permitiu manter um bate-papo social.

Ela deslizou suas argolas de ouro branco nos buracos de suas orelhas, girando a cabeça para comprovar seu aspecto. Gostava como ficavam, a forma que as pontas de seu cabelo se frisavam através deles, como se tivesse sido expressamente cortado para fazê-lo assim. Outra coisa mais que as companheiras de irmandade lhe tinham ensinado, era a apreciar certos aspectos de sua aparência. O maior presente que lhe tinham feito estava formado por todos esses pequenos lucros: aprender a dançar, a maquiar-se, a vestir-se bem, a alternar em sociedade. A junção de cada um deles tinha sido tão sutil que ela nem o tinha notado, cada peça encaixando discretamente em seu lugar, até que, de repente, se fez tão evidente que pôde vê-la e ficou perplexa com isso.

Autoconfiança.

Como tinha invejado sempre às pessoas que a possuíam! Webb e Lucinda possuíam uma segurança em si mesmos,dinâmica e agressiva, da que constrói impérios e funda nações. Glória geralmente se concentrava em si mesma, mas o certo era, em qualquer caso, que acreditava em si melhor que ninguém. A autoconfiança de Jessie tinha sido monumental. Loyal a possuía em seu trato com os animais e em seu cuidado, e Tansy em seu domínio da cozinha. Inclusive os mecânicos da concessionária onde tinha comprado seu carro estavam seguros de sua capacidade para resolver qualquer problema de seu âmbito.

Aquela estrutura lentamente forjada era sua segurança em si mesma. A compreensão a fez abrir os olhos, surpreendida. Sentia-se segura de si mesma no que se referia aos cavalos; isso sempre tinha sido certo. Sentiu-se segura de si mesma - ou foi pura temeridade- ao enfrentar aquele homem horrível no bosque hoje e obrigá-lo a deixar de maltratar àquele cavalo.

A força combinada da surpresa e a fúria a tinham jogado à ação, com um espírito que não sabia que aninhasse em seu interior. O cavalo tinha sido o catalisador, certamente; amava tanto aos animais que sempre a tinha tirado do sério ver que alguém maltratava a algum. Apesar disso, suas próprias ações a surpreenderam, enfrentando-a a uma parte de si mesma que acreditava fazia muito tempo que tinha morrido, ou ao menos ficado bloqueada. Nunca tinha sido dada a acessos de raiva ou a sair-se

com a sua em tudo, mas fazia valer sua opinião quando lhe parecia apropriado. Mantinha uma grande parte dela em privado, mas era por decisão própria, sua maneira de dirigir a angústia e manter a dor à raia. Protegia a si mesma não deixando transparecer sua preocupação, ou ao menos não deixando os outros saberem o que lhe afetava e, em geral, esse aspecto de indiferença funcionava.

Seguiu olhando fixamente no espelho o rosto que tão bem conhecia, mas que, de repente, parecia distinto e novo, como se acabasse de descobrir uma perspectiva diferente do mesmo.

As pessoas da cidade a tratavam com respeito, prestando atenção quando dava sua opinião, nas poucas vezes que o fazia. Inclusive até havia um grupo de jovens mulheres de negócios da zona de Shoals que, com regularidade, convidavam-na para seus almoços do sábado em Callahan, não para falar de negócios, a não ser para conversar rindo e brincando e... Sendo amigas. Amigas. Não a convidavam porque fosse a suplente de Lucinda ou porque queriam lhe apresentar um projeto ou lhe pedir um favor. Convidavam-na simplesmente porque gostavam dela.

Não se tinha dado conta. Seus lábios se entreabriram surpreendidos. Estava tão acostumada a pensar em si mesma como a representante de Lucinda que não tinha considerado a possibilidade de ser convidada a nenhum lugar por si mesma.

Quando tinha ocorrido? Pensou nisso, mas não pôde encontrar o momento. O processo tinha sido tão gradual que não encontrou nenhum acontecimento isolado que marcasse a mudança.

Uma sensação de paz começou a estender-se no profundo de seu interior. Webb ia ter Davencourt, tal como Lucinda sempre planejou, mas o temor profundamente enraizado que Roanna sentia e com o que sempre tinha convivido, o de ter que abandonar seus protetores limites, começou a se desvanecer. Seguia pensando em partir da mansão; amava-o tanto que desconfiava de seu autocontrole estando perto dele. Se ficasse, provavelmente acabaria arrastando-se até sua cama qualquer noite e lhe rogando que a tomasse de novo.

Não queria isso. Não queria envergonhar nem a ele, nem a si mesma. Esta recém descoberta sensação de coragem era muito nova, muito frágil para sobreviver a outra devastadora rejeição.

Ela começou a pensar aonde iria, o que faria. Desejava permanecer na zona de Shoals, é obvio; suas raízes estavam profundamente enterradas ali, por gerações. Tinha dinheiro próprio, herdado de seus pais, e também herdaria uma parte de Lucinda, embora o grosso da fortuna fosse para Webb. Poderia fazer o que quisesse. Era um pensamento liberador.

Queria criar e treinar cavalos.

Quando Lucinda morresse, a dívida de gratidão em que tinha incorrido com ela, quando aos sete anos, aterrorizada e devastada pela tristeza, tinha ouvido dizer a sua vovó que podia ir viver com ela, ficaria saldada. Também era uma dívida de amor, tão vinculante como a de gratidão. Isso foi o que a manteve ao lado de sua vovó, convertendo-se gradualmente nas pernas, olhos e ouvidos de Lucinda quando sua saúde foi debilitando-se pela idade. Mas quando Lucinda já não estivesse e Davencourt estivesse a salvo nas capazes mãos de Webb, Roanna seria livre.

Livre. A palavra sussurrou e se expandiu através dela, como as asas de uma borboleta quando vão surgindo do casulo.

Poderia ter sua própria casa, uma que fosse unicamente dela, e nunca mais dependeria de ninguém para ter um teto sobre sua cabeça. Graças aos ensinos de Lucinda, agora entendia de investimentos e finanças; sentia-se capaz de dirigir seu próprio dinheiro, assim sempre estaria segura. Criaria seus próprios cavalos, mas isso seria somente algo à parte. Queria entrar no negócio como treinadora; as pessoas lhe levariam seus cavalos para que os adestrasse. Inclusive Loyal disse que nunca tinha visto ninguém com tanta capacidade para acalmar com um toque a um animal assustado ou mal adestrado, ou inclusive a um que simplesmente tivesse mau gênio.

Ela podia fazer isso. Podia fazer disso sua profissão. E pela primeira vez em sua vida, viveria para si mesma.

O relógio do hall deu a hora brandamente, um som apenas audível ali, na parte traseira da enorme mansão. Assustada, deu uma olhada a seu relógio e viu que era a hora do jantar e ainda não estava vestida. O cochilo que tinha planejado era impossível agora, com a adrenalina correndo por suas veias, bem que podia comer.

Apressadamente foi até seu armário e tirou o primeiro conjunto

que viu, umas calças de seda e uma túnica sem mangas combinando. As calças esconderiam os arranhões de suas pernas e isso era o único que lhe importava. Agora sabia escolher roupa elegante e apropriada, mas nunca tinha aprendido a desfrutar disso.

-Sinto muito, cheguei tarde, - disse, quando entrou na sala de jantar. Todos já estavam sentados; Brock e Corliss eram os únicos ausentes, embora agora raramente jantassem em casa. Brock passava todo o tempo com sua noiva e só Deus sabia onde Corliss passava o tempo.

-A que horas chegou em casa? - perguntou-lhe Webb. - Não ouvi você entrar. - Seus olhos entrecerrados se cravaram nela, da mesma forma que quando era uma adolescente e a pegava tratando de escapar sem que o notassem.

-Às cinco e meia, mais ou menos. - Não sabia a hora exata, porque ainda estava muito alterada quando chegou. -Subi diretamente a meu quarto para tomar uma ducha antes do jantar.

-Faz um calor tão úmido, que tenho que tomar banho duas vezes ao dia, - esteve de acordo Lanette. -A empresa de Greg quis mudá-lo para Tampa. Imagina quão pior é a umidade lá embaixo? Simplesmente não poderia suportá-lo.

Greg deu uma breve olhada a sua esposa, depois devolveu sua atenção a seu prato. Era um homem alto e reservado que raramente falava, com os cabelos grisalhos bem curtos e, pelo que Roanna sabia, não fazia nada para relaxar ou se divertir. Greg saia para trabalhar, voltava para casa com mais trabalho em sua volumosa maleta e empregava o tempo entre o jantar e a hora de se deitar debruçado sobre seus papéis, trabalhando. Por isso ela sabia, era mais um entre a multidão de executivos de gerência média, mas de repente se deu conta de que realmente não sabia em que consistia seu trabalho. Greg nunca falava de seu trabalho, nunca contava anedotas graciosas sobre seus companheiros. Estava simplesmente ali, um barco arrastada pela esteira de Lanette.

-Uma simples transferência? - perguntou Webb, seu frio olhar verde alternando de Greg a Lanette. -Ou uma promoção?

-Promoção, - disse Greg, sucinto.

-Mas isso significa que nos mudaríamos, - explicou Lanette. - E os gastos de manutenção seriam mais elevados, por isso teríamos

saído perdendo dinheiro com essa suposta promoção. Rejeito-a, é óbvio.

Isso significava que ela se negou sem rodeios a mudar-se, foi o que pensou Roanna enquanto se aplicava metodicamente à tarefa de comer. Vivendo em Davencourt, não tinham gasto nenhum de alojamento e Lanette usava esse dinheiro para alternar nos círculos sociais mais exclusivos. Se eles tivessem que se mudar, teriam que pagar sua própria casa e comida,e o nível de vida de Lanette desceria.

Greg deveria ter ido e ter deixado a Lanette a decisão de segui-lo ou não, pensou Roanna. Igual a ela, ele precisava desvincular-se de Davencourt e procurar seu próprio lugar. Talvez Davencourt fosse muito bonita; era mais que uma simples casa para as pessoas que viviam nela, era quase como se tivesse existência própria. Eles queriam possuí-la e, em troca, eram eles os possuídos, mantendo-os cativos com o conhecimento de que depois de Davencourt, nenhuma outra casa poderia ser tão magnífica.

Mas ela escaparia, prometeu a si mesma. Nunca pensou em poder possuir Davencourt, assim não estava atada a ela pelas correntes da inveja. O medo era o que a tinha mantido neste lugar, e o dever, e o amor. A primeira razão já tinha desaparecido, as duas restantes desapareceriam logo, e então seria livre.

Depois do jantar, Webb disse a Lucinda:

- Se não estiver muito cansada, eu gostaria de discutir contigo um investimento que estive considerando.

-Certamente, - disse ela, e juntos se dirigiram para a porta da sala de jantar.

Roanna permaneceu sentada à mesa, com expressão neutra. Ela levou a boca o último pedaço do bolo de morango que Tansy tinha servido de sobremesa, obrigando-se a comer embora não gostasse de mais que todos outros bocados que tinham precedido a este.

Webb fez uma pausa na porta e olhou ao redor com um leve cenho, suas escuras sobrancelhas franzidas como se acabasse de dar-se conta de que ela não os acompanhava.

- Não vem?

Silenciosamente ela se levantou e os seguiu, perguntando-se se ele realmente esperava que ela assumisse automaticamente que estava incluída, ou se fazê-lo foi uma ocorrência posterior. Provavelmente o último; Webb estava acostumado sempre a discutir suas decisões comerciais com Lucinda, mas, e apesar de tudo o que havia dito de querer que Roanna continuasse com suas atuais responsabilidades, não pensava nela como em alguém com autoridade.

E tinha razão, pensou, confrontando sem piedade a verdade. Não tinha autoridade além da que ele ou Lucinda lhe concedessem, o que não era verdadeira autoridade. Qualquer um deles poderia puxar as rédeas a qualquer momento, despojando-a até da mera aparência de poder.

Entraram no escritório e se acomodaram em seus lugares de costume: Webb na escrivaninha que até há pouco tinha sido dela, Roanna em uma poltrona e Lucinda no sofá. Roanna tinha os nervos à flor de pele, como se estivessem do avesso. As duas últimas horas tinham sido repletas de revelações sobre seu próprio caráter, nada enorme e dramático, e, não obstante, todos esses descobrimentos a tinham deixado com a sensação de que nada era o mesmo e que nunca foi como ela acreditava que tinha sido.

Webb estava falando, mas pela primeira vez em sua vida Roanna não estava pendente de cada uma de suas palavras como se estas surgissem da boca de um Deus. Apenas o ouviu. Hoje ela tinha enfrentado a um bruto e descoberto que às pessoas gostava de si mesma. Tinha tomado uma decisão com respeito ao resto de sua vida. Quando criança, havia se sentido indefesa para controlar sua vida e durante os últimos dez longos anos tinha deixado que esta passasse, retirando-se a um lugar seguro em seu interior onde ninguém pudesse feri-la. Mas agora podia tomar as rédeas; não tinha por que permitir que as coisas ocorressem como outra pessoa ditasse, podia tomar suas próprias decisões, estabelecer suas próprias regras. A sensação de poder era, ao mesmo tempo, embriagadora e aterradora, mas a excitação que lhe ocasionava era indiscutível

- … um investimento importante por nossa parte, - dizia Webb, -mas Mayfield sempre foi confiável.

A atenção de Roanna se concentrou de repente, atraída pelo

nome que Webb acabava de mencionar, e recordou a intriga que tinha ouvido aquela mesma tarde.

Lucinda assentiu.

-Soa interessante, embora, é obvio…

-Não, - disse Roanna.

O silêncio se fez no quarto, quebrado tão somente pelo apagado tic-tac do velho relógio sobre o suporte de ferro da lareira.

Era difícil dizer quem estava mais atônito, Lucinda, Webb, ou a mesma Roanna. Algumas vezes acreditou que Lucinda deveria reconsiderar suas decisões e de forma mesurada lhe tinha exposto seu raciocínio, mas nunca tinha discordado sem rodeios com ela. Não como acabava de fazer. Não o tinha deixado sair como "bom, nós vamos pensar sobre isso", mas na verdade foi uma declaração firme e cortante.

Lucinda se recostou no sofá, piscando levemente pela surpresa. Webb girou rapidamente no assento para poder olhá-la de frente e ficou contemplando-a durante um momento tão longo que lhe esticou até o último de seus nervos. Havia um estranho brilho em seus brilhantes e ardentes olhos.

-Por quê? - perguntou finalmente, em tom suave.

Roanna desejou desesperadamente ter mantido a boca fechada. Sua impulsiva negação se apoiava unicamente em uma fofoca que tinha ouvido essa tarde na reunião para organizar o Festival musical. E se depois de que Webb a escutasse, dirigisse-lhe um condescendente sorriso, como um adulto ao escutar o inverossímil, mas divertido raciocínio de uma criança, e voltasse para sua discussão com Lucinda? Seu novo e prezado sentimento de autoconfiança murcharia em seu interior.

Lucinda tinha se acostumado a prestar atenção às observações de Roanna, mas esta as oferecia simplesmente como tais e deixava a decisão final a sua vovó. Nunca antes tinha emitido um terminante "não".

-Vamos, Rô, - enrolou-a Webb. - Você observa às pessoas, nota coisas que a outros nos escapam. O que sabe sobre Mayfield?

Ela inspirou profundamente e ergueu os ombros.

-É apenas algo que ouvi hoje. Mayfield necessita de dinheiro desesperadamente. Naomi o abandonou ontem e se comenta que ela vai exigir uma enorme pensão, porque ela o flagrou na lavanderia com uma amiga do colégio de Amélia que tinha vindo de visita algumas semanas. E mais, segundo o que se comenta, a traição dura desde o Natal e, aparentemente, a garota, que acaba de fazer dezenove anos, está grávida de quatro meses.

Fez-se um silêncio sepulcral e então Lucinda disse:

- Acredito recordar que Amélia trouxe uma amiga para as férias de Páscoa.

Webb soprou e um sardônico sorriso curvou sua boca.

- Soa como se Mayfield tivesse celebrado sua própria salvação, certo?

-Webb! Não seja blasfemo! - Mas apesar de seu genuíno sobressalto ante o comentário, o senso de humor de Lucinda tinha uma veia irreverente e tratou de conter o sorriso enquanto lançava um consternado olhar distraído a Roanna.

- Lamento, - desculpou-se rapidamente Webb, embora seus olhos seguissem tendo um brilho malicioso. Tinha visto o olhar que Lucinda dirigiu a Roanna, como se a alarmasse que esta ouvisse um comentário subido de tom. Era uma atitude passada de moda, proteger a uma virgem, fosse qual fosse sua idade, de qualquer insinuação sexual. Que Lucinda acreditasse que Roanna ainda fosse virgem significava que não tinha havido nenhuma relação amorosa na vida desta, nem sequer na Universidade.

Lucinda tinha tido toda a razão, pensou Webb, acelerando-se o coração quando uma imagem daquela noite em Nogales cintilou em sua mente. Roanna tinha sido virgem, até aproximadamente uma hora depois de que se aproximou dele naquele balcão de bar. Esse era todo o tempo que tinha necessitado para tê-la nua, deitada de costas e penetrada.

As lembranças passaram através dele como suaves brilhos, estimulando cada terminação nervosa, até o ponto da dor. A sensação de seu suave e esbelto corpo debaixo dele tinha sido... Perfeita. Seus seios, plenos e deliciosos e tão delicadamente formados... Perfeitos. Seu quente e apertado canal ao redor de seu pênis... Perfeito. E a maneira que seus braços se curvaram tão

confidencialmente ao redor de seu pescoço, o modo que suas costas se arquearam, a deslumbrante e apaixonada expressão em seu rosto enquanto gozava… Deus,tinha sido tão perfeito que o deixou sem fôlego.

Seu pau estava duro como aço. Ele se moveu incomodamente na cadeira, alegrando-se de estar atrás da escrivaninha. Isso era o que conseguia por permitir-se pensar naquela noite, no absoluto êxtase de gozar dentro dela.O que tinha feito,reconheceu. Várias vezes, de fato.E nenhuma só vez tinham usado camisinha.

Nunca antes em sua vida tinha sido tão descuidado, mesmo que estivesse bêbado. Todos os pelos do seu corpo se arrepiaram, como se tivesse sofrido uma descarga elétrica. O controle de natalidade não tinha passado por sua mente essa noite, nenhuma só vez; com o instinto primitivo de um macho a tinha tomado uma e outra vez, imprimindo-se sobre sua carne e, reclamando-a da forma mais primitiva, tinha vertido seu sêmen nela. Durante aquelas horas longas, seu corpo tinha tomado o controle sobre sua mente, embora tampouco fosse que estivesse em plena forma de todos os modos. O corpo não tinha consciência; com um instinto forjado por milhares de anos, tinha-a reclamado como dele e ambicionou forjar um laço inquebrável deixando-a grávida, de modo que suas duas identidades se misturaram em uma só.

Custou-lhe um grande esforço manter o rosto impassível, não pular e agarrá-la, lhe exigindo saber se levava seu filho no ventre. Infernos, se não tinha passado nem duas semanas; como ela iria saber?

-Webb?

A voz de Lucinda se introduziu em sua consciência e arrancou os seus pensamentos da frustrante direção que tinham tomado. Tanto Lucinda como Roanna o estavam olhando. A expressão de Roanna era tão distante e calma como de costume, mas naquele momento estava tão intensamente em sintonia com ela que acreditou poder ver um sinal de ansiedade em seus olhos. Estava esperando que descartasse o que havia dito como uma mera fofoca? Esperava impassível um novo golpe ao seu amor próprio?

Ele esfregou o queixo enquanto a contemplava.

-O que está dizendo é que a vida pessoal de Mayfield é uma

confusão e acredita que está tão desesperado por conseguir dinheiro que não atua criteriosamente.

Ela lhe sustentou o olhar.

-Assim é.

-E você soube de tudo isso hoje em sua reunião?

Ela assentiu solenemente.

Ele sorriu amplamente.

-Então, graças a Deus pelas fofocas. Provavelmente você nos salvou de um grande desastre… e a Mayfield também, porque ele necessita de nosso apoio para fechar o acordo.

Lucinda suspirou.

-Duvido que Burt Mayfield se sinta muito agradecido, mas seus problemas pessoais são culpa dele.

Roanna se recostou em seu assento, um pouco tonta pela facilidade com a que ambos tinham aceitado sua análise. Suas emoções eram tão confusas que não sabia como atuar, o que fazer, assim ficou sentada, em silêncio e não fez nada. De vez em quando sentia que Webb a olhava, mas não se permitiu procurar seus olhos. Agora mesmo,seus sentimentos estavam à flor da pele, seu autocontrole era muito tênue; não quis incomodá-lo e envergonhar a si mesma contemplando-o com uma lealdade canina. A tensão das últimas horas estava cobrando seu preço; a adrenalina estava começando a desaparecer de seu sistema e se sentia terrivelmente cansada. Não sabia se poderia dormir; de fato, estava tão cansada que tinha medo de dormir, porque era precisamente quando mais esgotada estava e caía em um sono profundo que ocorriam os episódios de sonambulismo. Mas dormindo ou não, desejava muito deitar-se, embora somente fosse um pouco.

Subitamente Webb apareceu junto a ela, sua mão em seu braço e a pôs em pé.

-Está tão cansada que está cambaleando em sua cadeira, -disse, em tom abrupto. –Vá para a cama. A oferta de Mayfield era tudo o que tínhamos que discutir.

Inclusive aquele mínimo contato bastou para que Roanna

desejasse inclinar-se para ele, descansar recostada em sua fortaleza, sentir o calor e a solidez de seu corpo contra ela uma vez mais. Para não ceder ao impulso, obrigou-se a se afastar dele.

-Estou cansada, - admitiu calmamente. -Se estiver seguro de que isto é tudo, vou subir.

-Isso é tudo, - disse Webb, e um cenho franzia suas sobrancelhas.

Roanna murmurou "boa noite" a Lucinda e abandonou o quarto. Webb a viu sair com olhos entrecerrados. Ela se afastou dele. Pela primeira vez desde que podia recordar, Roanna tinha evitado seu contato.

-Dormirá? - perguntou em voz alta, sem olhar a Lucinda.

-Provavelmente não. - Suspirou. -Ou não muito, em todo caso. Parece... Oh, não sei, um pouco nervosa. Esta é a primeira vez que se mostrou categórica em anos. Alegro-me de que escutasse o que tinha que dizer em vez de descartá-lo sem mais. Tive que aprender a prestar atenção ao que dizia. Ela observa muito as pessoas, porque eles se dedicam a falar sem mais e ela se limita a escutar. Roanna percebe os pequenos detalhes.

Conversaram durante uns minutos mais, depois, cuidadosamente, Lucinda se levantou do sofá, recusando orgulhosamente mostrar o quanto era difícil.

-Eu também estou um pouco cansada, - disse. -Meus dias de dançar até a alvorada ficaram para trás.

-Eu nunca os tive, - respondeu Webb ironicamente. -Sempre havia trabalho que fazer.

Ela fez uma pausa, olhando-o com preocupação.

-Foi muito?- perguntou-lhe de repente. -Era tão jovem quando deixei Davencourt em suas mãos. Não teve tempo de ser simplesmente um rapaz.

-Era um trabalho duro, - disse ele, encolhendo os ombros. -Mas era o que queria. Não o lamento. -Ele nunca lamentou o trabalho. Lamentou um montão de outras coisas, mas nunca a completa satisfação de superar a si mesmo, aprendendo e levando-o ao fim. Não o tinha feito somente por Davencourt, mas sim por si mesmo,

porque experimentava um grande prazer com o poder e a excitação que suportava. Tinha sido o menino de ouro, o príncipe herdeiro, e se tinha deleitado no papel. Inclusive tinha se casado com a princesa e resultou ser um grande desastre. Não podia culpar Lucinda disso, embora esta tivesse fomentado alegremente o matrimônio entre ele e Jessie. Foi sua cega ambição que o tinha conduzido de bom grado ao altar.

Lucinda lhe acariciou o braço ao passar e ele também ficou olhando enquanto saía, notando o cuidado com que dava cada passo. Sentia muito mais dor e muito mais debilidade do que deixava alguém adivinhar. Como não desejasse que ninguém a mimasse em excesso, deixou-a ir sem um comentário.

Ele suspirou, um suave som na tranquilidade do escritório. Uma vez estes tinham sido seus domínios e mostravam o inconfundível selo de um uso exclusivamente masculino. Não tinha sofrido muitas mudanças, excetuando a instalação dos computadores e o fax, porque Davencourt não era uma casa dada a bruscas ou dramáticas mudanças. Pelo contrário, envelhecia de maneira sutil, com delicadas e graduais alterações. Entretanto, o quarto agora pareceu mais suave, mais feminina. As cortinas eram diferentes, em tons mais luminosos, mas era mais que isso. Até o aroma da sala tinha mudado, como se tivesse absorvido a doçura inerente da pele feminina, dos perfumes e loções que Lucinda e Roanna usavam. Podia distinguir com facilidade o aroma de Chanel de Lucinda; era o mesmo que tinha usado desde que tinha memória. O aroma de Roanna era suave, mais doce, e ficava mais forte quando ele se sentava à escrivaninha.

O débil aroma o atraiu. Voltou para seu assento na escrivaninha e revolveu alguns papéis, mas depois de uns minutos se rendeu e, em troca, se recostou, franzindo o cenho enquanto seus pensamentos se voltavam sobre a Roanna.

Ela nunca tinha se afastado dele antes. Não podia tirar isso da cabeça. Incomodava-o profundamente em seu interior, como se tivesse perdido algo precioso. Jurou não se aproveitar; demônios, até se havia sentido um pouco nobre por isso, porque estivera negando-se algo que desejava muito: ela. Mas estava tão malditamente distante, como se aquela noite em Nogales nunca tivesse acontecido, como se não se tivesse passado toda a sua adolescência venerando-o com um sorriso de adoração.

Ela era tão controlada, estava tão presa em si mesma. Seguia olhando-a com um sorriso, esperando que ela o devolvesse em um desses momentos de humor que sempre tinham compartilhado antes, mas seu imperturbável e remoto rosto permanecia tão solene como de costume, como se já não restassem sorrisos nela.

Seus pensamentos retornaram ao momento em que fizeram amor. Desejava ver Roanna sorrir de novo, mas ainda mais, desejava saber se levava um bebê seu dentro de si. Assim que conseguisse, ia ter uma conversa em privado com ela… algo que poderia resultar ser mais difícil do que jamais imaginou, dado o modo em que ela tinha começado a evitá-lo.

À tarde seguinte,Roanna suspirou enquanto se reclinava contra o respaldo da enorme poltrona de couro, massageando o pescoço para aliviar a tensão. Uma ordenada pilha de convites, com endereços já postos, descansava sobre um canto da escrivaninha, mas uma olhada à lista de convidados lhe disse que ainda ficava, ao menos, um terço dos convites por escrever.

Uma vez que Lucinda conseguiu o consentimento de Webb para a festa, tinha começado a riscar seus planos de batalha. Todo mundo que era alguém tinha que ser convidado, o que fez que a lista de convidados abrangesse umas quinhentas pessoas. Uma multidão desse tamanho simplesmente não caberia em casa, nem sequer, em uma casa tão grande como Davencourt, ao menos que os metessem nos quartos. Lucinda não se desanimou; simplesmente abririam as portas francesas do salão ao terraço, decorariam com grinaldas de luzes as árvores e arbustos do jardim, e deixariam que as pessoas entrassem e saíssem a seu gosto. De todas as formas, o terraço era melhor para dançar.

Roanna tinha começado o trabalho imediatamente. Era impossível que Tansy conseguisse preparar comida para semelhante multidão, assim que se dispôs a localizar a um fornecedor que pudesse ministrar comida para uma festa de semelhante tamanho com tão pouco tempo, porque a data que Lucinda tinha escolhido era em menos de duas semanas. Tinha-o feito intencionadamente, não querendo dar tempo aos convidados para que pensassem muito, mas com tempo suficiente para que pudessem comprar uma roupa nova e

gastar uma hora no cabeleireiro. Os poucos fornecedores na área de Shoals já estavam comprometidos para aquela data, assim Roanna se viu obrigada a contratar uma empresa de Huntsville com a que nunca tinha trabalhado antes. Só esperava que tudo saísse bem.

Havia uma tonelada de artigos de decoração armazenados no sótão e centenas de luminárias, mas Lucinda tinha decidido que somente utilizariam as de cor pêssego porque esta suave cor favoreceria a todo mundo. Não havia nenhuma luz desta cor no sótão. Depois de uma dúzia de ligações, Roanna as tinha localizado em uma loja especializada em Birmingham e conseguiu que as enviassem imediatamente.

Não havia cadeiras suficientes, inclusive tendo em conta que uma parte dos convidados estaria dançando ou perambulando pelo jardim. Teria que trazer mais cadeiras, contratar uma orquestra, encomendar as flores e encontrar uma gráfica que pudesse fazer os convites imediatamente. Tudo isso ela tinha finalmente conseguido e agora Roanna estava ocupada escrevendo os endereços nos envelopes. Estivera fazendo isso durante as três últimas horas e estava esgotada.

Ela recordava Lucinda quando se encarregava desta tarefa. Uma vez lhe perguntou por que não contratava a alguém para fazê-lo, já que lhe parecia uma tarefa horrorosamente aborrecida, permanecer sentar durante horas escrevendo em centenas de envelopes. Lucinda lhe tinha respondido de maneira arrogante que uma senhora tinha que tomar o incômodo de convidar pessoalmente a cada um de seus convidados, o que Roanna interpretou como que significasse que era uma daquelas antiquadas regras de etiqueta sulina que seguiam vigentes, sem importar quão ilógica parecesse. Ela prometeu a si mesma que ela nunca faria algo tão aborrecido.

Agora, pacientemente, avançava com a lista de convidados. O trabalho seguia sendo aborrecido, mas agora entendia por que o costume seguia vigente; dava uma sensação de continuidade, de relação com aqueles que se foram. Sua vovó tinha feito isto, igual a sua bisavó, e sua tataravó, remontando-se a um longo número de gerações. Aquelas mulheres eram uma parte de si mesma, seus genes ainda viviam nela, embora aparentemente ela fosse o fim da linha genealógica. Somente tinha existido um homem para ela e ele não estava interessado. Fim de história, fim da família.

Resolutamente, Roanna se desprendeu de todo pensamento sobre Webb para poder se concentrar no trabalho manual. Estava acostumada a fazer qualquer papelada na escrivaninha do escritório, mas Webb estivera trabalhando lá essa manhã. Ainda sentia um pequeno sobressalto sempre que o via sentar-se na cadeira que tinha chegado a considerar como dela, sobressalto que não podia competir com a onda de felicidade que a embargava sempre ante sua visão.

Ela se retirou a uma ensolarada sala na parte de trás, porque era a mais privada e começou seu trabalho na escrivaninha dali. A cadeira resultou ser um instrumento de tortura ao passar nela mais de quinze minutos, assim que se mudou ao sofá, com o os papéis no colo. Suas pernas estavam dormentes. Quando Webb partiu depois do almoço para visitar Yvonne, aliviada, Roanna se aproveitou de sua ausência para se instalar a trabalhar no escritório. Sentou-se na poltrona e tudo pareceu de novo correto. A escrivaninha era da altura adequada, a poltrona cômoda e familiar.

Ela pertencia a esta cadeira, pensou. Entretanto, negou-se a sentir ressentimento. Aqui era onde se havia sentido necessária pela primeira vez em sua vida, mas logo teria algo que pertenceria unicamente a ela. A morte de Lucinda marcaria o final de uma etapa de sua vida e o começo de outra. Por que preocupar-se com este símbolo de poder quando de todos os modos logo partiria a outra parte? Tão somente lhe resultaria angustiante abandonar Webb, pensou, porque em realidade tudo isso tinha sido prometido a ele muito antes que ela assumisse, em sua ausência, a administração de Davencourt.

Havia uma enorme diferença entre a papelada financeira e escrever convites, ao menos quanto à importância de ambos, mas fisicamente era igualmente exaustivo. Trabalhando por fim com relativa comodidade, deixou a mente em branco enquanto continuava com os convites.

Ao princípio mal foi consciente de que a fadiga se apoderava de seu corpo, de tão acostumada que estava. Obrigou-se a ignorá-la e com cuidado escreveu uns convites a mais, mas, de repente, suas pálpebras ficaram tão pesados que mal podia mantê-las elevadas. Seu temor das duas últimas noites,de cair profundamente adormecida e voltar para o sonambulismo, tinha sido infundado; apesar da fadiga que invadia até o último canto de seu corpo, mal conseguia cochilar e, no total, conseguia dormir apenas algumas

horas a cada noite. A noite anterior, outra vez, tinha sido quase dolorosamente consciente da presença de Webb no quarto ao lado e tinha despertado várias vezes atenta a seus movimentos.

Agora era consciente de quão tranquila estava a casa. Webb tinha saído e Lucinda descansava. Greg e Brock estavam no trabalho. Glória e Lanette poderiam estar contra celebrar a festa, mas ambas saíram para comprar um novo vestido e Harlan foi com elas. Corliss desapareceu imediatamente depois do café da manhã, com um despreocupado "voltarei mais tarde," e nenhuma indicação de aonde ia.

Apesar do ar condicionado, o escritório estava aquecido pela intensidade do feroz sol de verão que entrava pelas janelas. As pálpebras de Roanna foram caindo pouco a pouco até que se fecharam completamente. Ela sempre tentava não dormir durante o dia porque isto só contribuía para ser mais difícil conciliar o sono à noite, mas às vezes a fadiga a vencia. Ali sentada, no tranquilo e quente escritório, perdeu a batalha por manter-se acordada.

Webb percebeu, assim que entrou na garagem, que o carro de Roanna estava em seu lugar, Corliss já tinha retornado e que Glória e Lanette ainda seguiam fora em suas compras. Foi, entretanto, a presença do carro de Roanna, o que fez que uma ardente chicotada de excitação percorresse seu corpo. Ela tinha tido reuniões vespertinas nos dois dias que estava de volta e ele esperava que essa tarde também tivesse saído, embora ela não houvesse dito nada sobre ter uma reunião. Na fechada estrutura social das pequenas cidades, os negócios e os compromissos sociais frequentemente se ocultavam, à maneira de antes. Até que ele não estivesse totalmente integrado de novo na sociedade do condado outra vez, Roanna teria que ocupar-se daquelas obrigações sozinha.

No entanto, não tinha esperado vê-la tão pouco. No passado, Roanna sempre estava junto dele, fosse o que fosse que ele estivesse fazendo. Quando tinha sete ou oito anos, tinha tido que impedir fisicamente que o seguisse dentro do banheiro e, assim, ela limitou-se a esperá-lo na porta. Claro que na ocasião, ela acabara de perder a seus pais e ele tinha sido sua única fonte de segurança; sua frenética dependência tinha cessado gradualmente conforme ela foi

se acostumando. Mas, inclusive quando se converteu em adolescente, sempre estava ali, seu rosto de criança, girado para ele como um girassol para o astro rei.

Mas já não era uma criança; converteu-se em uma mulher incrível, com a classe de estrutura óssea forte e definida, cuja beleza não sucumbiria à idade. Ele tinha lutado consigo mesmo para resistir à constante tentação; não podia aproveitar-se de sua angustiosa vulnerabilidade só para satisfazer sua luxúria. Maldita fosse sua aparência, entretanto, porque em vez de mostrar-se vulnerável, ela se tinha tornado completamente distante com ele e a maior parte do tempo nem sequer estava perto. Era como se o estivesse evitando de propósito e esta compreensão mexeu com ele profundamente. Ela se sentiria envergonhada porque se deitou com ele? Ele recordou a sua expressão fechada à manhã seguinte. Ou ela estava ressentida porque ele ia herdar Davencourt em vez dela?

Lucinda disse que Roanna não tinha interesse nenhum em comandar Davencourt, mas, e se ela estivesse equivocada? Roanna escondia muito detrás daquele aprazível e distante rosto. Houve um tempo em que ele tinha sido capaz de ler nela como em um livro aberto e agora se encontrava observando-a sempre que podia, tratando de decifrar a mínima piscada ou gesto que pudesse insinuar seus sentimentos. A maioria das vezes, entretanto, só via a fadiga que a consumia e a reservada paciência com que ela o suportava.

Se ele tivesse percebido antes o quanto seria malditamente exaustiva esta festa para ela, nunca teria estado de acordo em celebrá-la. Se ao entrar em casa ela seguisse trabalhando, ia obrigá-la a parar. Seu rosto estava pálido e abatido e umas escuras olheiras tinham aparecido sob seus olhos, prova de que não tinha dormido. A insônia era uma coisa; não dormir de noite e matar-se a trabalhar durante o dia outra muito distinta. Precisava fazer algo que a distraísse e pensou que um longo e relaxado passeio a cavalo era a resposta. Não só porque ela adorava montar, mas sim porque, além disso, poderia ser que o exercício físico obrigasse seu corpo a descansar essa noite. Também lhe faria bem; estivera passando longas jornadas de trabalho na poltrona quase a cada dia e sentia falta do exercício, quase tanto como a relaxante companhia dos cavalos.

Ele entrou na cozinha e sorriu a Tansy, que cantarolava feliz ao redor dos fogões, sem aparente pressa ou uma determinada

finalidade em seu perambular, mas conseguindo sempre uma enorme quantidade de deliciosas comidas. Tansy mal tinha mudado em todos os anos que a conhecia, pensou. Devia estar por volta dos sessenta, mas seu cabelo seguia tendo o mesmo tom grisalho que luzia quando chegou a viver em Davencourt. Era baixa e roliça, e sua boa natureza resplandecia em seus olhos azuis.

-Esta noite temos bolo gelado de limão de sobremesa, - disse-lhe, sorrindo amplamente, pois sabia que era seu favorito. – Assegure-se de deixar um espaço para ele.

-Pode estar segura. - O bolo gelado de Tansy era tão bom, que não lhe importaria que fosse o único prato do jantar. -Sabe onde está Roanna?

-Claro. Bessie acaba de vir aqui e me disse que a senhorita Roanna estava dormindo no escritório. Não me surpreende, olhe o que lhe digo. Somente olhando a pobre menina pode ver-se que as últimas noites foram ruins, inclusive pior que de costume.

*Ela estava dormindo*. O alívio batalhou contra a desilusão, porque esperava passear com ela.

-Não a incomodarei, - prometeu. -Lucinda despertou de seu descanso?

-Suponho que sim, mas ainda não desceu. - Tansy sacudiu tristemente a cabeça. -O tempo não passou em vão para a senhora Lucinda. As pessoas sabem quando os idosos começam a partir, porque inclusive deixam de comer o que antes os enlouqueciam. É o modo que a natureza vai apagando, suponho. A comida favorita de minha mãe, bendita seja sua alma, eram os cachorros quentes e a salada de couve, mas uns meses antes de falecer me disse que já não gostava e não voltou a comê-los.

O prato favorito de Lucinda, por cima de qualquer outro, era o quiabo. Gostava dele frito, cozido, em escabeche, de qualquer maneira em que estivesse preparado.

– Lucinda ainda come quiabo? - perguntou-lhe brandamente.

Tansy negou com a cabeça, com tristeza nos olhos.

-Diz que este ano não sente seu sabor.

Webb abandonou a cozinha e caminhou silenciosamente pelo

corredor. Dobrou a esquina e parou quando viu Corliss de costas, abrindo a porta do escritório e dando uma olhada ao interior. Soube imediatamente o que pensava fazer; a cadela ia fechar de repente a porta e despertar Roanna. Invadiu-o a fúria e saiu em movimento enquanto ela retrocedia e abria a porta quanto o seu braço lhe permitia. Ele a viu esticar os músculos de seu antebraço enquanto se dispunha a dar uma portada com todas suas forças,e justo então chegou junto a ela, e segurou com mão de aço a sua nuca. Ela deu um grito sufocado e ficou congelada.

Webb fechou a porta com suavidade e depois a arrastou longe do escritório, sujeitando-a ainda pelo pescoço com um hermético apertão. Girou-lhe a cabeça de modo que pudesse vê-lo. Jamais em sua vida estivera mais furioso e quis sacudi-la como se fosse uma boneca de pano. Em uma escala de importância de um a dez, despertar Roanna de um cochilo era algo mesquinho e rancoroso, apesar dela necessitar desesperadamente do sono. Mas ele se importava com essa mínima escala, porque Roanna verdadeiramente necessitava desse descanso, e aquela mesquinharia o zangava ainda mais por sua intrínseca estupidez. Corliss não ia conseguir ou ganhar malditamente nada incomodando Roanna; era simplesmente uma bruxa e ele não ia consentir com isso.

Seu rosto era uma máscara de pavor quando elevou o olhar para ele, que continuava sujeitando seu pescoço arqueado para trás em uma incomoda posição. Seus olhos azuis se exageraram alarmados ao ser apanhada quando pensava que estava sozinha, mas um olhar ardiloso já deslizava neles enquanto começava a tramar a forma de escapar deste apuro.

-Não se incomode em procurar desculpas, - disse ele, sem rodeios, mantendo o tom de voz para não incomodar a Roanna. -Talvez eu deva deixar algumas coisas claras e assim saberá exatamente qual é o seu lugar. Será melhor que reze para que, enquanto Roanna estiver dormindo, o ar nunca feche uma porta de repente, que um gato vagabundo não derrube nada, ou Deus não o permita, que você se esqueça de permanecer quieta. Porque não importa o que ocorra, se nesse momento estiver em alguma parte da propriedade, vou culpar você. E sabe o que passará então?

Ela mudou a expressão quando compreendeu que ele não ia escutar nenhuma de suas desculpas.

-O que?- zombou. – você irá procurar seu fiel suporte de ferro de lareira?

Sua mão se fechou ainda mais sobre seu pescoço, fazendo-a estremecer.

-Pior, - disse ele, com tom sedoso. -Ao menos para você. Expulsá-la-ei desta casa tão rápido que seu traseiro deixará uma marca na escada. Está claro? Minha tolerância é nula com os parasitas e você está roçando meu limite para o uso de pesticidas.

Ela se congestionou com um desagradável e escuro rubor e tentou empurrá-lo, mas Webb a dominou, arqueando as sobrancelhas enquanto esperava uma resposta.

-Bastardo, - cuspiu ela. -Tia Lucinda acredita que pode obrigar às pessoas a aceitá-lo, mas nunca o farão. Serão agradáveis contigo enquanto lhes convenha, mas assim que ela estiver morta, averiguará o que realmente pensam de você. Você só voltou porque sabe que se está morrendo e quer Davencourt e o dinheiro.

-E o terei, - ele disse, e sorriu. Não foi um sorriso amável, mas não se sentia amável. Desdenhosamente a soltou. -Lucinda disse que mudaria seu testamento se eu retornasse. Davencourt me pertencerá e você sairá daqui de um chute. Mas não só é uma cadela, mas também estúpida. Antes disso, era Roanna quem ia herdar em vez de mim, mas você esteve se comportando com ela como uma pirralha malcriada e rancorosa. Acredita que ela teria deixado que você ficasse aqui?

Corliss sacudiu a cabeça.

-Roanna é uma covarde. Posso convencê-la.

-É o que eu digo: estúpida. Ela não diz nada agora porque Lucinda é muito importante para ela e não quer alterá-la. Mas em qualquer caso, deveria começar a buscar outro lugar onde dormir.

-Minha vovó não deixará que me mande embora.

Webb bufou.

- Davencourt não pertence à Glória. Não é decisão dela.

-Tampouco é teu ainda! Podem passar muitas coisas até que a Tia Lucinda morra. - Fez que suas palavras soassem como uma

ameaça,e ele se perguntou que nova maldade estaria tramando.

Estava cansado de tratar com a pequena bruxa.

-Então talvez devesse acrescentar outra condição: Se abrir a boca e causar problemas,expulso-a daqui. Agora saia da minha frente antes que eu decida que você causou mais problemas do que em realidade fez.

Ela se afastou bruscamente dele, lhe dando as costas e meneando o traseiro para lhe demonstrar que não lhe tinha medo. Talvez não o tivesse, mas podia estar malditamente segura de que cumpriria sua palavra.

Silenciosamente ele abriu a porta do escritório para assegurar-se de que não tinham despertado Roanna com sua discussão. Tinha tratado de manter a voz baixa, mas Corliss não se incomodou em fazer o mesmo e sombriamente se prometeu que essa mesma noite a expulsaria se os olhos de Roanna estivessem abertos. Mas ela continuava adormecida, enroscada na poltrona da escrivaninha com sua cabeça encaixada em um canto do respaldo do assento. Ele permaneceu em pé na entrada, contemplando-a. Seu cabelo castanho escuro estava despenteado ao redor de seu rosto e o sono tinha proporcionado um delicado rubor a suas faces. Seus seios se moviam acima e abaixo com um lento e profundo ritmo.

Ela tinha dormido da mesma forma na noite que passaram juntos; o pouco tempo que ele a deixou dormir. Se ele soubesse então o verdadeiramente raro que um profundo e reconstituidor sono era para ela, não a teria despertado tantas vezes. Mas imediatamente depois, cada uma das vezes, ela se tinha enroscado em seus braços, daquela mesma maneira, com sua cabeça descansando sobre seu ombro.

Uma afiada pontada de desejo o atravessou. Gostaria de poder abraçá-la daquela forma outra vez, pensou. Poderia dormir em seus braços tanto tempo como quisesse.

## Capítulo 16

Corliss ia tremendo enquanto subia as escadas, mas era um tremor, mas interno que externo. Necessitava algo já. Entrou a toda pressa em seu quarto e fechou a porta, e então começou a procurar freneticamente em todos seus esconderijos favoritos: no interior do diminuto quebrado do fundo do sofá, dentro do bote vazio do demaquilante, no abajur, nas fôrmas para os sapatos. Encontrou exatamente o que esperava, nada, mas, ainda assim, precisava assegurar-se de havê-lo registrado tudo.

Como se tinha atrevido a lhe falar assim? Sempre o tinha odiado, tinha odiado Jessie, a Roanna. Não era justo! Por que tinham tido eles que viver em Davencourt enquanto ela teve que fazê-lo naquela estúpida casinha? Durante toda sua vida a tinham desprezado no colégio como a parenta pobre dos Davenport. Mas às vezes as coisas boas ocorrem, como quando mataram Jessie e culparam Webb disso. Corliss se tinha regozijado em silêncio; Deus, tinha sido tão difícil não rir ante aquele giro dos acontecimentos! Mas se tinha comportado como se esperava que o fizesse, pareceu apropriadamente triste, e quando Webb se mudou, as coisas logo voltaram para a normalidade e sua família se transladou para Davencourt, onde deveriam ter vivido todos aqueles anos, depois de tudo.

Teve então montões de amigos, gente que sabia divertir-se de verdade e não presumidos dos de "meu tataravó lutou na Guerra", dos que luziam e não arrotavam em presença das damas. Que fantoches. Seus amigos, sim, sabiam divertir-se.

Tinha sido esperta, manteve-se longe das drogas pesadas. Nada de chutar-se, disso nada. Aquela merda podia matá-la. Gostava ao álcool, mas o que de verdade adorava era aquele doce pó branco. Uma linha e adeus às preocupações; sentia-se no topo do mundo, a melhor, a mais bonita, a mais sexy. Uma vez se havia sentido tão malditamente atrativa que o tinha transado com três tios de uma vez, um depois de outro, e por último os três juntos, e os tinha esgotado aos três. Tinha sido de loucura, havia-se sentido a melhor, não havia tornado a ter sexo assim após. Gostaria de fazê-lo de novo, mas agora lhe custava mais voar e, em realidade, desfrutava mais disso

que de foder. Além disso, um par de vezes teve um pequeno problema um ou dois meses depois e tinha tido que partir ao Memphis onde ninguém a conhecia para ocupar-se dele. Preferia não ter um pãozinho no forno que lhe arruinasse a diversão.

Mas todos seus esconderijos estavam vazios. Não tinha nada de coca e nada de dinheiro. De forma desesperada, vagou pelo quarto, tratando de pensar. Tia Lucinda sempre guardava um bom maço de notas no moedeiro, mas este estava em seu quarto e a velha estava ainda em sua suíte, assim não podia agarrá-lo. A vovó e sua mãe se foram às compras, por isso teriam levado todo o dinheiro com elas. Mas Roanna estava dormindo no escritório... Corliss sorriu para seus adentros enquanto saía furtivamente de sua suíte e cruzava às pressas o patamar superior por volta do quarto de Roanna.

Pensou que depois de tudo tinha sido algo bom que Webb lhe tivesse impedido de fechar de repente aquela porta. Deixa que a pequena e querida Roanna durma, a estúpida vadia.

Silenciosamente, penetrou no quarto de Roanna. Esta sempre guardava suas bolsas ordenadamente no armário como uma menina boa. Corliss levou só um momento para achar a carteira de Roanna e contar o dinheiro. Só oitenta e três dólares, maldição. Inclusive alguém tão obtusa como Roanna notaria que lhe faltavam um par de notas de vinte. Poucas vezes se incomodava em procurar no moedeiro de Roanna por esta razão, quase nunca levava muito dinheiro.

Seus olhos caíram sobre o talão de cheques, mas resistiu à tentação, teria que assinar um recibo para torná-lo dinheiro e, de todos os modos, a caixa do banco poderia dar-se conta de que não era Roanna. Esse era o problema das cidades provincianas, todo mundo conhecia todo mundo.

Entretanto, o cartão de crédito era outra coisa. Se somente pudesse encontrar a senha de Roanna... Rapidamente começou a tirar todos os recibos do moedeiro. Supunha-se que ninguém anotava seu PIN, mas todo mundo o fazia. Encontrou uma parte de papel, dobrado com esmero, com quatro números apontados. Riu pelo baixo enquanto agarrava uma caneta do interior da bolsa e rabiscou o número sobre a palma da mão. Possivelmente não fora o PIN, mas e o que? O pior que lhe podia passar era que a maquina não lhe desse dinheiro, não era como se fosse chamar Roanna e dedurar-se dela.

Sorrindo, guardou-se o cartão no bolso. Isto era melhor que pilhar vinte aqui e ali. Tiraria um par de centenas, devolveria o cartão a Roanna antes que esta sentisse falta e teria um pouco de diversão essa noite. Infernos, até poria o comprovante na pasta onde Roanna guardava essas coisas; daquela forma, não haveria nenhuma discrepância quando lhe chegasse o extrato de contas. Era um bom plano; teria que usá-lo mais vezes, inclusive pensou que seria divertido usar o cartão da tia Lucinda de vez em quando, se podia consegui-lo, e as alternar em vez de usar sempre a mesma. A variedade era o sal da vida. Isto, além disso, reduzia as possibilidades de ser pega, que era o mais importante; isso e conseguir massa.

Por volta das oito dessa mesma noite, Corliss se sentia muito melhor. Depois do "golpe" ao caixa eletrônico, tinha-lhe levado algum tempo encontrar a seu fornecedor habitual, mas por fim o tinha localizado. O pó branco a incitava e ansiava aspirá-lo todo de uma só vez, mas sabia que era mais inteligente racioná-lo, porque não havia segurança de quão frequentemente poderia jogar mão de outro cartão de crédito. Permitiu-se uma única raia, o bastante para acalmar sua ansiedade.

Já se sentia de humor para divertir-se. Passou-se por seu bar favorito, mas nenhum de seus amigos estava ali e se sentou sozinha, cantarolando um pouco. Pediu sua bebida favorita, daiquiri de morango, que adorava porque da forma que o garçom os mesclava eram uma bomba alcoólica, mas ao mesmo tempo tinham o aspecto de ser um desses coquetéis delicados que as senhoritas bem educadas tomavam.

Entretanto, quanto mais tempo passava ali sentada mais se escurecia seu humor. Tratou de aferrar-se à euforia induzida pela droga, mas esta, como sempre, ia desvanecendo e lhe deu vontade de gritar. O daiquiri estava bom, mas o álcool não lhe funcionava tão bem como a coca. Talvez se tomasse um bom porre, ajudaria.

Passada uma hora eterna, nenhum de seus amigos apareceu. Eles teriam ido a outro lugar sem avisá-la? Sentiu uma pontada de pânico. Ninguém sabia que Webb a tinha ameaçado de expulsá-la de Davencourt, ainda não.

Desesperadamente terminou a sorvos o daiquiri, tratando de

não tirar um olho da estúpida sombrinha turquesa. Ou o canudinho era mais curto que de costume, ou aquela maldita sombrinha aumentou. Não tinha tido esse problema com as duas primeiras taças. Fulminou com o olhar ao garçom, perguntando-se se ele não teria feito uma sacanagem, mas nem sequer a olhava, assim decidiu que não.

Os cadáveres das outras duas sombrinhas estavam diante dela. Uma amarela, e a outra rosa. Se as colocasse todas juntas teria um bonito ramalhete de sombrinhas. Yuhuu! Talvez as guardasse para colocá-las na sepultura de Tia Lucinda. Olha que ideia; quando o velho morcego morresse, teria juntado o suficiente para lhe fazer uma coroa funerária verdadeiramente bonita.

Ou talvez pudesse enfiá-lo garganta abaixo de Webb Tallant. Morte por overdose de sombrinhas; soava bem.

O bastardo lhe tinha dado um susto de morte essa tarde quando a tinha segurado. E o olhar em seus olhos. Deus! Era o olhar mais frio e desumano que tinha visto em sua vida e por causa de nada! O sono de beleza da senhorita "Sempre digo o correto" não tinha sido interrompido e Deus sabia que necessitava tudo o que pudesse conseguir. Corliss riu, mas sua alegria murchou quando recordou a ameaça de Webb.

Odiava-o. Por que ele tinha que ter tudo? Não merecia. Irritava-a que sempre que ele fosse o escolhido, o favorito, quando seu parentesco com Tia Lucinda não era mais próximo que o seu. Era um miserável e um egoísta, a velha bruxa iria deixar Davencourt para ele, e ele não lhe permitiria seguir vivendo ali quando Tia Lucinda morresse. Era muito injusto!

Apesar de não gostar de Roanna, ao menos ela era uma verdadeira Davenport e não se sentiria tão mal se Davencourt ficasse para ela. Uma merda que não, replicou-se. Roanna era uma estúpida covarde, que tampouco merecia Davencourt. O único fato bom de que Roanna herdasse a casa era que Corliss sabia que podia manipulá-la com uma mão presa as costas. Teria a esse ratinho tão assustado que ela se apressaria a lhe entregar a droga em vez de obrigar Corliss a roubá-la.

Mas se tia Lucinda não ia deixar Davencourt a Roanna, então não era justo que Webb ficasse! Poderia ser que tia Lucinda não acreditasse que Webb tinha assassinado Jessie, mas Corliss tinha sua

própria opinião, reforçada pela expressão que tinha visto em seu rosto essa mesma tarde. Não tinha a menor dúvida de que podia assassinar. Por que durante um instante tinha acreditado realmente que ele ia matá-la, e tudo por uma pequena brincadeira que pensava em fazer. Só tinha pensado em dar uma portada, não é que realmente fosse a fazê-lo. Mas ele a tinha segurado e tinha machucado seu pescoço, o bastardo.

Alguém sentou no tamborete junto ao dela.

– Tem aparência de que necessita outra taça, - ronronou em seu ouvido uma suave voz masculina.

Corliss lançou uma desdenhosa olhada ao homem sentado junto a ela. Era muito bonito, supôs, mas muito velho.

– Cai fora, velhote!

Ele riu.

-Não deixe que os cabelos brancos enganem. Só porque há neve no telhado não significa que não haja fogo no forno.

-Sim, sim, já ouvi tudo isso antes, - disse aborrecida. Deu outro gole ao daiquiri. -Quem teve, mantém e tudo isso. E eu com isso? Que se foda… e não tome isso como um convite.

-Não estou interessado em foder contigo, - disse ele, e soou ainda mais aborrecido que ela.

Ela ficou tão surpreendida por sua declaração que o olhou, olhou-o de verdade. Viu o espesso cabelo que se tornou quase totalmente grisalho e um corpo que continuava sendo poderoso e estando em forma apesar de que devia rondar os cinquenta. Mas foram seus olhos os que a apanharam, pensou; eram os olhos mais azuis que tinha visto e olhar em seu interior era como fazê-lo nos de uma serpente: inexpressivos e totalmente carentes de sentimento. Isso provocou calafrios, mas não podia evitar sentir-se fascinada.

Ele fez um gesto com a cabeça em direção às sombrinhas esparramadas sobre o balcão.

– Você tomou as taças a toda velocidade. Um mau dia?

-Não sabe nem a metade, - disse ela, mas então riu. -Entretanto, a coisa parece melhorar.

-Então, por que não me conta? - convidou-a ele. -É Corliss Spence, verdade? Não vive em Davencourt?

Frequentemente esta era uma das primeiras coisas que a gente lhe perguntava quando a apresentavam. Corliss adorava a distinção que lhe proporcionava, a sensação de ser alguém especial. Webb iria arrebatá-la e o odiava por isso.

-Sim, vivo lá, - disse ela. -Ao menos por enquanto.

O homem levou sua taça à boca. Pela cor do líquido, parecia Bourbon seco. Tomou vários sorvos enquanto a contemplava com aqueles glaciais olhos azuis.

-Dá-me a sensação de que dentro de pouco você vai tirar seu traseiro de lá. Deve ser bastante incômodo viver com um assassino.

Corliss pensou na mão de Webb lhe apertando o pescoço, e tremeu.

- É um bastardo, - disse. - Vou mudar-me logo. Hoje me atacou sem motivo!

- Conte-me, - insistiu ele outra vez, e lhe estendeu a mão. -A propósito, meu nome é Harper Neeley.

Corliss apertou sua mão e sentiu uma pequena sacudida de atração. Seria um tanto velho, mas havia algo nele que a fez estremecer. Entretanto, por agora, estava mais que encantada de contar a seu novo amigo tudo o que queria saber sobre quão odioso era Webb Tallant.

Roanna se arrependeu de ter sucumbido ao sono durante a tarde. No momento tinha sido muito reparador, mas agora enfrentava a outra longa noite acordada. Tinha subido as dez em ponto e tinha realizado todo o ritual noturno, vestindo a camisola, escovando os dentes, metendo-se na cama, tudo para nada. Soube desde o começo que o sono demoraria muito em chegar, se é que o fizesse, assim saiu da cama e se enroscou na poltrona. Pegou o livro que estava tentando ler as duas últimas noites e finalmente conseguiu concentrar-se nele.

Webb subiu as onze e ela apagou o abajur de leitura enquanto o escutava tomar banho. Olhou o rastro de luz que saía de seu quarto, se perguntando se ele se aproximaria das janelas e assim ela poderia ver sua sombra sobre a varanda. Não o fez; sua luz se apagou e se fez o silêncio no outro quarto.

A luz de seu abajur atraía aos mosquitos, por isso Roanna sempre mantinha as portas que davam para a varanda fechadas enquanto lia, assim não poderia ouvi-lo se ele abrisse as suas portas nessa noite. Permaneceu silenciosamente sentada na escuridão, esperando que tivesse passado tempo suficiente para que ele dormisse, rogando para ela poder fazer o mesmo. Olhou os ponteiros fluorescentes do relógio até que passava da meia-noite; só então reacendeu o abajur e retomou a leitura.

Uma hora mais tarde bocejou e descansou o livro no colo. Mesmo que não pudesse dormir, estava tão cansada que só queria era se deitar. Deu uma olhada para fora e viu que se aproximava uma tempestade noturna; pôde ver o vermelho brilho dos relâmpagos, mas por agora estava tão longe que não pôde ouvir nenhum trovão. Possivelmente, se abrisse as portas e ficasse na cama, sentiria mais perto a tempestade, trazendo a doce chuva com ela. A chuva era seu melhor sedativo, embalando-a, até que caía no mais reparador dos sonos.

Estava tão cansada que demorou um longo momento para dar-se conta de que os relâmpagos não eram vermelhos. Não havia nenhuma tempestade.

Havia alguém na varanda, sua escura silhueta podia apenas ser discernida entre as sombras.

Estava olhando-a.

Webb.

Reconheceu-o imediatamente, tão rápido que não lhe deu tempo de assustar-se com a ideia de que houvesse um estranho na varanda. Estava fumando e o cigarro descreveu um luminoso arco avermelhado quando o levou aos lábios. A ponta acesa brilhou ainda com mais força quando lhe deu uma imersão e com a breve labareda ela pôde distinguir as duras feições de seu rosto, suas altas e fortes maçãs do rosto.

Ele estava recostado contra o corrimão, justo no limite da

claridade que escapava de seu quarto. Uma luz prateada e fantasmagórica brilhava sobre seus ombros nus, procedente das estrelas que tapavam o céu noturno. Ele usava uma calça escura, os jeans possivelmente, mas nada mais.

Ela não tinha nem ideia de há quanto tempo ele estava lá fora, fumando e contemplando-a em silêncio através do vidro das janelas de seu quarto. Respirou profundamente, tomando consciência física dele tão repentina e intensamente que o impacto lhe doeu. Devagar, recostou a cabeça contra o respaldo da poltrona e lhe devolveu o olhar. Foi agudamente consciente de sua nudez sob o tecido de sua modesta camisola: os seios que ele tinha beijado, as coxas que tinha separado. Ele também recordaria essa noite?

Por que ele não estava dormido? Era quase uma e meia.

Ele girou e lançou o cigarro por cima do corrimão, para a erva coberta de orvalho. O olhar de Roanna seguiu automaticamente o movimento, o arco de fogo, e quando voltou a vista atrás, ele já não estava.

Ela não o ouviu fechar as portas. Ele teria entrado ou estaria passeando pela varanda? Com suas próprias portas fechadas, não podia ouvir se abria ou se fechavas as outras. Ela se esticou e apagou o abajur, inundando de novo o quarto em escuridão. Sem luz, podia ver claramente a varanda, banhada pela fraca e prateada luz das estrelas. Ele não estava lá.

Ela tremia imperceptivelmente enquanto se dirigia lentamente para a cama. Por que ele estivera ali a olhando? Tinha alguma intenção em particular ou estava do lado de fora fumando e olhando sua janela porque tinha luz?

O corpo lhe doía e cruzou os braços sobre seus palpitantes seios. Tinha passado duas semanas desde aquela noite em Nogales e desejava sentir sua carne quente e nua contra ela outra vez, seu peso afundando-a no colchão, movendo-se sobre ela, dentro dela. A leve dor sofrida pela perda de sua virgindade se desvaneceu para longe e desejou senti-lo dentro outra vez. Desejou ir até ele no silêncio da noite, deitar em sua cama a seu lado, lhe dar de presente seu próprio corpo.

O sono nunca estivera mais inalcançável.

Ele lhe dedicou um penetrante olhar quando entrou no escritório à manhã seguinte. Ela tinha usado maquiagem para dissimular as escuras olheiras sob seus olhos, mas ele se deu conta imediatamente de seu esforço.

- Uma noite ruim,verdade? - perguntou, bruscamente. – Você conseguiu dormir algo?

Ela negou com a cabeça, mas manteve o rosto inexpressivo, assim não poderia adivinhar sua tortura física.

- Não, mais tarde estarei bastante cansada para dormir. Estou acostumada.

Ele fechou o arquivo que tinha aberto sobre a escrivaninha, apertou a tecla de saída no teclado e desligou o computador. Ficou em pé com ar decidido.

- Vá trocar de roupa, - ordenou-lhe. - Jeans e botas. Vamos dar um passeio a cavalo.

Ante a frase *passeio a cavalo*, todo seu corpo se sentiu consumido pela impaciência e renovado de energia. Inclusive tão cansada como estava, sair a cavalgar soava como algo celestial. O cavalo movendo-se brandamente debaixo ela, a brisa lhe acariciando o rosto, o ar quente e puro renovando seus pulmões. Nada de reuniões, nem horários que cumprir, nem pressão. Mas então recordou que tinha um horário e uma reunião, e suspirou.

-Não posso. Tenho…

-Não me importa que reunião tenha hoje, - interrompeu-a. - Ligue e diga que não irá. Hoje, a única coisa que fará será relaxar e é uma ordem.

Ainda assim, ela vacilou. Durante dez anos, toda sua vida estivera focada no dever, ocupando-se dos negócios, tratando de encher o vazio deixado por sua partida. Era difícil voltar as costas de repente a dez anos de costume.

Ele pôs as mãos sobre seus ombros e a girou para a porta.

-É uma ordem, - repetiu com firmeza, e lhe deu uma leve tapa no traseiro para pô-la em marcha. Supunha-se que era um açoite, mas foi tão suave que parecia mais um toque carinhoso. Ele retirou a mão antes que se prolongasse, antes que seus dedos pudessem

curvar-se sobre a firme nádega que acabava de tocar.

Ela parou na porta e olhou para trás. Ele notou que estava ligeiramente ruborizada. Por que ele lhe tinha acariciado o traseiro?

- Não sabia que você fumava, - disse ela.

- Geralmente não. Um maço dura um mês ou mais. Termino jogando fora porque a maioria dos cigarros estraga.

Ela abriu a boca para lhe perguntar por que estivera fumando a noite anterior se não era seu costume, mas tragou as palavras. Não queria enche-lo de perguntas pessoais como fazia quando era uma menina. Tinha tido muita paciência com ela, mas agora sabia que tinha sido um incômodo para ele.

Em troca, dirigiu-se em silêncio ao andar superior para mudar de roupa, sentindo o coração tão rápido como seu corpo. Um dia inteiro para si mesma, sem nada mais a fazer que cavalgar? Era o paraíso!

Webb devia ter avisado aos estábulos, porque Loyal os esperava com dois cavalos já selados. Roanna o olhou surpreendida. Ela sempre tinha se ocupado de sua montaria desde que foi o suficientemente grande para levantar uma cela.

– Eu mesma o selaria, - protestou.

Loyal lhe sorriu amplamente.

-Sei, mas pensei em lhe economizar tempo. Já não cavalga tão frequentemente, assim quis que tivesse uns minutos extras.

Buckley, seu favorito de sempre, já tinha já quinze anos e só o montava para passear sem pressa, sobre terreno plano. O cavalo que Loyal tinha escolhido para ela hoje era uma égua robusta, não muito veloz, mas com patas de aço e muita resistência. Percebeu que a montaria de Webb tinha características semelhantes. Loyal teria suposto que iriam sair para algo mais que um simples trote de lazer.

Webb saiu de uma das baias onde estivera acariciando seu ocupante - um potro brincalhão que esteve brincando rudemente do lado de fora com outros potros e que recebeu um coice que lhe causou um corte na perna.

- Seu bálsamo ainda faz milagres, - disse a Loyal. - Esse corte

parece ter já uma semana em vez de apenas dois dias.

Ela tomou as rédeas que Loyal sustentava e ambos montaram em suas selas. Roanna sentiu como se seu corpo mudasse, a velha magia se infiltrou em seus músculos como sempre fazia. Por instinto, se alinhou ao ritmo do cavalo a partir do primeiro trote deste, sua força fluindo para ela, contagiando seus ágeis membros com um movimento cheio de graça.

Webb manteve seu cavalo um passo atrás, principalmente pelo prazer de olhá-la. Ela era a melhor amazona que tinha visto em toda a sua vida. Ele mesmo tão bom na equitação que se tivesse desejado, poderia ter competido com êxito em qualquer prova equestre, ou de saltos, ou no rodeio, mas Roanna era ainda melhor. Às vezes, a cada década mais ou menos, surgia um atleta na competição cujos movimentos transcendiam o meramente esportivo, convertendo cada jogo, encontro ou competição em arte, e isso era o que supunha contemplar Roanna quando cavalgava. Inclusive quando apenas passeava, como agora, e montava pelo simples prazer de fazê-lo, os movimentos de seu corpo eram fluídos como se adaptasse e controlasse cada matiz do movimento do animal embaixo ela.

Ela teria o mesmo aspecto se o montasse? Ficou sem respiração. Suas esbeltas coxas esticando-se e relaxando-se, elevando-a e deixando-a depois cair, deslizando-se sobre sua ereção, de modo que o envolvesse com uma suave sucção enquanto seu torso se movia com aquele gracioso balanço…

Ele interrompeu o pensamento quando o sangue se acumulou na virilha e se moveu incomodamente. Ter uma ereção enquanto cavalgava não era uma boa ideia, mas lhe era difícil dissipar a imagem. Cada vez que a olhava, via a curva de seu traseiro e se recordava tocando-a, acariciando-a, penetrando-a firme e profundamente e gozando dentro dela com uma força que o fez sentir como se tivesse explodido.

Ele iria machucar seriamente suas partes se não deixasse de pensar nisso. Secou as gotas de suor sobre as sobrancelhas e deliberadamente arrancou seu olhar de seu traseiro. Ele contemplou as árvores, as orelhas do cavalo, tudo exceto ela, até que sua ereção desapareceu e se sentiu cômodo outra vez.

Eles não se falaram. Roanna havia se tornado muito calada e agora parecia tão completamente absorta no prazer de cavalgar que

não quis incomodá-la. Desfrutou também da liberdade concedida. Estivera trabalhando todo o tempo desde que pôs um pé em Davencourt e não teve tempo para se acomodar. Seus olhos estavam acostumados às áridas e majestosas montanhas e às intermináveis extensões de céu, aos cactos e arbustos rodantes, às nuvens de pó e um ar tão seco que podia ver cinquenta milhas. Adaptou-se ao calor seco e quente, aos córregos que repentinamente ficaram cheiros pela chuva do dia anterior e corriam descontroladamente.

Ele tinha esquecido quanto este lugar era malditamente verde, possuía cada matiz dessa cor da criação. Isso encheu seus olhos, os poros de sua pele. O ar era denso e nebuloso pela umidade. As árvores de folha seca e as plantas de folha perene rangiam brandamente balançados por uma brisa tão leve que ele não podia senti-la, as flores silvestres balançavam seus multicoloridos bulbos, as aves elevavam o voo, elevando-se e gorgojeando e os insetos zumbiam.

Todo isso o impactou com força, como um golpe no ventre. Tinha desenvolvido um verdadeiro amor pelo Arizona e não esqueceria jamais aquela parte de sua vida, mas isto era o seu lar. Aqui era onde estavam suas raízes, gerações delas arraigadas no fértil chão. Os Tallants tinham vivido aqui durante quase duzentos anos e, mesmo cem anos antes disto, se contava a herança Cherokee e Choctaw que corria por sua linhagem.

Não se permitiu ter saudades do Alabama quando partiu. Concentrou-se unicamente no futuro e no que poderia construir com suas próprias mãos no novo lar que tinha escolhido. Mas agora que estava de volta, era como se sua alma tivesse ressuscitado. Comandar a sua família, apesar dos temperamentais e ingratos que alguns eram. Não gostou de ter a tantos Tallants vivendo à custa dos Davenports e sem mover um maldito dedo para manter-se. Lucinda era o vínculo entre os Davenports e os Tallants e quando ela morresse... Olhou a esbelta figura que cavalgava diante dele. A família não tinha sido muito prolífica e os inoportunos falecimentos tinham dizimado seus descendentes. Roanna seria a última sobrevivente dos Davenport, a última da linhagem.

Sem importar o que tivesse que fazer, manteria o legado dos Davenport intacto para ela.

Cavalgaram durante horas, pulando inclusive o almoço. Não

gostava que ficasse sem qualquer refeição, mas ela parecia tão relaxada, com um ligeiro rubor nas faces, que decidiu que a compensaria. Ele se asseguraria de que de agora em diante tivesse tempo para dar um passeio a cada dia, se o desejasse, e não seria má ideia que aplicasse a si mesmo a mesma decisão.

Ela não brilhava com o entusiasmo que antigamente possuía, falando sem parar e fazendo-o rir com seus extravagantes e às vezes escandalosos comentários. Essa Roanna nunca voltaria, pensou com uma pontada de tristeza. Não só era o trauma que a tinha convertido na mulher reservada e controlada que era agora; tinha crescido. De todos os modos, teria mudado, embora não até esse ponto; o tempo e as responsabilidades tendiam a transformar as pessoas. Sentiria falta de diabinha insolente, mas a mulher na qual se converteu o tinha cativado de um modo que nunca ninguém o tinha feito. Essa volátil mistura de luxúria e reserva o enlouquecia, os dois instintos batalhando mutuamente.

Ele tinha saído à varanda a noite anterior e a tinha contemplado através da janela enquanto ela lia. Emoldurada por suave resplendor, enroscada em uma enorme poltrona que diminuía seu corpo esguio. A luz ressaltava os brilhos avermelhados de seu cabelo castanho, fazendo-o resplandecer com ricos e escuros matizes. Uma modesta e branca camisola a envolvia até os tornozelos, mas pôde entrever a débil sombra de seus mamilos sob o tecido, o tom mais escuro do vértice de suas coxas, e soube que a camisola era tudo o que vestia.

Soube que poderia entrar em seu quarto e ajoelhar-se diante daquela poltrona, e ela não protestaria. Poderia deslizar suas mãos sob o tecido até as curvas de seu traseiro e puxar ela para ele. Ele ficou duro como uma rocha, pensando nisso, imaginando a sensação dela deslizando-se sob seu corpo.

Então ela tinha elevado a vista, como se houvesse sentido o ardor de seus pensamentos. Seus olhos castanhos, da cor do uísque, eram como dois misteriosos lagos sombreados quando o olhou fixamente através do vidro. Sob o branco tecido, seus mamilos se endureceram, convertidos em picos diminutos.

Tão somente isso, o corpo dela lhe tinha respondido. Um olhar. Uma lembrança. Podia havê-la tido então. Podia tê-la agora, pensou, olhando-a.

*Estaria grávida?*

Era muito cedo para que seu corpo mostrasse algum sinal, mas ainda assim, de todos os modos, ansiou despi-la, atraí-la para si com suas enormes mãos para poder examinar minuciosamente cada centímetro dela à brilhante luz do sol, memorizar de tal modo que no futuro fosse capaz de notar até a mais insignificante mudança nela.

Ele tinha que tirar isso da cabeça.

Roanna parou. Ela se sentia eufórica pelo passeio, mas seus músculos lhe diziam que já estava há muito tempo sobre a sela.

-Preciso caminhar um momento,- disse, desmontando. -Estou um pouco endurecida. Você pode continuar se quiser.

Ela quase desejou que o fizesse; era uma fonte de tensão, estar a sós com ele, cavalgar junto a ele em perfeita harmonia, como faziam antes. Relaxada e com a guarda baixa, várias vezes quase se girou para ele com um comentário engraçado na ponta da língua. Conteve-se todas as vezes, mas a possibilidade de escapar a tinha deixado nervosa. Seria um alívio ficar sozinha.

Mas ele também desmontou e acomodou seu passo ao dela. Roanna deu uma olhada à sua expressão e rapidamente desviou o olhar. Tinha o queixo apertado e olhava fixamente para frente como se não pudesse suportar nem sequer olhá-la.

Aturdida, perguntou-se o que tinha feito de errado. Caminharam em silêncio, com os cascos dos cavalos ressonando atrás deles. Não tinha feito nada de errado, compreendeu. Mal tinham falado. Não tinha nem ideia do que o incomodava, mas se negou a assumir automaticamente a culpa do modo que sempre fazia no passado.

Ele pôs uma mão sobre seu braço e a fez parar.

Os cavalos pararam, perfilando atrás deles. Ele lhe dirigiu um olhar interrogativo e permaneceu quieto. Seus olhos eram de um profundo e intenso verde, brilhando com um ardor que nada tinha a ver com cólera. Estava parado muito perto dela, tão perto que poderia sentir o úmido calor de seu corpo suado e seu amplo peito se elevava e descia com profundas e árduas inalações.

O impacto da luxúria masculina a golpeou como um raio e ela cambaleou. Aturdida, tratou de pensar, retroceder, mas algo dentro dela se desligou de sua vontade. Ele a desejava! A felicidade floresceu em seu interior, um íntimo e dourado resplendor que apagou anos de tristeza. As rédeas caíram de seus dedos relaxados, se inclinou para frente, como se jogasse de uma sela invisível, ficando nas pontas dos pés enquanto seus braços rodeavam seu pescoço e sua boca suave se oferecia à dele.

Ele ficou tenso em seu abraço, só um segundo, então também soltou as rédeas de seu cavalo e seus braços se fecharam ao redor dela, esmagando-a com força contra ele. Sua boca foi igualmente feroz contra a sua, afundando a língua profundamente. Comportava-se quase com selvageria, a força de seu beijo machucando seus lábios, seu férreo abraço comprimindo suas costelas. Podia sentir o relevo de sua ereção pressionando sobre a suave junção de suas coxas.

Ela não podia respirar; uma vertiginosa escuridão começou a invadir sua consciência. Desesperadamente, arrancou sua boca da dele e sua cabeça caiu para trás como uma flor muito pesada para o frágil caule. Seu corpo estava em chamas e não se importou, não lhe importava o que ele fizesse, deixaria que ele a tomasse ali mesmo, agora, sobre o chão, sem sequer uma manta que cobrisse a terra. Tinha ansiado seu tato, sofria por seu…

-Não!- exclamou ele, roucamente, pondo suas mãos sobre seus quadris e obrigando-a a se afastar dele. - Maldição, não!

A rejeição lhe foi tão impactante quanto seu visível olhar de luxúria anterior. Roanna cambaleou, seus joelhos tremiam muito para sustentá-la erguida. Ela segurou-se às crinas de seu cavalo, enroscando os dedos sobre a grossa pelagem e deixando que o enorme animal suportasse seu peso quando se apoiou contra ele. Toda a cor se evaporou de seu rosto enquanto olhava Webb atônita.

-O que?- ofegou.

-Disse-lhe isso, - respondeu ele, em tom selvagem. -O que passou em Nogales não se repetirá.

Um vazio gelado se fez no mais profundo de seu ventre. Santo Deus,enganou-se. Tinha interpretado mal aquela expressão em seu rosto. Não a tinha desejado absolutamente, mas, sim, estava furioso

por algo. Tinha ansiado tão desesperadamente que a quisesse que tinha ignorado tudo o que ele havia dito e só prestou atenção a seu próprio, eterno e desesperado desejo. Expôs-se completamente ao ridículo e acreditou que morreria de vergonha.

-Sinto muito, - conseguiu balbuciar, afastando-se dele. O cavalo bem treinado,retrocedeu também, seguindo-a. - Não pretendia...Sei que prometi… Oh, Deus!- Com este último gemido desesperado, lançou-se sobre o lombo do cavalo e com um golpe de calcanhar o pôs ao galope.

Ela o ouviu gritar algo, mas não parou. As lágrimas lhe turvavam a visão quando se inclinou sobre o pescoço do cavalo. Ela não se acreditava capaz de voltar a olhá-lo no rosto nunca mais e não sabia se alguma vez seria capaz de se recuperar dessa rejeição final.

Webb ficou olhando fixamente enquanto ela se afastava, seu próprio rosto lívido, suas mãos penduradas em punhos a seus lados. Amaldiçoou-se, empregando cada insulto que tinha escutado em sua vida. Deus, não podia ter feito! Mas estivera agonizando de desejo todo o dia e quando ela se lançou contra ele, se perdeu. Uma ardente maré de luxúria o tinha sufocado e ele tinha deixado de pensar, simples assim. Ele a teria empurrado contra o chão e a teria tomado ali mesmo, afundando-a na terra suja, mas ela se apartou dele e sua cabeça tinha caído para trás como se fosse um boneca de pano e, de repente, se deu conta de como a tratava.

Ele a tinha obrigado ir para a cama com ele em Nogales, usando a chantagem como um meio de apagar seu desejo por ela. Esta vez estivera a ponto de usar a força bruta. Tinha conseguido se apartar do abismo, mas a duras penas. Deus, com muita dificuldade. Tão somente a tinha beijado, nem sequer lhe havia tocado os seios ou lhe tinha tirado nada de roupa, e estivera à beira do orgasmo. Poderia sentir a umidade do líquido pré-seminal em sua roupa interior.

E então a separou com um empurrão; a Roanna, que tinha sofrido já tantas rejeições que se isolou de todo o mundo antes de lhes dar o poder de feri-la de novo. Só ele conservava esse poder, ele era sua única debilidade e, com a crua e selvagem frustração que o cegava, tinha-a afastado. Ele desejou explicar lhe, dizendo que não queria se aproveitar dela do modo que o fez em Nogales. Queria falar com ela sobre aquela noite; perguntar para quando ela esperava sua

menstruação, se já não estava atrasada. Mas as torpes palavras que tinham saído de sua boca tinham sido como um soco para ela, e ela tinha fugido antes que ele pudesse dizer algo mais.

Não tinha sentido tratar de alcançá-la. Não porque o cavalo dela fosse um raio a quatro patas, mas tampouco o dele. Ela tinha a vantagem de pesar aproximadamente a metade de seu próprio peso e ser melhor amazona para começar. Persegui-la seria um esforço inútil e esgotaria o seu cavalo com este calor.

Mas tinha que falar com ela, dizer algo, o que fosse, que apagasse aquele olhar vazio e atormentado de seus olhos.

Roanna não retornou para casa. Só desejava esconder-se e não voltar a olhar Webb no rosto nunca mais. Sentia-se destroçada por dentro e a dor era tão recente e dilaceradora que simplesmente não podia enfrentar a ninguém.

Sabia que não podia evitá-lo para sempre. Estava atada a Davencourt enquanto Lucinda vivesse. De alguma forma, amanhã, encontraria a força para vê-lo e fingir que nada tinha acontecido, que não tinha se jogado, literalmente, em seus braços outra vez. Amanhã teria reconstruído seu escudo protetor; talvez mostrasse algumas falhas onde tinha tido que repará-lo, mas a couraça aguentaria. Pedir-lhe-ia desculpas, fingindo que não tinha tido importância. E resistiria.

Permaneceu longe o resto da tarde, parando em uma sombreada paragem para soltar o cavalo deixando-o pastar sobre a erva suave e fresca ao redor. Sentou-se à sombra e deixou a mente em branco, permitindo que o tempo passasse lentamente, como fazia nas noites que passava sozinha e as horas de insônia se estendiam diante ela. Tudo passava, segundo a segundo, se não permitisse a si mesma sentir.

Mas, quando as sombras rosadas e purpúreas do crepúsculo começaram a obscurecer o mundo a seu redor, soube que não podia atrasá-lo por mais tempo e, a contra gosto, montou seu cavalo e o encaminhou para o Davencourt. Um preocupado Loyal lhe saiu ao encontro.

-Está bem? - perguntou-lhe. Webb estava com um humor de cães quando retornou, mas Loyal não lhe perguntou o que tinha passado; não era assunto dele, e ela o contaria se quisesse. O que ele realmente queria saber era se ela se encontrava fisicamente bem, e Roanna conseguiu assentir com a cabeça.

-Estou bem, - disse, e sua voz era firme, embora com um eco de rouquidão. Que estranho; não tinha gritado, mas ainda assim a tensão era evidente em seu tom.

- Vá para a casa, - disse-lhe ele, com o cenho ainda franzido com preocupação. -Eu me ocuparei do cavalo.

Ir, já fora duas vezes em um dia. Sua couraça protetora não devia estar tão restaurada como ela planejava. Entretanto, estava cansada, tão devastada, que simplesmente disse:

- Obrigada -, e se arrastou para a casa.

Pensou em usar a escada de serviço de novo, mas de algum jeito parecia muito esforço. Escapou por essa escada muitas vezes em sua vida, pensou, em vez de confrontar as coisas. Assim se dirigiu aos degraus dianteiros, abriu a porta e subiu pela escada principal. Estava na metade quando ouviu aproximar o surdo sapateio de umas botas de montar e Webb disse do hall:

- Roanna, temos que falar.

Ela necessitou de até a última gota de integridade que possuía, mas girou para confrontá-lo. Ele parecia, de alguma forma, tão extenuado como ela. Estava parado aos pés da escada, com uma mão sobre o corrimão e um pé sobre o primeiro degrau, como se ele se dispusesse a ir atrás dela se não lhe obedecesse. Seus olhos estavam entreabertos, sua boca era uma linha severa.

-Amanhã, - disse ela, com voz suave, e deu a volta... E ele a deixou ir. Com cada passo esperou ouvi-lo vir atrás dela, mas chegou ao final da escada e logo a seu quarto, livre.

Ela tomou uma ducha, vestiu-se e desceu para jantar. Seu instinto insistia que ela se escondesse em seu quarto, da mesma forma como pensou em utilizar a escada de serviço, mas esse tempo tinha passado. *Sem fugas*, pensou. Confrontaria o que tivesse que confrontar, ocupar-se-ia do que se tivesse que se ocupar e depois seria livre.

Webb a contemplou meditativamente durante o jantar, mas, uma vez finalizado, não tratou de falar em privado com ela. Estava cansada, mais exausta do que alguma vez estivera, e duvidou de que com a confusão de ideias que se amontoavam em sua cabeça, pudesse dormir esta noite. Queria apenas se deitar, tinha que se deitar. Deu boa noite a todos e retornou a seu quarto.

Depois que se deitou em sua confortável cama, sentiu que uma estranha e pesada sonolência a invadia. Talvez fosse pelo passeio, a falta de sono acumulada, a tensão, ou uma combinação de tudo, caiu profundamente adormecida.

Ela não soube que Webb entrou silenciosamente em seu quarto pela porta da varanda e verificou como estava, ficando a escutar sua profunda e compassada respiração para assegurar-se de que estava adormecida, olhando-a descansar um pouco, e partindo depois, tão silenciosamente como tinha entrado. Durante essa noite, não esteve consciente de como os ponteiros de relógio giravam inexoravelmente.

Ela não recordava o que tinha sonhado; nunca o fazia.

Nas profundezas da noite, saiu de sua cama. Seus olhos estavam abertos, mas misteriosamente cegos. Caminhou sem pressa, sem vacilar, até a sua porta e a abriu. Seus pés nus se moviam seguros e silenciosos sobre o tapete enquanto percorria o corredor para a escada, como um fantasma com sua branca camisola.

Não esteve consciente de nada até que uma súbita dor explodiu em sua cabeça. Ouviu um grito estranhamente distante e depois só houve escuridão.

## Capítulo 17

Webb saltou da cama, instantaneamente acordado e com a horrível certeza de que era Roanna a quem tinha ouvido gritar, embora o som não tivesse vindo de seu quarto. Segurou as calças e as pôs, fechando-a enquanto corria para a porta. O grito parecia ter vindo das escadas. Deus e se ela tivesse caído por elas…

O resto da família também despertou. Ouviu um murmúrio de vozes, luzes que se acendiam e portas se abrindo. Glória mostrou a cabeça enquanto ele passava a toda velocidade diante dela.

-O que ocorre? - perguntou irritada.

Ele não se incomodou em responder, toda sua atenção concentrada em chegar quanto antes possível às escadas. Então a viu, jogada no chão, como uma boneca quebrada, no patamar, no ângulo reto em que dobravam as escadas até o piso superior. Acendeu as luzes do teto, o lustre quase cegava com seu resplendor, e o seu coração quase parou. O sangue, úmido e escuro, emaranhava-lhe o cabelo e molhava o tapete sob sua cabeça.

Ele ouviu um ruído embaixo, como se alguém tivesse tropeçado em algo.

Webb olhou ao redor e viu Brock parado perto, piscando sonolento, sem compreender ainda o que estava acontecendo.

-Brock, - disse bruscamente. - Há alguém lá embaixo.

Seu primo piscou de novo e então a compreensão brilhou em seu olhar. Sem uma palavra, desceu as escadas. Greg não vacilou em seguir a seu filho.

Webb se ajoelhou junto à Roanna e, com suavidade, pressionou dois dedos contra seu pescoço, contendo a respiração. O pânico oprimia seus pulmões, asfixiando-o. Então sentiu o pulso que palpitava sob as pontas de seus dedos, forte e regular, e se sentiu fraco de alívio. Ignorou o crescente murmúrio de vozes ao seu redor e, brandamente, lhe envolveu. Harlan bramava, Glória e Lanette se abraçavam mutuamente e gemiam baixinho. Corliss permanecia em pé, congelada, na porta de seu quarto, com os olhos arregalados de

terror enquanto contemplava o corpo inerte de Roanna.

Lucinda abriu passo a empurrões entre todos os corpos e se deixou cair pesadamente de joelhos junto a ele. Estava pálida e sua trêmula mão se cravou em seu braço.

- Roanna, - sussurrou, com voz tomada. -Webb, ela está…?

-Não, está viva. – Ele teria gostado de lhe dizer que ela somente tinha levado uma pancada, mas sua ferida parecia ser algo mais sério que isso. Ela não tinha recuperado a consciência e o medo voltou a se apoderar dele. Com impaciência, olhou para Glória e Lanette, cujo nível de histeria crescia progressivamente, e as descartou por inúteis. Seu olhar recaiu sobre Corliss.

-Corliss! Chame a emergência. Que venham os médicos e o xerife. - Ela ficou olhando, sem se mover, e ele gritou, - Agora! - Ela tragou convulsivamente e se lançou para o interior de seu quarto. Webb escutou sua voz, aguda e trêmula, enquanto falava com o operador da emergência.

-O que se passou?- gemeu Lucinda, acariciando o rosto de Roanna com dedos vacilantes. – Ela caiu?

-Acredito que ela surpreendeu um ladrão, - disse Webb, com voz tensa pelo aborrecimento, a ansiedade e um medo que mal podia manter à parte. Queria tomar Roanna em seus braços, embalá-la contra seu peito, mas o sentido comum lhe disse que não a movesse.

Ela seguia sangrando, o tapete se encharcava com seu sangue. Uma mancha de cor vermelha escura se estendia ao redor de onde sua cabeça repousava.

-Corliss!- bramou. -Traga uma manta e uma toalha limpa!- Ela ficou ali um momento, tropeçando com a manta que levava arrastando e lutando simultaneamente por vestir uma bata sobre a leve regata de seda que vestia. Webb pegou a manta e a colocou cuidadosamente ao redor de Roanna, depois dobrou a toalha e, tão brandamente quanto foi possível, a deslizou sob sua cabeça, para amortecer a dureza do chão e colocando-a de modo que pressionasse contra a ferida que ainda sangrava.

-Ela vai ficar bem?- perguntou Corliss, batendo os dentes.

-É o que espero, - disse ele em tom sombrio. Sentia uma dor

selvagem no peito. E se ela não ficasse bem? O que ele ia fazer?

Lucinda se soltou e caiu de joelhos. Enterrou o rosto nas mãos e explodiu em dilaceradores soluços.

Glória parou seus lamentos, tão de repente como se tivessem sido apagados com um interruptor. Ajoelhou-se junto a sua irmã e a rodeou com os braços.

- Vai ficar tudo bem, ela vai ficar boa, - cantarolou de forma tranquilizadora, acariciando o branco cabelo de Lucinda.

Roanna se moveu, gemendo um pouco quando tratou de levar uma mão à cabeça. Não tinha forças nem a coordenação necessária e seu braço caiu fracamente de novo sobre o tapete. O coração de Webb deu um salto. Tomou a mão e a embalou na sua.

- Roanna?

Ao ouvir seu tom de voz, Lucinda escapou de Glória, aproximando-se de novo, frenética. Sua expressão era de esperança e terror, tudo ao mesmo tempo.

Roanna respirou profundamente algumas vezes e abriu os olhos. Seu olhar estava desfocado, aturdido, mas tinha recuperado a consciência e isso era o que importava.

Webb teve que engolir o nó de sua garganta.

- Roanna, - disse outra vez, inclinando-se, e com um óbvio esforço ela o olhou, piscando enquanto tratava de esclarecer sua visão.

-Está deformado, - resmungou.

Ele mal podia respirar e o coração lhe palpitava violentamente. Levou os dedos dela para sua áspera face.

-Sim, tenho que me barbear.

-Não é isso, - disse ela, pronunciando com dificuldade. Ela inspirou de novo profundamente, como se estivesse exausta. – Você tem quatro olhos.

Lucinda se engasgou com os soluços e uma risada sufocada se misturou com suas lágrimas quando se estendeu para segurar a outra mão de Roanna. Um pequeno cenho franziu as sobrancelhas de

Roanna.

– Minha cabeça dói, - anunciou confusa e fechou os olhos de novo. Falava com mais clareza. Tentou tocar outra vez a cabeça, mas Webb e Lucinda a tinham segurado por ambas as mãos e nenhum parecia inclinado a soltá-la.

- Imagino, - disse Webb, obrigando-se a falar com calma. – Você recebeu um pancada infernal na nuca.

- Eu caí? - murmurou ela.

- Suponho que sim, - respondeu ele, não querendo alarmá-la até que soubessem algo mais com certeza.

Brock e Greg subiram ofegando. Brock que tão somente vestia os jeans, fechou o zíper, mas não os tinha abotoado, e seu robusto peito brilhava de suor. Ele pegou um revolver de alguma parte e Greg parou o tempo suficiente para tirar o rifle de caça calibre 22 de seu lugar, sobre a lareira. Webb olhou a ambos inquisitivamente e eles negaram com a cabeça.

- Fugiu, - articulou Greg, sem emitir um som.

As sirenes uivaram na distância.

–Melhor colocar isso em seu lugar antes que chegue o xerife, - disse Greg. – Abrirei a porta. - Ele desceu para devolver o rifle a sua prateleira. – Não serei eu que alarmarei um policial com a adrenalina já disparada.

Roanna tentou se sentar. Webb lhe pôs uma mão sobre o ombro e a obrigou a permanecer deitada, alarmado pelo pouco esforço que necessitou.

-Não, não se mova. Você vai ficar aí quietinha até que um médico diga que está bem para se mover.

- Minha cabeça dói, - disse ela outra vez, soando um pouco mal-humorada. Fazia tanto tempo que ele não tinha escutado esse tom de voz que não pôde evitar sorrir, apesar do terror que lhe estivera retorcendo as entranhas e que só agora começavam a afrouxar um pouco.

-Já sei, querida. Mas se levantar somente vai piorar. Fique deitada um pouco mais.

-Quero me levantar.

-Daqui a pouco. Deixe que os médicos a examinem primeiro.

Ela soltou um suspiro impaciente.

-Ok. - Mas antes que as sirenes tivessem cessado frente à entrada, tratava outra vez de se sentar e ele se deu conta de que sofria um choque. Tinha-o visto antes em pessoas que tinham sofrido um acidente; era um instinto primitivo: despertar, se pôr em movimento, se afastar do que causou dano.

Ele ouviu Greg dando explicações enquanto conduzia a um autêntico desfile de gente pela escada. Havia seis médicos e tantas outras autoridades chegando e outros mais, pôde deduzir pelo som de sirenes que se escutava quanto mais veículos adicionais chegavam pelo caminho.

Webb e Lucinda foram afastados de lado quando os médicos, quatro homens e duas mulheres, rodearam Roanna. Webb se apoiou contra a parede. Lucinda ficou ao seu lado, trêmula, e ele a rodeou com um braço. Ela se reclinou pesadamente contra ele, absorvendo sua força, e com consternação, ele percebeu quão frágil esse outrora forte corpo sentia-se em seu abraço.

Chegaram mais autoridades e o xerife. Booley Watts já havia se aposentado, mas o novo xerife, Carl Beshears, tinha sido o ajudante principal de Booley durante nove anos antes de ser eleito xerife e tinha trabalhado no caso de Jessie. Era um homem corpulento, de músculos compactos, com o cabelo grisalho e uns olhos frios e desconfiados. Booley tinha desempenhado seu cargo com uma atitude de velho camarada, ao estilo Andy Taylor; Beshears era mais brusco, direto à questão, embora tivesse aprendido a atenuar seu temperamento de bull-dog, as táticas de "direto na jugular" que lhe tinham ensinado os fuzileiros. Ele começou a reunir a família, levando-os todos a um lado.

-Muito bem, todos, afastem-se do caminho dos médicos agora, e deixem que se ocupem da senhorita Roanna. - Seu olhar de aço se cravou em Webb. - Bem, o que aconteceu aqui?

Até então, Webb não se deu conta da similitude entre o que lhe tinha ocorrido a Roanna essa noite e a morte de Jessie dez anos antes. Concentrou-se totalmente em Roanna, aterrorizado por ela, cuidando dela. A velha e gelada fúria começou a ressurgir quando

compreendeu que Beshears suspeitava que ele tivesse atacado Roanna, tratando possivelmente de matá-la.

Apesar disso, conteve sem piedade sua fúria, porque não era agora o momento disso.

-Ouvi Roanna gritar, - disse em um tom tão controlado como pôde. -O som vinha da parte dianteira da casa e temi que ela tivesse se levantado sem acender nenhuma luz e tivesse caído pela escada. Mas quando cheguei aqui, eu a vi estendida exatamente onde está agora.

-Como soube que era Roanna que gritou?

-Só soube, - disse, sem rodeios.

-Não pensou que podia ter sido qualquer outra pessoa quem estivesse acordada?

Lucinda se entremeteu com a conversa, esporeada pela óbvia suspeita na voz de Beshears.

-Normalmente não, - disse, em tom firme. -Roanna sofre de insônia. Se há alguém vagando pela casa à noite, geralmente é ela.

-Mas você estava acordado, - disse Beshears a Webb.

-Não. Despertei ao ouvir seu grito.

-Todos nós despertamos, - completou Glória. -Roanna costuma ter pesadelos, já sabe, e isso foi o que pensei que acontecia. Webb passou correndo por diante de minha porta justo quando a abria.

-Está segura de que era Webb?

-Sei que era ele, - interveio Brock, olhando diretamente ao rosto do xerife. -Eu ia junto a ele.

Beshears pareceu momentaneamente frustrado, depois encolheu os ombros, decidindo evidentemente que depois de tudo não havia correlação entre os dois acontecimentos.

-Então caiu ou o que? Do posto telefônico disseram que era um aviso para os médicos e o departamento do xerife.

-Justo quando cheguei junto a ela, - disse Webb, - ouvi algo embaixo.

-Como o que? - O olhar do Beshears aumentou de novo.

-Não sei. Um ruído. - Webb olhou a Brock e Greg.

-Brock e eu descemos para dar uma olhada, - disse Greg. No escritório havia um abajur jogado no chão. Saí enquanto Brock examinava o resto da casa. - Vacilou. -Parece-me que vi alguém correndo, mas não posso jurar. Os meus olhos não tinham se adaptado à escuridão.

-Em que direção?- perguntou Beshears sucintamente, chamando ao mesmo tempo por gestos a um de seus ajudantes.

-Para a direita, em direção à estrada.

O ajudante se aproximou e Beshears girou para ele.

-Consegue algumas lanternas e comprovem a zona ao outro lado do meio-fio. Esta noite houve bastante orvalho, assim se alguém passou por ali, ficaram rastros sobre a erva. Pode ser que tenha havido um intruso na casa. - O ajudante assentiu e partiu com vários companheiros.

Um dos médicos se aproximou. Obviamente o tinham tirado da cama para responder à chamada; um boné de beisebol cobria seu despenteado cabelo e seus olhos ainda estavam inchados pelo sono. Mas estava ativo e seu olhar era desperto.

-Estou certo de que ela vai ficar bem, mas quero levá-la ao hospital para fazer exames e para que lhe suturem o corte da cabeça. Parece que também tem uma leve confusão mental. Provavelmente vão querer tê-la em observação durante vinte e quatro horas, só para assegurarem-se de que está bem.

-Irei com ela, - disse Lucinda, mas de repente ela cambaleou. Webb a segurou.

-Deite-a no chão, - disse o médico, segurando-a também.

Mas ela lhes apartou as mãos e se ergueu uma vez mais. Seguia sem ter boa cor, mas fulminou a ambos ferozmente com o olhar.

-Jovem, não preciso me deitar. Sou velha e estou doente, isso é tudo. Cuide de Roanna e não me dê atenção.

Ele não podia tratá-la sem sua permissão e ela sabia. Webb a

olhou e pensou em segurá-la e levá-la ao hospital ele mesmo, intimidando-a se fosse preciso, para que um médico a visse. Ela deve ter intuído o que pensava, porque levantou a vista e conseguiu esboçar um sorriso.

-Não tem que se preocupar, - disse. -É Roanna quem necessita que a vejam.

-Eu irei com ela ao hospital, Tia Lucinda, - disse Lanette, surpreendendo a todos. - Precisa descansar. Você e a mamãe devem ficar. Vou me vestir e pegar o que ela necessitará.

-Eu dirijo, - disse Webb. Lucinda começou a protestar de novo, mas Webb a rodeou com um braço. -Lanette tem razão, tem que descansar. Você ouviu o que disse o médico, Roanna vai ficar bem. Seria diferente se estivesse em perigo, mas não está. Lanette e eu ficaremos lá com ela.

Lucinda o segurou pela mão.

- Ligará para mim do hospital e me deixará falar com ela?

- Assim que estiver instalada, - prometeu-lhe ele. -Terão que lhe fazer primeiro radiografias, suponho, assim pode ser que demore um tempo e não esteja com vontade de falar, - advertiu-lhe. – Ela vai ter uma dor de cabeça de mil demônios.

-Somente me avise de que está bem.

Com isto, Lucinda e Glória partiram pelo longo corredor que conduzia aos quartos dos fundos para reunir as coisas das quais Roanna necessitaria durante sua curta estadia no hospital. Webb e Lanette partiram a seus respectivos quartos para se vestirem. Ele levou menos de dois minutos e retornou junto à Roanna exatamente quando a transladavam à maca portátil para levá-la.

Ela agora estava totalmente consciente e seus olhos estavam dilatados pelo alarme enquanto o buscava com o olhar. Segurou-a pela mão, de novo, cobrindo seus gelados e delgados dedos contra sua palma áspera e quente.

-Eu não gosto disto, - disse ela, com irritação. - Se só necessito uns pontos, por que não posso simplesmente ir de carro até a porta da Urgência? Não quero que me carreguem.

- Você teve um trauma, - respondeu ele. - Não é seguro que

dirija.

Ela suspirou e entendeu. Ele apertou sua mão.

- Lanette e eu iremos contigo. Exatamente atrás da ambulância.

Ela não protestou mais e ele quase lamentou que não o fizesse. Cada vez que a olhava, uma nova onda de pânico o golpeava. Estava branca como o papel, ao menos a parte de seu rosto que não estava coberta de sangue. A escura mancha de cor oxida se estendia por seu rosto e pescoço, por onde tinha escorrido da ferida de sua cabeça.

Lanette chegou apressadamente abaixo, levando uma pequena maleta, no instante em que colocavam a maca na ambulância.

-Estou pronta, - disse a Webb, caminhando na frente dele para a garagem.

O xerife Beshears apareceu junto a Webb.

-Os rapazes encontraram marcas na erva úmida, - disse. - Parece que alguém cruzou essa zona correndo. Também forçaram a fechadura da porta da cozinha, há algumas marcas no metal. A senhorita Roanna foi muito afortunada de ter topado cara a cara com o ladrão e sair apenas com um golpe na cabeça.

Recordando o aspecto que tinha, estirada no corredor, como uma boneca quebrada, com todo aquele sangue estendendo-se ao redor dela, Webb pensou que a definição de afortunada de Beshears era diferente da sua.

-Irei mais tarde ao hospital para lhe fazer algumas perguntas, - prosseguiu o xerife. - Vamos fazer umas quantas comprovações mais por aqui.

A ambulância arrancou. Webb deu meia volta e caminhou a pernadas para a garagem, onde Lanette o esperava.

Passaram várias horas e uma mudança de turno no "Helen Keller Hospital" antes que Roanna tivesse sido examinada, suturada, e instalada em um quarto privado. Webb esperou com impaciência no hall enquanto Lanette a ajudava a limpar-se e a vestir uma camisola limpa e confortável.

O sol brilhante da manhã penetrava pelas janelas quando

finalmente lhe foi permitido entrar de novo no quarto. Ela estava deitada na cama, com aspecto quase normal, agora que a maior parte do sangue tinha desaparecido depois de seu banho. Seu cabelo continuava embaraçado, mas isso teria que esperar mais tarde para desaparecer. Um curativo branco cobria os pontos da parte posterior de sua cabeça e lhe tinham colocado uma atadura ao seu redor para segurá-la em seu lugar. Continuava muito pálida, mas em conjunto tinha melhor aspecto.

Ele se sentou a seu lado, na cama, com cuidado para não sacudi-la.

-O doutor nos disse que devemos despertá-la a cada hora. Uma tarefa do demônio para fazer com uma insone, não? - Brincou ele.

Ela não sorriu como tinha esperado.

-Acredito que lhes pouparei de problemas e me manterei acordada.

-Sente-se com ânimo para falar por telefone? Lucinda estava preocupada.

Com cuidado, ela se levantou um pouco mais na cama.

-Estou bem, é uma simples dor de cabeça. Pode discar o número?

Uma simples dor de cabeça, como consequência de um cérebro machucado, pensou ele sombriamente enquanto tomava o telefone e discava os números para a linha exterior e para chamar em Davencourt. Ela seguia acreditando que havia caído e ninguém lhe havia dito o contrário. O xerife Beshears não ia conseguir muita informação dela.

Roanna falou brevemente com Lucinda, o tempo exato para lhe assegurar que se encontrava bem - uma flagrante mentira - depois devolveu o telefone a Webb. Ele se dispôs a tranquilizar Lucinda, mas, para sua surpresa, era Glória quem estava ao outro lado da linha.

-Lucinda sofreu outro desmaio depois que vocês saíram. - Disse-lhe. - É muito cabeça dura para ir ao hospital, mas chamei a seu médico e virá vê-la esta manhã.

Ele deu uma olhada a Roanna; a última coisa que precisava

ouvir agora mesmo era que Lucinda se encontrava mal. - Não a deixe se levantar, - instruiu-a baixando a voz enquanto girava para que Roanna não pudesse ouvi-lo. -Não vou dizer nada a ela agora, assim não o mencione. Ligarei daqui a duas horas para ver como está.

Ele estava pendurando o telefone quando o xerife Beshears entrou e, cansadamente, se deixou cair em uma das duas cadeiras do quarto. Lanette ocupava a outra, mas Webb não tinha vontade de se sentar de todos os modos. Preferia estar perto de Roanna.

-Bom, tem melhor aspecto que a última vez que a vi, - dizia Beshears a Roanna. - Como está?

-Não acredito que eu vá sair para passear esta noite, - disse ela, dessa forma tão solene dela, e ele riu.

-Não, suponho que não. Quero lhe fazer umas perguntas se tiver com forças para isso.

Uma expressão de perplexidade cruzou por seu rosto.

-É obvio.

-O que recorda da passada noite?

-Quando caí? Nada. Não sei como foi.

Beshears disparou um olhar interrogante a Webb, que negou imperceptivelmente com a cabeça. O xerife limpou a garganta.

-A questão é que não caiu. Aparentemente, alguém entrou em Davencourt ontem à noite e acreditam que você se esbarrou com ele.

Se Roanna estava pálida antes, agora tinha perdido todo rastro de cor. Seu rosto assumiu uma expressão cansada e assustada.

- *Alguém me golpeou*, - murmurou para si mesma. Não disse nada mais, não fez nenhum movimento. Webb, que a vigiava atentamente, teve a inequívoca impressão de que estava retraindo-se em si mesma, guardando tudo dentro e não gostou. Deliberadamente, estendeu uma mão e tomou a dela, apertando-lhe para lhe fazer saber que não estava sozinha e não lhe importavam as malditas conclusões que Beshears pudesse tirar de sua ação.

-Não recorda nada? - insistiu o xerife, embora seu vigilante olhar piscasse brevemente ante suas mãos entrelaçadas. -Sei que agora mesmo tudo está confuso, mas talvez tenha vislumbrado algo

dele e ainda não se deu conta. Vamos passo a passo. Lembra-se de sair de seu quarto?

-Não, - disse ela, em tom calmo. Sua mão permanecia inerte no aperto de Webb. Houve um tempo em que se refugiou nele, mas agora ela não se apoiava em ninguém, absolutamente. Não era apenas que parecesse não necessitá-lo mais, mas era como se nem sequer quisesse estar perto dele. Durante um momento, quando estivera tão aturdida, as barreiras tinham caído e pareceu reconfortada por sua presença, necessitando-o. Mas agora se afastava de novo dele, pondo distância emocional entre ambos, embora não fizesse nenhum esforço por apartá-lo fisicamente. Seria por causa do que tinha passado entre eles no dia anterior, ou seria por algo mais, por algo relacionado com seu acidente? Recordava algo depois de tudo? Por que não quereria contar ao xerife?

-O que se recorda por último?- perguntou-lhe Beshears.

- Eu me deitando.

-Sua família diz que sofre de insônia. Talvez estivesse acordada, talvez tenha ouvido algo e foi dar uma olhada.

-Não recordo, - disse ela. O olhar de esgotamento era mais pronunciado.

Ele suspirou e ficou em pé.

-Bem, não se preocupe com isso. Muita gente não recorda no início o que ocorreu logo antes de receber um golpe na cabeça, mas, às vezes, as lembranças retornam depois de um tempo. Voltaremos a falar sobre isso, senhorita Roanna. Webb,me acompanhe ao corredor e eu lhe conto o que temos feito até agora.

Webb saiu com ele e Beshears caminhou pelo corredor para os elevadores.

- Seguimos o rastro sobre a erva por todo o pasto que vai paralelo ao caminho que leva à estrada, até onde se bifurca para acessar Davencourt, - disse. -Calculo que ele tenha deixado seu carro ali estacionado, mas já faz um par de semanas que não chove e a terra estava muito compacta para conter marcas de rodas. Só para nos assegurar, trouxemos cães que seguiram o mesmo rastro até a encruzilhada, mas, depois disso, nada. É um bom lugar para esconder um carro; o mato é tão espesso que qualquer carro estacionado,

inclusive a vinte metros da estrada, seria malditamente impossível de ver em plena luz do dia, muito menos à noite.

-Entrou pela porta da cozinha?

-Isso é o que parece. Não pudemos encontrar nenhum outro sinal de entrada. - Beshears suspirou – De início, pensei que tinha sido um idiota ao não entrar por alguma dessas frágeis janelas de vidro que têm por toda a casa, mas, talvez, tenha sido muito esperto. Pense-o, a cozinha é a melhor escolha. Todo mundo deveria estar em cima, na cama, a essas horas da noite, assim não quereria arriscar-se a despertar ninguém entrando por qualquer das portas da varanda superior. As portas que dão ao pátio estão na lateral da casa, visíveis dos estábulos. Mas a porta da cozinha está na parte de trás e não pode ser vista nem da estrada, nem dos estábulos, nem de nenhum outro lugar.

Tinham chegado junto aos elevadores, mas Beshears não se deteve para chamá-lo. Ele e Webb caminharam até o final do corredor, fora do ouvido de alguém que descesse do elevador naquele andar.

- Levaram algo? - perguntou Webb.

-Nada que alguém notasse. O abajur estava jogado no chão, mas, exceto por isso e a fechadura da porta da cozinha, parece que não tocaram em nada mais. Não sei o que fazia no escritório, a menos que tenha se assustado quando a senhorita Roanna gritou. Suponho que retornou correndo ao andar de baixo, procurando uma saída rápida, mas a porta da rua tem duplo ferrolho e não pôde abri-los na escuridão. Ele teria entrado correndo no escritório, viu que não tinha saída para o exterior e, acidentalmente, derrubou o abajur. Parece que finalmente saiu pela porta da cozinha, a mesma que usou para entrar.

Webb passou bruscamente sua mão por seu cabelo.

-Isto não voltará a ocorrer, - disse. -Terei um sistema de segurança instalado esta semana.

-Já teriam que ter colocado. - Beshears lhe olhou com desaprovação. - Booley estava acostumado a insistir em quão fácil devia ser entrar nessa casa, mas nunca pôde convencer à senhora Lucinda para fazer algo a respeito. Já sabe como são as pessoas mais velhas. Por estar a casa tão longe da cidade, ela se sentia segura.

- Ela não queria se sentir como em uma fortaleza, - disse Webb, recordando os comentários que Lucinda fazia durante anos.

-Isto provavelmente a fará mudar de opinião. Não se incomode instalando um desses sistemas que pedem ajuda automaticamente, porque estão muito longe da cidade e seria jogar dinheiro fora. Ponha um alarme ensurdecedor que desperte a todo mundo, se quiser, mas recorde que os cabos podem ser cortados. Sua melhor aposta seriam umas boas fechaduras sobre portas e janelas e um cão. Todo mundo deveria ter um cão.

-Lucinda é alérgica aos cães, - disse Webb ironicamente. Não estava disposto a trazer um agora e lhe amargurar os poucos meses que restavam de vida.

Beshears suspirou.

-Suponho que por isso nunca tiveram um. Ok, esqueça a ideia. – Eles deram a volta e caminharam de retorno aos elevadores. -A senhora Lucinda teve outro ataque depois que partiram.

-Sei. Glória me disse.

-Velha cabeça dura, - comentou Beshears. Alcançaram os elevadores e, desta vez, ele pressionou o botão. – Chame-me se Roanna recordar algo, do contrário, não teremos droga nenhuma.

Roanna descansou tranquilamente o resto do dia, apesar do desconforto das náuseas. O doutor lhe pôs uma medicação para remediar isso e pôde comer a maior parte do almoço, uma dieta suave de sopa e fruta. Lanette revelou ser surpreendentemente boa como enfermeira, assegurando-se de que Roanna tivesse sempre água fresca na jarra junto a sua cama, onde ela pudesse alcançá-la, e ajudando-a a ir ao banheiro quando foi necessário. O resto do tempo, permaneceu sentada pacientemente, lendo uma revista que tinha comprado na loja de presentes ou vendo a televisão com o volume baixo.

Webb estava inquieto. Vagou dentro e fora do quarto, olhando mal humorado o rosto de Roanna cada vez que estava dentro. Algo em seu comportamento o incomodava cada vez mais. Estava muito

tranquila. Tinha razões para estar chateada e assustada, mas em vez disso, mostrava pouca resposta a nada. Ela fugiu de seu olhar e alegou dor de cabeça quando tratou de falar com ela. As enfermeiras a examinaram com regularidade e disseram que estava bem, suas pupilas reagiam com normalidade, mas ainda assim estava intranquilo.

Ele telefonou duas vezes para perguntar por Lucinda, mas em ambas as ocasiões a própria Lucinda atendeu e não lhe deixou falar com Glória.

- Estou bem, - disse-lhe de mau humor. -Não acredita que o doutor me teria enviado ao hospital se tivesse algo sério? Sou velha, tenho câncer e meu coração não é o de antes. Que mais acredita que poderia haver de errado? Francamente, não sei nem por que ia me incomodar em tomar remédios nem para um catarro.

Em ambas as ocasiões,pediu para falar com Roanna e nas duas vezes Roanna insistiu que se sentia suficientemente bem para falar. Webb escutou parte da conversa e se deu conta de quão cautelosa soava, como se tratasse de esconder algo.

Ela teria visto seu atacante depois de tudo?

Se foi assim, por que não o tinha contado a Beshears? Não podia pensar em nenhuma razão pela qual ela mantivera algo assim em segredo, ninguém a quem ela queria proteger. Definitivamente escondia algo, pensou, e estava decidido a averiguar o que. Não imediatamente, não enquanto estivesse convalescente, mas logo que estivesse de volta em casa, ia levá-la e sentá-la em um lugar privado para ter um pequeno bate-papo.

Lanette disse que ficaria essa noite e Webb, finalmente, partiu às nove. Ele retornou às seis e meia da manhã seguinte, preparado para levar Roanna de volta para casa logo que lhe dessem alta. Ela estava preparada, vestida já com roupa de rua e com muito melhor aspecto do que no dia anterior. Vinte e quatro horas de descanso forçoso lhe tinham feito bastante bem, apesar das circunstâncias.

- Você dormiu um pouco? - perguntou-lhe.

Ela encolheu os ombros.

-Tudo o que qualquer um dormiria em um hospital, suponho.

Atrás dela, Lanette procurou seu olhar e negou com a cabeça.

Passava das oito quando o doutor entrou e examinou de novo suas pupilas, depois sorriu e lhe disse que podia ir para casa.

–Leve tudo com calma durante uma semana, - disse-lhe, - e depois vá ver seu médico para uma revisão.

Webb as levou então para casa, esforçando-se por evitar os buracos e as vias da ferrovia em um esforço por não sacudir sua cabeça. Todos os que se encontravam em casa nesse momento saíram a recebê-la e seu plano de ter uma conversa privada com ela se foi ao ralo. Não teve nenhuma possibilidade de estar a sós com ela em todo o dia. Ela foi imediatamente levada à cama, embora se queixasse com um pouco de irritação de que preferia estar na poltrona, mas nada satisfaria a Lucinda exceto que descansasse deitada. Lucinda e Glória a mimaram em excesso, Bessie entrou ao menos dez vezes a lhe perguntar se estava cômoda e Tansy abandonou seus domínios culinários para levar pessoalmente as bandejas de comida que tinha preparado com os pratos favoritos de Roanna. Inclusive Corliss se aproximou para visitá-la e lhe perguntou um tanto incômoda se estava bem.

Webb se manteve alerta, sabendo que encontraria seu momento.

Este não apareceu até a última hora daquela noite, quando todos outros foram dormir. Esperou na escuridão, vigiando o terraço, e, como supunha, não passou muito tempo antes que uma luz se acendesse no quarto do lado.

Sabia que as portas dela à varanda estavam fechadas, porque as tinha fechado ele mesmo antes de sair de seu quarto na última vez. Saiu ao corredor, onde as luzes ficavam acesas de noite desde que Roanna se feriu e, silenciosamente, entrou em seu quarto.

Ela tinha se levantado da cama e estava enroscada naquela enorme e fofa poltrona dela, embora não lesse. Supôs que ainda lhe doía muito a cabeça para poder fazê-lo. Em vez disso, tinha ligado a televisão com o som tão baixo que mal podia ouvi-lo.

Ela voltou o olhar com expressão culpada quando a porta se abriu.

- Flagrei você, - disse ele brandamente, fechando a porta atrás

de si. Captou imediatamente um sinal de inquietação em seu rosto, antes que assumisse uma expressão neutra.

-Estou cansada de estar na cama, - explicou. -descansei tanto que não tenho o menor sono.

-Entendo, - disse ele. Tinha permanecido na cama durante dois dias, assim não era incrível que estivesse cansada disso. -Não era isso do que queria falar.

-Sei. - Baixou o olhar a suas mãos. – Eu fiz um papel ridículo anteontem. Não voltará a acontecer.

Tinham passado tantas coisas após aquilo que, por um momento, ele ficou olhando-a fixamente sem entender, e então compreendeu que ela falava do que tinha ocorrido quando saíram a cavalo. Foi ele que se comportou como um torpe idiota e, como de costume, Roanna assumia que a culpa era dela.

-Você não fez nada ridículo, - disse-lhe severamente, dirigindo-se para as portas da varanda para examiná-las outra vez, só para assegurar-se de que estavam fechadas. – Eu não queria me aproveitar de você e me comportei de todo mal. – Ele permaneceu ali em pé, contemplando seu reflexo no vidro. – Mas,isso discutiremos mais tarde. Agora mesmo, o que quero saber é o que você não contou ao xerife.

Ela manteve o olhar em suas mãos, mas ele viu quão imóvel permanecia.

- Nada. - Ele percebeu a culpa e o desconforto, inclusive no reflexo.

-Roanna. – ele girou-se e se aproximou dela, agachando-se frente à poltrona e tomando suas mãos nas suas. Ela estava sentada naquela que evidentemente era sua posição favorita, com os pés subidos no assento e ocultos sob sua camisola. Ele cravou o olhar na vendagem de sua cabeça, em vez das sombreadas cúpulas de seus mamilos contra o branco tecido, porque não queria que nada o distraísse do que tratava de verificar, e só estar tão perto dela já era bastante difícil.

-Pode enganar a outros, mas eles não lhe conhecem como eu. Sei quando esconde algo. Viu quem te golpeou? Recorda mais do que contou?

-Não, - disse ela, com desconsolo.

-Então o que é?

-Nada…

-Rô, - disse-lhe, perigosamente. -Não minta para mim. Conheço você muito bem. O que esconde?

Ela mordeu o lábio, mordiscando-lhe com os dentes,e seus dourados olhos castanhos se elevaram para ele, cheios de uma angústia tão intensa que quase se lançou para ela para consolá-la.

–Ando mesmo adormecida, - disse.

Ele ficou olhando-a, assombrado. De todas as coisas que poderia esperar, esta não era uma delas.

- O que?

-Sou sonâmbula. Suponho que esta é uma das razões pelas quais sofro insônia, - explicou em tom suave, olhando de novo para baixo. - Odeio despertar em lugares estranhos, sem saber como cheguei até ali, o que tenho feito, ou se alguém me viu. Só me ocorre quando estou profundamente adormecida, tão…

-Assim não dorme, - terminou ele. Ele se sentiu devastado por dentro quando compreendeu a completa enormidade da carga que ela conduzia, a pressão sob a qual vivia. Deus, como podia manter-se em pé? Como conseguia? Pela primeira vez, percebeu o fino núcleo de puro aço nela. Já não era a pequena, insegura e necessitada Roanna. Era uma mulher, uma Davenport, a neta de Lucinda, com sua cota do temperamento Davenport. - Essa noite caminhava sonâmbula.

Ela inalou profundamente.

- Deve ser. Estava tão cansada que adormeci tão logo me deitei. Não recordo nada até que despertei no patamar com uma terrível dor de cabeça e você e Lucinda se inclinavam sobre mim. Pensei que tinha caído, embora nunca antes tivesse sofrido nenhum acidente quando estava sonâmbula.

-Jesus. - Contemplou-a, estremecido pela imagem que veio à mente. Ela teria se aproximado do ladrão como um cordeiro ao matadouro, sem vê-lo, embora seus olhos estivessem abertos. Os

sonâmbulos parecem acordados, mas não o estão. Possivelmente o ladrão até acreditou que poderia identificá-lo. O intento de roubo e o assalto não eram delitos que justificassem um assassinato para evitar a prisão, mas ainda assim ela poderia estar em perigo. Não só instalaria novas fechaduras em todas as partes, assim como um sistema de alarme que despertasse aos mortos em caso de invasão, mas também se certificaria de estar malditamente seguro de que todo mundo no condado soubesse que tinha um traumatismo craniano e não recordava nada sobre o incidente. Já tinham publicado um artigo sobre a tentativa de roubo e, a seguir, ele se encarregaria de que essa informação saísse também na imprensa.

- Por que não disse ao xerife que caminha dormindo?

- Lanette estava lá, - disse ela, como se fosse razão suficiente.

Era-o, mas lhe levou um momento cair na conta.

- Ninguém sabe, verdade?

Ela fez que não imperceptivelmente com a cabeça, estremeceu-se e parou o gesto.

-É embaraçoso, saber que vago por aí de camisola, mas é mais que isso. Se alguém soubesse…

De novo, não precisava ser um gênio para adivinhar seu pensamento.

- Corliss, - disse em tom grave. - Teme que a pequena vadia tente alguma sacanagem contigo. - Ele esfregou seus polegares sobre o dorso de suas mãos, sentindo os esbeltos e elegantes ossos sob a pele.

Ela não respondeu a isso, somente disse:

- É melhor se ninguém souber.

- Ela não ficará aqui muito mais tempo. - alegrou-se de poder fazer essa promessa.

Roanna pareceu assustada.

- Não? Por quê?

-Porque eu disse que terá que ir embora. Pode ficar até que Lucinda... Pode ficar uns meses mais se comportar-se. Se não o fizer,

terá que partir antes disso. Lanette e Greg terão que encontrar outro lugar para viver, também. Greg tem bons ganhos, assim não há desculpa para que se aproveitem de Lucinda da maneira que o fazem.

-Acredito que viver aqui foi decisão de Lanette, dela e de Glória.

-Provavelmente, mas Greg poderia ter dito que não. Não sei o que pensar sobre Brock. Sempre gostei dele, assim não esperava que fosse um parasita.

-Brock tem um plano, - explicou Roanna, e de improviso um débil sorriso roçou seus pálidos lábios. -Vive aqui para poder economizar tanto dinheiro quanto possa antes de se casar. Vai construir sua própria casa. Ele e sua noiva já pediram a um arquiteto que comece com o projeto.

Webb ficou olhando sua boca, encantado por aquele sorriso diminuto e espontâneo. Não tinha tido que enganá-la para extrair a verdade.

- Bem, ao menos isso é um plano, - resmungou para esconder sua reação. -Glória e Harlan têm setenta anos; não vou fazer que se mudem. Podem viver aqui o resto de suas vidas se quiserem.

-Sei que não quer a casa lotada de parentes, - disse ela. -Eu me mudarei, também…

-Você não vai a lugar algum, - interrompeu-a asperamente, ficando em pé.

Ela o olhou desconcertada.

-Esta é sua casa, maldição! Você pensava que eu a mandaria embora? – Ele não pôde ocultar a cólera em seu tom, não só ao pensar nela partindo, mas também porque que ela tinha acreditado que ele queria que o fizesse.

-Eu também sou só um parente longínquo, - recordou-lhe. -O que vai parecer se vivermos aqui juntos, embora Glória e Harlan vivam também aqui? É diferente agora, porque a casa está cheia, mas, quando outros se mudarem, as pessoas falarão se eu não o fizer também. Você vai querer se casar de novo um dia, e…

-Esta é sua casa, - repetiu, apertando os dentes em um esforço para manter a voz calma. -Se um de nós tem que se mudar, serei eu.

-Não pode fazer isso, - disse ela, estupefata. - Davencourt será teu. Não seria correto que você vá embora sozinho para que eu tenha um lugar onde viver.

-Não pensou alguma vez que deveria ser sua?- retrucou ele, provocado além de toda resistência. -Você é uma Davenport. Não está malditamente ressentida comigo por estar aqui?

-Não. Sim. - Ela o olhou um momento, seus olhos velados e ilegíveis enquanto as palavras pendiam entre eles. -Não estou ressentida, mas o invejo, porque Davencourt vai ser seu. Cresceu com essa promessa. Modelou a sua vida ao redor da custódia desta família, desta casa. Por isso, ganhou isso, e deveria ser teu. Eu sabia quando fui te buscar no Arizona que Lucinda mudaria seu testamento, deixando-lhe tudo outra vez; falamo-lo de antemão. Mas embora o inveje, nunca pensei em Davencourt como minha. Foi meu lar desde que tinha sete anos, mas não era minha. Era de Lucinda e logo será teu.

Ela suspirou, e com cuidado reclinou a cabeça contra o respaldo da poltrona.

-Tenho graduação em Administração de Empresas, mas o fiz porque Lucinda necessitava de ajuda. Nunca estive interessada nos negócios e nas finanças, enquanto você se destaca nisso. O único trabalho que sempre quis fazer é treinar cavalos. Não quero passar o resto de minha vida em reuniões de negócios; fique com essa parte e obrigado, além disso. Não ficarei na pobreza e sabe. Tenho minha própria herança.

Ele abriu a boca e ela elevou uma mão para detê-lo.

-Não terminei. Quando já não for mais necessária aqui… - Fez uma pausa, e soube que pensava na morte de Lucinda, como fazia ele. O pensamento sempre estava lá, espreitando em seu futuro se eles se animassem a falar disso abertamente ou não. - Quando chegar o fim, vou criar meu próprio estábulo, minha própria casa. Pela primeira vez, algo me pertencerá e ninguém jamais vai poder me tirar isso.

Webb apertou os punhos. O olhar dela era limpo, embora distante de algum jeito,como se olhasse para trás,vendo todas as coisas e pessoas que lhe tinham sido arrebatadas quando era muito jovem e indefesa para ter o mínimo controle sobre sua vida: seus

pais, seu lar, mesmo o centro de sua existência. Seu amor próprio lhe tinha sido sistematicamente arrebatado por Jessie, com a inconsciente ajuda de Lucinda. Mas o tinha tido a ele como seu baluarte até que, também, tinha-a abandonado, e depois Roanna não se permitiu ter a ninguém, sentir carinho por nada. Desconectou-se. Enquanto sua vida estava em suspense, se sustentou em Lucinda, mas esse tempo chegava ao seu final.

Quando Lucinda morresse, Roanna planejava partir.

Ele olhou-a furioso. Todos queriam Davencourt e não tinham direito a ela. E Roanna que legitimamente podia reclamá-lo, não o queria. Queria partir.

Estava tão furioso por isso que decidiu que deveria voltar para seu quarto antes que realmente perdesse o controle, algo que ela agora mesmo não estava em condições de suportar e que não queria fazer de todos os modos. Caminhou com passo majestoso até a porta, mas parou ali para dizer a última palavra.

- Falaremos de tudo isso mais tarde, - disse ele. -Mas você não se move desta casa.

## Capítulo 18

Era o dia da festa de boas vindas de Lucinda para ele, e enquanto Webb dirigia de volta a casa se perguntava quão grande seria o desastre. Não lhe preocupava, mas incomodaria sobremaneira a Lucinda se as coisas não saíssem exatamente como ela tinha planejado. Pelo que tinha vivenciado essa tarde, as coisas não pintavam bem.

Não tinha sido nada, nem sequer um enfrentamento, mas, como barômetro do sentimento público, tinha sido bastante exato. Tinha almoçado em Painted Lady com o presidente da comissão agrícola e os comentários das duas mulheres detrás dele tinham sido facilmente audíveis por acaso.

-Sem dúvida tem muita cara de pau, - havia dito uma das mulheres. Não tinha levantado a voz, mas tampouco se incomodou em baixá-la para assegurar-se de não poder ser ouvida. -Se acredita que dez anos é tempo suficiente para que nos esqueçamos do que aconteceu... Bem, deveria pensar melhor.

-Lucinda Davenport nunca vê nenhuma falta em seus favoritos, - comentou a outra mulher.

Webb olhava para frente no rosto do presidente, que ia congestionando-se, cada vez mais avermelhado, enquanto o homem se aplicava cuidadosamente a seu almoço e fingia não ouvir nada.

-As pessoas acreditavam que até os Davenport pensariam antes de tentar nos forçar a aceitar o trato com um assassino, - disse a primeira mulher.

Os olhos de Webb se entreabriram, mas não girou para encarar-se com as mulheres. Suspeito de assassinato ou não, tinham-no educado para ser um cavalheiro sulino e isso significava que não envergonharia deliberadamente a umas damas em público. Se um homem tivesse dito o mesmo, teria reagido de forma distinta, mas tão somente eram duas francas atiradoras verbais, e bastante idosas, pelo som de suas vozes. Deixou-as falar; sua pele estava bastante resistente para aguentar.

Mas as matriarcas sociais possuíam muito poder e se todas elas sentissem o mesmo, a festa de Lucinda seria um desastre. Não se

preocupava consigo mesmo; se esta gente não queria fazer negócios com ele, de acordo, encontraria a outros que quisessem. Mas Lucinda se sentiria ferida e chateada e se culparia por não defendê-lo há dez anos. Pelo bem dela, esperava…

O para-brisa explodiu, orvalhando Webb com diminutas partes de vidro. Algo quente zumbiu junto a seu ouvido, mas não teve tempo de preocupar-se com isso. Seu reflexo de esquivar-se fez com que desse uma sacudida ao volante e as rodas direitas ricochetearam violentamente enquanto o carro girava para a lateral da estrada. Lutou ferozmente por manter o controle, assegurando-se de que o carro seguisse no meio-fio antes que ricocheteasse em um buraco ou uma boca de lobo que o enviasse à sarjeta. O para-brisa quebrado o privava de toda visão, embora seguisse em seu lugar, tornou-se completamente opaco pela teia de fissuras que o percorria. Uma pedra, pensou, embora o caminhão que ia diante dele estivesse bastante longe para não esperar ser alcançado pelo cascalho lançado pelos pneus. Talvez um pássaro, mas teria visto algo tão grande.

Conseguiu devolver as quatro rodas ao meio-fio e retomar o controle do carro. Automaticamente freou, olhando através da relativamente intacta parte direita do para-brisa em um esforço por determinar a distância até o acostamento e se havia espaço suficiente para estacionar. Estava quase junto ao cruzamento que levava ao caminho privado de Davencourt. Se pudesse dar a volta, não havia muito tráfico…

O para-brisa se quebrou ainda mais, esta vez pelo lado direito. Parte do destroçado cristal se desprendeu do marco, pequenos diamantes unidos pela película de segurança que impedia que o vidro explodisse. Pedras uma merda, pensou violentamente.

Alguém lhe tinha disparado.

Rapidamente se inclinou para frente e golpeou o para-brisa com o punho, derrubando-o para poder ver à frente, e pisou no acelerador a fundo. O carro saiu disparado, a tração o lançou contra o assento. Se parasse, daria ao atirador um alvo imóvel, estaria morto, mas era condenadamente difícil fazer mira contra alguém que ia a oitenta e cinco quilômetros por hora.

Recordando o ardente zumbido que tinha sentido junto a seu ouvido direito logo depois do primeiro disparo, fez uma superficial estimativa da trajetória da primeira bala e mentalmente situou ao

pistoleiro sobre um alto montículo um pouco mais à frente do desvio à direita da estrada. Quase estava chegando a ele e, se voltasse por ali, o atirador poderia lhe disparar de lado. Webb manteve firme o pé no acelerador, saltando o desvio a todo gás, e então se embrenhou através do denso arvoredo onde Beshears acreditava que o ladrão tinha escondido seu carro.

Webb entrecerrou os olhos protegendo-se contra o vento e pisou nos freios a fundo, girando o volante ao mesmo tempo em que fazia o carro dar um giro de cento e oitenta graus - manobra que tinha dominado quando era um presunçoso adolescente insensato que corria por esta mesma estrada, com sua longa pista reta. Saía fumaça dos pneus que já tinham deixado marcas de borracha no pavimento. Outro carro passou diante dele, fazendo soar a buzina. O seu se sacudiu e derrapou, depois se endireitou com a capota arremessada para trás, na direção da que tinha vindo. Era uma estrada de quatro mãos, duas em cada sentido, o que significava que ia em direção oposta, contra o tráfico. Dois carros se dirigiam diretamente para ele. Ele pisou de novo no acelerador.

Ele alcançou o caminho do prado justo antes de se chocar de frente com um desses carros e tomou a curva sobre duas rodas. Freou imediatamente e desligou o motor. Desceu do carro antes que este deixasse de estremecer, correu para a densa cobertura da lateral, deixando o carro para bloquear a saída do atalho, só no caso de que fosse aqui onde o atirador tivesse deixado seu carro. Seria o mesmo homem que tinha entrado na casa ou uma coincidência? Qualquer um que transitasse com regularidade por esta estrada, o que faziam milhares de pessoas, poderia haver-se dado conta do caminho. Parecia um caminho de caçadores que entrava nos bosques, mas aproximadamente a um quarto de milha, tinha sido limpo de árvores e arbustos e se abria em um amplo terreno que terminava com as terras de Davencourt.

"Fodida coincidência," sussurrou para si mesmo enquanto se deslizava silenciosamente por entre as árvores, aproveitando a cobertura natural para evitar que alguém lhe desse um tiro.

Ele não sabia o que ia fazer se ficasse de frente com alguém que tivesse um rifle enquanto que ele estava desarmado, mas não tinha intenção de deixar que isso passasse. Tinha recebido o bastante da típica educação rural, apesar de tudo, ou possivelmente devido à vantagem de viver em Davencourt. Lucinda e Yvonne se asseguraram

de que se adaptasse aos seus companheiros de classe e com as demais pessoas com as quais trataria o resto de sua vida. Tinha caçado esquilos, cervos e gambás, aprendeu logo como mover-se silenciosamente pelos densos bosques, sem fazer um ruído, como espreitar presas que tinham olhos e ouvidos muito melhores que os seus. Os ladrões que levaram seu gado e trataram de revendê-lo no México averiguaram quão bom ele era seguindo o rastro e não se deixando ver se não quisesse. Se o pistoleiro estivesse aqui, encontrá-lo-ia, e o tipo não saberia que estava espreitando-o até que fosse muito tarde.

Não havia nenhum outro veículo estacionado no caminho. Uma vez sabendo disso, Webb ficou de bruços e escutou os sons ao seu redor. Cinco minutos mais tarde, sabia o que espreitava ao vento. Ali não havia ninguém. Se ele tinha calculado a trajetória corretamente, então o atirador tinha seguido outra rota para partir do morro.

Ele se levantou e caminhou de volta ao carro. Olhou o destroçado para-brisa, com aqueles dois pequenos buracos atravessando-o e sentiu uma grande raiva. Tinham sido dois bons disparos; um ou ambos poderiam tê-lo matado se o ângulo tivesse desviado apenas um centímetro. Ele abriu a porta e se inclinou para dentro, examinando os assentos. Havia um buraco desigual atravessando o apoio de cabeça do motorista, mais ou menos a um centímetro de onde estivera sua orelha direita. A bala tinha tido bastante força para poder, depois de atravessar o para-brisa dianteiro, perfurar completamente o assento e fazer um buraco de saída no para-brisa traseiro. A segunda bala tinha deixado um buraco no assento de trás onde se incrustou.

Ele pegou o celular, abriu-o e ligou para Carl Beshears.

Carl chegou sem luzes ou sirenes, a pedido de Webb. Nem sequer trouxe um ajudante com ele.

-Não diga uma palavra a ninguém, - havia-lhe dito Webb. - Quanto menos pessoas souberem disso, melhor.

Agora Carl caminhava ao redor do carro, observando cada detalhe.

-Maldição, Webb, - disse finalmente. - Alguém tem muita raiva de você.

-Que se aguente. Não estou de humor para que me fodam.

Carl deu uma rápida olhada a Webb. Havia uma fria e perigosa expressão em seu rosto, uma que não pressagiava nada bom para quem cruzasse seu caminho. Todo mundo sabia que Webb Tallant tinha gênio, mas isto não era temperamento: isso era algo mais, um pouco deliberado e desumano.

-Alguma ideia? - perguntou-lhe. – Está de volta à cidade há o que, uma semana e meia? Você tem inimigos rápidos e letais.

-Acredito que é o mesmo homem que entrou na casa, - disse Webb.

-Interessante teoria. - Carl pensou nisso, acariciando-o queixo. -Então não acredita que fosse apenas um ladrão?

-Não, já não. Não ocorreu nada em Davencourt durante os dez últimos anos, até que retornei para casa.

Carl grunhiu e esfregou o queixo um pouco mais enquanto estudava Webb.

- Está dizendo o que acredito que diz?

-Eu não matei Jessie, - resmungou Webb. -Isso significa que outro o fez, alguém que estava em nossa casa. Normalmente, eu deveria estar lá. Nunca saía aos bares à noite para um último drinque para flertar com outras mulheres. Talvez Jessie o tenha surpreendido, como aconteceu com Roanna. Roanna tropeçou com ele no patamar da frente; meu quarto e a de Jessie estavam na ala esquerda dianteira, lembra-se? Agora é onde Corliss tem seu quarto, eu durmo em um quarto da parte de trás. Mas o suposto ladrão não tinha por que sabê-lo, verdade?

Carl assobiou brandamente entre dentes.

-Isso o converteria em vítima intencionada desde o começo, o que significa que esta é a terceira tentativa de matá-lo. Sinto-me inclinado a acreditar em você, filho, principalmente porque não tinha nenhuma razão para matar a senhora Jessie. Essa era a droga que tínhamos há dez anos. Quem quer que o tenha feito, deve pensar que foi verdadeiramente engraçado, você culpado de matá-la. Melhor que

o que a tivesse matado você mesmo. Agora, quem o odeia o suficiente para tentar matá-la há dez anos e manter essa loucura durante tanto tempo?

-Maldição se eu soubesse, - disse Webb, tranquilo. Durante anos tinha acreditado que o amante secreto de Jessie a tinha matado, mas com este novo fato, isso não tinha sentido. Teria tido sentido que o assassino tratasse de matá-lo, mas não que matasse Jessie. Inclusive até teria sido razoável - se quisesse pensar no assassinato como algo razoável - que os dois conspirassem para matá-lo. Isso o tiraria do meio e Jessie teria herdado uma parte maior da fortuna Davenport. Se simplesmente se divorciasse dele, sua herança teria sido menor, porque, apesar das ameaças de Jessie, ela tinha que saber perfeitamente que Lucinda não o teria deserdado somente porque se divorciaram. Em seu favor, tinha que reconhecer que não acreditava que Jessie tivesse estado implicada em um complô para assassiná-lo. Como Roanna, simplesmente estava no lugar incorreto no momento equivocado, mas para Jessie tinha resultado fatal.

Carl tirou um pedaço de barbante e amarrou uma ponta ao redor de uma caneta.

-Vem, sustente o para-brisa levantado como puder, - disse, e Webb obedeceu. Carl passou o extremo livre da corda pelo primeiro buraco de bala, estirando-o até que a caneta ficou junto à parte exterior e presa. Então amarrou o outro extremo ao redor de outra caneta, segurando desta vez a corda sob o clipe e passando-o pelos buracos que atravessavam o encosto de cabeça.

Olhou a trajetória e assobiou brandamente de novo.

-À distância que disparou, se tivesse virado ou olhado um cabelo mais à direita, essa bala te teria dado justo entre os olhos.

-Já me dava conta de que fora foi um excelente tiro, - disse Webb sarcasticamente.

Carl sorriu amplamente.

-Pensei que seria um homem que apreciava a boa pontaria. E a segunda bala?

-Segue cravada no porta-malas.

-Bem, qualquer rifle para caçar cervos dispararia uma bala com

suficiente força para cobrir esta distância. Não há modo de lhe seguir o rastro, inclusive embora pudéssemos encontrar uma das balas. - Olhou ao Webb. - Correu um grande risco, parando aqui assim.

-Estava furioso.

-Sim, pois se houver uma próxima vez, se acalme antes de decidir ir atrás de alguém armado. Farei que reboquem o carro e que meus rapazes o examinem, mas não acredito que encontremos nada que nos ajude.

-Nesse caso, preferiria que ninguém mais se inteirasse disso. Eu me ocuparei do carro.

-Importa-se em me dizer por que quer mantê-lo em segredo?

-Em primeiro lugar, não quero que fique alerta. Se estiver relaxado, talvez cometa um engano. Em segundo lugar, não pode fazer uma maldita coisa de todos os modos. Não pode me escoltar a todos os lugares aonde vá e não pode manter vinte e quatro horas de vigilância sobre Davencourt. E terceiro, se Lucinda souber disto, poderia matá-la.

Carl grunhiu.

-Webb, sua família precisa saber para ter cuidado.

- Estão atentos. O suposto ladrão os assustou. Instalamos novas fechaduras de segurança, janelas mais seguras e estamos protegidos por um alarme que, se disparar, fará uivar a todos os cães em um raio de trinta milhas. E, além disso, não é nenhum segredo em Tuscumbia que fizemos tudo isto.

-Então acredita que ele sabe e que, provavelmente, não tentará entrar na casa outra vez?

-Já entrou duas vezes antes sem nenhum problema. Em vez de tentá-lo de novo, esta vez tratou que me dar um tiro na estrada. Soa como se soubesse das notícias.

Carl cruzou os braços e ficou olhando-o.

-A festa da senhora Lucinda é esta noite.

-Pensa que poderia estar entre os convidados, - disse Webb. Ele já tinha pensado o mesmo

-Eu diria que existe uma possibilidade. Talvez eu devesse examinar a lista de convidados e ver se reconhece o nome de alguém com quem não tem boa relação, alguém com quem teve alguma topada durante algum trato de negócios. Demônios, se nem sequer fui convidado; pelo que ouvi, haverá tanta gente que poderia ficar a dançar uma valsa e ninguém daria conta.

-Você está convidado, Carl. Virá?

-Não me poderão impedir se Booley estiver lá, também. Tudo bem se o puser a par de tudo isto? Esse velho cão segue sendo bastante ardiloso e, se souber que deve estar alerta, pode ser que veja algo.

-De acordo, pode contar a Booley. Mas a ninguém mais, ouviu-me?

-Ok, ok, - queixou-se Carl. Olhou o carro de Webb outra vez. -Quer que o escolte até a casa?

-Não, todo mundo faria perguntas. Leve-me de volta à cidade. Tenho que conseguir outro veículo de todos os modos e fazer que se ocupem deste. Contarei aos outros que tive um problema mecânico. -Ele olhou o relógio. -Tenho que me apressar para chegar à casa a tempo para a festa.

Estava previsto que os convidados começassem a chegar daqui a meia hora e Webb não aparecia por nenhum lugar. Toda a família já estava ali, inclusive sua mãe e a tia Sandra. Yvonne começava perder a calma, porque não era próprio de Webb chegar tarde e Lucinda se mostrava cada vez mais irritável.

Roanna permanecia sentada, muito composta, ocultando sua própria angústia em seu interior. Não se permitiu pensar em acidentes de carro, porque não poderia suportá-lo. Seus próprios pais tinham morrido dessa forma e depois não se atreveu nem a pensar nisso. Se ocorria um acidente por uma estrada, nunca reduzia para bisbilhotar, mantinha cuidadosamente o olhar fixamente apartado e passava o lugar do acidente tão rápido quanto podia. Webb não podia ter sofrido um acidente, simplesmente não podia ser.

Então ouviram abrir a porta da rua e Yvonne correu a ela.

-Onde você esteve? - Roanna ouviu-a perguntar com maternal aspereza.

- Tive um problema com o carro, - respondeu Webb enquanto subia pela escada de dois em dois. Ele voltou em quinze minutos, barbeado de novo e vestido com o smoking de etiqueta que Lucinda tinha escolhido.

- Lamento chegar tarde, - disse enquanto se dirigia ao bar e abria as portas. Serviu-se de um copo de tequila e o tomou de um gole, depois deixou o copo e lhes lançou um temerário sorriso. - Que comece a festa.

Roanna não podia apartar seus olhos dele. Ele parecia um pirata apesar da elegância de sua roupa. Seu espesso e negro cabelo estava ainda mais escuro pela umidade e estava penteado com um severo estilo. Movia-se com a ágil graça de um homem acostumado à roupa formal, de forma inconsciente. O smoking se ajustava perfeitamente a seus amplos ombros e a calça era bastante justa para parecer elegante sem ser apertada. Webb sempre se vestia bem, usasse o que usasse. Ela tinha pensado que ninguém podia ter melhor aspecto que ele de jeans, botas e camisa de trabalho e agora pensou que ninguém estaria melhor em terno de etiqueta. Uma fila de botões de ébano percorria a frente de sua camisa branca, com o peito adornado com estreitas jarretas, combinando com as abotoaduras que resplandeciam obscuramente em seus poderosos pulsos.

Ela não havia voltado a falar em privado com ele desde a noite em que ele tinha ido a seu quarto e lhe tinha contado a razão pela que não tinha visto o ladrão. Webb lhe tinha proibido categoricamente de trabalhar até que o médico a tivesse examinado e lhe desse alta, o que tinha acontecido no dia anterior. Para falar a verdade, durante os primeiros dias depois de ter voltado para casa do hospital, não tinha tido vontade de trabalhar ou fazer nada exceto descansar. A dor de cabeça persistia e, se ela se movesse, voltavam-lhe as náuseas que acompanhavam à dor. Só nos dois últimos dias a dor tinha desaparecido e com ela as náuseas. Ainda assim, não acreditava que essa noite se arriscasse a dançar.

Webb estivera ocupado e não só com o trabalho. Tinha fiscalizado a instalação das portas blindadas nas entradas principais, das fechaduras de segurança inclusive nas portas francesas e de um

sistema de alarme que a tinha feito tampar a cabeça com um travesseiro para amortecer o som quando foi testado. Se não pudesse dormir e quisesse abrir as portas que davam à varanda para desfrutar do ar fresco, primeiro tinha que teclar um código em uma das pequenas caixas instaladas junto às janelas de cada quarto. Se as abrisse sem teclá-lo, o estrondo que seguiria faria saltar a todo mundo de sua cama.

Entre sua dor de cabeça e o trabalho dele, simplesmente não tinha havido tempo para uma conversa privada. Com o drama de sua ferida, a maior parte de sua vergonha se desvaneceu. Depois da visita à meia-noite ao seu quarto, o tema não havia tornado a surgir, como se ambos quisessem evitá-lo.

-Caramba, está muito bonito, - disse Lucinda, olhando Webb de cima a baixo. -Mais que antes, se não se importar que o diga. Lutar com as vacas ou qualquer outra coisa que fizesse no Arizona, evidentemente te manteve em forma.

-Conduzir, - corrigiu-a ele, os olhos lhe brilhavam com diversão. - E, sim, lutei com algumas delas.

- Você disse que teve um problema com o carro, - disse Yvonne. - O que ocorreu?

- Quebrou a macha, - disse ele brandamente. -Tive que chamar um reboque.

-E o que dirige, então?

-Uma caminhonete. - Seus olhos despediam um verde brilho quando o disse e Roanna notou a sutil tensão nele, uma espécie de incremento em seu estado de vigilância, como se estivesse preparando para alguma classe de crise que só ele antecipava. Ao mesmo tempo, havia uma óbvia diversão na curvatura de sua boca e o viu jogar uma olhada com espera em direção a Glória.

-Uma caminhonete, - disse Glória, com desdém. - Espero que não leve muito tempo reparar seu carro.

A diversão se fez ainda mais pronunciada, embora Roanna se perguntasse se era ela a única que havia percebido.

- Não importa, - disse ele e sorriu amplamente, com malvado entusiasmo. –Comprei-a.

Se ele esperava um discurso inflamado, Glória não o decepcionou. Lançou-se a um sermão sobre "que imagem daria que alguém de nossa família conduzisse um veículo tão vulgar."

Enquanto insistia na parte sobre a imagem que tinham que manter, os olhos de Webb faiscaram com mais intensidade. Ele disse:

- Além disso, tem tração nas quatro rodas. E uns pneus enormes, do tipo dos que usam os contrabandistas de licor para poder atravessar os bosques. - Glória o contemplou horrorizada e momentaneamente emudecida, enquanto seu rosto ia se congestionando.

Lucinda escondia um sorriso detrás de sua mão. Greg tossiu e girou para olhar pela janela.

Corliss também olhava pela janela. Disse:

- Meu deus, parece como aquela cena do Campo de Sonhos.

Lucinda, entendendo exatamente o que queria dizer, levantou-se e disse com evidente satisfação.

- É obvio. Se eu der uma festa, eles vêm.

Aquele comentário os fez rir a todos exceto a Roanna, mas Webb notou que um sorriso se desenhava brevemente em seus lábios. O terceiro, pensou.

Logo a casa transbordava de risadas e de gente conversando. Uns poucos homens vestiam smoking, mas a maior parte deles tinha escolhido um terno de jaqueta escuro. As mulheres se arrumaram em uma grande variedade de estilos, desde trajes de coquetel por cima do joelho, até vestidos compridos mais formais. Todas as damas Davenport e Tallant usavam vestidos longos de noite, de novo seguindo a diretriz de Lucinda. Ela sabia exatamente como causar impressão e manter o tom.

Lucinda tinha bom aspecto, melhor do que tivera em muito tempo. Seu branco cabelo estava penteado em um régio coque e o tom pêssego pálido do vestido, ajudado por uma hábil aplicação de cosméticos, dava uma delicada cor a seu rosto. Sabia o que fazia ao insistir em pôr luzes de cor pêssego.

Enquanto Lucinda alternava entre seus amigos, Roanna se ocupou discretamente de que tudo funcionasse com fluidez. O

fornecedor era muito eficiente, mas os desastres ocorriam até na mais ferreamente organizada das festas. Os garçons contratados para essa noite se moviam por entre a multidão com bandejas repletas de pálidas taças de dourado champanhe ou de uma deslumbrante seleção de peças. Para aqueles que tinham um apetite maior, preparou-se um enorme bufê. Fora, no pátio, a orquestra já tinha começado a tocar os velhos temas de sempre, atraindo as pessoas ao exterior para dançar sob as mágicas luzes pêssego.

Roanna estava consciente de Webb que se movia por entre a multidão, falando correntemente com todo mundo, detendo-se para fazer um comentário divertido ou algumas observações sobre política e passando a seguir a outro grupo. Parecia perfeitamente relaxado, como se não lhe tivesse ocorrido que alguém pudesse olhá-lo com receio, mas ela ainda podia detectar sua tensão no forte e reluzente brilho de seus olhos. Ninguém diria algo depreciativo sobre ele em sua presença, compreendeu. Havia um poder nele que o fazia destacar, inclusive entre esta multidão da elite social, uma autoconfiança que pouca gente tinha. Realmente não lhe importava o mínimo o que qualquer deles pensasse. Não no que a ele concernia, ao menos. Ele se deslocava tão relaxado quanto seguro de si, mas preparado para atuar se fosse necessário.

Por volta das dez, quando a festa já durava mais de duas horas, situou-se a suas costas enquanto ela contemplava a mesa do bufê assegurando-se de que não fizesse falta repor nada. Parou-se tão perto que sentia o calor de seu enorme corpo e posou sua mão direita sobre sua cintura.

– Você está bem? - perguntou-lhe em voz baixa.

-Sim, estou bem, - disse ela automaticamente ao tempo que girava para enfrentá-lo, repetindo as mesmas palavras que tinha usado ao menos cem vezes essa noite em resposta à mesma pergunta. Todo mundo tinha ouvido falar do ladrão e de seu traumatismo craniano e tinha querido que lhe falasse sobre isso. - Tem boa aparência, - haviam-lhe dito todos, mas Webb não fez. Em troca, ele olhava seu cabelo. Os pontos da cabeça haviam sido retirados há um dia, quando tinha ido a seu médico. Hoje, como preliminar para a festa, tinha ido ao seu cabeleireiro, que tinha lhe recolhido delicadamente o cabelo em um sofisticado coque, que ocultava a pequena zona onde tinham tido que lhe raspar o cabelo.

-Sabe algo? - perguntou-lhe com inquietação.

Sabia ao que se referia.

-Não, nada. Sua cabeça ainda dói?

-Só um pouco. Está mais sensível que dolorida.

Ele levantou a mão de sua cintura e deu um toque em um de seus brincos, fazendo que a estrela de ouro balançasse.

– *Você está no ponto para ser comida*[4], - disse tranquilamente.

Ela ruborizou, porque esperava estar atraente esta noite. O dourado cremoso de seu vestido se complementava com o cálido tom de sua pele e o castanho escuro de seu cabelo.

Ela elevou o olhar para ele, e a respiração sufocou em seu peito. Ele a olhava com uma dura e intensa expressão de fome em seu rosto. O tempo pareceu deter-se repentinamente ao redor deles, as pessoas desapareceram de sua consciência e o ruído e a música ficaram silenciados. O sangue palpitou por suas veias, devagar, poderosamente.

Era o mesmo modo que a tinha olhado o dia que saíram a cavalgar juntos. Ela o tinha confundido com desejo… ou não se equivocou?

Estavam completamente sozinhos ali, no meio da multidão. Seu corpo se avivou, sua respiração ficou rápida e superficial, seus seios se encheram como se ele os houvesse tocado. A dor de desejá-lo era tão intensa que pensou que morreria.

-Não, - sussurrou ela. -Se você não tem a intenção de... Não.

Ele não respondeu. Em troca seu olhar se deslocou, devagar, abaixo, para seus seios, atrasando-se, e ela sabia que seus mamilos estavam visivelmente eretos. Um músculo palpitou em seu queixo.

-Quero fazer um brinde.

Lucinda sabia fazer-se ouvir entre uma multidão sem, aparentemente, levantar a voz. Devagar, a conversa de centenas de vozes foi remetendo e todo mundo girou para ela enquanto permanecia em pé, ligeiramente apartada, frágil, mas ainda

[4] Aqui a autora usou uma expressão que representa boa aparência na forma sexual, do tipo o nosso famoso: "*Você está um tesão, pronta para o sexo*".

majestosa.

O feitiço que tinha vinculado Roanna e Webb ficou quebrado e Roanna se estremeceu em reação quando ambos giraram para olhar Lucinda.

-Ao meu sobrinho, Webb Tallant, - pronunciou Lucinda com clareza e levantou sua taça de champanhe para Webb. – Senti sua falta desesperadamente enquanto esteve longe e sou a mais feliz idosa do Condado de Colbert agora que você está de volta.

Este era outro de seus golpes magistrais, obrigando as pessoas a brindar por ele, a reconhecê-lo, a aceitá-lo. Por toda parte, as taças foram elevadas para Webb, bebeu-se o champanhe e um coro de boas vindas ressonou pelos quartos. Roanna, cujas mãos estavam vazias, dedicou-lhe um breve sorriso de desculpas.

Número quatro, pensou ele. Foram dois em uma noite.

Seus nervos acusavam a crua tensão do silencioso e carregado momento que tinha ocorrido entre eles. Ela escapuliu por entre a multidão e continuou com sua tarefa de assegurar-se de que tudo estava bem no pátio. Os casais passeavam pelos caminhos, iluminados pelas milhares de luzes presas às árvores e aos arbustos, o labirinto de cabos elétricos cuidadosamente recolhidos com tiras de espuma e apartados para que ninguém tropeçasse e caísse. A orquestra já não tocava os velhos temas, tendo esquentado o suficientemente às pessoas para dançar e agora tocava melodias mais animadas, concretamente “Rock around the clock”. Ao menos cinquenta pessoas exercitavam suas pernas sobre a pista de dança.

A melodia terminou entre aplausos e risadas e então se produziu um desses fugazes e curtos silêncios no que as palavras “ele matou a sua esposa” foram claramente audíveis.

Roanna parou, sua expressão congelou. O silêncio se alargava enquanto as pessoas olhavam incomodamente para ela. Inclusive os membros da orquestra ficaram imóveis, sem saber o que acontecia, mas conscientes de que algo tinha passado. A mulher que estivera falando se voltou, com a cara ruborizando-se de vergonha.

Roanna cravou o olhar fixamente na mulher, que era uma Cofelt, membro de uma das famílias mais antigas do condado. Depois olhou ao redor para todos os outros rostos, congelados sob as encantadoras luzes de cor pêssego que seguiam contemplando-a.

Esta gente tinha ido à casa de Webb, tinha desfrutado de sua hospitalidade e ainda assim continuavam falando dele às suas costas. Não era somente Cora Cofelt, que tinha tido a má sorte de ser ouvida. Todas estas caras mostravam culpa porque tinham estado dizendo o mesmo que ela. Se tivessem o mínimo traço de bom julgamento para começar, pensou com crescente fúria, teriam se dado conta há dez anos de que era impossível que Webb tivesse matado a sua esposa.

Era uma questão de simples cortesia que a anfitriã não fizesse nada que envergonhasse a um de seus convidados, mas Roanna sentiu que a cólera a dominava. Tremia pela tormenta de emoções, de pura coragem. Fluiu por ela até que inclusive as pontas de seus dedos formigavam.

Tinha suportado bastante por conta própria. Mas, Por Deus, não ia ficar ali em pé e deixá-los difamar Webb.

-Vocês, as pessoas que se supõe que tinham sido amigos de Webb, - disse com voz clara e forte. Nunca antes em sua vida se havia sentido mais furiosa, exceto com Jessie, mas essa era um tipo diferente de fúria. Sentia-se fria, perfeitamente controlada. -Vocês deveriam ter sabido há dez anos que ele jamais teria feito mal a Jessie, deveriam tê-lo apoiado em vez de aproximar as cabeças e cochichar sobre ele. Nenhum de vocês - nenhum só - expressou a menor compaixão com ele no enterro de Jessie. Ninguém falou em seu favor. Mas vieram a sua casa esta noite, como seus convidados, comeram sua comida, dançam... E seguem falando às suas costas.

Fez uma pausa, olhando rosto por rosto e depois continuou.

–Possivelmente, deva esclarecer a posição de minha família a cada um, se por acaso houve o mínimo mal-entendido. Apoiamos Webb. Ponto final. Se alguém dos presentes sente que não pode relacionar-se com ele, então, por favor, que parta agora, e sua relação com os Davenport e os Tallant se dará por finalizada.

O silêncio sobre o pátio era denso e embaraçoso. Ninguém se moveu. Roanna girou para a orquestra.

-Toquem…

-… algo lento, - disse Webb atrás dela. Sua mão, forte e cálida, fechou-se ao redor de seu cotovelo. -Quero dançar com minha prima e sua cabeça está ainda muito dolorida para balançar os ossos.

Um sequência de risadas nervosas se estendeu pelo pátio. A orquestra começou a tocar "Blue Moon" e Webb girou com ela em seus braços. Outros casais se moveram para a pista, começaram a balançar-se ao ritmo da música e a crise passou.

Ela o abraçava como um primo, não com a intimidade de um homem e uma mulher que tinham dormido nus juntos entre lençóis enrolados. Roanna tinha a vista cravada em sua garganta enquanto dançavam.

-Quanto ouviste?- perguntou, com voz tranquila e controlada uma vez mais.

-Tudo, - disse ele, em tom indiferente. -Entretanto, equivocou-se em uma coisa.

-No que?

Um estrondo de trovões soou na distância e ele elevou o olhar para o céu escuro quando uma repentina brisa fria soprou com uma promessa de chuva. Depois de dias abafados, parecia como se finalmente fosse chegar a tempestade. Quando voltou a olhá-la, seus olhos verdes brilhavam.

- Houve uma pessoa que me ofereceu sua compaixão no funeral de Jessie.

## Capítulo 19

A festa tinha acabado e os convidados partiram a suas casas. A orquestra tinha desligado os equipamentos e haviam ido embora. O encarregado do bufê e seu pessoal tinham limpado, lavado e carregado tudo eficientemente em duas caminhonetes e também partiram, cansados mas bem pagos.

Lucinda, esgotada pelo esforço sobre-humano que tinha feito essa noite, foi imediatamente à cama e todos os outros a tinham seguido em pouco tempo.

A tempestade tinha completado a sua promessa, chegando com grandes relâmpagos de luz, trovões que estremeciam as janelas e correntes de chuva. Roanna contemplava o dramatismo da chuva da escura segurança de seu quarto, comodamente enroscada em sua poltrona. As portas da varanda estavam abertas para poder apreciá-la em sua totalidade, aspirar à frescura da chuva e ver como as rajadas de vento varriam a terra. Abraçava-se a si mesma sob uma leve e suave manta afegã, deliciosamente estremecida pela umidade do ambiente. Sentia-se relaxada e um pouco sonolenta, hipnotizada pela chuva, seu corpo se afundava na confortável profundidade da poltrona, livre de toda tensão.

O pior da tempestade já tinha passado e a chuva caía agora como um denso e constante aguaceiro, acompanhado pelo ocasional brilho de algum relâmpago. Estava encantada de permanecer ali sentada, recordando - não a cena do pátio - mas sim esse momento antes do brinde de Lucinda, quando ela e Webb tinham ficado presos em uma bolha suspensa no tempo, com o desejo palpitando densamente entre eles.

Isso tinha sido desejo, verdade? Doce, quente. Seu olhar tinha vagado, ardente como uma lha, até seus seios. Estes lhe tinham palpitado, seus mamilos se ergueram para ele. Não se tinha equivocado com respeito a sua intenção, não podia tê-lo feito. Webb a tinha desejado.

Assim que se afastou dele, ficou alheia a tudo, exceto ao seu desejo de estar com ele. E agora permanecia em seu quarto, contemplando a chuva. Ela não ia persegui-lo outra vez. Ele sabia que o amava, que o tinha amado toda a sua vida. A bola estava

agora em seu campo, para devolvê-la ou deixá-la passar. Não sabia o que ia fazer ou se não faria nada, mas estava convencida do que lhe havia dito na festa. Se não eram sérias as suas intenções, então não as queria.

Seus olhos foram fechando enquanto escutava a chuva. Era tão relaxante, tão tranquilizador; sentia-se muito descansada, dormisse essa noite ou não.

Um débil aroma de fumaça de cigarro chegou até ela. Abriu os olhos e ele estava ali, parado em pé sob as portas abertas, olhando-a. Seu olhar passeava pela escuridão do quarto. Os esporádicos relâmpagos lhe revelaram sua posição, seus olhos velados e tranquilos, seu corpo relaxado e esperando... Esperando.

Em um breve momento de claridade pôde ver a forma que se vislumbrava ali com um ombro recostado contra o marco da porta, uma negligente postura que de maneira nenhuma ocultava a tensão de seus rígidos músculos, a intensidade com que a olhava, como um predador concentrado em sua presa.

Ele havia se despido parcialmente. Sua jaqueta tinha desaparecido e também a gravata. A camisa branca estava desabotoada e por fora da calça e pendurava aberta através de seu amplo peito. Um cigarro ao meio fumegava em sua mão. Ele deu meia volta e o lançou sobre o corrimão da varanda, fora, para a chuva e depois cruzou silenciosamente o quarto, com passo ágil e felino.

Roanna não se moveu, não disse nada nem de boas vindas nem de rejeição.  Este movimento era dele.

Ele se ajoelhou diante da poltrona e pousou suas mãos sobre suas pernas, puxando a manta sobre seus joelhos. O calor de seu roçar a abrasou da cabeça aos pés.

-Sabe Deus que tentei me manter longe de você, - resmungou ele.

- Por quê?- perguntou ela, em voz baixa, uma pergunta singela.

Ele deixou escapar uma áspera gargalhada.

– Só Deus sabe, - repetiu.

Então puxou brandamente a manta, apartando-a dela e deixando-a cair ao chão junto à poltrona. Com a mesma suavidade, deslizou suas mãos sob a prega de sua camisola e segurou seus tornozelos. Tirou-lhe as pernas de sua posição escondida, estirando-as e as estendendo de modo que ele ficasse entre elas.

Roanna tomou uma profunda e estremecida inspiração.

-Tem os mamilos duros? - sussurrou ele.

Ela mal podia falar.

-Não sei…

- Deixe-me ver. - E deslizou suas mãos ao longo de todo seu corpo, sob a camisola, e fechou seus dedos sobre seus seios. Até que não os tocou, ela não se deu conta de quão desesperadamente tinha desejado isto. Gemeu em voz alta de alívio, de prazer. Seus mamilos lhe cravaram nas palmas. Ele esfregou seus polegares sobre eles e riu brandamente. - Acredito que sim, estão, - sussurrou. – Lembro-me o modo que os sinto em minha boca.

Seus seios se elevaram em suas mãos com cada uma de suas rápidas e superficiais inspirações. O desejo se enroscava abrasadoramente em seus flancos, deixando-a lânguida, deixando sua carne ardente e flexível a seu tato.

Ele puxou a camisola por cima da cabeça e a tirou, deixando-a cair ao chão junto à manta. Ela permanecia sentada, nua frente a ele na enorme poltrona, seu esbelto corpo diminuído por suas dimensões. Um relâmpago cintilou outra vez, revelando brevemente os detalhes de seu torso e seus seios, os mamilos franzidos em dois picos e as coxas abertas. O fôlego dele vaiou por entre seus dentes, seu amplo peito se expandiu. Devagar, passou as mãos por suas pernas, lhe abrindo as coxas mais e mais até que ela ficou totalmente exposta a ele.

O ar úmido da noite a banhou, a brisa refrescou a acalorada carne entre suas pernas. A sensação de exposição, de vulnerabilidade, era muito aguda para suportá-la e, com um suave som de pânico, ela tratou de fechar as pernas.

Suas mãos fizeram força sobre suas coxas.

- Não, - disse ele. Ele devagar se inclinou para frente, deixando

que seu corpo a tocasse, que exercesse uma ligeira pressão sobre ela, e sua boca se fechou sobre a sua com uma doçura, uma ternura, que resultou devastadora. O beijo era tão suave como as asas de uma borboleta, tão ocioso como o verão. Com suma delicadeza, entesourou sua boca, atrasou-se no beijo. Ao mesmo tempo, seus malvados dedos entraram audazes entre suas pernas, entreabrindo as dobras secretas que protegiam a suave entrada a seu corpo. Um grande dedo a sondou, fazendo-a retorcer-se, e a seguir a penetrou profundamente. Roanna se arqueou impotente, gemendo em sua boca, subjugada pela inesperada sensação de ser penetrada.

Ele continuou beijando-a, a doçura de sua boca suavizava o avanço dos seus dedos. Era quase diabólico esse contraste de intensidades, despertando todos os matizes de sua sensualidade. Estava sendo ao mesmo tempo seduzida e violada, tentada e tomada.

Seus lábios abandonaram sua boca e se deslizaram com paixão para baixo, por sua garganta, até parar em seus seios. Ele os sorveu delicadamente primeiro e os sugou com força depois. Roanna se afundou em uma escura e vertiginosa tormenta de puro prazer, tremendo de necessidade. Pôs suas mãos sobre sua cabeça, sentindo a espessa e fresca seda de seu cabelo entre seus dedos. Sentia-se aturdida, bêbada de excitação pela cálida essência almiscarada de sua pele. Ele estava quente, muito quente, seu calor corporal queimava através de sua camisa.

Sua boca se moveu para baixo, sobre os trêmulos músculos de seu ventre. Sua língua investigou seu umbigo, fazendo que seus músculos se estremecessem grosseiramente enquanto uma onda de prazer a percorria como um raio. Baixando, baixando...

Ele segurou suas nádegas com força, puxando-a de modo que seu traseiro ficasse justo sobre a borda da poltrona e depois pôs suas pernas sobre seus ombros. Ela deixou escapar um inarticulado gemido de pânico, de necessitada antecipação.

-Já lhe disse isso, - disse ele. – Você está no ponto para ser comida.

E então a beijou ali, com sua boca quente e úmida, e sua língua formando redemoinhos ao redor de seu tenso e ansioso clitóris. Seus quadris se elevaram automaticamente e lhe cravou os calcanhares nas costas. Ela lançou um grito, amortecendo o som com sua própria mão. Não podia evitá-lo, era muito intenso, era o paraíso e o inferno

ao mesmo tempo, e seus quadris se retorciam tratando de escapar dessa sensação. Ele sujeitou seu traseiro com mais força, apertando-a mais contra sua boca, e sua língua se cravou profundamente nela. Ela gozou violentamente, se estremecendo e mordendo a mão para evitar gritar ante a intensidade de seu orgasmo.

Quando as sensações finalmente diminuíram e a liberaram de seu escuro torvelinho, ela ficou estendida sem forças na poltrona com suas pernas ainda estendidas sobre seus amplos ombros. Não podia mover-se. Não ficavam forças nem para abrir os olhos. A qualquer coisa que ele quisesse lhe fazer agora, ela estava aberta, dócil, completamente vulnerável a seu desejo.

Ele baixou suas coxas de seus ombros e ela o sentiu mover-se, sentiu a carícia de sua pele nua contra ela quando ele se desfez da camisa. Ela obrigou as suas pesadas pálpebras a abrirem-se enquanto ele desabotoava as calças e as tirava. Sua urgência era algo ardente e selvagem. Ele passou um braço ao redor de seu traseiro e puxou aproximando-a, afastando-a completamente da poltrona e posando-a sobre suas coxas,sobre seu grosso e pulsante pênis. Penetrou nela, tão duro que se sentiu machucada, tão quente que se sentiu arder. Seu peso ajudava a sua própria penetração, cravando-a para baixo de modo que o sentiu chegar até o mais profundo e lhe escapou uma sufocada exclamação.

Webb gemeu, apoiando-se para trás sobre as mãos, de modo que seu corpo se arqueasse poderosamente embaixo dela.

- Sabe o que fazer, - disse ele, com os dentes apertados. – Monte-me.

Ela o fez. Seu corpo respondeu automaticamente, elevando-se e caindo, suas coxas aferrando-se a seus quadris, flexionando-se quando ela se elevava quase por completo sobre ele só para deixar cair de novo. Ela o montou devagar, tanto que o tomava centímetro a centímetro. Seu corpo era mágico, movendo-se com a fluida elegância que sempre o tinha cativado; envolveu-o com um giro deslizante para baixo e depois o atormentou com a ameaça de liberá-lo quando se deslizou para cima outra vez, quase fora dele... Não, não... E então voltou a deixar cair e ele gemeu ante o úmido e quente alívio de ser rodeado pelo acariciante abraço de sua carne. Sentia-o engrossar dentro dela e finalmente ela o montou com força, movendo-se com rapidez, deixando cair com força sobre ele. A

tensão aumentava insuportavelmente e ele empurrou para cima, forte. Ela lançou um grito impotente e suas tenras carnes interiores pulsaram e se estremeceu ao redor dele quando lhe sobreveio um novo clímax.

Um áspero gemido rasgou a garganta de Webb e ele se levantou selvagemente, devolvendo-a a poltrona. Imobilizou-a com seu peso enquanto investia e retrocedia e se vertia jorrando ardentemente nela.

Ele ficou estendido pesadamente em cima dela, tremendo e suando. Sua liberação tinha sido tão poderosa que ele não podia falar, não podia nem pensar. Algum tempo depois, à medida que a força voltava para seus músculos, se retirou dela, extraindo um apagado murmúrio de protesto de seus lábios. Ele ficou em pé e terminou de desfazer-se de suas calças rapidamente, depois a tomou em seus braços e a levou para a cama. Deitou-se ao seu lado e ela se enroscou em seus braços e adormeceu. Webb enterrou o rosto em seu cabelo e deixou que a escuridão o reclamasse também.

Ele não soube quanto tempo depois ela se separou de seus braços e se levantou da cama. Webb despertou imediatamente, alterado por sua ausência. Piscou olhando, sonolento, a pálida silhueta de seu corpo nu.

- Rô? - murmurou.

Ela não respondeu, mas caminhou calma e decidida para a porta. Seus pés nus não faziam o menor ruído. Quase parecia como se flutuasse sobre o chão.

Seus pelos da nuca se arrepiaram e ele saiu em disparada da cama. Sua mão se chocou contra a porta no mesmo instante em que ela estendia a sua para o trinco. Observou atentamente seu rosto. Seus olhos estavam abertos, sua expressão tão serena como a de uma estátua.

-Rô, - disse ele, com voz áspera. Rodeou-a com os braços e a apertou contra ele. - Acorde,querida. Venha, bebê, desperte. - Sacudiu-a um pouco.

Ela piscou um par de vezes e bocejou ao tempo que se aproximava mais contra ele. Ele a abraçou mais forte e sentiu como lentamente a tensão dominava seus músculos enquanto compreendia que não estava na cama, que estava em pé junto à porta.

-Webb? - Sua voz soou estrangulada, estremecida. Ela tremeu e se arrepiou. Ele a tomou nos braços e a levou de volta à cama, colocando-a sob as mantas quentes e deitando-se ao lado dela. Abraçou-a contra o calor de seu próprio corpo, sustentou-a quando os tremores se converteram em estremecimentos.

-Oh, meu Deus, - disse ela, contra seu ombro, as palavras quase sem entonação pela tensão. –Fiz isso outra vez. Não uso roupa alguma. Quase perambulo nua por aí. - Começou a lutar contra ele, tratando de se afastar. -Preciso de minha camisola, - disse freneticamente. -Não posso dormir assim.

Ele controlou seus empurrões, fazendo pressão sobre ela contra o colchão.

- Escute-me, - disse-lhe, mas ela continuou tratando de se afastar dele e finalmente ele rodou em cima dela, imobilizando sem piedade seu delicado corpo com o seu, muito maior e forte.

-Shh, shh, - murmurou-lhe ao ouvido. -Está segura comigo, pequena. Despertei assim que você se afastou de mim. Não tem que se preocupar; não a deixarei sair deste quarto.

Ela respirava de forma embargada e duas lágrimas caíram pelas extremidades de seus olhos para o cabelo de suas têmporas. Ele seguiu o úmido rastro com suas ásperas faces, cobertas de uma incipiente barba e depois as captou com um beijo. Sentia-a suave embaixo dele; seu pênis estava duro e impaciente. Separou-lhe as coxas.

– Cale-se, agora, - disse-lhe, e se afundou profundamente dentro dela.

Ela ofegou de novo, mas desta vez pela penetração. Ele permaneceu convexo em cima dela e sentiu como lentamente se acalmava. Foi um processo gradual, seu corpo se transformou embaixo dele, ao redor dele, enquanto sua angústia se desvanecia e ela foi tomando consciência física dele e do que estava fazendo, crescendo em seu interior.

-Não a deixarei partir, - sussurrou-lhe, tranquilizador enquanto começava a mover-se dentro dela.

De início ela permaneceu quieta, aceitando sua posse, e foi suficiente para ele. Mas depois sua necessidade cresceu e quis mais

que sua simples aceitação, assim começou a acariciá-la da forma que a fazia gemer, que fazia que sua carne se esquentasse e começasse a apertar-se urgentemente contra ele. Ela começou a gozar e ele penetrou profundamente nela, palpitando com sua própria liberação.

Depois ela tentou se levantar novamente e vestir a camisola, mas ele a abraçou com força. Tinha que confiar nele, ser capaz de dormir sabendo que ele despertaria se tentasse sair, que não a deixaria vagar pela casa dormindo e indefesa. Até que sentisse essa segurança, dormir seria quase impossível.

Roanna se encolheu contra ele, devastada pelo que quase tinha acontecido. Começou a chorar outra vez, soluços afogados que tratou de sufocar. Não tinha chorado em anos, mas agora era incapaz de parar, como se a intensidade do prazer de sua relação sexual tivesse derrubado a golpes os muros de suas defesas, de modo que era incapaz de manter à raia as emoções.

Era muito, tudo isso, tudo o que tinha acontecido desde que Lucinda a tinha enviado ao Arizona em busca de Webb. Menos de uma hora depois de encontrá-lo, estava debaixo dele, e nada tinha sido o mesmo depois. Quanto tempo fazia? Três semanas? Três semanas que englobavam um êxtase entristecedor e uma dor devastadora, três semanas de tensão, de noites sem dormir e de temor, e os últimos dias, quando havia sentido que algo mudava em seu interior, confrontando a vida, e no processo começava a viver outra vez.

Amava Webb, amava-o tanto que o sentia em cada poro de seu corpo, em cada partícula de sua alma. Esta noite lhe tinha feito amor, não com raiva, a não ser com uma possessividade e uma sensualidade que a tinha deixado sem fôlego. Não tinha sido ela quem tinha ido, a não ser ele quem tinha vindo a ela e a abraçava como se nunca fosse deixá-la partir.

Mas se o fizesse, se quando se fizesse dia, lhe dissesse que isso tinha sido um engano, ela sobreviveria. Doer-lhe-ia, mas seguiria adiante. Tinha aprendido que podia suportar quase tudo, que seu futuro continuava aí fora, esperando-a.

De forma estranha, compreender que poderia viver sem ele fez sua presença ainda mais doce. Chorou até que não pôde mais e ele a abraçou durante todo o tempo, lhe acariciando o cabelo, lhe murmurando consoladoramente. Esgotada, tanto emocionalmente

como fisicamente, dormiu.

Eram seis em ponto quando despertou, a manhã se mostrava resplandecente e doce, a tempestade fazia tempo que havia ido e as aves cantavam com malvado desenfreio. As portas da varanda continuavam abertas e Webb se inclinava sobre ela.

-Graças a Deus, - resmungou asperamente quando viu que suas pálpebras se abriam. - Não sei quanto tempo mais poderia ter esperado. - Então ficou em cima dela e ela se esqueceu da manhã e do despertar da casa ao redor deles. Em que pese toda a sua impaciência, fez-lhe amor com um lento encantamento que não tinha sido capaz de saborear na noite anterior. Quando terminaram, ele atraiu seu corpo trêmulo junto ao dele e secou as lágrimas, desta vez de êxtase, de seus olhos. -Parece-me que encontramos a cura para a sua insônia, - brincou ele, com voz ainda rouca e carregada por seu próprio clímax.

Ela emitiu um riso entrecortado e enterrou o rosto contra seu ombro.

Webb fechou os olhos, esse pequeno som de felicidade reverberou por todo corpo. Sua garganta fechou e lhe arderam os olhos. Ela tinha rido. Roanna tinha rido.

O riso se desvaneceu. Ela manteve o rosto pressionado contra ele e seus dedos se moveram ao longo de seu abdômen.

–Eu posso aguentar sem dormir, - disse em voz fica. -Mas saber que ando dormindo... Aterroriza-me.

Ele moveu sua mão ao longo de sua coluna, acariciando cada uma das vértebras.

–Prometo a você, - disse-lhe, - que se estiver na cama comigo, não a deixarei sair do quarto.

Ela estremeceu, mas foi por causa das deliciosas sensações que a carícia de seus dedos lhe causava ao longo da espinha dorsal, explorando e acariciando. Ela se arqueou para frente e o movimento fez que seu corpo se pressionasse ainda mais contra ele.

-Não tente me distrair, - disse ela. -Sentir-me-ia mais segura se tivesse posto minha camisola.

Ele trocou de posição, de modo que ficou estendido frente a

ela, apanhando-a com seu olhar.

- Mas não quero uma camisola entre nós, - murmurou-lhe, persuadindo-a. - Quero sentir sua pele, seus seios. Quero que vá dormir e saiba que não vou deixar que ocorra nada com você, a menos que seja eu quem lhe faça isso.

Ela permaneceu em silêncio, e ele sabia que não a tinha convencido, mas no momento não discutiu com ele. Devagar, passou seus dedos por seus cachos enredados, estendendo as mechas de modo que o sol os iluminou, destacando o mogno e o dourado, e os ricos matizes castanhos. Pensou na noite em que a tinha tomado pela primeira vez e se amaldiçoou por sua insensibilidade. Pensou em todas as noites vazias depois, quando poderia ter estado amando-a e se amaldiçoou por sua estupidez.

-Acreditei que era muito nobre ao não me aproveitar de você, - disse-lhe, com preguiçosa diversão.

-Estúpido, - respondeu ela, esfregando sua face contra seu peito peludo. Acariciou com o nariz um de seus planos mamilos e o apanhou entre os dentes, mordiscando-o ligeiramente. Ele ficou sem fôlego, vencido por sua simples sensualidade.

Ele tratou de seguir explicando-se.

–Chantageei você naquela primeira noite. Não queria que acreditasse que não tinha outra opção.

-Tolo. - Ela jogou a cabeça para trás e levantou a vista, seus olhos da cor do uísque entorpecidos com sensual satisfação. -Pensei que não me desejava.

-Você… deuses, - resmungou ele. -E você me chama de estúpido!

Ela sorriu e voltou a posar sua cabeça em seu lugar de descanso, sobre seu peito. Número cinco. Agora aconteciam mais frequentemente, pensou, mas seguiam sendo igualmente preciosos para ele.

Pensou nos tiros que alguém lhe tinha dado no dia anterior, no perigo que ela enfrentou por causa dele. Ele deveria partir para malditamente longe de Davencourt, de sua vida, por sua segurança e a de todos outros da casa. Mas não podia, porque já tinha posto em

perigo sua segurança inclusive antes de voltar para Davencourt.

Posou sua mão sobre seu ventre, atravessando a estreita distância entre os ossos de seus quadris. Durante um momento examinou o contraste entre sua enorme e áspera mão bronzeada e a sedosa suavidade de seu estômago. Fazia de proteger a uma mulher da gravidez um dos princípios de sua vida e a AIDS tinha contribuído para reforçar isso. Todos os seus bons princípios tinham saído por uma janela quando teve Roanna sob seu corpo; nenhuma só vez se pôs um preservativo enquanto faziam o amor, não em Nogales e ontem à noite tampouco. Pressionou a palma sobre seu ventre.

–Menstruou desde aquela noite em Nogales?

Seu tom era suave, indiferente, mas as palavras ficaram suspensas entre eles como se as tivesse gritado. Ela permaneceu tranquila daquela maneira tão dela, imóvel, exceto por sua respiração. Finalmente lhe respondeu com cautela,

-Não, mas nunca fui muito regular. Muitas vezes pulei um mês completo.

Ele queria ter a certeza, mas compreendeu que não ia conseguir ainda. Esfregou sua mão sobre seu ventre e depois lhe cobriu brandamente um peito. Amava seus seios, tão firmes e altos e elegantemente formados. Pareceu sensualmente encantado quando o mamilo começou a franzir-se imediatamente, erguendo-se como se suplicasse sua atenção. Estariam seus mamilos ligeiramente mais escuros que naquela primeira noite? Deus, adorava sua reação, sua imediata resposta a ele.

– Seus seios são sempre tão sensíveis?

-Sim, - sussurrou ela, entrecortando-se o fôlego enquanto o prazer a alagava. Ao menos sempre que ele os olhava, ou os tocava. Não podia evitar sua reação diante dele, assim como não podia controlar as marés.

Ele, tampouco, era imune a isso. Embora fizesse pouco tempo que tinham feito amor, seu sexo se agitou quando viu o rubor que subia por seus seios e faces.

-Como você conseguiu permanecer virgem durante vinte e sete anos? - perguntou-lhe maravilhado, empurrando-se contra a fenda de suas coxas nuas.

- Você não estava aqui, - respondeu ela com simplicidade, e a aberta honestidade de seu amor o fez sentir humilhado.

Ele acariciou o seu cabelo com o nariz, sentindo que sua necessidade crescia ainda mais.

-Pode suportar outra vez? - Para evidenciar o significado de suas palavras, apertou sua ereção com mais força contra ela.

Como resposta, ela levantou a coxa, deslizando-a ao longo de seu quadril, até sua cintura. Webb se inclinou para baixo e se guiou até sua suave e inchada abertura e se empurrou dentro.

Ele não sentia uma necessidade urgente de chegar ao orgasmo, somente a necessidade dela. Deitaram juntos, balançando-se brandamente para saborear a sensação. A manhã avançava e com ela as possibilidades de que os encontrassem juntos e nus na cama. Embora por outro lado, o mais provável é que todo mundo dormisse hoje até tarde depois da festa da noite anterior, assim julgou bastante seguro permitir um momento mais de autoindulgência. Não queria envergonhá-la, mas tampouco queria ter que deixá-la ainda.

Gostava de estar dentro dela, gostava da sensação de seu corpo rodeando-o. Começaram a separar-se e ele pôs sua mão sobre seu traseiro para ancorá-la a ele. Poderia ser que ela ainda não estivesse cansada, mas apostava o rancho que estava grávida, e pensar nela levando seu bebê em seu interior, comoveu-o instantaneamente até os ossos e ao mesmo tempo lhe deu um susto de morte.

Talvez esta não fosse uma conversa muito romântica para mantê-la enquanto faziam amor, mas ele puxou o queixo e cravou o olhar em seus olhos, para que não ficasse dúvida do que queria dizer.

-Tem que comer mais. Quero que ganhe seis ou sete quilos, como mínimo.

Uma sombra de insegurança obscureceu seus olhos e ele amaldiçoou em voz alta justo quando penetrou ainda mais profundamente nela.

- Não faça essa cara, demônios. Depois da noite passada, não pode ter a menor dúvida do muito que me excita. Infernos, o que te parece agora? Desejava-te quando tinha dezessete anos, e, tão certo como o inferno que te desejo agora. Mas também te quero o

bastante forte e saudável para poder carregar meu bebê.

Ela levou uns instantes para recuperar o fôlego depois de seu intenso ataque. Apertou-se contra ele, uma excitante forma de ficar mais cômoda.

-Não acredito que esteja… - começou, depois parou, e seus olhos ambarinos se abriram de par em par. - Desejava-me então? - sussurrou.

-Estava sentada em meu colo, - disse ele, ironicamente. - O que acreditava, que carregava um tubo no bolso? - Ele empurrou outra vez, deixando-a sentir cada centímetro de sua excitação. -E depois da forma que te beijei…

-Eu te beijei, - corrigiu-o ela. Seu rosto se acendeu de rubor e se agarrou ainda mais a ele.

-Você começou, mas eu não a afastei, não foi? Pelo que me lembro, em menos de cinco segundos tinha a língua a meio caminho de sua garganta.

Ela emitiu um pequeno murmúrio de prazer, possivelmente pelas lembranças, mas provavelmente fosse mais pelo que lhe estava fazendo agora. Uma premente onda de sensações o fez dar-se conta de que a necessidade de chegar ao orgasmo era repentinamente premente, para ambos. Acariciou-lhe o traseiro, deslizando seus dedos para baixo, por sua fenda até chegar ao ponto onde estavam unidos. Brandamente, esfregou-a, sentindo-a estirada e tensa enquanto sua suave carne estava ao redor dele. Ela gemeu, arqueou-se e alcançou o ápice. Ele levou só dois impulsos mais para alcançá-la e chegaram juntos ao clímax.

Ele continuava suando bastante tempo depois, quando se separou dos braços dela e saiu da cama.

-Temos que parar antes que alguém venha nos buscar, - resmungou. Rapidamente se vestiu, com as amarrotadas calças negras e recolheu sua camisa igualmente amarrotada. Ele se inclinou para beijá-la. -Voltarei esta noite. - Beijou-a outra vez, e depois se endireitando, piscou-lhe e se encaminhou para a varanda com desenvoltura como se fosse algo completamente normal para ele sair do quarto dela, meio nu, às oito da manhã. Ela não se inteirou se alguém o viu ou não porque saiu de um salto da cama, segurou sua camisola, e entrou correndo no banheiro.

Ainda tremia de entusiasmo e prazer quando tomou banho. Sua pele estava tão sensível pelas vezes que tinham feito amor que até o simples ato de ensaboar-se se revelava sexual. Ela não podia acreditar na crua sexualidade da noite, mas seu corpo não tinha essa dificuldade.

Suas mãos se moveram sobre seu abdômen molhado. Estaria grávida? Tinha passado três semanas desde Nogales. Não sentia nenhuma diferença, não conscientemente, mas tinham sido três semanas bastante acidentadas e sua atenção não estivera em sua menstruação. De todos os modos, seus ciclos eram tão irregulares que nunca prestava muita atenção ao calendário ou a como se sentia. Ele parecia estranhamente seguro, entretanto, e ela fechou os olhos quando uma doce debilidade a fez tremer.

Ela resplandecia quando desceu para tomar o café da manhã. Webb já estava lá, perto de terminar com seu habitualmente enorme café da manhã, mas fez uma pausa com o garfo no ar quando ela entrou na sala de jantar. Viu que seu olhar se mantinha sobre seu rosto e depois descia ao longo de seu corpo. Esta noite, pensou ela. Esta noite, tinha prometido ele. Ela encheu o prato com mais comida do que de costume e fez um esforço para comer a maior parte disso.

Era sábado, mas ainda havia trabalho por fazer. Webb já estava no escritório e Roanna se atrasava com sua segunda xícara de café quando Gloria desceu.

-Lucinda não se encontra bem, - disse irritada enquanto começava a servir-se de ovos mexidos em um prato. – A noite de ontem foi muito esforço para ela.

-Queria fazê-lo, - disse Roanna. -Era importante para ela.

Glória elevou a vista e seus olhos brilhavam com lágrimas. Seu queixo tremeu levemente antes que ela o controlasse.

-Foi uma tolice, - queixou-se. -Tantos problemas por uma festa.

Mas Glória sabia, como todos eles: essa tinha sido a última festa de Lucinda e quis que fosse memorável. Foi o seu esforço para tratar de reparar o dano que sentia que tinha causado a Webb há dez anos ao não defendê-lo.

Lucinda tinha mantido sob controle o seu declive por pura força

de vontade, porque ainda havia linhas que queria amarrar. Isso já tinha concluído e agora não tinha mais motivos pelos quais seguir lutando. A bola de neve rodava colina abaixo agora, tomando velocidade para seu inevitável fim. Pelas longas e tranquilas conversas com Lucinda, Roanna sabia que isto era o que ela queria, mas não era fácil deixar ir a mulher que tinha sido o baluarte familiar durante tanto tempo.

Booley Watts chamou Webb essa tarde.

-Carl me contou o que aconteceu, - disse, com seu arrastado sotaque do Sul. -Interessante como o inferno.

-Obrigado, - disse Webb.

Booley riu, um som que acabou em um fôlego.

- Carl e eu observamos a multidão ontem à noite, mas nós não vimos nada estranho, exceto aquela pequena cena no pátio. Roanna tem fibra, verdade?

- Ela me deixou sem fôlego, - murmurou Webb, e não pensando somente em quando fizeram amor mais tarde. Ela tinha permanecido em pé no meio da multidão como uma chama pura e dourada, com a cabeça erguida e a voz alta e clara. Não tinha vacilado em lançar-se à batalha para defender seu nome e a última parte dele que se apegava à imagem da pequena Roanna desapareceu. Era uma mulher, mais forte do que ela acreditava e possivelmente estava começando a dar-se conta dessa força. Era uma Davenport e, à sua maneira, tão régia quanto Lucinda.

A voz de Booley se misturou em seus pensamentos.

–Você pensou em alguém que pudesse te odiar durante tanto tempo, um ódio bastante profundo para que matasse Jessie por causa disso?

Webb suspirou cansado.

-Não, e espremi o cérebro pensando nisso. Inclusive revisei velhos arquivos, tratando de encontrar algum detalhe, de recordar algo que dê sentido a tudo isso.

-Bem, continue pensando. Isso é o que me incomodou sobre o assassinato de Jessie desde o começo: não parecia haver nenhuma razão, nenhuma que eu pudesse ver. Infernos, isso se houver uma razão para os disparos que lhe fizeram quando estava dirigindo. Quem quer que tenha matado Jessie, e estou dizendo que não acredito que foi você, o fez por uma razão que ninguém mais conhece. E se sua teoria for correta, então a razão não tem nada a ver com ela. Alguém estava atrás de você e ela se interpôs no caminho.

-Encontre o motivo, - disse Webb, -e daremos com o assassino.

-Essa é a maneira que eu sempre trabalhei.

-Então esperemos saber disso antes que me dispare de novo... Ou alguém mais se interponha em seu caminho. – Ele se apoiou e esfregou os olhos, tratando de unir as peças do quebra cabeças, mas simplesmente elas se negavam a se encaixar. Ele se desesperou e levantou-se. Ele tinha que ir à cidade em uma missão, assim tinha que tomar uma decisão: ir seguro e fazer um desvio ou tomar sua rota habitual e esperar que lhe disparassem para ter outra oportunidade de apanhar o assassino, contando que ele falhasse o tiro. Grande escolha.

Lucinda desceu para jantar essa noite, era a primeira vez em todo o dia que saía de seu quarto. Seu rosto estava abatido e a paralisia de suas mãos tinha piorado, mas estava radiante de alegria pelo êxito da festa. Vários de seus amigos a tinham telefonado com o passar do dia e lhe haviam dito que foi uma festa simplesmente maravilhosa, o que significava que tinha conseguido seu objetivo.

Estavam todos à mesa, exceto Corliss, que tinha saído pela manhã cedo e não havia retornado ainda. Depois de conversar animadamente durante vários minutos, Lucinda olhou a Roanna e disse:

- Querida, estou tão orgulhosa de você. O que disse ontem à noite fez uma verdadeira diferença.

Todos, exceto Webb e Roanna, pareceram aturdidos. Lucinda nunca perdia um detalhe do que ocorria, embora provavelmente

tenha sido um ou mais de seus amigos que a tinham informado sobre o acontecido no pátio.

-O que?- perguntou Glória, olhando de Lucinda a Roanna e vice versa.

-OH, Cora Cofelt fez um comentário venenoso sobre Webb e Roanna fez disso algo pessoal. Conseguiu que todos se sentissem envergonhados de si mesmos.

-Cora Cofelt? - Lanette estava horrorizada. -OH, não! Nunca perdoará Roanna por envergonhá-la em público.

-Ao contrário, Cora em pessoa me ligou hoje e se desculpou por seu comportamento. Admitir quando está equivocada é um gesto distintivo de ser uma senhora.

Roanna não estava segura se aquilo era ou não uma indireta para Glória, já que esta jamais admitiria estar equivocada em nada. Lucinda e Glória se amavam e, numa crise, confiavam poder apoiar-se uma na outra, mas sua relação de irmãs era tormentosa.

Os olhos de Webb encontraram os seus e ele sorriu. Devagar e ruborizando-se um pouco, ela devolveu o sorriso.

Número seis, pensou ele triunfalmente.

A porta da rua se fechou com uma pancada e se escutou o vacilante barulho de saltos através dos ladrilhos do hall.

- Yuhuuu – gritou Corliss. -Onde está todo mundo? Yuu…

-Maldição! - disse Webb violentamente, separando-se de um empurrão de sua cadeira da mesa. O alarme ligou, soando como todos os demônios do inferno. Todos se assustaram e tamparam os ouvidos. Webb saiu correndo da sala de jantar e um segundo depois Brock o seguiu.

-Oh, não, os cavalos, - exclamou Roanna, e correu para a porta. Quando testaram o alarme, todos os cavalos se assustaram aterrorizados. Webb aventou a possibilidade de optar por um alarme menos estrondoso, mas prevaleceu a segurança da família sobre o nervosismo dos cavalos.

A horrível confusão parou quando chegaram ao salão e se pôde escutar Corliss gritando e rindo de forma incontrolável e

amaldiçoando Webb de todas as formas. Brock girou para Corliss e gritou.

- Cale-se!

Todos os outros se amontoaram no salão atrás de Roanna, enquanto Corliss se endireitava afastando-se do enorme e esculpido pilar do início da escada, ao qual se apoiava. O rosto de Corliss se contorceu de fúria. Ela franziu a boca e cuspiu em seu irmão.

-Não mande que me cale, - disse-lhe com desprezo. A saliva não chegou a atingir Brock, não obstante ele olhou para os úmidos pingos sobre o chão com a repugnância gravado no rosto.

Lanette olhou a sua filha horrorizada.

– Você está bêbada! - ofegou.

-E daí?- exigiu Corliss agressivamente. -Só me divertia um pouco, não há nada mal nisso.

Webb lhe lançou um olhar que teria congelado o inferno.

-Pois se divirta em outra parte. Eu disse a você, Corliss. Tem uma semana para encontrar outro lugar onde viver, depois a quero fora daqui.

-Oh, é mesmo? - Ela riu. – Você não pode me expulsar, garotão. Pode ser que a tia Lucinda tenha um pé na cova, mas até que o outro não lhe faça companhia, este lugar não é seu.

Lanette tampou a boca com a mão, olhando Corliss como se não a reconhecesse. Greg deu um ameaçador passo para frente, mas Webb o deteve com um olhar. Lucinda se ergueu e endureceu a expressão enquanto esperava para ver como Webb resolvia a situação.

-Três dias, - ele disse em tom grave a Corliss. - E se voltar a abrir a boca, a data limite será amanhã pela manhã. – Ele lançou um olhar em direção a Roanna. -Venha, deveríamos ajudar a acalmar os cavalos.

Saíram pela porta principal e contornaram a casa; puderam ouvir os relinchos assustados dos cavalos logo que saíram ao exterior e o tamborilar destes nos estábulos enquanto golpeavam freneticamente seus compartimentos. As longas pernas de Webb

davam um enorme passo para cada dois dela e Roanna virtualmente corria para poder manter-se ao seu lado. Loyal e os poucos moços de estábulo que ainda seguiam no trabalho àquela hora faziam todo o possível para acalmar aos aterrorizados animais, cantarolando e tratando de mantê-los em seus lugares. A verdade é que a maior parte da linguagem que usavam eram maldições e palavrões, mas pronunciadas no mais suave dos tons.

Roanna entrou correndo no estábulo e se uniu ao som com sua especial canção de ninar. Os cavalos que permaneciam do lado de fora estavam tão assustados como os que continuavam em suas baias, mas provavelmente não se machucariam porque tinham espaço para correr. Os cavalos presos eram, principalmente, animais com feridas ou doentes que poderiam piorar ainda mais em seu pânico por fugir.

-Silêncio, - disse Loyal com as mãos, e todos se calaram, deixando Roanna cantarolar. Todos seguiram com as carícias, mas a voz de Roanna tinha uma qualidade única que captou a atenção de cada um dos animais do estábulo. Tinha esse dom desde a infância e Loyal o tinha usado mais de uma vez para tranquilizar a um cavalo assustado ou nervoso.

Webb se moveu ao longo da fila de compartimentos, acariciando os pescoços estirados e suados, assim como os outros. Roanna cantarolava brandamente, indo de baia em baia, modulando o tom de sua voz para que os cavalos tivessem que estirar as orelhas como se tratassem de ouvir cada nota. Ao fim de cinco minutos, todos os moradores do estábulo estavam tranquilos, embora continuassem suados.

-Tragam toalhas, rapazes, - murmurou Loyal. - Vamos secar os meus bebês.

Roanna e Webb também ajudaram, enquanto Loyal examinava cada animal para ver se, por acaso, tinham novas feridas. Todos pareciam estar bem, exceto por suas doenças originais, mas Loyal sacudiu a cabeça em direção a Webb.

- Eu não gosto desse maldito barulho, - disse categoricamente. - E os cavalos não vão se acostumar a ele, pois é muito agudo. Faz mal aos ouvidos deles. Faz mal aos meus também, merda! Que demônios ocorreu?

- Corliss, - disse Webb aborrecido. -Chegou bêbada e não teclou o código quando entrou.

Loyal franziu o cenho.

-Em que estaria pensando a senhora Lucinda quando deixou a essa cadela - e me perdoe por minha linguagem - instalar-se em Davencourt, não tenho nem ideia.

-Nem eu, mas ela vai embora em três dias.

-Não é tão rápido, se quiser minha opinião.

Webb olhou ao redor e localizou Roanna ao fundo do estábulo.

-Seguimos tendo um problema, Loyal. Até que voltemos para a normalidade, deixarei o alarme porque é ruidoso o bastante para despertar até você aqui e pode que necessitemos de sua ajuda.

-Que tipo de problema, chefe?

-Alguém atirou em mim ontem. Acredito que é a mesma pessoa que entrou na casa na semana passada e pode ser que seja a mesma que matou Jessie. Quando Corliss partir, se o alarme disparar, então será uma verdadeira emergência. No pior dos casos, pode ser que você seja o único que possa nos ajudar.

Loyal o olhou reflexivamente e depois assentiu brevemente.

-Parece-me que eu tenho que me assegurar de que meu rifle esteja limpo e carregado, - disse.

- Eu agradeceria.

-A senhorita Roanna não sabe, verdade?

-Ninguém sabe exceto eu, o Xerife Beshears e Booley Watts. E agora você. É difícil apanhar a alguém se ele cheirar uma armadilha.

-Bem, espero que este animal caia logo, porque não vou descansar tranquilo enquanto souber que o maldito alarme pode disparar a qualquer momento e fazer com que os cavalos enlouqueçam.

## Capítulo 20

A casa continuava sendo um caos quando Webb e Roanna retornaram, com Corliss sentada nas escadas chorando histericamente e rogando a Lucinda que não deixasse que Webb a expulsasse. Nem sua própria mãe estava ao seu lado desta vez; a embriaguez já era bastante ruim, mas cuspir em seu irmão era algo totalmente inaceitável. Brock não era visto em nenhuma parte, provavelmente tinha saído para evitar a tentação de bater em sua irmã.

Às soluçantes súplicas de Corliss Lucinda tão somente respondeu com um olhar frio.

– Você tem razão, Corliss. Apesar de ter um de meus pés na cova, continuo sendo a proprietária desta casa. E como tal, dei a Webb total autoridade para atuar em meu nome, sem fazer perguntas.

-Não, não, - gemeu Corliss. -Não posso ir, não entende…

-Entendo que deve ir embora, - respondeu Lucinda, sem ceder um centímetro. – Você me dá nojo. Sugiro que vá a seu quarto agora, antes que Webb ameace obrigá-la a partir pela manhã, o que começa a soar mais agradável do que realmente é.

-Mamãe! - Corliss girou para Lanette, com uma expressão suplicante em seu rosto avermelhado pelas lágrimas. – Diga a eles que me deixem ficar!

-Estou muito decepcionada contigo, - disse Lanette brandamente e passou por sua filha escadas acima. Greg se inclinou e pôs Corliss em pé.

-Vamos, - disse-lhe severamente, girando-a e obrigando-a a subir a força. Todos ficaram olhando até que ambos chegaram ao alto da escada e viraram em direção ao quarto de Corliss. Continuaram

ouvindo seus soluços até que a porta se fechou firmemente atrás dela.

Lucinda perdeu as forças.

– Vadia ingrata, - resmungou. Sua cor era inclusive mais pálida que antes. -Estão bem os cavalos? - perguntou a Roanna.

-Nenhum saiu ferido e agora estão tranquilos.

-Ótimo. - Lucinda passou uma trêmula mão pelos olhos e depois, tomando uma funda baforada de ar, endireitou os ombros uma vez mais. - Webb, posso falar contigo um momento, por favor? Devemos revisar uns detalhes.

-Claro. – Ele passou-lhe uma mão de apoio sob o braço para ajudá-la enquanto se dirigiam ao escritório. Ele olhou Roanna por cima do ombro e seus olhos se encontraram. O olhar de Webb era firme e cálido e continha uma promessa. - Vá terminar de jantar, - disse-lhe.

Quando ele e Lucinda estivam sozinhos no escritório, ela se deixou cair pesadamente no sofá. Respirava dificilmente e suava.

-O doutor disse que meu coração esta falhando também, maldição, - murmurou. - Olhe, me escapou um palavrão. - Ela olhou Webb para ver sua reação.

Ele não pôde evitar sorrir amplamente.

– Usaste-os antes, Lucinda. Ouvi você amaldiçoar a égua ruana que estava acostumada a montar e foi um milagre que suas orelhas não queimassem e caíssem ao chão, carbonizadas.

-Era um animal ruim, verdade?- As palavras soaram afetuosas. Apesar da selvagem que a égua tinha sido, Lucinda conseguia tirar sempre o melhor dela. Até há uns poucos anos antes, Lucinda estivera bastante forte para conduzir quase qualquer cavalo sobre o qual montasse.

-Bem, do que queria me falar?

-Do meu testamento, - disse ela, com franqueza. – falei com o advogado pela amanhã. Melhor que eu me ocupe dessa tarefa, porque parece que resta menos tempo do que eu esperava.

Webb sentou a seu lado e tomou sua frágil e débil mão na sua.

Ela era muito inteligente e forte mentalmente para que ele tentasse sequer tratar de consolá-la, mas, caramba, realmente lhe doía deixá-la partir.

– Eu te amo, - disse-lhe ele. -Estive malditamente zangado contigo por não me defender quando mataram Jessie. Feriu-me como o inferno que acreditasse que eu poderia tê-lo feito. Ainda guardo rancor por isso, mas de todas as formas, eu te amo.

As lágrimas alagaram por um momento seus olhos, mas ela piscou para afastá-las.

-É obvio que ainda sente rancor. Nunca pensei que me perdoaria totalmente, Deus sabe que não mereço essa consideração. Mas eu também te amo, Webb. Sempre soube que você era a melhor opção para Davencourt.

-Deixe-a para Roanna, - disse ele. Suas próprias palavras o surpreenderam. Sempre tinha pensado em Davencourt como dele, sempre tinha esperado tê-la. Tinha trabalhado muito para isso. Mas, depois que as palavras saíram de sua boca, soube que eram as corretas. Davencourt devia ser de Roanna. Apesar do que acreditasse Lucinda, e inclusive apesar do que acreditasse Roanna, ela era mais que capaz de se encarregar disso.

Roanna era mais resistente e inteligente do que qualquer um deles acreditava, inclusive mais do que acreditava ela mesma. Só agora Webb começava a entender a força de seu caráter. Durante anos, todos tinham pensado nela como alguém frágil, danificada emocionalmente de forma irreparável pelo trauma da morte de Jessie, mas, em lugar disso, Roanna estivera protegendo-se a si mesma e resistindo. É preciso um tipo de força interior muito especial para aguentar, para aceitar o que não podia ser mudado e simplesmente continuar à espera do que acontecesse. Ultimamente, cada vez mais Roanna saía de sua carapaça, mostrando sua força, defendendo-se a si mesma com uma serena maturidade que não era chamativa, mas era impossível de ignorar.

Surpreendida, Lucinda piscou várias vezes.

- Roanna? Acredita que não discuti isso com ela? Ela não a quer.

-O que não quer é passar a vida lendo e estudando ativos financeiros e relatórios, - corrigiu-a ele. - Mas ela ama Davencourt.

Ela a deseja.

- Você se refere a dividir a herança? - perguntou-lhe Lucinda, aturdida. – Deixar a casa para ela e os negócios para você?- soava sobressaltada; isso nunca foi feito. Davencourt e tudo o que isso implicava sempre tinham caminhado juntos.

-Não, refiro-me a deixar tudo para ela. Deveria ser seu de todos os modos. - Roanna necessitava de um lar. Ela mesma o havia dito; necessitava algo que fosse dela, que nunca lhe pudesse ser arrebatado. – Ela nunca sentiu que realmente pertencesse a algum lugar e, se você me deixa tudo, ela se sentirá como se não fosse boa o suficiente para ser proprietária de Davencourt, embora esteja verdadeiramente de acordo com os termos do seu testamento. Ela necessita de uma casa dela, Lucinda. Davencourt deveria ter Davenports vivendo aqui e ela é a última.

-Mas... É obvio que ela viveria aqui. - Lucinda o olhou confusa. - Nunca acreditei que fosse mandá-la embora. Oh, querido. Isso seria engraçado, verdade? As pessoas iriam falar.

- Ela me disse que planeja comprar um lugar próprio.

-E abandonar Davencourt? - A mesma ideia impressionou a Lucinda. -Mas este é o seu lar.

-Exatamente, - disse Webb, brandamente.

-Bem. - Lucinda se recostou, refletindo sobre essa mudança nos seus planos exceto não era uma mudança, compreendeu. Era simplesmente deixar tudo exatamente como já estava, mas com Roanna como sua herdeira. -Mas... E o que você fará?

Ele sorriu, um lento sorriso que iluminou todo seu rosto.

-Pode me contratar para me ocupar da parte financeira por ela, - disse, despreocupadamente. De repente, soube exatamente o que queria e foi como se uma luz se acendesse em seu interior. -Melhor ainda, vou me casar com ela.

Lucinda ficou completamente muda. Levou-lhe um minuto inteiro poder articular algo

- O que?

- Vou me casar com ela, - repetiu Webb, com crescente

determinação. -Não a pedi ainda, assim não comente. Sim, ia me casar com ela, de uma forma ou de outra. Eu sinto como se uma peça do quebra cabeças tivesse encaixado repentinamente em seu lugar. - Com perfeição. Nenhuma outra coisa seria tão perfeita. Roanna seria sempre sua e ele seria sempre de Roanna.

-Webb, está certo disso? - perguntou-lhe Lucinda, com inquietação. -Roanna te ama, mas merece ser amada também.

Olhou-a diretamente, seus olhos muito verdes, e ela ficou muda de assombro.

-Bem, - disse outra vez.

Ele tratou de explicar.

- Jessie… eu estava obcecado por ela, suponho, e, de alguma forma, amava-a porque crescemos juntos, mas era mais o ego de minha parte. Não deveria ter me casado com ela, mas estava tão obcecado com a ideia de herdar Davencourt e me casar com a princesa herdeira que não compreendi o desastre que nosso matrimônio seria. Roanna, enfim... Amei-a quase desde que nasceu, calculo. Quando era pequena, amava-a como um irmão, mas agora que cresceu, estou condenadamente seguro de não querer ser seu irmão. - Ele suspirou, olhando para trás, aos anos nos quais sua relação estivera emaranhada com as heranças. -Se Jessie não tivesse sido assassinada, nos teríamos divorciado. Era a sério o que disse naquela noite. Estava completamente farto dela. E se nos tivéssemos divorciado, em vez de acontecer as coisas como aconteceram, agora estaria há muito tempo casado com Roanna. A forma como Jessie morreu nos separou e desperdicei dez anos por causa do rancor.

Lucinda o olhou diretamente ao rosto, procurando a verdade, e o que viu a fez suspirar com alívio.

-Realmente a ama.

-Tanto que dói. - Brandamente tomou os dedos de Lucinda com cuidado para não machucá-la. – Ela sorriu-me seis vezes, - confidenciou-lhe. -E riu uma vez.

- Ela riu! - As lágrimas alagaram de novo os olhos de Lucinda e desta vez ela as deixou cair. Seus lábios tremeram. - Eu adoraria ouvi-la rir outra vez, somente uma vez mais.

- Vou tentar com todas minhas forças fazê-la feliz, - disse Webb.

-Quando planeja se casar?

- Quanto antes possível, assim que possa pedi-la. – Ele sabia que Roanna o amava, mas convencê-la de que ele também a amava poderia ser que lhe custasse um pouco. Em outro momento ela teria se casado com ele em qualquer circunstância, mas agora se mostraria imperturbavelmente obstinada se acreditasse que algo não fosse correto. Por outra parte, ele queria que Lucinda comparecesse ao casamento, o que significava que teria que celebrar-se rapidamente, enquanto ela ainda podia. E poderia ser que houvesse outra razão, mais íntima para um casamento rápido...

-Oh, maldição!- zombou Lucinda. -Sabe que ela caminharia sobre brasas ardentes para se casar contigo!

-Sei que me ama, mas aprendi a não dar por certo que ela vai fazer automaticamente o que lhe peça. Esses dias há muito que ficaram para trás. De todas as formas, não quero uma esposa submissa. Quero que ela tenha segurança em si mesma para defender o que ela quer.

-Da mesma forma que ela o defendeu.

-Da mesma forma que ela sempre me defendeu. - Quando ninguém mais o tinha apoiado, Roanna estivera ao seu lado, deslizando sua pequena mão na dele e lhe oferecendo todo o consolo de que era capaz. Tinha sido muito mais forte do que ele, o bastante forte para fazer o primeiro movimento, para estender a mão. – Ela merece a herança, - disse ele. –Mas, além disso, eu não quero que sinta que teve que me dizer que sim para poder permanecer em sua casa.

-Pode ser que ela sinta o mesmo com relação a você, - apontou Lucinda. – Sempre que você for bom para ela, poderia pensar que é porque é ela que vai puxar as cordas do moedeiro. Eu estive nessa situação, - acrescentou com segurança, sem dúvida pensando em Corliss.

Webb encolheu os ombros.

-Não sou um indigente, Lucinda, como condenadamente bem sabe, já que me investigou. Tenho minhas propriedades no Arizona e

valerão uma considerável fortuna antes que termine com elas. Assumo que Roanna leu o mesmo relatório que você, assim está a par de minha situação financeira. Estaremos iguais e saberá que estou com ela porque a amo. Ocupar-me-ei da parte financeira se a ela realmente não interessa; não sei se ele vai querer se envolver nisso ou não. Diz que não gosta disso, mas tem a habilidade dos Davenport, não é?

-De forma diferente. - Lucinda sorriu. – Ela presta mais atenção às pessoas do que aos números sobre o papel.

- Sabe o que verdadeiramente quer fazer, verdade?

-Não, o que?

-Treinar cavalos.

Ela riu brandamente.

-Deveria sabê-lo! Loyal esteve usando várias de suas ideias sobre o adestramento durante anos, e tenho que dizer que temos alguns dos cavalos com o melhor comportamento que jamais se viu pelos arredores.

-É mágica com um cavalo. Aí é onde põe seu coração, é a isso que eu que quero que ela se dedique. Você sempre teve cavalos pelo prazer de tê-los, porque os ama, mas Roanna quer se dedicar a isso como negócio.

- Você tem tudo planejado, verdade? - Sorriu-lhe afetuosamente, porque inclusive quando era rapaz, Webb planejava antecipadamente sua estratégia e depois a punha em prática. - Ninguém por aqui sabe de suas propriedades no oeste. As pessoas falarão, já sabe.

- Que eu me caso com a Roanna por seu dinheiro? Que eu estou determinado a ter Davencourt a qualquer preço? Que eu me casei com Jessie para isso e depois, quando morreu, joguei-me sobre Roanna?

-Vejo que você considerou todos os ângulos.

Ele encolheu os ombros.

-Importa-me uma merda o que dirão, desde que Roanna não acredite em nada disso.

- Ela não fará isso. Ela te amou durante vinte anos, e te amará outros vinte mais.

-Mais tempo ainda, espero.

-Sabe como é sortudo?

-Oh, faço uma ideia, - disse ele brandamente. Entretanto, estava surpreso pelo tempo que tinha levado para chegar a essa ideia. Inclusive ainda consciente de que amava Roanna, não tinha pensado nisso como em um amor romântico, erótico; instalou-se no papel de irmão mais velho, até quando se beijaram pela primeira vez e quase perdeu o controle. Ele não tinha se dado conta disso até que ela se aproximou caminhando naquele balcão de Nogales, uma mulher, com um intervalo de dez anos desde seu último encontro, assim não a tinha visto crescer. Aquela noite ficou gravada a fogo em sua memória e ainda por cima tinha batalhado com a equivocada impressão de que tinha que proteger Roanna de sua própria luxúria. Deus, que estúpido. Definitivamente ela desfrutava de sua luxúria, o que o convertia no mais afortunado dos homens.

Agora, só precisava convencê-la de casar-se com ele e esclarecer o pequeno detalhe da tentativa de assassinato; o seu.

Roanna estava em pé na varanda olhando o pôr do sol quando ele entrou em seu quarto. Ela deu meia volta e olhou por cima de seu ombro quando ouviu a porta se abrir. Ela estava banhada pelos últimos raios do sol, que faziam que sua pele parecesse de ouro e que seu cabelo cintilasse dourado e vermelho. Ele cruzou o quarto até o lado de fora, chegando à varanda com ela, voltando-se para recostar-se contra o corrimão de modo que ficasse entre a casa e ela. Ficar assim olhando-a era malditamente fácil. Ele desfrutava, redescobrindo os ângulos daquelas esculpidas maçãs do rosto, vendo de novo as pintinhas douradas em seus olhos da cor do uísque antigo. A gola aberta de sua camisa lhe permitia entrever o bastante de sua suave pele para lhe recordar quão sedosa era por toda parte.

Ele sentiu as primeiras pontadas de desejo em sua virilha, mas, entretanto, fez uma pergunta completamente trivial.

–Acabou o jantar?

Ela enrugou o nariz.

-Não, ficou fria, assim comi uma fatia de bolo de limão gelado em lugar disso.

Ele franziu o cenho.

-Tansy fez outro bolo? Não me disse isso.

-Estou segura de que ficou algo, - respondeu-lhe, consoladoramente. Elevou a vista para o céu cruzado de linhas cor cobre em pó. –Você vai mesmo expulsar Corliss?

-Oh, sim. – Ele deixou que tanto sua satisfação como sua determinação se revelassem naquelas duas palavras.

Ela começou a falar e depois vacilou.

- Continue, - animou-a. - Fale, mesmo que seja para dizer que eu estou errado.

-Não acredito que está errado. Lucinda necessita de paz agora, não um constante alvoroço. - Sua expressão era distante, sombria. -É apenas que me lembrou o que se sente ao estar aterrorizado por não ter nenhum lugar em que viver.

Ele estendeu a mão e segurou uma mecha de seu cabelo, enroscando-lhe em um dedo.

-Quando seus pais morreram?

-Então, e depois, até… Até que eu completei dezessete anos. - Até que Jessie morreu, referia-se, embora não tenha dito. - Eu sempre sentia o temor de que se não estivesse à altura, me mandariam embora.

-Isso não teria acontecido jamais, - disse ele, com firmeza. - Esta é sua casa. Lucinda não a mandaria embora.

Ela encolheu os ombros.

-Falavam disso. Lucinda e Jessie, quero dizer. Queriam me enviar a um internato. Não só à Tuscaloosa; queriam que fosse a algum internado feminino, na Virginia, acredito. Era um lugar o bastante longínquo para que eu não pudesse vir para casa com regularidade.

-Não foi assim. – Ele soava surpreso. Recordava os argumentos. Lucinda pensou que podia ser benéfico para Roanna estar longe deles, obrigá-la a amadurecer, e Jessie, é obvio, a teria animado. Agora via que, para Roanna, devia ter parecido que não a queriam ali.

-Isso é o que me parecia, - disse ela.

- Por que isso mudou quando você completou dezessete anos? Foi por que Jessie tinha morrido e já não podia seguir insistindo nisso?

-Não. - Aquele olhar distante permanecia ainda em seus olhos. -Foi porque já não me importava. Partir me parecia o melhor que podia fazer. Quis fugir de Davencourt, das pessoas que me conheciam e tinham pena de mim porque eu não era bonita, porque era torpe, porque carecia de desenvoltura social. - Seu tom era indiferente, como se falasse de um cardápio.

-Merda, - ele disse cansado. - Jessie converteu em uma arte fazê-la se sentir infeliz, não foi? Maldita seja essa mulher. Deveria ser ilegal os menores de vinte e cinco anos se casarem. Eu acreditava que era o rei da montanha quando acabei de fazer vinte anos, condenadamente seguro de que poderia domar Jessie e convertê-la em uma esposa adequada; minha ideia do adequado, é obvio. Mas havia algo errado com a Jessie, talvez a capacidade de amar, porque não amava a ninguém. Não a mim, nem a Lucinda, nem sequer a ela mesma. Talvez eu fosse muito jovem para me dar conta. - Ele esfregou a testa, recordando aqueles horríveis dias posteriores a seu assassinato. -Talvez ela tenha amado realmente a alguém, entretanto. Talvez ela tenha amado ao homem cujo bebê levava dentro de si. Não saberei nunca.

Roanna ofegou, sentindo que o choque a percorria da cabeça aos pés. Ela girou para olhá-lo de frente.

– Você sabia?- perguntou-lhe incrédula.

Webb se endireitou, apartando-se do corrimão, seu olhar se fez mais agudo.

- Soube depois que a mataram. – Ele a segurou pelos ombros, em um apertão urgente. -Como você soube?

-Os vi juntos no bosque. – Ela lamentava não ter controlado

sua reação ao averiguar que ele sabia do amante de Jessie, mas tinha ficado estupefata. Ela tinha guardado aquele segredo todos esses anos e de todos os modos ele já sabia. Mas o que ela não sabia é que Jessie estava grávida quando a mataram e isso a fez sentir náuseas.

-Quem era?- Seu tom era duro.

-Não sei, nunca o tinha visto antes.

-Poderia descrevê-lo?

-Não. – Ela mordeu o lábio, recordando esse dia. -Só o vi uma vez, na tarde do dia que mataram Jessie, e não pude vê-lo bem. Não lhe disse isso porque tinha medo… - fez uma pausa e um olhar de inexprimível tristeza cruzou por seu rosto. –Tinha medo de que ficasse furioso e fizesse alguma tolice e se metesse em problemas. Assim me calei.

-E depois que mataram Jessie, não disse nada porque pensou que me prenderiam, que diriam que a matei porque tinha descoberto que ela me colocava chifres.- Ele tinha guardado silêncio pela mesma razão e quase tinha explodido de amargura. Doeu-lhe no coração saber que Roanna tinha guardado o mesmo segredo e pela mesma razão. Ela era tão jovem, estava traumatizada pelo fato de ter encontrando o corpo de Jessie e por ter sido suspeita do assassinato ela mesma por pouco tempo, ferida por sua rejeição, e ainda assim tinha calado.

Roanna assentiu, procurando seu rosto. A luz do sol se desvanecia rapidamente e as sombras do crepúsculo o cobriam de um misterioso véu de azuis e púrpuras, apanhando-o naquele breve momento quando a terra se abatia entre o dia e a noite, quando o tempo aparentava parar e tudo parecia mais intenso, mais doce. Sua expressão era reservada e não pôde adivinhar o que pensava ou sentia.

-Então guardou tudo isso para você, - ele disse brandamente. -Para me proteger. Aposto que você quase se sufocou com isso, quando Jessie nos acusou de dormir juntos quando você acabava de vê-la com outro homem.

-Sim, - ela disse, com voz forçada enquanto recordava aquele horrível dia e a noite.

-Sabia que você a tinha visto?

-Não, permaneci imóvel. Naquele tempo era muito boa em esconder-me. - O olhar que ela lhe lançou estava repleta da irônica aceitação de quão indisciplinada tinha sido.

-Sei, - disse ele, em um tom tão irônico como seu olhar. - Recorda onde se encontravam?

-Era só uma clareira no bosque. Poderia levar você ao local, mas não ao lugar exato. Faz dez anos; provavelmente tenha se povoado.

-Se era uma clareira, por que não pôde ver o homem?

-Não disse que não pudesse vê-lo. - Sentindo-se incômoda, Roanna se removeu sob suas mãos. - Disse que não poderia descrevê-lo.

Webb franziu o cenho.

-Mas se o viu, por que não poderia descrevê-lo?

-Porque estavam fazendo sexo!- ela disse exasperada e cheia de angústia. – Ele estava nu. Eu nunca tinha visto um homem nu antes. Francamente, não olhei o seu rosto!

Webb assombrado, deixou cair as mãos, examinando a esvaída luz do crepúsculo. Então começou a rir. Não ria entre dentes, gargalhava com um rugido que sacudia todo seu corpo. Ele tentou parar, a olhou de esguelha, e começou outra vez.

Ela lhe deu um murro no ombro.

– Cale-se, - resmungou.

-Posso imaginar você contando isso a Booley, - zombou ele, quase sufocando de rir. – Eu lamento, Xerife, não posso lhe descrever seu rosto, porque estava olhando seu… pênis!- Esta vez ela lhe deu o murro no ventre. Deixou-o sem fôlego e ele se dobrou, segurando a barriga e rindo mais ainda.

Roanna elevou o queixo.

– Eu não estava, - disse, com dignidade, - olhando seu pênis. - Ela entrou rapidamente em seu quarto e fechou as portas na cara dele. Ele mal teve tempo de deslizar-se pela abertura que velozmente

encolhia. Roanna ativou o alarme das portas e depois correu as cortinas sobre elas. Ele deslizou os braços ao redor dela antes que pudesse se afastar, abraçando-a comodamente com um puxão para trás, contra ele.

-Sinto muito, - desculpou-se. -Sei que se aborreceu.

-Fez-me sentir náuseas – replicou ela, ferozmente. - Odiei-a por ser infiel a você.

Ele se inclinou para esfregar sua face contra seu cabelo.

-Acredito que planejava ter o bebê e fingir que era meu. Mas primeiro tinha que conseguir que fizesse sexo com ela e eu não a havia tocado em quatro meses. Não havia nenhuma maldita possibilidade de que pudesse fazê-lo passar como meu, tal e como estavam as coisas. Quando ela nos flagrou nos beijando, provavelmente pensou que todos seus planos tinham voado como a fumaça. Sabia condenadamente bem que eu não fingiria que o bebê era meu só para evitar um escândalo. Eu teria me divorciado dela tão rapidamente que a sua cabeça daria voltas. De todos os modos, ela estava loucamente ciumenta de você. Ela não teria reagido tão furiosa se me tivesse flagrado com outra pessoa.

-Por mim? - perguntou Roanna incrédula, girando a cabeça para olhá-lo. -Estava ciumenta de mim? Por quê? Ela tinha tudo.

-Mas era você a quem eu protegia… dela, a maior parte do tempo. Pus-me de seu lado e ela não podia suportá-lo. Tinha que ser a primeira em tudo e com todos.

-Não é estranho que tratasse sempre de convencer Lucinda de que me enviasse a um internato!

-Queria você fora de seu caminho. - Ele apartou-lhe o cabelo para o lado e lhe deu um ligeiro beijo no pescoço. Está segura de não poder descrever ao homem com quem a viu?

-Nunca o tinha visto antes. E como estavam deitados, não pude ver seu rosto. Tive a impressão de que ele era bem mais velho, mas eu só tinha dezessete anos. Alguém de trinta me pareceria velho, então. - Os dentes dele lhe mordiscaram o pescoço e ela tremeu. Podia sentir como ele perdia o interesse por perguntar; literalmente, de fato. Sua crescente ereção empurrava contra seu traseiro e ela se recostou contra ele, fechando os olhos quando o quente prazer

começou a enchê-la.

Devagar, ele deslizou suas mãos por seu corpo até posar as palmas sobre seus seios.

– Como eu pensava, - murmurou ele, transladando suas dentadas de amor ao lóbulo de sua orelha.

-O que?- ofegou ela, estirando-se para trás para posar suas mãos sobre suas coxas.

-Seus mamilos estão duros outra vez.

-Está obcecado com meus seios?

-Deve ser, - murmurou ele. -E com outras diversas partes de seu corpo, também.

Ele estava muito duro agora. Roanna deu a volta em seus braços e ele caminhou com ela para trás, até a cama. Caíram em cima, Webb apoiou seu peso sobre seus braços para evitar esmagá-la e, na fria escuridão, seus corpos se entrelaçaram com um fogo e uma intensidade que a deixaram débil e estremecida em seus braços.

Ele a manteve presa ao seu lado, com a cabeça recostada sobre seu ombro. Assim deitada, sem forças e lânguida, completamente relaxada, Roanna sentiu que a sonolência começava a invadi-la. Evidentemente, ele tinha razão sobre sua insônia: a tensão a tinha mantido insone durante dez anos, mas depois de fazer amor, estava muito relaxada para opor-se. Mas o sono era uma coisa e o sonambulismo outra completamente distinta e a perturbava num nível muito mais profundo. Disse-lhe:

- Eu tenho que vestir a camisola.

-Não-. Sua resposta negativa foi imediata e enfática. Seus braços se apertaram ao redor dela como se tratasse de impedir que se movesse.

-Mas se eu caminho dormindo…

-Não o fará.  Vou abraçá-la a noite toda. Não poderá sair da cama sem me despertar -. Beijou-a longa e lentamente. – Durma, coração. Eu cuido de você.

Mas ela não pôde. Podia sentir como a tensão chegava, invadindo todos os seus músculos. Um hábito de dez anos não podia

ser erradicado em uma noite somente, nem em duas. Web poderia entender o temor que sentia ao pensar em si mesma caminhando à noite tão indefesa, mas não podia sentir o pânico e a impotência de não despertar no mesmo lugar onde dormiu,sem saber como tinha chegado ali ou o que tinha ocorrido.

Ele sentiu a tensão que lhe impedia de relaxar. Abraçou-a mais apertadamente, tratando de acalmá-la com seu consolo, mas finalmente chegou à conclusão de que nada funcionaria, exceto o completo esgotamento.

Ela acreditou que havia experimentado toda forma de fazer amor, que já tinha chegado a conhecer a totalidade de sua sensualidade. E viu como se equivocou.

Ele levou-a ao clímax com suas mãos, com sua boca. Ele a pôs escarranchada sobre sua firme e dura ereção,a balançou sobre ela, até que a fez gozar, por muito que ela se agarrasse a ele e lhe rogasse que a penetrasse. Finalmente ele o fez, deitando-a na cama e girando-a de modo que ficasse sobre seus joelhos, inclinada com o rosto enterrado nos lençóis. Ele se introduziu nela por trás, golpeando repetidamente contra suas nádegas com a força de suas investidas, alcançando seu sexo na frente para acariciá-la ao mesmo tempo. Ela lançou um grito rouco e sufocou o som contra o colchão quando gozou pela quarta vez, e ele ainda não tinha acabado. Sentia-se desfeita, levada além dos orgasmos a um estado onde o prazer simplesmente crescia e crescia, como as ondas da maré. Outro mais lhe sobreveio, veloz, ela se esticou para aferrar-se a seus quadris e apertá-lo com força contra ela enquanto se contraía ao redor dele. Sua ação o pegou de surpresa e com um rouco e selvagem grito se uniu a ela, estremecendo-se e sacudindo-se enquanto se derramava.

Ambos tremiam violentamente, tão fracos que mal puderam se deixar cair sem forças na cama. O suor gotejava de seus corpos e se aferraram um ao outro como sobreviventes de um naufrágio. Desta vez não houve modo de rejeitar o sono que a reclamava tal e como ele pretendia.

Ela despertou uma vez, apenas o suficiente para ser consciente de que ele continuava abraçando-a, tal como tinha prometido, e voltou a dormir.

A vez seguinte que despertou, estava sentada na cama e os dedos de Webb se fechavam com firmeza sobre seus pulsos.

- Não, - disse brandamente e implacavelmente. - Não vai a nenhum lugar.

Ela retornou entre seus braços e começou a acreditar.

Ela despertou pela última vez ao amanhecer, quando ele saiu da cama.

- Aonde vai? – perguntou-lhe, bocejando e sentando-se.

- Ao meu quarto-, respondeu ele, vestindo as calças. Sorriu-lhe, e sentiu como se derretia por dentro uma vez mais. Tinha um aspecto duro e sexy, com seu cabelo escuro revolto e o queixo obscurecido pela incipiente barba. Sua voz soava ainda áspera pelo sono e suas pálpebras se viam um pouco mais grossos pelo inchaço do sono, conferindo-lhe um olhar de *acabo de fazer sexo*. – Eu tenho que pegar uma coisa-, disse. -Fique aí, e quero dizer exatamente aí. Não saia da cama.

- Ok,não o farei - . Ele saiu pela porta do corredor e ela se deitou e se enroscou sob os lençóis emaranhados. Não estava segura poder escapar da cama. Recordou a noite que acabavam de passar, o que tinha ocorrido entre eles. Sentia-se dolorida por dentro e suas coxas estavam débeis e trêmulas. Não tinha sido simplesmente fazer amor, aquilo tinha sido uma união que ia além do meramente físico. Existiam níveis de intimidade mais profundos do que ela jamais tinha imaginado, e soube que ainda ficavam prazeres que não tinha saboreado.

Ele retornou em um momento, trazendo uma bolsa de plástico com o nome impresso de uma farmácia. Colocou-a sobre a mesinha de noite.

-O que é isso?- ela perguntou.

Ele se desfez de suas calças outra vez e se meteu na cama a seu lado, atraindo-a contra ele.

– Um teste de gravidez.

Ela ficou rígida.

-Webb, não acredito…

-É possível-, interrompeu-a ele. - Por que não quer saber se for verdade?

-Porque… -Obrigou-se a parar, e seus olhos eram sombrios quando elevou o olhar para ele. -Porque não quero que se sinta obrigado.

Ele seguia imóvel.

-Obrigado?- perguntou-lhe cauteloso.

-Se estiver grávida, sentir-se-á responsável.

Ele suspirou.

–Mas é claro. Seria responsável.

-Sei, mas não quero... Quero que me ame por mim mesma-, disse brandamente, tratando de esconder o desejo, mas sabendo que não o tinha conseguido. -Não porque tenhamos sido descuidados e tenhamos feito um bebê.

- Amo-a por você mesma-, repetiu ele, suave como uma carícia. -Não lhe deram as duas últimas noites uma ideia sobre isso?

-Sei que me deseja fisicamente.

- Eu te amo-. Cavando seu rosto em suas mãos, ele acariciou com o polegar a suave curva de sua boca. Seus olhos estavam muito sérios. – Eu te amo, Roanna Frances. Quer se casar comigo?

Seus lábios tremeram sob seu roçar. Quando tinha dezessete anos, tinha-o amado tão desesperadamente que não teria deixado passar nenhuma possibilidade de se casar com ele, em qualquer circunstância. Agora tinha vinte e sete anos e ainda o amava desesperadamente, amava-o tanto que não queria prendê-lo em outro matrimônio que o fizesse infeliz. Conhecia Webb, sabia quão profundo era seu sentido de responsabilidade. Se estivesse grávida, ele faria algo para cuidar de seu filho e isso incluiria mentir à mãe sobre seus sentimentos por ela.

-Não-, disse ela, com voz quase inaudível quando se negou ao que mais queria no mundo. Uma lágrima escorregou pela extremidade de seu olho.

Ele não insistiu, não perdeu os estribos, como ela esperava. Sua expressão permaneceu séria, absorta, enquanto apanhava a lágrima com um suave polegar.

- Por que não?

-Porque só me pede isso para o caso de estar grávida.

-Engana-se. Pergunto-lhe isso porque eu te amo.

-Isso você diz -. Ela desejou que deixasse de dizê-lo. Em quantos sonhos o tinha ouvido sussurrar aquelas palavras? Não era justo que as dissesse agora, justo agora que ela não se atrevia a permitir-se acreditar. Oh, Deus, amava-o, mas merecia ser amada por si mesma. Por fim tinha compreendido a verdade disso e não podia enganar-se por esse final de sonho.

-Não é que o diga apenas. Eu te amo, Rô, e tem que se casar comigo.

Sob a solene expressão se vislumbrava certa satisfação. Ela o examinou, procurando sob a superfície com seu velado olhar marrom que tanto via. Havia um brilho de auto satisfação no profundo de seus olhos verdes, de feroz triunfo, o aspecto que sempre tinha quando tinha conseguido levar a cabo um trato difícil.

-O que tem feito?- perguntou-lhe, abrindo muito os olhos, alarmada.

A diversão curvou as comissuras de sua boca.

-Quando Lucinda e eu falamos ontem à noite, convimos que seria o melhor deixar os termos de seu testamento tal e como estão. Davencourt estará melhor em suas mãos.

Ela ficou branca.

- O que?- sussurrou, com algo similar ao pânico em seu tom. Tratou de separar-se dele, mas ele tinha previsto o movimento e a abraçou ainda com mais força, de modo que seu seguinte protesto ficasse amortecido contra seu pescoço.

-Mas tinham prometido isso a você desde que tinha quatorze anos! Você trabalhou por isso, inclusive…

-Inclusive me casei com Jessie por isso-, terminou ele tranquilamente. – Eu sei.

-Esse era o trato. Você voltaria se Lucinda trocasse seu testamento a seu favor outra vez-. Ela sentiu um enorme vazio e medo crescendo em seu estômago. Davencourt era o chamariz que o havia trazido de volta, mas ambas, ela e Lucinda, eram conscientes

de que ele havia construído sua própria vida no Arizona. Talvez preferisse o Arizona ao Alabama. Sem Davencourt para retê-lo aqui, quando Lucinda morresse, ele partiria outra vez e depois destas duas últimas noites não sabia se poderia resistir.

-Essa não é toda a verdade. Não voltei devido ao acordo. Voltei porque precisava prender velhos cabos soltos. Precisava fazer as pazes com Lucinda; ela é uma parte muito importante da minha vida e lhe devo muito. Não quis que morresse antes que limpássemos o ar entre nós. Davencourt é especial, mas me saí bem no Arizona-, disse com calmo comedimento. – Eu não preciso de Davencourt e Lucinda pensava que você não a queria…

-Não a quero-, disse ela firmemente. –Já disse que não quero passar a vida em reuniões de negócios e estudando relatórios.

Ele lhe dedicou um preguiçoso sorriso.

–É uma lástima, quando é tão boa nisso. Suponho que terá que se casar comigo e eu o farei para você. Diferentemente de você, divirto-me fazendo dinheiro. Se você casar comigo, poderá empregar felizmente o tempo vendo crescer as crianças e criando cavalos, que é o que você teria feito se Lucinda tivesse me deixado Davencourt. A única diferença é que agora tudo isso pertencerá a você e será o chefe.

A cabeça dela dava voltas. Não estava segura de ter ouvido o que acreditava ter ouvido. Davencourt seria dela e ainda assim ele ficaria? Davencourt seria...

-Posso escutar como giram as engrenagens -, murmurou ele. Inclinou a cabeça de modo que ela o olhasse ao rosto. - Voltei por uma última razão, a mais importante. Voltei por você.

Ela tragou em seco.

- Por mim?

- Por você -. Muito brandamente ele deixou escorregar um dedo acariciando toda a sua longa espinha dorsal até a fenda de suas nádegas e depois refez o trajeto para cima. Ela tremeu delicadamente, fundindo-se contra ele. Sabia o que fazia com este ligeiro e delicado toque. Seu objetivo não era estimulá-la a não ser acalmá-la, tranquiliza-la, restabelecer a confiança com a qual ela lhe entregou seu corpo quando fizeram amor. Que não estivessem

fazendo amor neste mesmo instante, era prova do muito que lhe importava conseguir seu objetivo.

- Deixe-me ver se posso esclarecer isso um pouco-, ele disse em tom suave e pensativo, roçando com seus lábios sua testa. –Eu te amava quando não era mais que uma pirralha, tão incrivelmente travessa que é um milagre que meu cabelo não tenha ficado grisalho prematuramente. Eu te amava quando era uma adolescente de longas e fracas pernas e com uns olhos que me rompiam o coração cada vez que a olhava. Eu te amo agora que é uma mulher que afunda meu cérebro, que faz minhas pernas tremerem e meu pau estar sempre duro. Quando entra em um quarto, meu maldito coração quase sai do peito. Quando sorri, sinto-me como se tivesse ganhado um Prêmio Nobel. E seus olhos ainda me transpassam o coração.

A suave ladainha penetrou nela como a mais doce das canções, enchendo a sua carne, sua alma, todo o seu ser. Ela desejava tanto acreditar nele e por isso tinha medo de fazê-lo, medo de deixar que seus próprios desejos a convencessem.

Quando ela não falou, ele começou de novo com aquelas gentis carícias.

-Jessie saiu verdadeiramente bem brincando contigo, não? Ela fez você se sentir tão pouco amada e desejada que você ainda não superou isso. Você não entendeu ainda que Jessie mentia? Sua vida inteira era uma mentira. E não sabe que Lucinda a idolatra? Com Jessie morta, finalmente ela foi capaz de chegar a conhecer você sem que a peçonha de Jessie a envenenasse, e ela te ama -. Ele tomou sua mão e a levou aos lábios, onde beijou cada um de seus dedos, e depois começou a mordiscar as sensíveis pontas. - Jessie está morta há dez anos. Quanto mais tempo você vai permitir que ela siga arruinando a sua vida?

Roanna jogou a cabeça para trás, procurando seu olhar com olhos solenes e perplexos. Com uma sensação de assombro, compreendeu que nunca o tinha visto com um aspecto mais decidido ou resolvido. Aquele sério rosto masculino que a olhava de frente era a cara de um homem que tinha tomado uma decisão e estava malditamente seguro de conseguir o que queria. Estava falando sério. Ele não queria casar-se com ela porque seria a proprietária de Davencourt, já que poderia tê-lo conseguido sem condições. Lucinda

teria honrado seu acordo. Ele não queria casar-se com ela porque poderia ser que estivesse grávida…

Como se lesse a sua mente, e possivelmente o fizesse, ele disse:

- Eu te amo. Não posso dizer o quanto, porque não existem palavras que o expressem. Eu tentei contar as maneiras, mas não sou Browning6. Não importa se estiver grávida ou não, quero me casar contigo porque te amo. Ponto final.

-Ok -, sussurrou ela, e tremeu ante a enormidade do passo que estava dando e da alegria que florescia em seu interior.

Ela ficou sem ar quando ele a esmagou contra seu peito.

-Sabe como fazer suar a um homem -, disse-lhe ferozmente. - Estava começando a me desesperar. O que acha de casarmos semana que vem?

- Semana que vem? - ela quase gritou as palavras, ao menos tanto quanto podia estando esmagada como estava contra seu peito.

-Não pensou que eu daria tempo para você mudar de opinião, não?- Ela pôde ouvir o sorriso em sua voz. -Se sonha com um grande casamento na igreja, suponho que possa esperar, se não levar muito tempo preparar tudo. Lucinda... Bom, acredito que deveríamos estar casados daqui a um mês, no máximo.

As lágrimas alagaram seus olhos.

-Tão logo? Esperava... Esperava que chegasse ao inverno, talvez a ver outra primavera.

-Não acredito. O doutor lhe disse que o coração também está fraco. - Ele esfregou seu rosto contra seu cabelo, em busca de consolo. - É uma velha mula resistente, - disse rouco. - Mas ela está pronta para nos deixar. Posso ver em seus olhos.

Eles abraçaram um ao outro em silencio durante um momento, lamentando-se já pela perda da mulher ao redor de quem a família inteira girava. Mas Webb não era um homem que se deixasse distrair facilmente do caminho que traçara e, apartando-se ligeiramente dela, lançou-lhe um olhar interrogativo.

–A respeito do casamento…

-Não quero um grande casamento na igreja -, disse ela energicamente, estremecendo-se com a ideia. – Você teve isso com Jessie e não quero repeti-lo. Senti-me morta esse dia.

-Então que tipo de casamento quer? Poderíamos celebrá-lo aqui no jardim ou no clube de campo. Quer convidar só à família ou a nossos amigos também? Sei que tem alguns e talvez eu possa convencer a um par.

Ela lhe deu um beliscão por esse comentário.

– Você sabe muito bem que tem amigos, se permitir lhes perdoar e deixá-los voltar a serem seus amigos. Quero me casar no jardim. Quero que nossos amigos estejam aqui. E quero que Lucinda caminhe comigo até o altar, se for capaz. Um grande casamento seria muito para ela, também.

Um canto de sua boca se curvou ante todos aqueles decididos "queros". Ele suspeitava que em pouco tempo, embora ela tivesse declarado não estar interessada nos aspectos empresariais de Davencourt, colocaria o nariz neles, discutindo com ele sobre algumas de suas decisões. Não podia esperar! Pensar em Roanna discutindo com ele o fez ficar tonto de prazer. Roanna sempre tinha sido obstinada e continuava sendo, embora agora seus métodos tivessem mudado.

–Já acertaremos detalhes, - disse ele. - Casaremos na próxima semana se pudermos, no máximo em duas semanas, de acordo?

Ela assentiu, sorrindo um tanto aturdida.

Número sete, pensou ele triunfalmente. E este tinha sido um sorriso aberto e natural, como se ela já não se preocupasse em mostrar sua alegria.

Girando, ele segurou a sacola de plástico da mesinha e tirou o conteúdo. Abriu a caixa, leu as instruções e depois passou a ela uma pequena varinha de plástico com um amplo guichê em um extremo.

-Agora -, disse, com um brilho de determinação em seus olhos verdes, - faça xixi no palito.

Dez minutos mais tarde ele bateu na porta de banheiro.

-O que está fazendo? - perguntou com impaciência. - está bem?

-Sim -, disse ela com voz apagada.

Ele abriu a porta. Ela estava em pé nua diante do lavatório, com o rosto branco da surpresa. O bastão de plástico descansava sobre um lado do mesmo. Webb o olhou. A linha que era branca, agora estava azul. Era um teste de gravidez muito simples: se a cor da linha mudasse, o resultado seria positivo. Passou seus braços ao redor dela, atraindo-a para a consoladora calidez de seu corpo. Ela estava grávida. Ela ia ter o seu bebê.

-Realmente você não pensava que estivesse, verdade? - perguntou-lhe com curiosidade.

Ela negou com a cabeça, com expressão ainda atordoada.

-Não… Não me sinto diferente.

-Suponho que isso mudará logo -. Suas grandes mãos se deslizaram para baixo, a seu ventre ainda plano, massageando-o brandamente. Ela podia sentir o coração dele pulsando com força e velocidade contra suas costas. Seu pênis se levantou para empurrar com insistência contra seu quadril.

Ele tinha se excitado. Sentia-se atraído. Ela ficou atordoada ao se dar conta. Ela tinha pensado que ele somente sentiria responsabilidade pelo bebê; não tinha acreditado que se sentiria excitado pela perspectiva de ser pai.

–Você quer ao bebê -, disse, seu assombro era evidente tanto em seu rosto quanto em sua voz. –Queria que eu estivesse grávida.

-Não tenha a menor dúvida -. Sua voz estava rouca, e apertou seus braços ao redor dela. -Você não o quer?

Sua mão vagou para baixo, posando-se ligeiramente sobre o lugar onde o filho dela, seu filho, formava-se em seu interior. Uma resplandecente expressão de maravilha iluminou seu rosto e seu olhar encontrou o de Webb no espelho.

-OH, sim, - disse brandamente.

## Capítulo 21

Corliss entrou no quarto de Roanna. Estava sozinha no andar superior, porque todos os outros haviam ido trabalhar ou estavam embaixo tomando o café da manhã. Ela tinha tentado comer, mas com as palpitações da dor de cabeça e os incômodos do estômago, não tinha passado de ser uma tentativa. Ela necessitava de um pouco de coca, somente um pouco para fazê-la sentir-se melhor, mas todo o dinheiro que tinha conseguido antes já havia acabado.

Quando Webb e Roanna tinham entrado na sala do café da manhã, ela se levantou, partindo em solene e ofendido silêncio, mas eles nem tinham notado, os miseráveis. Ela parou logo à porta e escutou, esperando ouvir o que diriam sobre ela. Não a tinham mencionado absolutamente, como se não fosse suficientemente importante para merecer um comentário. Webb lhe havia dito que partisse de Davencourt e paf! Já era como se não existisse. Em troca, Webb tinha anunciado que ele e Roanna iriam se casar.

Casarem-se! Corliss não podia acreditar nisso. A ideia nublou a sua mente de raiva. Por que alguém, sobretudo alguém como Webb, ia querer casar-se com uma sem graça como Roanna? Corliss odiava o bastardo, mas não o subestimava. Apesar do que ele havia dito, ela podia manobrar Roanna, estava certa disso. Entretanto, não podia manobrar Webb. Ele era muito duro, muito canalha. Ela teria que abandonar Davencourt. E por isso tinha que desfazer-se dele.

Não podia deixar Davencourt. Sentiu-se doente de pânico diante da perspectiva. Ninguém parecia preocupar-se com o fato de que ela precisasse viver aqui. Não podia voltar para aquela casa diminuta em Sheffield, voltar a ser só um dos parentes pobres dos ricos Davenport. Agora era alguém, a senhorita Corliss Spence, de

Davencourt. Se Webb a expulsasse, voltaria a ser ninguém de novo. Não teria nenhum meio de conseguir dinheiro para seu pequeno e caro hábito. A ideia era insuportável. Tinha que desfazer-se de Webb.

Ela rondou pelo quarto de Roanna. Pegaria o dinheiro, mas antes queria bisbilhotar um pouco por ali. Tinha ido primeiro ao quarto de Webb, com a esperança de encontrar algo que pudesse usar, mas, surpresa, surpresa! Não parecia que ele tivesse dormido ali. Sua cama estava perfeitamente feita, sem uma ruga nela. De forma alguma podia imaginá-lo arrumando a cama, não o arrogante Webb Tallant.

Bem, não era muito ardiloso? Nada tinha de incrível que não tivesse querido sua velha suíte. Ele tinha escolhido este quarto junto ao de Roanna e assim montaram um lugar acolhedor, justo aqui na parte traseira da casa.

Então ela tinha ido ao quarto de Roanna e, como esperava, a cama era um enredo de lençóis e ambos os travesseiros conservavam a impressão de uma cabeça. Quem teria pensado alguma vez da dissimulada de Roanna, quem nem sequer tinha tido um encontro? Mas, pelo visto, não se importava de transar, pelo aspecto daquela cama. Muito ardiloso de sua parte. Corliss lamentava admiti-lo, mas desta vez Roanna tinha sido a mais esperta. Corliss estava segura de que Webb não a teria expulsado, mas, de alguma forma, ela havia conseguido se tornar uma fonte conveniente de sexo e, de algum jeito, o tinha convencido para que se casasse com ela. Talvez ela fosse melhor na cama do que parecia. Corliss teria se deitado com ele ela mesma se tivesse pensado nisso. E a enfurecia não ter pensado nisso.

Ela perambulou pelo banheiro e abriu a porta de espelho do estojo de primeiro socorros. Roanna nunca guardava nada interessante ali, nem pílulas anticoncepcionais, nem camisinhas, nem um diafragma, só creme dental e merdas estragadas pelo estilo. Nem sequer tinha cosméticos caros que Corliss pudesse tomar emprestados.

Ela olhou dentro do pequeno balde de lixo e ficou imóvel.

– Bom,bom -, disse brandamente, inclinando-se para recolher a caixa. Um teste de gravidez caseiro.

De modo que assim era como Roanna o tinha feito.

Trabalhava rápido, Corliss teve que reconhecer isso. Teve que ter feito seus planos e ter-se metido na cama com ele à primeira oportunidade, quando tinha ido ao Arizona. Provavelmente não esperasse ficar grávida tão rápido, mas que demônios, às vezes quem se arriscava acertava na mosca.

Estaria Harper Neeley interessado em saber disso?

Ela não se incomodaria em continuar procurando dinheiro. Isto era muito bom para esperar. Rapidamente, partiu do quarto de Roanna e voltou para o seu. Harper era sua única esperança. Era um tipo estranho; assustava-a, mas também a excitava. Parecia não haver ato muito sujo ou atrevido que não pudesse fazer, nada que o fizesse voltar atrás. Era estranha a forma como odiava Webb, quase até o ponto de não existir nada mais para ele; mas isso era uma vantagem para ela. Harper tinha falhado duas vezes, mas seguiria tentando-o. Era como uma pistola carregada; tudo o que ela tinha que fazer era apontar com ele e disparar.

Ela ligou para ele para que se encontrassem.

Os olhos de Harper brilhavam com uma luz fria e selvagem que fez Corliss estremecer por dentro, tanto de medo como de satisfação. Sua reação tinha sido mais do que esperava.

-Está segura de que está grávida? - perguntou-lhe brandamente, inclinando-se para trás em sua cadeira de modo que as pernas dianteiras não tocassem o chão. Ficou em equilíbrio sobre as pernas traseiras como um animal disposto a pular.

-Vi a maldita prova -, respondeu Corliss. -Estava no alto do cesto do lixo, assim deve ter sido realizado esta manhã. E depois desceram "sorridentes" e Webb disse que iriam se casar. E meu dinheiro?

Harper lhe sorriu, com seus olhos tão azuis e vazios.

-Dinheiro?

O pânico tomou conta de seus nervos. Ela necessitava um pouco de dinheiro; tinha saído com muita pressa do quarto de Roanna e agora ansiava por uma linha ou duas de pó para manter-se

firme. Estava no limite; restavam apenas dois dias antes que Webb a fizesse ir. Harper tinha que fazer algo, mas a espera a estava matando. Não seria capaz de aguentar a menos que pudesse conseguir um pouco de coca para resistir.

- Eu nunca disse nada sobre dinheiro-, arrastou as palavras, e seu sorriso fez que os tremores frios a percorressem outra vez. Nervosamente olhou ao redor. Não gostava deste lugar. Encontrava-se com Harper em um lugar diferente a cada vez, mas antes, sempre tinha sido em lugares públicos: uma parada de caminhões, um bar, lugares assim. Depois da primeira vez, encontravam-se sempre, também, fora da cidade.

Esta vez lhe tinha dado sua direção em uma andrajosa rua nos subúrbios, em meio a lugar algum. Havia sucata de carros a dez metros ao redor e armações desprezadas de velhas cadeiras e caixas aglomeradas sem ordem nem concerto contra o trailer, como se simplesmente as tivessem tirado fora e nunca houvessem voltado a pensar nelas. O trailer era pequeno, consistia em uma pequena e estreita cozinha com uma pequena mesa embutida e duas cadeiras como local de alimentação, um sofá de vinil rasgado e uma televisão de dezenove polegadas situada no extremo de uma desvencilhada mesa, e além de tudo isso pôde ver um banheiro do tamanho de um armário e um quarto no qual a cama de matrimônio ocupava a maior parte do espaço. Os pratos sujos, as garrafas de cerveja, pacotes de cigarros amassados, os cinzeiros transbordados e a roupa suja cobriam todas as superfícies.

Aqui não era onde vivia Harper. Havia um nome diferente, grosseiramente escrito, sobre a rolha, mas não podia recordar qual era. Ele havia dito que o trailer pertencia a um amigo. Agora ela se perguntava se "o amigo" tinha ouvido falar alguma vez de Harper Neeley.

-Tenho que conseguir dinheiro -, balbuciou. – Esse era o trato.

-Não. O trato era que você me passaria informação sobre o Tallant e eu me ocuparia de resolver o problema para você.

-Bom, pois tem feito uma merda de trabalho! - explodiu ela. Ele piscou devagar, seu frio olhar azul ficou ainda mais gelado e ela tardiamente desejou ter mantido a boca fechada.

-Está levando mais do que esperava-, disse ela, moderando seu

tom ao de súplica. -Estou cortada e necessito de coisas. Já sabe como somos as garotas…

-Sei como são as garotas drogadas -, disse ele, indiferentemente.

-Não sou uma drogada-, disse furiosa. - Só tomo um pouco às vezes para acalmar meus nervos.

-Claro e seguro que sua merda tampouco cheira.

Ela avermelhou, mas algo no modo em que a olhava lhe fez sentir medo de continuar retrucando. Nervosamente, se levantou do sofá, descolando as coxas com o vinil onde o suor tinha feito que ficassem grudadas à maldita coisa. Viu que o olhar dele se posava em suas pernas e desejou não estar usando shorts. Fazia um condenado calor e não esperava ter que sentar-se sobre vinil, por Deus. Desejou não ter vestido esses shorts em especial, mas eram seus favoritos porque eram muito curtos e apertados e, além disso, eram brancos e ressaltavam seu bronzeado.

-Tenho que ir -,disse, tratando de esconder seu nervosismo. Harper nunca tinha tentado algo com ela, mas tampouco tinham estado em um lugar onde ele pudesse fazê-lo. Não é que fosse feio, longe disso para um tipo de sua idade, mas a assustava até a medula. Talvez se estivessem em algum lugar onde não estivesse tão sozinha, como um motel, onde alguém a ouvisse se gritasse, porque Harper parecia um homem que fazia as mulheres gritarem.

- Você não usa calcinha -, comentou ele, sem abandonar em nenhum momento sua posição em equilíbrio sobre as pernas traseiras da cadeira. -Posso ver os pelos de sua buceta através do tecido do seu short.

Ela já sabia; era uma das razões pelas que gostava tanto desses shorts. Gostava da forma que os homens a olhavam, depois se sobressaltavam e a olhavam outra vez, com os olhos exagerados e as línguas pendurando como cães. Sentir-se atraente, quente. Mas quando Harper a olhava, não se sentia quente, sentia-se assustada.

Ele reclinou-se ainda mais para trás na cadeira e meteu a mão no bolso direito de seu jeans. Tirou um saco transparente com autofechamento cheio com, aproximadamente, uns trinta gramas de pó branco, guardado em um pacote menor de plástico e amarrado com um fio vermelho ao redor da borda. O fio atraiu seu olhar,

prendeu-a. Ela nunca tinha visto um pacote de cocaína amarrado com um fio vermelho antes. Tinha um aspecto exótico, irreal.

Ele balançou o pacote de um lado a outro.

-Prefere ter isso ou dinheiro?

Dinheiro, ela tratou de dizer, mas seus lábios não formavam as palavras. O saco balançava de um lado a outro, de um lado a outro. Ela o contemplava, hipnotizada, fascinada. Havia nessa bolsinha um presente de Natal empacotado com fio vermelho.

-Pode… pode ser que só uma linha, - sussurrou. Só para prová-la. Era tudo o que necessitava. Uma pequena esnifada para afugentar o nervosismo.

Despreocupadamente, ele girou e varreu com o braço toda a superfície da suja mesa de cabeceira, jogando de repente os jornais, os cinzeiros e os pratos sujos ao chão onde se uniram o resto do lixo e se confundiram com ele. O dono do trailer nem notaria a diferença. Então desatou o fio vermelho e com cuidado deixou cair parte do pó branco na mesa. Com impaciência Corliss começou a se aproximar, mas ele lhe lançou um gélido olhar que a fez parar de repente.

-Espera um momento -, disse ele. -Ainda não está preparado para você.

O cupom de uma revista, uma desses cartões idiotas que as revistas incluíam nas páginas finais, para que os leitores se cadastrassem, estava jogado sobre o chão. Harper o recolheu e começou a dividir o diminuto montículo branco em linhas paralelas sobre a mesa. Corliss observava seus movimentos rápidos e seguros. Ele o tinha feito antes, muitas vezes. Isso a intrigou, porque acreditava que ela sabia reconhecer aos drogados e Harper não mostrava nenhum dos sinais.

Agora as pequenas linhas eram perfeitas, as quatro. Não eram muito longas, mas serviriam. Tremeu, enquanto permanecia imóvel olhando-as, esperando a palavra que a liberaria de sua posição.

Harper tirou de uma parte do bolso um canudinho. Era um canudinho para beber sucos, de uma longitude de apenas cinco centímetros. Era mais curto do que gostava, tão curto que teria que quase pegar o nariz à mesa e ter cuidado de que sua mão não roçasse as outras linhas e as estragasse. Mas foi um engodo, e

quando ele a estendeu, agarrou-a impaciente.

Ele assinalou um lugar sobre o chão.

- Pode se pôr aí.

O trailer era tão pequeno que só tinha que avançar um passo. Deu-o, olhou para a mesa e depois voltou a vista para trás, para ele. Teria que inclinar-se totalmente para frente e estirar-se para chegar até as linhas.

-Aqui é muito longe -, disse.

Ele encolheu os ombros.

– Dê um jeito.

Ela estirou os braços e apoiou a mão esquerda sobre a mesa, sustentando com cuidado o canudinho na direita. Dobrada pela cintura se estirou para frente, só uns centímetros, esperando não cair e derrubar a mesa. As linhas estavam mais perto e ela levou o canudinho ao nariz, saboreando com antecipação a esnifada, o grito de êxtase enquanto sua mente se expandia, o brilho…

-Não o está fazendo bem -, disse ele.

Ela ficou congelada, seu olhar seguia cravado naquelas doces linhas. Tinha que tê-las. Não podia esperar muito mais. Mas lhe dava medo se mover, medo do que aconteceria se movesse antes que Harper dissesse que podia.

-Tem que ficar de joelhos primeiro.

Sua voz era inexpressiva, como se isso fosse apenas uma brincadeira. Mas agora ela sabia o que ele queria e o alívio lhe afrouxou os joelhos. Tratava-se apenas de transar, nada importante. E daí se era mais velho que qualquer outro que houvesse fodido antes? As linhas a chamavam com insistência e mesmo ele sendo mais velho não tinha importância.

A toda pressa se endireitou e desabotoou os shorts, deixando-os cair até seus tornozelos. Começou a tirar um pé, mas ele a parou outra vez.

-Deixa-os aí. Não quero que você abra as pernas, é mais estreito quando estão juntas.

Ela encolheu os ombros.

–Como preferir o seu pau.

Ela não prestou mais atenção enquanto ele se movia a suas costas. Inclinou-se para diante, impaciente, concentrada na cocaína, a mão esquerda apoiada sobre a mesa, a mão direita sustentando o canudinho. A ponta do cilindro tocou o pó branco e aspirou bruscamente no mesmo momento em que ele se encaixava nela, profundamente, com tanta força que fez que o canudinho escorregasse através da mesa e golpeasse a cocaína esparramando as ordenadas linhas. Estava seca e a machucou. Ela se dedicou a perseguir a cocaína com o canudinho e ele seguia empurrando, fazendo-a errar. Ela gemeu e freneticamente ajustou a posição, aspirando tão forte como podia para inalar até a última partícula que o extremo do canudinho tocasse.

A coca se dispersou por toda a mesa. Não tinha sentido apontar, só havia tempo para aspirar enquanto suas rítmicas investidas a moviam para frente e para trás. Corliss sustentou o pequeno canudinho preso a seu nariz, varrendo avidamente com a ponta através da mesa, aspirando com força por seu nariz enquanto ia daqui para lá, daqui para lá, e tanto fazia se ele a estivesse machucando, maldito fosse, porque conseguia aspirar tudo, e o resplendor, a explosão de prazer, floresciam através dela. Pouco lhe importava o que ele fizesse enquanto ela conseguisse a cocaína e enquanto se ocupasse de Webb Tallant antes que o bastardo a chutasse de Davencourt.

Essa tarde quando Roanna retornou de uma reunião da Sociedade Histórica, abriu a porta da garagem e viu que Corliss havia retornado antes dela e se aproveitou de sua ausência para ocupar sua vaga da garagem outra vez. Suspirando, pressionou o botão do controle remoto para descer a porta de garagem e estacionou seu carro ao lado do outro. Corliss partiria em dois dias; podia mostrar-se paciente por esse pouco tempo. Se dissesse algo sobre a garagem, haveria outra grande cena e isso transtornaria Lucinda, coisa que queria evitar.

Ela caminhava através dos poucos metros que havia até a porta

de trás quando o seu coração deu um suave pulo, ela parou e olhou ao redor. Era um dos dias mais lindos que tinha visto. O céu era de um azul puro e profundo e o ar estava excepcionalmente claro, sem a habitual neblina causada pela umidade. O calor era tão intenso que quase parecia ter substância, liberando a rica e densa fragrância das roseiras, cultivadas cuidadosamente ao longo de décadas e que estavam carregadas de flores. Abaixo, nos estábulos, os cavalos faziam cambalhotas em círculos e sacudiam suas lustrosas testas, cheios de energia. Esta manhã, Webb lhe tinha pedido que se casasse com ele. E, acima de tudo, ela levava a seu filho em seu interior.

Grávida. Estava grávida. Sentia-se ainda um pouco atordoada, como se não fosse possível que isso acontecesse com ela e, por estar assim tão distraída, não tinha nem ideia do que se falou na reunião da Sociedade Histórica. Estava acostumada a ser a única pessoa que habitava seu corpo. Como se acostumaria à ideia de alguém vivendo dentro dela? Era estranho e aterrador. Como podia algo tão estranho ser tão maravilhoso? Estava tão feliz que tinha vontade de chorar.

Isso, também, era-lhe estranho. Estava feliz. Examinou a emoção com cautela. Ia se casar com Webb. Ia criar crianças e cavalos. Elevou a vista para a enorme e velha casa e sentiu uma onda de pura euforia e possessividade que a percorria da cabeça aos pés. Davencourt seria dela. Agora seria seu lar, real e verdadeiramente. Sim, estava feliz. Mesmo com a inevitável partida de Lucinda que se aproximava rapidamente, estava repleta de pura felicidade.

Webb tinha razão; Jessie lhe tinha amargurado bastante a vida, convenceu-a de que era muito feia e torpe para que alguém a amasse. Bom, Jessie tinha sido uma bruxa rancorosa e tinha mentido. Roanna sentiu que a compreensão disso lhe impregnava até os ossos. Era um ser humano competente, agradável e com um talento especial para os cavalos. Amavam-na; Lucinda a amava, Loyal a amava, Bessie e Tansy a amavam. Glória e Lanette se preocuparam quando a tinham ferido e Lanette se revelou surpreendentemente protetora. Gostava de Brock e Greg. Harlan, bom, quem sabia o que pensava Harlan? Mas, sobretudo, Webb a amava. Em algum momento, com o passar do dia, a certeza disso tinha impregnado em sua alma. Webb a amava. Tinha-a amado toda sua vida, tal e como lhe havia dito. Indubitavelmente o excitava, o que significava que tampouco carecia de atrativos.

Ela esboçou um pequeno e íntimo sorriso quando recordou como tinham feito amor na noite anterior e outra vez nessa mesma manhã, depois que o teste de gravidez deu positivo. Não havia nenhuma dúvida de sua reação física perante ela, da mesma forma que ele não podia duvidar de que o desejo dela fosse recíproco.

-Vi isso -, disse ele, da entrada da cozinha, onde vadiava. Ela não o tinha ouvido abrir a porta. – Você esteve aí em pé sonhando acordada durante cinco minutos e tem um pequeno sorriso misterioso no rosto. No que estava pensando?

Sorrindo ainda, Roanna caminhou para ele, deixando que as pálpebras velassem seus olhos castanhos cheios de uma expressão que o fez conter a respiração.

–Em cavalgadas -, murmurou enquanto passava a seu lado, roçando deliberadamente seu corpo contra o dele. – E em ofegos.

Seus próprios olhos se tornaram apaixonados e o rubor obscureceu suas maçãs do rosto. Era o primeiro movimento provocante que Roanna fazia e lhe provocou uma imediata e rigorosa ereção. Tansy estava atrás dele na cozinha, felizmente atarefada com sua diária confecção e elaboração de comidas. Ele não se preocupou se por acaso notasse seu estado de excitação. Ele girou e, em silêncio, seguiu Roanna resolutamente.

Ela o olhou por cima do ombro enquanto se dirigiam para cima, seu rosto brilhava com uma promessa. Caminhou mais rápido. A porta do quarto mal tinha terminado de se fechar atrás deles antes que Webb a tivesse em seus braços.

Casar-se em pouco tempo implicava em ter atribuições, pensou Roanna à manhã seguinte enquanto dirigia pela longa e tortuosa estrada particular. A lista de convidados do casamento era muito menor do que a que tinha confeccionado para a festa de Lucinda, com um total de quarenta pessoas, incluída a família, mas tinha ainda uma multidão de detalhes de que ocupar-se.

Ela e Webb tinham se encontrado para fazerem os exames de sangue nessa mesma tarde. Esta manhã, tinha conseguido decidir sobre as flores, contratado ao fornecedor do bufê e encomendado o

bolo de casamento. Esses bolos, geralmente, demoravam semanas em confeccionar-se, mas a senhora Turner, que se especializava neles, havia-lhe dito que podia lhe fazer algo "elegantemente singelo" nos onze dias que faltavam até a data escolhida para o casamento. Roanna entendeu que "elegantemente singelo" era um modo discreto de dizer pouco complicado, mas o preferia assim de todos os modos. Tinha que parar na casa da senhora Turner e escolher o desenho que mais gostasse.

Também tinha que comprar um vestido de noiva. Se não encontrasse nada que a agradasse pela localidade com tão pouco tempo, teria que ir a Huntsville ou Birmingham.

Por sorte, Yvonne tinha se mostrado extasiada com a perspectiva do segundo matrimônio de Webb. Tinha tolerado Jessie, mas nunca gostou dela em realidade. Roanna lhe ajustava como uma luva e inclusive disse que sempre tinha desejado que Webb tivesse esperado que Roanna crescesse em vez de se casar com Jessie. Yvonne tinha se lançado aos preparativos, assumindo a onerosa tarefa de redigir os convites e oferecendo-se voluntária para ocupar-se da logística de todo o resto uma vez que Roanna tivesse escolhido o que queria.

Roanna chegou ao cruzamento e parou, esperando que passasse um carro que vinha em sentido contrário. Sentiu os freios um tanto brandos quando os utilizou e franziu o cenho, pisando experimentando o pedal de novo. Desta vez os sentiu firmes. Possivelmente, o nível de fluído de freios estava baixo, embora ela mantivesse o carro em perfeito estado. Tomou nota mental de parar-se em uma oficina e confirmá-los.

Ela girou à direita no cruzamento e pegou a estrada. O carro que acabava de passar estava ao menos a uns cem metros dela. Roanna acelerou gradualmente, seu pensamento concentrado no estilo de vestido que queria: algo simples, em cor marfim, melhor que branco puro. Tinha umas pérolas com um matiz dourado que ficariam magníficas com um vestido cor marfim.  E com uma saia reta, uso Império, melhor que algo muito pomposo, estilo conto de fadas.

Na estrada havia uma curva e a seguir uma parada, onde o caminho se cruzava com a estrada 43, que era de quatro pistas ocupadas continuamente com um tráfico incessante em ambos os

sentidos. Roanna tomou a curva e viu o carro que ia diante dela parado, com a seta piscando, à espera de um espaço no tráfico para seguir pela estrada.

Um carro abandonou a estrada no cruzamento, em direção contrária a eles, mas o tráfico era muito denso para que o carro parado no cruzamento pudesse seguir, assim Roanna pisou no pedal de freio para reduzir a velocidade e o pedal se afundou até o final sem resistência alguma.

O alarme soou em seu interior. Pisou no pedal outra vez, mas não deu mais resultado que a vez anterior. Em todo caso, o carro pareceu pegar mais velocidade. Não tinha freios e ambas as pistas estavam ocupadas.

O tempo se curvou, estirando-se como um elástico. A estrada se alongava frente a ela, enquanto o carro que vinha em sentido contrário ia ampliando seu tamanho normal. Os pensamentos cintilavam em sua mente, velozes como relâmpagos: Webb, o bebê. A sua direita se abria um profundo precipício e a borda era estreita; não havia modo que pudesse se esquivar do carro parado, mesmo que enfrentasse o perigo de cruzar através de quatro pistas repletas de tráfico.

Webb! Santo Deus, Webb. Agarrou-se ao volante, a angústia quase a sufocando enquanto os segundos voavam e ficava sem tempo. Não podia morrer agora, não agora que tinha Webb, quando seu filho era tão somente uma promessa de vida em seu interior. Tinha que fazer algo…

E sabia o que fazer, compreendeu de repente, as lembranças cintilando como uma luminosa corda de salvação através do terror que a ameaçava engolir. Tinha sido uma motorista tão ruim que fez um curso extra de direção quando estava na universidade. Sabia como reagir numa derrapagem e em más condições nas estradas; sabia o que fazer em caso de falha nos freios.

Sabia o que fazer!

O carro avançava a toda velocidade, como se tivesse óleo na estrada.

A voz do instrutor do curso soou em sua cabeça, calma e prosaica: *Não bata de frente, se puder evitar. Um golpe direto é o que pior dano causa. Gire o carro, inclinar-se em uma colisão dissipa*

*a força.*

Ela segurou a marcha. *Não trate de pô-lo em ponto morto,* pensou, recordando aquelas longínquas lições. O instrutor lhes havia dito que, de todos os modos, provavelmente não entraria. Podia ouvir sua voz tão claramente como se estivesse sentado a seu lado: Reduza a marcha e puxe o freio de mão. O freio de mão atua sobre um cabo, não sobre a pressão pneumática. Uma perda de fluído de freios não o afetará.

O carro parado estava somente a cinquenta metros agora. O carro que vinha em sentido contrário a menos ainda. Reduziu uma marcha e segurou o freio de mão, puxando-o com todas as suas forças. O metal gritou quando a transmissão do carro desceu a marcha e os pneus soltaram uma fumaça negra. O fedor de borracha queimada encheu o carro.

*A parte traseira do carro provavelmente derrapará para um lado. Endireite-o se puder. Se não tiver espaço e vir que vai bater em alguém ou ser atingida, trate de manobrar para que seja uma colisão indireta. Ambos têm assim mais possibilidades de sair ilesos.*

A traseira do carro virou para a outra via, diante do carro que vinha em sentido contrário. Soou uma buzina e Roanna vislumbrou um furioso e aterrorizado rosto, apenas um borrão no para-brisa. Concentrou-se na derrapagem da parte posterior, sentiu que o carro começava a derrapar na outra direção e, rapidamente, fez girar o volante para corrigir também esse deslize.

O carro que vinha em sentido contrário passou a polegadas do dela, com a buzina ainda soando. Isto a deixava só com o carro em seu sulco, ainda parado pacientemente, com a seta esquerda piscando.

Vinte metros. Não havia mais espaço, nem mais tempo. Com a via esquerda agora espaçosa, Roanna dirigiu seu carro nessa direção, cruzando-o em diagonal. Um campo de trigo se estendia ao outro lado da estrada, agradável e plano. Ela abandonou a estrada e se lançou através do acostamento, com a parte traseira do carro ainda derrapando de um lado a outro. Bateu contra a cerca, a madeira se estilhaçou e uma seção completa da cerca veio abaixo. O carro lançou para frente caules do cereal enquanto ricocheteava e caía com um ruído surdo através dos sulcos e montões de terra que saíam disparados em todas as direções. Ela foi violentamente lançada para

frente e o cinto de segurança lhe cravou com força nos quadris e no torso, puxando-a bruscamente para trás enquanto o carro sacudia até parar.

Ela ficou ali sentada, com a cabeça apoiada sobre o volante, muito fraca e tonta para sair do carro. Aturdida, se examinou. Tudo parecia estar bem. Deu-se conta de que tremia incontrolavelmente. Ela tinha conseguido!

Ouviu alguém gritar e a seguir soou uma batida sobre seu vidro.

-Senhora? Senhora? Está bem?

Roanna levantou a cabeça e ficou olhando fixamente o rosto assustado de uma adolescente. Obrigando seus trêmulos membros a obedecê-la, soltou o cinto de segurança e tratou de sair. A porta não quis se abrir. Ela empurrou, a garota puxou do lado de fora e juntas conseguiram abri-la o suficiente para que Roanna pudesse escapar para fora.

-Estou bem -, conseguiu dizer.

-Vi-a sair da estrada. Está segura de que está bem? Chocou-se contra a cerca muito forte.

- A cerca levou a pior -. Os dentes de Roanna começaram a bater e teve que apoiar-se contra o carro ou teria caído ao chão. – Os meus freios falharam.

Os olhos da moça se exageraram.

-Oh, meu Deus! Você saiu da estrada para não me atingir, não foi?

-Pareceu-me a melhor ideia -, ela respondeu, e seus joelhos dobraram.

A garota saltou para frente, deslizando um braço ao redor dela.

- Está ferida!

Roanna negou com a cabeça, obrigando seus joelhos a ficarem retos quando a moça mostrou sinais de ir chorar.

-Não, só assustada, isso é tudo. Minhas pernas parecem espaguetes -. Respirou profundamente um par de vezes, para

acalmar-se. – Tenho um celular no carro, chamarei a alguém para que venha…

-Eu o trago -, disse a garota, puxando a porta para abri-la mais ainda e avançou ao interior para encontrar o telefone. Depois de uma breve busca o localizou sob o assento direito dianteiro.

Roanna tomou ar profundamente, várias vezes mais para acalmar-se antes de ligar para casa. A última coisa que ela queria era alarmar excessivamente Webb ou Lucinda, o que significava que tinha que falar em tom calmo. Bessie respondeu a chamada e Roanna perguntou por Webb. Ele pegou o telefone um momento depois.

–Não faz nem cinco minutos que você saiu -, brincou ele. – Do que você se lembrou?

-De nada -, disse ela, e se sentiu orgulhosa de quão calma soou. - Vem me pegar no cruzamento. Tive um problema com os freios do carro e saí da estrada.

Ele não respondeu. Ela escutou uma apagada e violenta maldição, depois soou um estrondoso golpe e a linha ficou muda.

-Está a caminho -, disse à moça, e apertou o botão para desligar o telefone.

Webb colocou Roanna em sua caminhonete como se fosse um pacote, agradeceu à adolescente por preocupar-se com ela e conduziu de volta a Davencourt tão rápido que Roanna se agarrou ao apoio de cima do carro para não se sacudir. Quando chegaram à casa, ele insistiu em levá-la nos braços ao interior.

- Desça-me! – gritou ela quando ele a tomou nos braços. - Você vai conseguir que se assustem mortalmente.

-Cale-se-, disse ele, e a beijou, com força. – Eu te amo e você está grávida. Levá-la assim me faz sentir melhor.

Ela enroscou seu braço ao redor de seu pescoço e se calou. Tinha que confessar que a calidez e a força de seu enorme corpo eram muito tranquilizadoras, como se pudesse absorver uma parte disso através de sua própria pele. Mas como havia imaginado, o fato

de que a levasse nos braços fez que todos se apressassem para eles, fazendo perguntas com preocupação.

Webb a levou até a sala de estar e a colocou sobre um dos sofás com supremo cuidado, como se ela fosse o mais delicado cristal.

–Estou bem, estou bem -, assegurou uma e outra vez, diante do coro de perguntas. –Nem sequer estou machucada.

- Traga-lhe algo doce e quente para beber -, disse Webb a Tansy, quem se apressou a obedecer.

-Descafeinado! - gritou Roanna a suas costas, pensando no bebê.

Depois de se assegurar por si mesmo pela décima vez de que estava ilesa,Webb se levantou e lhe disse que ia olhar o seu carro.

-Vou contigo -, disse ela, aliviada diante da perspectiva de escapar de tantos mimos, ficando em pé, mas foi imediatamente sufocada pelo coro de protestos das mulheres da casa.

-Pode estar segura de que não vai, jovenzinha -, disse Lucinda, com seu tom autoritário. – Você sofreu um acidente e tem que descansar.

-Não estou ferida -, disse Roanna, de novo, perguntando-se se realmente alguém escutava o que dizia.

-Então eu necessito que descanse. Ficaria terrivelmente preocupada com você se a deixasse ir a correr por aí, quando o sentido comum diz que deveria se dar tempo para recuperar-se do susto.

Roanna lançou a Webb um eloquente olhar. Ele elevou uma sobrancelha e encolheu os ombros, sem compaixão.

–Não posso te levar -, murmurou-lhe, e deixou que seu olhar descesse e se parasse sobre seu ventre.

Roanna se recostou, reconfortada por sua silenciosa comunicação, pelo pensamento compartilhado sobre seu filho. E embora Lucinda utilizasse descaradamente a chantagem emocional para sair-se com a sua, o fazia por genuína preocupação, e Roanna decidiu que não lhe faria nenhum dano deixar-se mimar em excesso

durante o resto do dia.

Webb saiu para entrar em sua caminhonete e ficou olhando pensativamente o lugar em que o carro Roanna estivera estacionado. Havia uma mancha escura e úmida sobre a terra, visível inclusive de onde ele estava. Ele se aproximou e se agachou, examinando a mancha durante um momento antes de tocá-la com um dedo e verificar o resíduo oleoso. Definitivamente, era o fluído dos freios, uma parte. Deveria ter ficar somente um pouco de fluído no carro e teria sido expulso para o exterior na primeira vez os freios foram usados.

Ela poderia ter morrido. Se arrebentado no meio da estrada em vez de num campo de trigo, com toda probabilidade teria acabado seriamente ferida, isso se não morresse.

Uma sensação gelada o percorreu. O escorregadio e desconhecido atacante poderia tê-lo atingido de novo, mas desta vez à Roanna. Por que não? Não o tinha feito antes com Jessie? E com mais êxito também.

Não quis usar o celular, pois não era seguro, nem entrar para enfrentar-se às inevitáveis perguntas. Em seu lugar, dirigiu-se aos estábulos e usou o telefone de Loyal. O treinador escutou a conversa e suas povoadas e grisalhas sobrancelhas se franziram em um cenho quando seus olhos começaram a nublar-se de cólera.

-Acredita que alguém tratou de fazer mal à senhorita Roanna? - exigiu saber depois que Webb desligou.

-Não sei. É possível.

-A mesma pessoa que entrou na casa?

-Se os freios de seu carro foram sabotados, então terei que responder que sim.

-Isso significaria que ele esteve aqui ontem à noite, mexendo em seu carro.

Webb assentiu, com expressão inescrutável. Ele tratou de não deixar que sua imaginação pusesse-se a voar até que soubesse com certeza se o carro de Roanna tinha sido manipulado, mas não podia se liberar do pânico que espremia o estômago e da cólera ao pensar que o homem teria estado tão perto.

Ele dirigiu até o cruzamento, explorando cuidadosamente todo o caminho ao redor. Não acreditava que esta fosse uma armadilha desenhada para atraí-lo ao exterior, porque não havia modo de predizer exatamente onde aconteceria o acidente de Roanna. Embora fosse intensamente consciente de que esse era aproximadamente o mesmo lugar onde o tinham emboscado, seu temor era que isto não tivesse estado dirigido contra ele, a não ser expressamente contra Roanna. Talvez ela não estivesse no lugar incorreto no momento equivocado na noite em que a tinham atingido na cabeça. Talvez, pelo contrário, tinha tido sorte de ter conseguido gritar e alertar à casa antes que o bastardo tivesse sido capaz de terminar o trabalho.

Tinham matado Jessie, mas ele jurou que não deixaria que nada acontecesse a Roanna. Não importa o que tivesse que fazer, Ele manteria Roanna a salvo.

Ele estacionou a caminhonete num lado da estrada, junto à seção derrubada da cerca e esperou que chegasse o xerife. Não passou muito tempo antes que Beshearhs chegasse e Booley estava sentado junto a ele. Os dois os homens saíram, se uniram a Webb e juntos caminharam pela área esmagada da plantação até onde o carro estava parado. Seguiam sérios e silenciosos. Depois dos dois anteriores incidentes, custava muito acreditar que os freios de Roanna tivessem falhado sozinhos e todos sabiam.

Webb se deitou de costas e se deslizou sob o carro. Os caules quebrados de cereal lhe rasparam as costas e pequenos insetos zumbiam ao redor de seus ouvidos. O aroma de graxa e óleo de freio saturou suas fossas nasais.

-Carl, me dê sua lanterna -, disse, e a enorme ferramenta apareceu sob o carro junto a ele.

Ele acendeu-a e dirigiu o feixe de luz para os cabos dos freios. Deu-se conta de que tinham sido cortados quase na raiz. –Querem dar uma olhada nisso?- convidou-os.

Carl se deitou e grunhiu enquanto se retorceu sob o carro para unir-se a Webb, amaldiçoando enquanto os caules arranhavam sua pele.

-Sou muito velho para isto -, resmungou - Ouch! -. Booley declinou unir-se já que o peso que tinha ganhado desde a sua aposentaria fazia que fosse mais apertado para ele.

Carl se arrastou até ficar convexo junto a Webb e franziu o cenho quando viu o corte.

- Filho de puta -, grunhiu, levantando a cabeça para examinar o corte tão de perto como podia sem tocá-lo. – Cortado quase por inteiro. Um corte limpo e recente. Inclusive se tivesse podido circular pela estrada sem problemas, teria batido ao chegar à parada da 157. Suponho que foi pura sorte que acabasse nessa plantação como o fez.

- Foi habilidade, não sorte -, disse Webb. –Fez um curso de condução na universidade.

-Não é nenhuma tolice. Antes mais gente o fizesse e assim nós não teríamos que recolher os pedaços na estrada -. Ele olhou a Webb, viu como apertava a boca, e disse, - Sinto muito.

Cuidadosamente, saíram de debaixo do carro, embora Carl amaldiçoasse de novo quando um caule se enganchou em sua camisa e lhe fez um rasgão.

- Você examinou o resto dos carros da casa? -, perguntou-lhe Booley.

- Dei uma olhada rápida sob todos eles. O de Roanna era o único manipulado. Geralmente ela estaciona na garagem, mas ontem à noite deixou seu carro fora.

-Ora, que coincidência -. Carl coçou o queixo, sinal de que estava pensando. - Por que não estacionou na garagem?

-Corliss tinha estacionado em sua vaga. Tivemos alguns problemas com Corliss ultimamente e lhe disse que tinha que mudar-se. Eu ia remover seu carro, mas Rô me disse que o deixasse para não causar um alvoroço e não transtornar Lucinda.

-Talvez devesse ter alvoroçado de todos os modos. Acredita que Corliss poderia ter feito algo assim?

-Surpreender-me-ia que distinguisse uns cabos de freios de uma linha.

-Tem algum amigo que o tenha podido fazer por ela?

- Estive fora durante dez anos -, respondeu Webb. - Não sei com quem anda. Mas se tivesse querido esmagar a alguém cortando

os freios do carro, seria eu e não Roanna.

-Mas seu carro estava na garagem.

-Corliss tem um controle remoto. Todos nós o temos. Se fosse ela quem estivesse detrás disto, daria na mesma que o carro estivesse dentro da garagem ou não.

Carl coçou o queixo de novo.

- Nada disto tem sentido, verdade? É como se tivéssemos peças de dez quebra-cabeças diferentes e nenhuma encaixasse. Não tem pés nem cabeça.

-Oh, tudo encaixa -, disse Booley em tom grave. - É só que não sabemos como.

## Capítulo 22

A casa estava tranquila essa noite quando, finalmente, Webb entrou no quarto de Roanna. Como de costume, ela estava encolhida em sua poltrona com um livro no colo, mas levantou o olhar com cálidas boas vindas em seus olhos.

-O que o atrasou tanto?

- Eu tinha uma papelada de última hora para fazer. Com toda a confusão de hoje, tinha me esquecido disso -. Ele se ajoelhou diante dela, procurando seus olhos com os seus. - Está bem de verdade? Não me está escondendo nada?

-Estou bem. Nenhuma marca. Quer que eu tire a roupa e lhe demonstre isso?

Seus olhos se nublaram e seu olhar se cravou em seus seios.

-Sim.

Ela sentiu que seu interior começava a esquentar-se e suavizar-se e seus mamilos se endureceram da forma que sempre o faziam quando ele a olhava. Ele riu brandamente, ao mesmo tempo em que a punha em pé e, segurando uma de suas mãos, a puxava.

-Venha.

Ela pensou que fossem para cama, mas em vez disso, se dirigiu para a porta. Ela o olhou confusa.

- Aonde vamos?

-Ao outro quarto.

-Por quê? – perguntou ela, aturdida. - O que acontece com este?

-Porque quero provar outra cama.

-A sua?

-Não -, disse ele, sucinto.

Roanna resistiu à pressão que ele fazia sobre suas costas enquanto a empurrava para a porta. Deu a volta e o observou fixa e

longamente.

– Algo está errado -. Disse como uma declaração, não como uma pergunta. Conhecia Webb muito bem; o tinha visto zangado e o tinha visto divertido. Sabia quando estava cansado, quando preocupado e quando furioso como o inferno. Acreditava que conhecia todos seus estados de ânimo, mas este era novo. Seu olhar era duro e frio, com uma expressão vigilante que a fez pensar em um felino espreitando a sua presa.

-Digamos que me sentiria melhor se você passasse a noite em outro quarto.

-Se o fizer, dir-me-ia por quê?

Seu olhar afiado se intensificou.

-Oh, você fará -, disse ele brandamente.

Ela ficou tensa e o confrontou, sem ceder um centímetro.

– Você pode tentar me convencer, Webb Tallant, mas não pode me dar ordens. Eu não sou uma retardada ou uma criança. Diga-me o que acontece -. Só porque estivesse apaixonada por ele até os ossos não significava que não pudesse pensar por si mesma.

Ele pareceu momentaneamente frustrado, porque ela nenhuma vez tinha vacilado fazendo o que lhe dizia. Mas tinha sido uma menina então e agora era uma mulher; tinha que recordar se disso continuamente. Ele tomou uma decisão rápida.

-De acordo, mas vamos. E seja tão silenciosa como puder; não quero despertar ninguém. Quando chegarmos ao outro quarto, não acenda a luz.

-A cama não terá lençóis -, advertiu-lhe.

-Então pegue algo para se cobrir se por acaso tiver frio.

Ela tomou sua manta afegã e o seguiu silenciosamente pelo corredor até um dos quartos vazios, o último do lado esquerdo. As cortinas estavam abertas, deixando entrar suficiente luar para que pudessem mover-se sem tropeçar. Webb se aproximou das janelas e olhou do lado de fora, enquanto Roanna se sentava na cama.

- Conte-me -, disse ela.

Ele não se separou do lugar.

–Suspeito que possamos ter um convidado esta noite.

Ela meditou durante uns segundos e o seu estômago encolheu ante a óbvia resposta.

– Acredita que o ladrão vai voltar?

Ele a olhou um instante.

–É rápida, sabia? Não acredito que seja um ladrão. Mas, sim, acredito que virá.

Desse quarto ele podia ver também a área lateral da casa, compreendeu ela, enquanto que, de qualquer dos outros quartos, tão somente se via a parte de trás.

-Se não é um ladrão, por que vai voltar?

Webb permaneceu em silêncio um momento, depois disse:

- Nunca prenderam o assassino de Jessie.

Ela ficou subitamente gelada e puxou a manta ao redor de seus ombros.

-Acredita... Acredita que quem quer que matou Jessie estava na casa outra vez naquela noite e me golpeou?

-Acredito que é possível. Seu acidente hoje não foi por acaso, Rô. Os freios de seu carro tinham sido cortados. E alguém atirou em mim duas vezes no dia que eu voltava para cá correndo porque chegava tarde à festa. Não tive nenhum problema com o carro; meu para-brisa ficou destroçado pelas balas.

Roanna inspirou profunda e superexaltadamente, a cabeça rodava. Quis ficar em pé de repente e gritar com ele por não haver contado antes, quis jogar algo nele, quis pôr suas mãos sobre quem quer que tivesse tentado lhe dar um tiro. Não pôde fazer nada disso, entretanto. Se quisesse que ele terminasse de lhe contar o resto, não restava alternativa além de permanecer ali sentada e não fazer nenhum ruído. Obrigou-se a se acalmar e tratou de raciocinar.

-Mas... Por que, quem quer que matou Jessie, quer matar você? E a mim?

-Não sei -, disse ele, frustrado. - Repassei mil e uma vezes tudo o que aconteceu antes que Jessie morresse e não posso pensar em nada. Nem sequer sabia que tinha um amante até que Booley me disse que estava grávida quando morreu, mas por que matou Jessie? Teria tido sentido que tratasse de me matar, mas não a Jessie. E se mataram Jessie por qualquer outra razão, então não tem sentido que o assassino venha depois atrás de você ou de mim. Não sabemos quem é e depois de dez anos deveria sentir-se seguro de não ter sido descoberto, então por que se arriscar começando tudo de novo?

-Então não acredita que tenha sido seu amante?

-Não sei. Não há nenhuma razão para isso. Por outra parte, se eu for o verdadeiro objetivo e o fui desde o começo, significa que Jessie morreu porque era minha esposa. Pensei que talvez ela tivesse surpreendido o assassino, como você, e a matou para que não pudesse identificá-lo. Assegurei-me de que todo mundo soubesse que não podia recordar nada da noite em que foi atacada, para que não tivesse nenhuma razão para retornar. Mas quando lhe cortaram os cabos dos freios, soube que era algo mais. O boicote de seu carro estava dirigido expressamente a você.

-Porque vamos nos casar -, disse ela, sentindo-se doente por dentro. -Mas como pôde averiguá-lo tão rápido? Se o decidirmos tão somente ontem pela manhã?

-Começou com os preparativos ontem -, disse Webb, encolhendo os ombros. -Pensa em toda a gente a quem telefonou e em toda a gente que eles devem haver contado. As notícias voam. Quem quer que seja, deve me odiar muito, para ir atrás da Jessie primeiro e depois de você.

-Mas a morte de Jessie dever ter sido improvisada -, dissentiu Roanna. -Ninguém podia saber que discutiriam naquela noite ou que você partiria a um bar. Normalmente estaria em casa.

-Sei, - disse ele, expulsando o ar com força, frustrado. -Não posso encontrar explicação para nada disso. Não importa como o exponho, sempre há detalhes que não se encaixam.

Ela se levantou da cama e se aproximou dele, precisando de sua proximidade. Ele a rodeou com seus braços e a apertou contra si, arrumando melhor a manta ao redor de seus ombros. Ela descansou a cabeça sobre seu peito, aspirando brandamente o quente e

almiscarado aroma de sua pele. Era incrível que algo assim estivesse acontecendo.

- Por que acredita que ele voltará esta noite?

-Porque tem feito várias tentativas em pouco tempo. Continua voltando, tentando algo diferente cada vez. Loyal vigia dos estábulos. Se vir algo, ligará para o celular e então avisaremos ao xerife.

- Está armado?

Ele fez um gesto com a cabeça para a cômoda.

- Lá.

Ela girou a cabeça e, na penumbra, pôde distinguir uma forma mais escura sobre o móvel. De repente, soube o que tinha de diferente em sua atitude. Determinado devia ter sido seu aspecto quando rastreou aos ladrões de gado no México: como um caçador, um predador. Webb não era normalmente um homem inclinado à violência, mas mataria para proteger os seus. Não estava excitado ou tenso; o surdo batimento de seu coração sob sua cabeça era regular. Estava tranquilo, impiedosamente calmo.

-E se não ocorrer nada esta noite?- perguntou-lhe ela.

-Então tentaremos outra vez amanhã à noite. Finalmente, o prenderemos.

Ela permaneceu em pé, junto a ele durante muito tempo, olhando fixamente do lado de fora a noite iluminada pela lua até que os olhos lhe doeram. Nada se movia e os grilos chiavam tranquilos.

-Tem certeza de que o alarme está ativado?

Ele fez um gesto para a caixinha do alarme junto às janelas do alpendre. Uma diminuta luz verde brilhava ininterruptamente. A luz vermelha se acenderia se qualquer porta fosse aberta e, se não se introduzisse o código em quinze segundos, o alarme soaria.

Webb parecia ter a paciência de Jó e a resistência de um corredor de maratona. Permanecia imóvel, aguardando, mas Roanna não podia ficar imóvel por tanto tempo. Caminhou devagar ao redor do escuro quarto, apertando a manta ao redor dela, até que Webb lhe disse brandamente:

- Por que não se deita e descansa um pouco?

-Tenho insônia, recorda? - replicou ela. - Só durmo depois de…

Calou-se e ele riu.

-Poderia responder, mas me calarei. Parece-me que vou tomar gosto por esse estranho tipo de insônia -, brincou. – Estimula-me.

-Não tinha notado que necessitasse de algum estímulo.

-Pode ser que quando estivermos casados por trinta anos mais ou menos, eu… - Ele se interrompeu no meio da frase, com todo o corpo em tensão.

Roanna não se aproximou da janela, embora este tivesse sido seu primeiro impulso. Usava uma camisola branca; aparecer frente à janela poderia delatar sua posição. Em troca sussurrou:

- Vê alguém?

-O filho de puta está subindo pela escada de trás -, murmurou ele. -Não o vi até agora mesmo. Provavelmente Loyal tampouco -. Ele sacou o telefone do bolso e marcou o número particular de Loyal. Segundos mais tarde disse em voz baixa, - Está aqui, subindo à varanda superior pela escada de trás -. Isso foi tudo. Fechou o telefone e voltou a colocá-lo no bolso.

-O que fazemos? - sussurrou ela.

-Esperar e ver o que ele faz. Loyal está chamando o xerife e ele virá com reforço -. Ele trocou ligeiramente de posição para ter melhor ângulo de vigilância do silencioso intruso. A luz da lua cruzou por seu rosto. – Dirige-se para a parte da frente... Agora não posso vê-lo.

Uma luz vermelha piscou, chamando a atenção de Roanna. Olhou para o caixinha do alarme.

-Webb, entrou na casa! A luz está piscando.

Ele amaldiçoou em voz baixa e cruzou o quarto para pegar o revólver de cima da cômoda.

Ainda olhando fixamente a luz, Roanna disse, assustada:

- Deixou de piscar. Está verde outra vez.

Ele se aproximou do alarme e contemplou o caixinha.

- Alguém o deixou entrar -. Sua voz era quase inaudível, mas

carregada de uma serena ameaça que não augurava nada bom para alguém. -Corliss.

Ele tirou os sapatos e silenciosamente se dirigiu para a porta.

-O que você vai fazer? - perguntou-lhe Roanna ferozmente, tratando de manter a voz baixa. O que era difícil, já que a cólera e o medo se deslizavam por suas veias com cada pulsação de seu coração. Ela se estremeceu pela necessidade de ir com ele, mas se obrigou a não se mover. Não tinha nada com o que proteger-se e a última coisa de que ele precisava era ter que preocupar-se com ela.

- Vou atrás dele -. Abriu a porta apenas um centímetro, examinando o corredor em busca do intruso. Não viu nada. Decidiu esperar, com a esperança de que o homem delatasse sua posição. Acreditou ter ouvido um débil som, como um sussurro, mas não podia estar seguro.

Os segundos passavam e Webb se arriscou a abrir a porta um pouco mais. Agora podia ver todo o corredor deste lado que conduzia à parte dianteira da casa, e o hall estava vazio. Saiu do quarto e desceu para o hall de trás, seus pés nus não faziam nenhum ruído sobre o tapete, e se manteve junto à parede. Enquanto se aproximava da curva reduziu o passo, levantou a pistola e puxou o gatilho. Com as costas contra a parede, olhou rapidamente ao redor da curva. Uma escura figura surgiu ao outro extremo do hall. Webb foi atrás, mas não a tempo; tinham-no visto. Um disparo ensurdecedor reverberou pela casa e o gesso saiu voando da parede.

Webb blasfemou brutalmente ao mesmo tempo em que saía ao descoberto, rodando sobre si mesmo e apontando com sua pistola. Apertou o gatilho, a pesada arma deu uma sacudida em sua mão, mas a escura figura do outro extremo correu para a porta de Lucinda. A fumaça encheu o hall e o fedor da pólvora ardia em suas fossas nasais enquanto Webb ficava em pé e corria naquela direção.

Como esperava, os disparos fizeram com que toda a família abrisse suas portas e colocasse suas cabeças para fora.

– Maldição,voltem para seus quartos -, ele gritou, com fúria.

Glória o ignorou e saiu ao corredor.

-Não me amaldiçoe!- retrucou-lhe. - Que demônios ocorre?

A suas costas, o atacante apareceu no hall, mas Glória se interpunha entre eles e Webb não podia disparar. Sem cerimônia, empurrou-a e, com um grito, ela caiu ao chão.

E ele ficou congelado, repentinamente indefeso. O homem tinha um dos braços ao redor do pescoço de Lucinda, sustentando a frágil idosa diante dele como um escudo. Sustentava a arma com sua outra mão, apertando o canhão contra a têmpora de Lucinda e mostrava um selvagem sorriso em seu rosto.

- Esvazia a arma muito, muito lentamente-, ordenou-lhe, retrocedendo para o hall dianteiro. Webb não vacilou. A expressão no rosto do homem lhe disse que Lucinda estaria morta se não obedecesse. Com movimentos deliberadamente tranquilos, abriu o cilindro e tirou todas as balas.

- Jogue-as atrás de você -, disse o homem, e Webb obedeceu, jogando as balas ao chão do hall. -Agora chute a arma na minha direção.

Com cuidado, ele se agachou e colocou a arma vazia sobre o tapete, depois com o pé a empurrou para o homem, que não fez nenhum movimento para recolhê-la. Não fazia diferença; a arma estava descarregada, assim não havia forma que alguém pudesse recolher uma bala, pegar a pistola, recarregá-la e disparar, antes que ele lhe desse um tiro.

Lucinda continuava em pé, presa em seu abraço, tão branca como sua camisola. Seu cabelo grisalho estava alvoroçado como se tivesse sido arrastada da cama, e possivelmente o tinha feito, embora fosse mais provável que tivesse saltado da mesma ao primeiro disparo e se dirigisse para ver o que se passava quando ele a pegou.

O homem olhou ao redor, seu selvagem sorriso se fez ainda maior quando viu todo mundo congelado nas portas de seus quartos, exceto Glória, que ainda estava sobre o tapete e gemia brandamente.

-Todo mundo! - bramou de repente. - Quero ver todos! Sei quem são, assim se alguém se esconder, colocarei uma bala na cabeça da velha. Têm cinco segundos! Um… e dois… três…

Harlan saiu do quarto e se inclinou para ajudar Gloria a se levantar. Ela se agarrou a ele, ainda gemendo. Greg e Lanette saíram de seus quartos, com o rosto branco.

-Quatro…

Webb viu que Corliss e Brock apareciam do outro hall.

O homem olhou ao redor.

–Falta uma -, disse, mofando-se. –Sentimos falta da sua pequena égua de cria, Tallant. Onde está? Acreditam que brinco sobre dar um tiro à velha bruxa?

Não, pensou Webb. Não. Mesmo que amasse Lucinda, não podia suportar a ideia de pôr Roanna em perigo. Corra, suplicou-lhe em silêncio. Corra, querida. Consiga ajuda. Corra!

O homem olhou à esquerda e sorriu feliz.

-Aqui está. Venha conosco, querida. Junte-se a uma feliz multidão.

Roanna caminhou para frente, até situar-se em pé entre Corliss e as portas duplas do alpendre. Estava tão pálida como Lucinda, sua figura magra parecia quase fantasmagórica. Contemplou ao homem e ofegou, empalidecendo ainda mais.

-Bem, o que acha?- gabou-se o homem, sorrindo amplamente a Roanna. - Vejo que se recorda de mim.

-Sim -, respondeu ela, quase inaudivelmente.

-Isso é bom, porque eu recordo de você verdadeiramente bem. Você e eu temos um assunto pendente. Deu-me um susto de morte quando se aproximou de mim pelo corredor naquela noite, mas ouvi dizer que o golpe na cabeça causou-lhe um choque cerebral e que não recorda nada disso. Correto?

-Sim -, disse ela, de novo, seus olhos se viam enormes e escuros em seu pálido rosto.

Ele riu, evidentemente feliz pela ironia, Seus gélidos olhos os varreram a todos eles.

-Uma verdadeira reunião familiar. Todos juntos, aqui no hall, sob a luz, assim posso ver que todos estão muito bem -. Moveu-se, fora de seu alcance, sustentando a cabeça de Lucinda arqueada para trás enquanto Webb silenciosamente conduzia os outros para frente, agrupando-os juntos com Corliss, Brock, e Roanna.

Webb dedicou um olhar assassino a Corliss. Olhava ao homem como se estivesse fascinada, mas não havia nem um sinal de medo em seu rosto. Ela o tinha deixado entrar e era muito estúpida para dar-se conta de que ele também a mataria. Todos estavam mortos, a menos que fizesse algo.

Tratou de aproximar-se de Roanna, esperando talvez poder protegê-la com seu corpo, que de algum jeito ela pudesse sobreviver.

-Uh-uh -, disse o homem, meneando a cabeça. -Fique onde está, bastardo.

-Quem é você? - exigiu Glória, com altivez.

- Cale-se, cadela, ou a primeira bala será para você.

-Essa é uma boa pergunta -, disse Webb. Olhou fixamente ao homem com um frio e agressivo olhar. -Quem demônios é você?

Lucinda falou, através de seus lábios exangues.

-Seu nome-, disse, com voz clara, - é Harper Neeley.

O homem soltou uma gargalhada áspera e selvagem.

-Vejo que ouviu falar de mim.

-Sei quem é. Ocupei-me de averiguá-lo.

-Fê-lo, verdade? Isto é verdadeiramente interessante. Pergunto-me por que nunca me visitou. Somos família, depois de tudo -. Riu de novo.

Webb não queria que centrasse sua atenção em Lucinda, não queria que se fixasse em nenhum deles, exceto nele.

- Por que, maldição? - grunhiu. - O que é que quer? Não o conheço, nem nunca ouvi falar de você -. Se pudesse entretê-lo o bastante, talvez Loyal tivesse a oportunidade de posicionar-se e fazer algo, dar-lhe-ia tempo para que o xerife chegasse. Tudo o que tinha que fazer era aguentar.

-Porque você a matou-, disse Neeley brutalmente. -Matou a minha moça, fodido bastardo.

-Jessie? - Webb o olhou surpreendeu. –Eu não matei Jessie.

-Deus o condene, não minta! – rugiu Neely, apartando a pistola

da têmpora de Lucinda para apontar para Webb. – Descobriu sobre nós dois e a matou!

-Não -, disse Webb bruscamente. –Não o fiz. Não tinha nem ideia de que ela estava me enganando. Não me inteirei até depois da autópsia quando o xerife me disse que estava grávida. Sabia que não podia ser meu.

-Sabia! Sabia e a matou! Matou a minha moça e matou a meu bebê, assim vou fazê-lo olhar enquanto eu mato ao seu bebê. Vou dar um tiro nessa vagabunda exatamente no ventre e você estará aí em pé vendo-a morrer, e depois vou fazer você…

-Ele não matou Jessie!-. A voz de Lucinda se impôs sobre a de Neeley. Ergueu sua cabeça branca bem alta. – Eu a matei.

A pistola vacilou ligeiramente.

-Não tente me enganar, velha-, resfolegou Neeley.

Webb manteve a atenção presa em Neeley; os olhos do homem brilhavam exaltados e seu rosto brilhava de suor enquanto ficava mais frenético. Planejava matar as nove pessoas. Já tinha efetuado um disparo. A pistola era uma automática; quantas balas ficariam no carregador? Alguns tinham capacidade de até dezessete, mas ainda assim, depois do primeiro disparo não podia esperar que fossem ficar ali em pé sem fazer nada, como ovelhas a caminho do matadouro. Tinha que haver-se dado conta de que era uma situação quase impossível, o que o deixava ainda mais instável. Não tinha nada a perder.

-Eu a matei -, repetiu Lucinda.

- Mentira. Foi ele, todo mundo sabe que foi ele.

-Não era minha intenção matá-la -, disse Lucinda tranquilamente. – Foi um acidente. Assustei-me, não sabia o que fazer. Se tivessem prendido Webb, teria confessado, mas Booley não pôde encontrar nenhuma prova em seu contrário porque não as havia. Webb não o fez -. Dirigiu a Webb um olhar em que se misturavam a tristeza, o amor e o arrependimento. – Sinto muito -, sussurrou.

-Mentira! - uivou Neeley, segurando-a com mais força contra ele e apertando ainda mais o braço ao redor de sua garganta. -

Quebrarei seu maldito pescoço se não se calar!

Greg avançou para ele. O calmo e simples Greg, que tinha deixado Lanette dirigir suas vidas sem abrir nunca a boca para dar sua opinião. Lanette gritou e Neeley retrocedeu, disparando. Greg deu um tropeção e caiu para frente, perdendo repentinamente toda coordenação, suas pernas e seus braços se agitaram espasmodicamente. Jazia no chão, respirando com dificuldade e com os olhos desmesuradamente abertos pela surpresa. Então soltou uma pequena tosse que se converteu em um gemido, quando o sangue começou a estender-se lentamente embaixo ele.

Lanette tampou a boca com a mão, enquanto olhava fixamente horrorizada a seu marido. Começou a avançar, dirigindo-se instintivamente para ele.

-Não se mova!- gritou Neeley, agitando a pistola de um lado a outro. -Matarei ao próximo que se mover!

Corliss continuava com a vista cravada em seu pai, com a boca aberta e uma expressão atordoada.

– Você atirou em meu pai - disse atônita.

- Cale-se, vadia fodida. Estúpida -, zombou ele. –É tão fodidamente estúpida.

Webb captou o mais ligeiro dos movimentos com a extremidade do olho. Não se atreveu a mover-se, não se atreveu a girar a cabeça, enquanto o terror o percorria. Roanna se deslocou de novo, apenas o mais leve dos movimentos, o que a aproximou um milímetro mais às portas.

Na caixinha do teclado do alarme, à esquerda das portas, Webb viu como a luz verde trocava a vermelho. Roanna tinha aberto a porta.

Quinze segundos. O estrondo ensurdecedor seria toda a distração de que disporia. Começou a contar, esperando que fosse tempo suficiente.

As lágrimas corriam livremente pelo rosto de Corliss quando apartou a vista de Greg, que se estremecia sobre o chão.

–Papai -, disse. Voltou a vista para Neeley e seu rosto estava retorcido de raiva e de algo mais. - Você atirou em meu pai!- gritou,

investindo em Neeley, com as mãos curvadas como garras.

Ele apertou o gatilho outra vez.

Corliss deslizou, seu torso se sacudiu para trás embora seus pés tratassem de seguir em movimento. Lanette gritou com voz rouca e a pistola apontou instável para ela.

O alarme disparou, um som estridente e ensurdecedor, doloroso por sua intensidade. O dedo de Neeley apertou o gatilho justo quando Webb ficou em movimento, e a bala explodiu contra a parede, diretamente sobre a cabeça de Lanette. Neeley empurrou Lucinda a um lado, sua mão livre se dirigiu a cobrir o ouvido enquanto tratava de seguir apontando com a pistola. Webb o golpeou, incrustando com força um ombro no estômago do homem e esmagando-o de repente contra a parede de trás. Com sua mão esquerda, agarrou o braço direito de Neeley, imobilizando-lhe no alto para que não pudesse atirar em ninguém mais, mesmo que apertasse o gatilho.

Neeley se revolveu, recuperando-se. Estava enfurecido e era tão forte quanto um boi. Brock se uniu à luta, acrescentando sua força a Webb quando ambos fizeram retroceder o braço de Neeley, imobilizando-o contra a parede, mas ainda assim o homem continuou lutando contra eles. Webb lançou uma joelhada para cima, que se cravou de repente na virilha de Neeley. Um som sufocado, gutural, explodiu de sua posição e depois ofegou sem emitir ruído, movendo só a boca. Começou a deslizar-se para baixo pela parede, levando-os com ele, e o movimento liberou seu braço do apertão.

Webb segurou a arma quando os três ficaram tombados sobre o chão enredados. Neeley recuperou o fôlego com uma aguda gargalhada, e só então Webb se deu conta de que o alarme havia parado, de que Roanna o tinha feito parar tão rapidamente como o tinha disparado.

Neeley se revolvia de um lado a outro, girando o corpo e ainda rindo com um tom estridente e maníaco que fez que com que Webb se arrepiasse. Olhava algo fixamente e ria enquanto lutava, retorcendo-se sobre o chão, conseguindo pegar a pistola uma vez mais…

Roanna.

Estava ajoelhada junto à Lucinda, as lágrimas corriam

livremente por seu rosto enquanto seu olhar ia de sua vovó para onde Webb lutava com Neeley, obviamente debatendo-se entre ambos.

Roanna. Era um objetivo perfeito,um pouco isolada dos outros porque Lanette, Glória e Harlan se lançaram para onde estavam Greg e Corliss. Sua camisola era um alvo perfeito, um disparo impossível de falhar.

O aço cinza do revólver se inclinou pouco a pouco, apesar de todos os esforços dele e de Brock para manter imóvel o braço de Neeley, para afastar a arma dele.

Webb rugiu raivoso, uma enorme onda de fúria se expandiu por seus músculos, por seu cérebro, cobrindo-o de uma nuvem avermelhada. Investiu esse último centímetro, a mão que imobilizava Neeley, fez retroceder lentamente a arma, para trás, até que ao mesmo tempo em que os grossos dedos da mão Neeley se quebravam sob a pressão e a pistola ficava livre.

Este gritou, retorcendo-se sobre o chão, com os olhos brancos de dor.

Webb ficou em pé, cambaleante, segurando ainda a arma.

–Brock -, disse com voz grave e áspera. – Mova-se.

Brock se apartou velozmente de Neeley. O rosto de Webb era uma máscara fria e Neeley deve ter lido a sua morte. Tratou de se levantar e lhe arrebatar a arma, e Webb apertou o gatilho.

Com um alvo quase perfeito, um único tiro era o necessário.

A reverberação se desvaneceu e, na distância, pôde ouvir o fraco barulho das sirenes.

Lucinda tratava, sem forças, de se sentar. Roanna lhe ajudou, sustentando à idosa com seu próprio corpo. Lucinda ofegava, seu rosto estava cinza quando pressionou uma mão contra seu peito.

- Ele… Ele era seu pai -, ofegou desesperada, estendendo uma mão para Webb, tratando de fazer que entendesse. - Não podia… Não podia deixá-la ter esse bebê -. Ela ficou sem respiração, torceu a boca, apertando o peito com mais força com sua outra mão. Ela desmaiou e caiu para trás contra Roanna, seu corpo ficou flácido e estendido sobre o chão.

Webb olhou ao redor, sua família, o sangue, a destruição e a tristeza. Por cima dos gemidos de dor e dos soluços, disse com voz de aço:

- Isso fica em família, compreendido? Eu falarei. Neeley era o pai de Jessie. Acreditou que eu a matei e quis se vingar. Isso é tudo, entendido? Todos entenderam? Ninguém sabe quem matou realmente Jessie.

Todos voltaram a vista para ele, os sobreviventes, e entenderam. O terrível segredo de Lucinda seria exatamente isso, um segredo.

Três dias mais tarde, Roanna estava sentada junto à cama de Lucinda na unidade de cuidados intensivos de cardiologia, sustentando a mão da idosa dama e acariciando-a brandamente, falava com ela. Sua vovó tinha sofrido um colapso enorme e seu corpo estava já tão frágil que os médicos não esperavam que sobrevivesse à primeira noite.

Roanna tinha permanecido ao seu lado toda essa noite, lhe sussurrando, lhe falando do bisneto que estava a caminho e, apesar da lógica e de todo o conhecimento médico, Lucinda se tinha reposto. Roanna ficou até que Webb a obrigou partir para descansar em casa, mas esteve de volta logo que ele o permitiu.

Todos obedeciam as ordens de Webb, a família se apoiou nele. Ficava tanto por passar ainda que todos estavam intumescidos. Tinham sepultado Corliss no dia anterior. Greg estava em cuidados intensivos em Birmingham. A bala lhe tinha encravado na coluna e os doutores acreditaram que sofreria algum grau de paralisia, embora esperassem que fosse capaz de voltar a andar com a ajuda de uma muleta. Só o tempo o diria.

Lanette parecia um zumbi, indo silenciosamente do enterro de sua filha à cama do hospital de seu marido. Glória e Harlan estavam quase no mesmo estado, sobressaltados e aturdidos. Brock se ocupou dos acertos do enterro e de cuidar dos outros, seu bonito rosto marcado com linhas de tristeza e fadiga, mas sua noiva permaneceu a seu lado todo o tempo e ele se apoiou nela.

Roanna elevou a vista quando Webb entrou no pequeno quarto. Os olhos de Lucinda se limparam quando o viu e depois se velaram pelas lágrimas. Era a primeira vez que estava acordada quando a visitava. Ela procurou a sua mão e ele a estendeu para segurar brandamente seus dedos entre os seus.

-Sinto tanto -, sussurrou ela, ofegando. - Deveria ter... Dito algo. Nunca foi minha intenção que você... Suportasse a culpa.

-Eu sei -, murmurou ele.

-Estava tão assustada -, prosseguiu ela, determinada a contar agora, depois de todos os anos de silêncio. - Fui ao seu quarto... Depois de você partir... Tentando lhe dar um pouco de bom senso. Estava... Como louca. Não escutava. Disse-me que ia... Que ia te dar... Uma lição -. A confissão saía a tropeções. Tinha que ofegar para tomar fôlego em todas as poucas palavras e o esforço cobriu o seu rosto de uma brilhante transpiração, mas manteve fixo o olhar no rosto de Webb e se negou a descansar. - Disse que... Ia ter o bebê de Harper Neeley... E fazê-lo passar... Por seu. Não podia... Deixá-la fazer isso. Sabia quem era ele... Seu próprio pai…Uma abominação.

Ela respirou profundamente e estremeceu pelo esforço. Ao seu outro lado, Roanna sustentava com força sua mão.

-Disse-lhe que... Não. Disse-lhe que tinha que... Desfazer-se disso. Abortar. Ela riu... E a esbofeteei. Ficou como louca... Jogou-me ao chão... Deu-me um chute. Acredito... Que tratava de me matar. Escapei... Peguei o ferro da lareira... Veio outra vez para mim. E a golpeei -.Disse, as lágrimas corriam livres por seu rosto. - Eu... A amava -, disse sem forças, fechando os olhos. - Mas não podia... Deixá-la ter esse bebê.

Ouviu-se um suave som de deslizamento das portas de trilhos de vidro. Webb girou a cabeça e viu Booley parado ali em pé, com expressão cansada. Olhou-o fixamente com dureza um segundo e se voltou para Lucinda.

-Eu sei -, murmurou inclinando-se para ela. – E te entendo. Agora só tem que melhorar. Tem que ir ao nosso casamento, ou me sentirei muito decepcionado e não lhe perdoarei isso nunca.

Ela olhou em direção a Roanna. Ela também contemplava Booley, com uma expressão gelada naqueles olhos escuros que o desafiavam a fazer ou dizer algo que transtornasse Lucinda.

Booley moveu a cabeça para Webb, lhe indicando que queria falar com ele do lado de fora. Webb acariciou a mão de Lucinda, colocou-a com cuidado sobre a cama e se uniu ao antigo xerife.

Silenciosamente saíram da UTI e caminharam pelo longo corredor, até chegar frente à sala de espera onde os parentes suportavam intermináveis vigílias. Booley olhou a sala lotada e continuou caminhando.

-Suponho que tudo isso faz sentido agora -, disse finalmente.

Webb permaneceu em silêncio.

-Não há nenhuma razão para ir mais longe -, refletiu Booley. – Neeley está morto e não tem sentido apresentar denúncia contra Lucinda. Não há nenhuma prova de todos os modos, tão somente as desconexas divagações de uma idosa agonizante. Não tem sentido gerar um montão de fofocas e tudo para nada.

- Eu agradeço, Booley -, disse Webb.

O idoso afagou suas costas e lhe dedicou um penetrante e sábio olhar.

– Acabou, filho -, disse. - Segue com sua vida -. Depois, dando meia volta, caminhou devagar para o elevador e Webb voltou para a UTI. Sabia o que Booley quisera lhe dizer. Beshears não tinha feito muitas perguntas sobre a morte de Neeley, de fato, tinha passado nas pontas dos pés sobre algumas coisas que eram bastante óbvias.

Beshears tinha experiência. Reconhecia uma execução quando a via.

Webb entrou silenciosamente de novo no quarto, onde Roanna falava outra vez brandamente com Lucinda, que parecia dormir. Ela elevou a vista e ele sentiu que a respiração lhe sufocava no peito quando a contemplou. Desejou apertá-la em seus braços e não soltá-la nunca, porque estivera muito perto de perdê-la. Quando ela contou seu enfrentamento com Neeley a respeito de como ele tratava a seu cavalo, o sangue de Webb tinha congelado. Deveria ter sido exatamente depois que Neeley invadiu a casa pela primeira vez, e quando Roanna se aproximou, deve ter pensado que ela o reconheceria. Ele a teria matado então, Webb estava seguro, se Roanna não tivesse despertado o suficiente para gritar quando Neeley a golpeou. Sua ideia de fazer correr a voz que o traumatismo

craniano tinha ocasionado uma perda em sua memória daquela noite, como precaução, indubitavelmente lhe tinha salvado a vida, porque em outro caso Neeley teria tentado desfazer-se dela imediatamente, antes que Webb conseguisse instalar o alarme.

Tal e como se desenvolveram as coisas, Neeley estivera a um fio de cabelo de tê-la ao alcance de sua arma e isso tinha assinado sua sentença de morte.

Webb se aproximou, roçando brandamente seu cabelo castanho, deslizando carinhosamente um dedo por sua face. Ela descansou a cabeça sobre ele, suspirando enquanto esfregava sua face contra sua camisa. Ela sabia. Estivera olhando. E enquanto permanecia ajoelhada junto à Lucinda, quando ele se voltou para ela depois de apertar o gatilho, ela tinha efetuado um pequeno assentimento.

-Está dormindo -, disse Roanna, mantendo a voz em um sussurro. - Mas vai voltar para casa outra vez. Eu sei -. Fez uma pausa. - Falei-lhe sobre o bebê.

Webb se ajoelhou no chão e rodeou sua cintura com seus braços, ela repousou a cabeça sobre a sua, e ele soube que abraçava todo seu mundo, justo ali, entre seus braços.

Seu casamento foi muito tranquilo, muito íntimo, e aconteceu mais de um mês depois do que tinham planejado de início.

Celebrou-se no jardim, logo depois do pôr do sol. As suaves sombras do crepúsculo se pousavam sobre a terra. As luzes de cor pêssego brilhavam no altar onde Webb esperava junto ao pastor.

Várias filas de cadeiras brancas tinham sido organizadas a cada lado do corredor e todas as cabeças giraram para Roanna quando ela caminhou sobre o tapete estendido sobre a erva. Cada um dos rostos resplandecia.

Greg e Lanette estavam sentados na primeira fila; Greg estava numa cadeira de rodas, mas seu prognóstico era positivo. Com fisioterapia, os médicos disseram que provavelmente recuperaria a maior parte do uso da perna esquerda, embora sempre coxeasse.

Lanette tinha cuidado de seu marido com feroz devoção e se negou a deixá-lo render-se, mesmo que sua dor por Corliss quase tivesse acabado com ele.

Glória e Harlan estavam também na primeira fila, ambos com aspecto muito mais envelhecido enquanto eles se deram as mãos, mas também sorriam.

Brock empurrava a cadeira de rodas de Lucinda avançando majestosamente junto à Roanna. Lucinda vestia sua cor favorita, pêssego, adornada com pérolas e maquiada. Sorriu a cada um conforme avançavam. Seus frágeis e nodosos dedos se entrelaçavam com os mais esbeltos de Roanna e juntas percorreram o corredor, como Roanna tinha desejado.

Chegaram ao altar e Webb estendeu a mão para tomar a de Roanna, colocando-a a seu lado. Brock situou a cadeira de rodas de Lucinda de modo que ocupasse o tradicional lugar da madrinha e depois ocupou sua própria posição de padrinho.

O olhar de Webb se encontrou brevemente com o de Lucinda. Havia uma qualidade serena, quase translúcida nela. Os médicos lhe haviam dito que não lhe restava muito tempo, mas ela os tinha desconcertado outra vez e começava a dar a sensação de que veria o inverno, depois de tudo. Agora dizia que queria esperar até saber se seu bisneto era menino ou menina. Roanna tinha declarado imediatamente que não tinha intenção de deixar que o médico ou a ultrassonografia lhe dissesse o sexo do bebê antes de seu nascimento, e Lucinda riu.

*Perdoe-me*, havia dito ela e ele o fez. Não podia aferrar-se à ira ou ao ressentimento quando tinha tanto pelo que agradecer. Roanna girou seu radiante rosto para ele e quase a beijou nesse mesmo instante, antes inclusive de que a cerimônia começasse.

-Nossa -, sussurrou-lhe, tão baixinho que só ela pôde ouvi-lo, e notou como ela tinha que sufocar uma risadinha tola que tinha se convertido em seu código privado para "eu te amo".

Ela sorria com mais facilidade ultimamente. Ele tinha perdido a conta, ao menos em sua cabeça. Seu coração ainda se estremecia com todas e cada uma das curvaturas de seus lábios.

Seus dedos se entrelaçaram e ele se perdeu em seus olhos âmbar enquanto as palavras começavam a soar, fluindo sobre eles

nas suaves sombras purpúreas do crepúsculo.

- Queridos irmãos, estamos aqui reunidos...

# Fim




1 Prick em virilhas significa "franga", "assume", "gilipollas"… Faz um trocadilho com uma marca de carro: Pontiac Grand Prix.

2 Trocadilho com uma marca de carro: Pontiac Grand Prix. Entretanto, Pricks significa "franga", "assume" "gilipollas"…

3 Trocadilho alusivo à Páscoa, em que se celebra a ressurreição do Jesus cristo, elevando-se de entre os mortos.

4 Trocadilho. FUZZY significa tão peludo como impreciso.

5 Personagem de comédia americana. Xerife bonachão de uma aldeia americana do Meio Oeste, onde todos se conhecem.

6Elizabeth Barret Browning. Poetisa inglesa, uma das mais respeitadas da época vitoriana. 1806-1861. Casada com Robert

Browning, poeta e dramaturgo. Sua obra mais famosa são os Sonetos do Português. Os mais famosos o número XLIII, com uma das frases iniciais mais conhecidos do idioma inglês: “How dou I love thee? Let me count the ways…” “Como te amo? me deixe contar as maneiras em que te amo…